UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A TURMA DA PRIMEIRA CARTEIRA: OS "BONS ALUNOS" NO IMAGINÁRIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS.

ORIENTADORA: DRª. JANE SOARES DE ALMEIDA

ALUNO: LEANDRO DA NÓBREGA PINHEIRO

2007

A turma da primeira carteira: os “bons alunos” no imaginário das escolas públicas.

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo pesquisar a formação do imaginário a respeito dos estudantes considerados bons alunos ao longo da História da educação brasileira. O presente trabalho analisa ainda, o imaginário existente numa escola pública da rede estadual do Estado de São Paulo quanto ao que sua comunidade escolar considera como sendo o modelo ideal de estudante, e por isso um “bom aluno” para o nível de ensino fundamental II. A pesquisa empírica foi realizada através do estudo das visões que professores, gestores e alunos tinham sobre o assunto a partir da resposta de questionários respondidos por estes no decorrer do ano letivo de 2006. Acreditamos que através da compreensão das idéias que compõem o imaginário escolar a respeito dos bons alunos possamos propor uma reflexão sobre as constantes queixas de que não temos mais estudantes estudiosos, inteligentes e dedicados nas escolas públicas. Pretendemos ainda, re-pensar os discursos que destacam apenas as questões relacionadas ao fracasso da rede pública de ensino, gerando o quase desaparecimento do sucesso e dos bons alunos no imaginário das comunidades escolares acerca da educação pública. E por fim nos questionar a respeito dos problemas que determinados posicionamentos acabam acarretando na prática pedagógica de professores e no posicionamento das escolas diante do conhecimento e de seus estudantes.

Palavras - chave

História da educação, escola pública, bons alunos, sucesso escolar, imaginário.

LEANDRO DA NÓBREGA PINHEIRO

A TURMA DA PRIMEIRA CARTEIRA: O IMAGINÁRIO SOBRE OS BONS ALUNOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS.

Dissertação apresentada como exigência parcial ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da Prof ª. Drª Jane Soares de Almeida, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

São Bernardo do Campo

2007

BANCA EXAMINADORA

Prof ª Drª Jane Soares de Almeida
(Presidente)

Prof ª Drª Rosa Fátima de Souza
(UNESP – Araraquara)

Prof ª Drª Maria Leila Alves
(UMESP)

À Minha mãe, eterna fonte de inspiração e apoio.

Aos meus irmãos Janaína e Kauê, que amo tanto.

À Thaís, eterna companheira e amiga de todas as horas.

Agradecimento Especial

"Se enxerguei mais longe foi porque me apoiei nos ombros de gigantes" Isaac Newton

À Drª. Jane Soares de Almeida, minha orientadora, que desde o primeiro encontro apoiou e incentivou esta pesquisa, e fez despertar em mim a paixão pelas pesquisas em educação. Obrigado pela ajuda e compreensão nesta caminhada que sabemos não foi fácil.

À minha mestra, pelos caminhos da educação, da vida e pela busca de um mundo mais justo, todos os agradecimentos do mundo.

Muito obrigado pela oportunidade de crescer.

Com carinho, admiração e amizade .

Agradecimentos

"Sonhos são gratuitos. Transformá-los em realidade tem um preço" E.J. Gibs

A todos que me ajudaram a pagar o preço deste mestrado com a amizade, paciência, compreensão, idéias para a pesquisa, entrevistas e questionários, e principalmente apoio, através da amizade sincera.

"Caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição...." Geraldo Vandré

Às professoras, Profª Drª Rosa Fátima de Souza e Profª Drª Maria Leila Alves, pela disponibilidade e atenção em aceitar participar da banca de qualificação, agradeço as preciosas contribuições que me conduziram para o caminho das dúvidas e das possibilidades.

Aos professores do programa de mestrado em educação, pela dedicação com que aceitaram a tarefa de formar um pesquisador. Em especial, aos professores Elydio, Marilia, Joaquim, Zeila e Leila pela amizade sincera, ensinamentos valiosos e exemplos de vida.

"Tudo o que sou e que sempre desejei ser, eu devo a meu anjo Mãe" **Abraham Lincoln**

À minha mãe, pelo sempre dedicado apoio, pela vida dura que aceitou para si como forma de me ajudar, pelas horas de angústia na infância, pela batalha e vida dura na adolescência, pela coragem em sempre enfrentar a vida, e pela ajuda e amor incondicional que sempre me dedicou.

À minha irmã, pessoa que há mais tempo me acompanha nas dificuldades da vida, que mais sofre com as dificuldades de me suportar na vida cotidiana, e que sem muitas palavras demonstra o verdadeiro significado da palavra amor.

Ao meu irmão caçula Kauê, a eterna criança da casa, pela amizade sincera e companheirismo de todos os momentos.

"Valeu a pena....." Fernando Pessoa

À Thais, pela amizade de sempre, pela ajuda de sempre, pelo apoio de sempre, pela paciência de sempre, pela dedicação de sempre, e pelo amor que para sempre lhe tenho, sem você pouco disso tudo seria possível.

À minha segunda família, Dona Candelária e Natali, muito desta dissertação só foi possível graças à ajuda enorme que me deram e ao porto seguro que o apto 107 sempre me possibilitou.

"O que é um amigo? Uma única alma habitando dois corpos" Aristóteles.

A todos os amigos que fizeram parte da turma 170/1994 (Sandro, Viviane, Wagner, Thiago ...etc), ali começaram muitos dos sonhos que hoje vejo se realizando.

"Um irmão pode não ser um amigo, mas um amigo sempre será um irmão" Benjamin Franklin

Ao apoio para o mestrado, aos ensinamentos na graduação, à paciência com minhas sumidas durante o mestrado, e pelo carinho que sempre me dedicaram durante esta caminhada, um grande abraço a toda turma que viveu aqueles anos de graduação entre o 507E e 604E, verdadeiras fábricas de sonhos (Mojana, Billi, Caio, Alessandro, Gilberto, Karina, Lilia e Daniela), sem vocês nem saberia que um dia poderia fazer algo chamado mestrado.

A Mojana, pela amizade com que enfrentou o e-mail que mudou os rumos de nossas vidas... sempre obrigado por tudo.

Ao Chicão, pelo apoio nas horas difíceis, incentivo de sempre e exemplo de intelectual a ser seguido. Um dia... talvez em outra vida, ainda serei como você.

"Amigo é coisa pra se guardar, do lado esquerdo do peito" Milton Nascimento

Ao Ximinha, pela amizade, pela dedicação , pela ajuda sempre disposta, e por ter iniciado esta loucura chamada fazer faculdade naquele agosto de 1999 no Universitário de Santos.

"Quem vai em busca de montes, não se detém a recolher as pedras do caminho" José Marti

Aos colegas de mestrado que me acompanharam na caminhada, e em especial aos grandes e valiosos amigos que descobri durante o curso, abraço especial no Hamilton e no Fred amigos de baixada e companheiros de todas as horas. À Patrícia pelo carinho e companheirismo, a Cleusa minha grande amiga do Vale, ao Leo amigo valioso destes que não conseguimos muitos numa vida, à Elaine pela amizade honesta, ensinamentos nobres, lições de responsabilidade e sabedoria, e companheirismo em todos os momentos, ao Jhonny parceiro de História, companheiro de lutas e sonhos e amigo para sempre, e por fim à Celeste amiga sincera, do apoio de todos os momentos, anjo que caiu do céu para me ajudar, minha argentina preferida. Por que quando existe amizade pouco importa a nacionalidade.

A todos que de alguma forma colaboraram com a pesquisa, e aos meus alunos (Raquel, Thamyris, Bruna, Caio, Isadora, Vinícius), eternas fontes de inspiração.

“Somos o que fazemos,

mas somos,

principalmente, o que fazemos

para mudar o que somos.

Eduardo Galeano

Sumário:

- Apresentação
- Introdução
- Justificativa da pesquisa*:*

1- Capítulo I : "Bons alunos" : uma reflexão sobre o conceito.....31

1.1- A dificuldade em delimitar o conceito

1.2- O juízo de valor de bons versus maus

1.3- O conceito de Imaginário

1.4- O problema dos "bons alunos" na realidade brasileira

1.5- Fracasso escolar: O reverso não tão reverso da medalha

1.6- A produção do fracasso escolar e o imaginário sobre os "bons alunos".

1.7- Um balanço histórico do fracasso... e do sucesso escolar

1.8- A psicologia diferencial e a genialidade hereditária

1.9- As teorias da carência cultural

1.10- Obras que tratam da temática

1.11- Concepção teórica da relação escola/sociedade

1.11.1- As teorias da educação e o problema da marginalidade

1.11.2- Pedagogia tradicional

1.11.3-Teorias crítico reprodutivistas

1.11.4- O "bom aluno" e as teorias critico - reprodutivistas

1.11.5- Pedagogia histórico-crítica

2. - Capítulo II: O ensino secundário brasileiro: uma história de seleção, disciplina e elitismo.....73

2.1 - Um histórico do ensino secundário no Brasil
2.2 - Um histórico de elitização da escola
2.3 - Segunda República - a era Vargas – 1930-1945.
2.4 - O Estado Novo.
2.5 - A Quarta República
2.6 - O golpe e a Ditadura Militar – 1964 -1985.
2. 7- O exame de admissão – seletividade, exclusão e o imaginário sobre os "bons alunos"
2.8 - A abertura do ensino ginasial como processo de luta popular: desafios, conquistas e resistências.
2.9 - Escola elitista e pressão popular:
2.10 - A idéia sobre os "bons alunos" e o movimento de resistência à expansão do ensino secundário.
2.11 - As teorias pedagógicas e a formação do imaginário sobre os "bons alunos"

3 - Capítulo III: A Escola Alfa – um estudo de caso.....103

3.1 - Descrição física – o prédio escolar
3.2 - Bloco A – o bloco do terror
3.3 - A escola e a cidade, suas histórias e a formação do imaginário sobre os "bons alunos"
3.4 - A clientela da Escola Alfa:
3.5 - Escola Alfa e o início do ensino secundário na cidade
3.6 - O corpo docente

3.7 - A crise da década de 1980 na cidade de Cubatão
3.8 - Década de 1990: sociedade em crise – Escola alfa pressionada
3.9 - “Bons alunos”– uma visão anacrônica

4- Capítulo IV. O Imaginário sobre os “bons alunos” na Escola Alfa..147
4.1 – Metodologia da pesquisa
4.1.1 - O preenchimento dos questionários
4.1.2 - Os questionários aplicados aos docentes
4.1.3 – Os questionários aplicados aos alunos
4.1.4 - Aplicação dos questionários:
4.1.5 - Cuidados tomados com a aplicação dos questionários aos alunos:
4.1.6 - Cuidados tomados na aplicação dos questionários dos professores:

4.2. – Os resultados da pesquisa:
4.2.1- *Categoria auto-imagem docente e discente*
4.2.2- *O bom aluno numa perspectiva a-temporal*
4.2.3- As características dos bons alunos da Escola Alfa atual.
4.2.4 - *Características dos bons alunos segundo os estudantes*
4.2.5 -*O que seria um bom aluno para os professores segundo o imaginário dos estudantes*
4.2.6 - Temos bons alunos hoje em dia?
4.2.7 -“Ser bom aluno é respeitar os professores, funcionários e direção, estudar para ter boas notas e ser um bom cidadão”
4.2.8 -“Tirar as melhores notas, decorar os questionários e não questionar nada, aceitar tudo o que era explicado”
4.2.9 - A auto-imagem dos estudantes
4.2.10 - A imagem dos estudantes em relação às famílias
4.2.11 - Como os alunos se imaginam avaliados pelos professores
4.2.12 - Categorias notas e disciplina:

4.2.13 - Categoria notas – as respostas dos alunos

4.2.14 -Categoria disciplina: todo bom aluno é comportado? Respostas dos estudantes

4.2.15 - Dando nome aos bons alunos:

4.2.16 - Os bons alunos segundo professores e alunos

4.2.17 – Gênero

4.2.18 - Como alguém se torna um bom aluno?

4.2.19 - O silêncio sobre os bons alunos na Escola Alfa

4.2.20 - Atenção dos professores aos melhores alunos, segundo os estudantes

- Considerações finais**. 230**
- Bibliografia.....236
- Anexos.....242

Apresentação

"Manhê! Tirei um dez na prova Me dei bem tirei um cem.
E eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)"(PENSADOR, G*. Estudo Errado.)*

A idéia desta pesquisa de mestrado se originou durante minhas atividades como professor de História do nível fundamental II em escolas particulares e da rede pública estadual. O cotidiano vivido nas relações professor-aluno e no contato com os demais docentes sempre esteve repleto de dúvidas e angústias em relação ao rendimento dos estudantes e quanto à qualidade do ensino que estava proporcionando aos jovens a quem eu lecionava.

O cotidiano de um docente é entrecortado por muitos questionamentos e dúvidas. Problemas disciplinares, mazelas sociais encontradas no contato com os alunos, diretrizes conservadoras dos gestores etc; Mas apesar de todas estas dúvidas, uma sempre mereceu mais atenção de minha parte e me causava muitas angústias. Era a grande diferença de rendimento dos alunos durante seus estudos. Neste sentido vale lembrar o que afirma Charlot (2001, p.15)

> *A questão da relação com o saber pode ser colocada quando se constata que certos indivíduos, jovens ou adultos, têm desejo de aprender, enquanto outros não manifestam esse mesmo desejo. Uns parecem estar dispostos a aprender algo novo, são apaixonados por este ou por aquele tipo de saber, ou, pelo menos, mostram uma certa disponibilidade para aprender. Outros parecem pouco motivados para aprender, ou para aprender isso ou aquilo, e, às vezes, recusam-se explicitamente a fazê-lo (Charlot, 2001, p. 15).*

Como explicar o fato de alunos de uma mesma turma, tendo aula com os mesmos docentes, na mesma escola e com aproximadamente a mesma idade pudessem ter posturas diante do conhecimento e rendimentos tão díspares entre si? No processo de busca por respostas a esta dúvida, outras foram surgindo e a atividade docente foi se constituindo num emaranhado de incertezas, receios e questionamentos, sobre a docência.

Enquanto professor que se submetia a uma maratona semanal de quase cinqüenta aulas em diferentes períodos, que precisava cumprir as muitas obrigações dos docentes (HTPCs, reuniões de pais, reuniões pedagógicas, elaboração e correção de provas e trabalhos, preparar aulas). Enfrentava problemas comuns a quase todos os educadores nas suas atividades cotidianas, como falta de apoio das escolas, sistemas de ensino conteudistas, falta de interesse dos alunos, indisciplina, péssimos rendimentos dos estudantes, muitos jovens com grandes dificuldades em aprender, etc.

Mas em meio a todas estas questões, uma foi tomando boa parte de minhas atenções. No decorrer dos trabalhos, notava que assim como os problemas disciplinares e de dificuldade no aprendizado eram encontrados em praticamente todas as quinze turmas em que lecionava (entre rede pública e privada), em todas estas turmas também encontrava jovens da mesma faixa etária que os demais colegas, mas que estavam muito acima da média dos demais estudantes quanto a seu aprendizado. E que vinham tendo um ótimo rendimento durante as aulas e se destacando muito em relação às suas turmas.

Pensava no que poderia causar e explicar tais diferenças? Tentava entender quais os motivadores para tamanho sucesso em escolas tão marcadas pelo fracasso?

Porém passei a notar que na iminência de atuar com turmas tão numerosas, em condições tão precárias, tendo tantos alunos com dificuldades de aprendizado, e com inúmeras situações de indisciplina, acabava direcionando minha conduta pedagógica no sentido de minimizar estes problemas. E neste

movimento que tencionava sanar dificuldades acabava por esquecer daqueles alunos que de alguma forma que não conseguia explicar vinham se destacando.

Tinha meus olhos e gestos focados no enfrentamento da indisciplina e conferia uma enorme atenção aos alunos considerados “problema”[1]. Estava constantemente preocupado com os alunos que apresentavam dificuldades em acompanhar os estudos. Passava o tempo todo atento a qualquer dificuldade de aprendizado e por isso tentava estar sempre próximo destes estudantes, tentava conhecer, saber suas histórias, criar relações de confiança, para tentar ajudá-los a aprender e a me ajudar a entender as dificuldades destes estudantes que vinham colocando minha capacidade de ensinar em cheque diariamente. Em salas superlotadas com mais de quarenta alunos, sentia o tempo voar e quando me dava conta a aula havia acabado e eu mal tinha lembrado da existência daqueles alunos que vinham tendo bons rendimentos. Tal fato ajudava a me deixar exausto depois de um dia de trabalho.

Sentia que muitos estudantes poderiam ir além do que eu estava ensinando, mas não conseguia os atender e terminava me sentindo como um freio a seus potenciais. Questionava-me como seria possível que tendo alunos tão envolvidos e interessados não conseguisse fazê-los caminhar adiante? Por outro lado, como fazer isso sem abandonar os demais, que a duras penas davam passos tímidos no conhecimento da História? Via-me diante de um paradoxo: alunos que se destacavam a quem eu não dava nenhuma atenção, e alunos a quem eu dava toda a atenção e que não aprendiam. Seria eu então o problema?

Com o passar do tempo, estas angústias, para minha surpresa, foram saindo das atividades em sala de aula. E passaram a me acompanhar em quase todas as rotinas cotidianas de docente. Na correção de provas e trabalhos já não era com muito prazer que atribuía uma nota máxima. No fundo, o refrão de Gabriel Pensador sempre soava quando atribuía um conceito Máximo. Sempre me

[1] “O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas". Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente.” (AQUINO, 1998)

perguntava o que aquele estudante realmente havia aprendido, sabendo que a avaliação estava muito aquém de seu verdadeiro potencial.

Na busca por bons rendimentos de todos, acabava por simplificar o conhecimento e nivelando tudo por baixo, e acabava criando um grave problema: lidava com alunos que não eram desafiados a avançar em suas capacidades devido a formas mais básicas de tratar os conhecimentos. E com alunos que não conseguiam acompanhar, sequer este conhecimento superficial e primário que tentava ensinar. E por fim alunos que demonstravam não ter nenhum interesse pelo aprendizado fosse ele básico ou mais elaborado.

Aos poucos, fui me interessando por aqueles estudantes, que eu sabia nada terem avançado, mesmo alcançando a nota máxima. Em meio à maratona de professor tentava inventar algum tempo para conversar com estes estudantes, sondava suas dúvidas e interesses, os deixava falar nas aulas, os observava no relacionamento com os professores e colegas. Atentava para a forma como se colocavam diante do conhecimento, da escola etc.

Verificava como se comportavam durante as aulas, saídas extra-escolares, atividades esportivas, momentos de lazer e descontração como recreios. Questionava-me sobre como seriam as experiências escolares destes jovens. Como vivenciavam a rotina de ficar seis horas por dia, cinco dias da semana dentro de uma instituição escolar? Como era ser um jovem que obtinha boas notas em meio a tantas notas baixas e péssimos resultados dos colegas? Como suas famílias, colegas e professores os tratavam? Que tipos de relações estabeleciam com o conhecimento, com a escola, com os demais estudantes, com os docentes etc?

Todas estas questões foram dando lugar ao que antes era simples angústia de um professor, e ao poucos foi se tornando dúvida a me perseguir. Desta forma acabei desenvolvendo a vontade de realizar uma pesquisa sobre o tema.

Notei que poderia ter um tema de pesquisa diante de mim, e assim parti em busca da bibliografia sobre o assunto, e diante da dificuldade em encontrar trabalhos que tratassem da temática, muitas vezes me questionei se a mesma era realmente pertinente.

Como historiador de formação, ciente de meus parcos conhecimentos em pedagogia, não tinha mínima idéia do que viria a ser um bom tema para uma pesquisa em educação. Mas ao menos já sabia que desejava seguir meus estudos, agora, na área de educação. Tal decisão não foi simples e implicou largar a certeza e segurança de minha área de origem, anos de pesquisas de iniciação científica e coleta documental, para me lançar ao encontro de algo totalmente novo. Mas não poderia deixar de tentar buscar respostas para meus questionamentos e assim iniciei minha longa caminhada pelo mundo da pesquisa em educação.

Delimitar o problema de pesquisa, elaborar um projeto, buscar bibliografia sobre educação em geral e sobre o tema específico e... Estudar, estudar, estudar, melhorar meu inglês e buscar coragem para fazer inscrição no programa de mestrado, ler a bibliografia da prova, prestar os exames e mesmo aprovado ter que correr e muito em busca da bolsa de estudos. E, quando as aulas começaram, lidar com muitos medos, incertezas e com a constatação de que minhas lacunas nos conhecimentos eram maiores do que eu poderia supor. Como enfrentaria minha orientadora e faria uma dissertação de mestrado sobre algo que eu conhecia e conheço tão pouco? Pior, com um tema que tinha bibliografia escassa?

Assim, cheio de dúvidas e receios, ficando angustiado a cada vez que esbarrava com meu problema de pesquisa, fui caminhando, refletindo, ganhando coragem, conduzindo meus estudos, arriscando. E por fim com todas as falhas, lacunas e equívocos que possa ter cometido e de que, tenho clareza, este trabalho certamente os tem, lhes ofereço o mesmo como tentativa de ajudar na reflexão do assunto, e convite a novas pesquisas sobre o tema que venham a corrigir eventuais e prováveis falhas desta.

Introdução

> *"Mas como os "bons alunos" são exemplarmente chatos e em geral não tem nada para contar de efetivamente bom a respeito de sua vida de estudante, quero falar dos meus tempos de freqüentador da "turma de trás" nas salas de aula." (Brandão, C.R, 1994. p.106)*

Opiniões como esta apresentada por Brandão, (1994), refletem a tendência de raramente se pesquisar os "bons alunos" e suas experiências escolares. Por considerarmos que estes alunos têm muito que nos ensinar sobre a educação brasileira, decidimos realizar a presente pesquisa.

Este trabalho tem por objetivo analisar o imaginário[2] existente numa escola pública a respeito dos estudantes que cursam a sexta série do ensino fundamental II e são considerados "bons alunos". A principal que tentamos responder com a pesquisa é a seguinte: reclamamos de não termos "bons alunos", mas o que entendemos como sendo um "bom aluno"?

Nossa pesquisa foi realizada durante o biênio 2006/2007 e tem por objetivo verificar qual é e como se formou o imaginário que professores, gestores de uma escola pública tem a respeito do seria um "bom aluno".

Realizamos a referida pesquisa em uma escola pública estadual localizada no município de Cubatão e que atende à estudantes do ensino fundamental II, ensino médio e educação de jovens e adultos.

A pesquisa pretende verificar o imaginário sobre os bons alunos no ensino fundamental II, pois consideramos que pela distância dos exames vestibulares a idéia de bom aluno sobre estes alunos seja mais difusa. Desta forma escolhemos duas turmas de sexta serio do ensino fundamental. As razoes desta escolha é que se tratam de turmas consideradas muito difíceis pelos professores e que estes alunos por já estarem a mais tempo na escola serem conhecidos pelos professores.

---

2 Imagética Social: refere-se às representações simbólicas acerca das questões sociais. Como por exemplo, no caso de gênero, os papéis reservados a homens e mulheres, as crenças, os valores acerca das várias imagens femininas. Na educação podemos criar a idéia de que ela seria um caminho para o crescimento individual e o progresso social, com a imagem do diploma como forma de sucesso profissional. (ALMEIDA, 2005, p.94)

A metodologia utilizada foi o trabalho com dois questionários abertos, cada um deles contendo nove questões a respeito da temática dos bons alunos. Sendo um deles aplicado aos professores e gestores e o outro produzido para ser aplicado aos estudantes do ensino fundamental em especial aos alunos das sextas séries.

Na análise das respostas pretendemos fazer uma analise qualitativa dos dados, ainda que não deixemos de atentar para as informações de ordem quantitativa. Nossa opção pela analise qualitativa se deu pela razão de considerarmos que tal concepção metodológica nos permite verificar em maiores detalhes as múltiplas nuances que formam o imaginário de uma comunidade escolar sobre um tema tão polêmico como os "bons alunos".

A escolha dos professores que responderam aos questionários foi baseada naquele grupo de docentes que atuaram com as salas de sexta série no ano de 2006. Todos os professores que atuavam com estas classes foram convidados a colaborar com a pesquisa. Quanto aos gestores, todos fizeram parte da pesquisa pois trabalham diretamente com os alunos e professores das duas turmas analisadas e consideramos são peças fundamentais para a compreensão do imaginário presente na escola. Desta forma, diretor, vice-diretores, e coordenadores foram convidados a participar da pesquisa. Por fim quanto aos estudantes, responderam aos questionários todos os estudantes do ensino fundamental II sem nenhuma distinção. Como a resposta dos questionários era voluntária fizeram parte da pesquisa todos aqueles que assim desejaram. Cabe destacar que o questionário aplicado aos alunos tinha por objetivo obter uma visão que pudesse evitar que caíssemos em falhas devido a respostas que seguissem um discurso artificial por parte dos docentes. Alem disso, destacamos que utilizamos preferencialmente os questionários respondidos pelos alunos das sextas séries.

Com relação às concepções teóricas utilizamos a bibliografia a respeito do sucesso escolar que apesar de escassa é bastante importante desta forma destacamos os trabalhos de Mary Rangel, Bernard Charlot, Bernard Lahire e Maria Helena Souza Patto. Somados a estes trabalhos nos foram importantes as

obras a respeito da Historia do Brasil, dentre estas destacamos os trabalhos de Jane Soares de Almeida, Clarisse Nunes, Marilia Sposito, etc. Por fim destacamos os Dermeval Saviani que nos ajudaram a definir a forma como compreendemos a educação e suas relações com a sociedade.

No primeiro capítulo realizamos um debate a respeito das dificuldades em pesquisar o tema escolhido e a importância do mesmo. Discutimos as dificuldades teóricas de se estudar os "bons alunos" e, de uma maneira mais ampla, levantamos o debate sobre como as noções de fracasso e sucesso se aproxima e de como se constituíram historicamente. Por fim fazemos uma breve análise das obras científicas produzidas a respeito da temática em questão.

O Segundo capítulo é um breve histórico do ensino secundário no Brasil e neste pretendemos mostrar como foi cultivado ao longo de sua Historia os valores da seleção elitista (com a rigidez nos exames de admissão) e o forte apego aos valores disciplinadores. Por fim refletimos como tais concepções podem ter moldado ou ajudado a moldar o imaginário sobre o que seria um "bom aluno" do ensino secundário.

No terceiro capítulo realizamos uma pesquisa sobre a História da instituição de ensino pesquisada, bem como a caracterização do corpo docente, de gestores e da clientela da escola. Neste capítulo relacionamos a escola pesquisada e sua Historia com o desenvolvimento histórico da cidade onde esta se localiza e a formação de sua população, de forma que possamos verificar a forma como a historia da instituição e do município colaboram para a formação do imaginário sobre os "bons alunos". Em paralelo com a História da cidade elaboramos uma reflexão a partir da História da escola pesquisada, e como, da relação entre processo histórico da cidade e da escola, se formou um *Habitus* no sentido entendido por BOURDIEU (1996), que muito nos diz sobre o imaginário que se formou a respeito do que seria um "bom aluno". Desta maneira acreditamos que, a partir da análise do processo histórico em que se construíram os envolvidos na pesquisa, possamos ter indícios que expliquem as visões a respeito dos estudantes.

Por fim no quarto e último capítulo apresentamos os dados empíricos da pesquisa com as informações obtidas através dos questionários respondidos pelos gestores, docentes e alunos no sentido de entendermos qual é imaginário desta comunidade escolar sobre os "Bons alunos" e como a historia do ensino secundário brasileiro, do município e da unidade escolar, se refletem ou não na forma os professores entendem a questão.

Ao trabalharmos com o conceito "bom aluno", jamais pretendemos seguir uma idéia preconceituosa e excludente dos demais estudantes. Temos consciência de toda a carga negativa, excludente, moralizante e mesmo elitista que o termo carrega, mas preferimos utilizá-lo para sermos fiéis a terminologias usadas pelos professores e demais envolvidos nas atividades escolares mais corriqueiras onde nos despimos dos discursos politicamente corretos, deixando claro o viés excludente e nada democrático das nossas escolas. Mas conferir a utilização de tal termo apenas a questões metodológicas seria desonesto de minha parte, como professor. Acabo recorrendo ao termo muitas vezes e sinceramente não consegui encontrar uma denominação que pudesse melhor delimitar o universo dos alunos que pretendo pesquisar, os alunos que obtém rendimentos altos, em escolas públicas, e que vem sendo esquecidos pelas escolas. Sabemos que o uso do termo em aspas, não diminui ou neutraliza seu caráter excludente e conservador, mas pretendemos com as mesmas, apenas deixar claro nossa ciência sobre a conotação que o termo carrega e a dificuldade em encontrar solução para o problema, pelo menos neste momento.

Seguindo o exposto na apresentação do trabalho, foi a partir do contato com os ditos "bons alunos" que muitas angústias e questionamentos sobre a experiência escolar destes estudantes começaram a fazer eco na minha rotina de trabalho enquanto docente.

A idéia de trabalhar com os "bons alunos" existia na verdade desde os tempos de graduação, quando após ler o interessante texto *A turma de Trás*, de Brandão, (1994), nos percebemos cheios de dúvidas e inquietações sobre o universo desses estudantes. Será que esses jovens realmente não teriam nada de bom para dizer como Brandão, ainda que de forma irônica, sugere? como seriam

as experiências escolares destes estudantes? e por fim quem eram os bons alunos do ponto de vista de uma instituição de ensino? tentando compreender estas questões, iniciamos a referida pesquisa.

Definido o problema, iniciei a tarefa de buscar textos e estudos que dessem respostas e ajudassem a compreendê-lo. Entretanto a primeira surpresa encontrada foi a constatação de que era muito complicado encontrar material sobre o tema dos "bons alunos". Durante as buscas achei uma enorme produção a respeito do *fracasso escolar* e dos chamados *alunos problema*, porém, quando se tratava do *sucesso escolar* e especialmente dos *"bons alunos*" o volume de estudos e referências bibliográficas caía muito.

A partir da constatação de que o tema possuía poucas obras que se debruçassem sobre ele, comecei a cogitar a idéia de desenvolver algum estudo no sentido de buscar algumas respostas para minhas inquietações e ainda poder de alguma forma contribuir para que houvesse maior atenção e debate a respeito de um tema pouco estudado pela academia e presente nos mais diferentes contextos escolares. Assim, um dos objetivos desta pesquisa é contribuir com o levantamento da produção científica, que de alguma forma, nos ajude a refletir sobre os "bons alunos".

Durante este processo de enquanto professor iniciar a ter o desejo de realizar pesquisas na área da educação, comecei a dar maior atenção ao assunto e fui notando uma questão que aos poucos se somou às dúvidas iniciais e acabou ganhando importância para a compreensão do problema. Preocupado em como lidar com os "bons alunos", em como lhes garantir aprendizados de acordo com seus potenciais; buscando entender como alunos de idades semelhantes e aparentemente de segmentos sociais parecidos podiam se relacionar com a escola de maneiras tão diferentes, e obterem rendimentos tão díspares, acabei notando que nas reuniões, conversas informais entre os docentes, horários de trabalho coletivo (HTPC), conselho escolar e de classes, debates e discussões sobre educação, conversas formais ou não com a direção e demais funcionários, os temas sempre eram parecidos: a situação de pouco rendimento dos alunos, as

péssimas notas, o desinteresse dos alunos por aprender, a indisciplina, os alunos problema etc.

Quase nunca se falava das situações de sucesso, e conseqüentemente, os “bons alunos” eram eternos ausentes nas falas dos envolvidos com os trabalhos da escola. Era como se não existissem alunos que tivessem interesse pelos estudos. Parecia que nenhum estudante obtinha boas notas e aprendesse.

Por outro lado, eu os via todos os dias durante as aulas, eles estavam presentes na correção de cada atividade, cruzava com estes estudantes constantemente na biblioteca, os via na porta da sala dos professores sempre a entregar alguma atividade ou a tentar esclarecer alguma dúvida. Comecei a me incomodar com tal situação e a me perguntar o que estaria ocorrendo?

Aos poucos fui notando que os “bons alunos” eram um tema que não fazia parte dos interesses expressos nas falas de professores, diretores, coordenadores, funcionários, quando estes de alguma maneira (formalmente ou não) falavam das atividades escolares, do cotidiano da escola, das suas angústias ou da educação como um todo.

Assim acabei descobrindo que, o assunto que mais me angustiava nos últimos tempos, não era sequer visto como algo importante para a maioria dos meus colegas. Este fato, somado aos muitos desafios enfrentados nas atividades pedagógicas e à reduzida bibliografia a respeito do assunto, me fez pensar sobre a pertinência ou não do tema enquanto problema de um projeto de pesquisa.

Nesta atividade de tentar buscar justificativas para o trabalho e respostas para meus questionamentos, observei que o problema dos “bons alunos” se relacionava com a educação e realidade vivida nas escolas de uma forma mais complexa do que supunha.

Iniciei a desconfiar que não se tratava de um simples problema pontual de identificar as práticas adequadas para lidar com estes estudantes como desejava no início.

A situação se relacionava com questões mais amplas, como o projeto de educação e de estudante que tínhamos, como a compreensão das teorias políticas e educacionais que fundamentavam nossas concepções de educação

como o entendimento do modelo de escola, prática docente e sociedade que almejávamos. Todas estas eram questões que desconhecia devido ao fato de ser historiador e não pedagogo. Eram lacunas enormes presentes na minha formação e que de alguma forma teriam que ser enfrentadas na medida do possível.

Quanto a ausência da temática do sucesso escolar nas conversas entre os docentes, Pinheiro indica[3]:

> *' "enquanto recolho trabalhos de estudantes, confesso algo surpreso com a qualidade dos poemas elaborados pelos estudantes, ouço meus colegas reclamarem de um aluno que os vem ameaçando, estão muito nervosos. O aluno é da 5ª série. A confusão hoje se agravou com o rapaz pois acabou-se chamando a polícia para ele. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 06/06/2006)
>
> *O Assunto do dia na escola é o caso da polícia ter sido chamada para o aluno. Os professores apenas falam em expulsar o menino dizendo que o mesmo por ser um marginal não poderia ficar estudando com os demais. No conselho de classe a coordenadora vai pulando o número dos alunos que obtém notas altas. Vai marcando apenas "os maus", com notas baixas.*
> *Acabou o conselho da sala em que sou coordenador, saldo 20 fichas disciplinares num universo de 35 alunos. Apenas dois alunos (Cl, e Jô) não tiveram nenhuma nota vermelha. Nenhum comentário sobre o fato. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 07/06/2006)

Durante as sondagens iniciais, fomos notando que muito raramente ouvíamos docentes citarem situações, dúvidas ou assuntos relativos aos "bons alunos". Praticamente não se falava de atividades realizadas com sucesso, ainda que, no mínimo, de uma determinada turma ou de um estudante. Raramente vinha à tona um comentário relativo a estudantes que obtinham boas notas e rendimento satisfatório nos estudos. Quase nunca falava-se de boas notas em provas e demais avaliações, de alunos com postura pró-ativa durante as aulas, que

[3] Como forma de sistematizar as informações que obtinha e organizar o material que coletava na prática cotidiana de docente, iniciei a elaboração de um diário de pesquisa sobre o tema dos bons alunos. Neste guardava todo tipo de relato, informação, declaração e comentários que viessem a minha cabeça ou que fosse obtido através da exposição de algum professor ou funcionário da escola. Utilizamos alguns excertos deste material durante o texto pois entendemos colaboram em muito com a compreensão da questão abordada na pesquisa e a citamos como (PINHEIRO, Diário de Pesquisa, 2006) seguido da data em que a informação foi coletada.

apresentassem interesse interessadas aos estudos e ao conhecimento, e que, de alguma forma, valorizassem as funções da escola e o trabalho dos professores.

As observações se tornaram sistemáticas. Dirigia-me para a sala de professores com o objetivo determinado de observar este fenômeno de silencio sobre os bons alunos. Sentia vontade de olhar os diários dos professores, pois, nos meus diários, ainda que em menor quantidade, as notas altas estavam lá. Nem quando falavam de uma sala homogênea que havia sido montada a dedo e considerada composta apenas pelos melhores alunos, os bons resultados eram expostos e se resumiam a um simples: - *"a Sexta série E não apresenta problemas"-,* de forma vaga e superficial.

Estaria avaliando estes alunos de forma errada? ou será que meus colegas não estavam avaliando seus alunos? por alguma razão pareciam omitir os bons resultados? nesta época, comecei a duvidar de que tal postura fosse pura constatação da realidade, ou simples esquecimento coletivo. Iniciava a desconfiar que algo mais profundo estivesse ocorrendo.

Seguindo esta tendência, uma vez que não havia conversas e debates sobre alunos que individualmente se destacassem, o silêncio a respeito dos "bons alunos" se mantinha. Notava que os docentes mal sabiam os nomes dos alunos mais dedicados, e que os únicos alunos tratados de forma individualizada eram os considerados "problema". As turmas, e por vezes, todo um nível de ensino eram tratados como uma massa homogênea, desprovida de individualidade e sempre estigmatizada pelo fracasso. Os discursos eram no sentido de: *"A sexta A é assim ou assado, o fundamental é terrível, hoje as quintas estão impossíveis, não sei mais o que faço com aquelas oitavas viu!".*

Com o silêncio mantido, a maratona dos debates intermináveis sobre o fracasso se mantinha, às vezes de forma rara. Quando comparavam as turmas, ficava evidente que algumas eram consideradas mais problemáticas que outras, mas isso não queria dizer que alguma turma fosse considerada boa. Eram consideradas menos piores que outras, mas longe de serem tratadas de forma positiva.

Quando o debate era o rendimento dos alunos, o único consenso era o fato de os professores considerarem o trabalho com os estudantes do ensino fundamental II muito mais árduo, complicado e difícil do que trabalhar com o ensino médio. Aliás o ensino médio é disputado na escola como troféu pelos docentes, e estes apenas a muito contragosto, e quando são os últimos a escolher as aulas, aceitam (ou melhor, se sujeitam) a trabalhar com o ensino fundamental II, que de um modo geral é muitas vezes visto como um incômodo e como fonte de problemas para a escola.

Esta tarefa era aceita apenas por estrita obrigação ou forma de garantir mais aulas, e assim, salários melhores ao corpo escolar. Esta visão a respeito do ensino fundamental e de seus alunos causava uma divisão clara e profunda entre os professores do ensino médio e do ensino fundamental, gerando a nítida sensação de que existiam duas escolas num único prédio.

Paralelamente ao silêncio a respeito dos "bons alunos", ocorria um fenômeno conhecido nas escolas brasileiras. Docentes reclamando a todo instante das condições de trabalho, da estrutura de ensino, da pouca ajuda de pais e da direção, e principalmente se queixando das muitas situações de indisciplina e péssimo nível dos alunos, que teriam mudado muito nos últimos tempos.

As escolas na fala destes professores, não tinham mais os alunos de antes. Agora todos haviam ficado piores, menos interessados e mal-educados. Se muitos eram os fatores que determinavam a crise na educação atual, um deles era a ausência de "bons alunos" nas escolas. Tais posturas podem ser vistas nas declarações dos docentes e sistematizadas no nosso diário de pesquisa, quando se referem às turmas em frases como:

> *"Ah eu não gosto deles (alunos), sofro tanto lá" prof de Ed. Física. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 02/08/2006)
>
> *"O pior da 6ª é o cheiro, eles são muito fedidos, educação, você dá um grito e eles ficam quietos. Mas o cheiro não sai" Coordenadora pedagógica. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 02/08/2006)
>
> *"A 6ªB2, é um hospício" prof. Português. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 02/08/2006)

> *"A 6ªB2, é uma FEBEM" Ed.Física. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 02/08/2006)
>
> *"hoje professora falando sobre remoção de escola e sobre os alunos de cada escola, ao ser questionada sobre o fato de apesar de tudo os alunos da escola serem ainda razoáveis e que por isso muitos docentes mesmo com vontade de mudar de escola sentiam medo do que achariam em outros colégios. Ao passo que ela usa sua experiência de 20 anos na rede estadual e diz: "gente, aluno é tudo aluno, sempre igual, todos são pestes, aluno bom é aluno morto" prof. Português. (PINHEIRO,* diário de pesquisa do dia 14/11/2006)

Através destas constatações começamos a nos perguntar o seguinte: reclamamos de não termos "bons alunos", mas o que entendemos como sendo um "bom aluno"?

A partir dessa questão central e de todas as demais descritas anteriormente, decidimos buscar conhecimentos sobre o tema dos "bons alunos", pensando no tipo de imaginário que as escolas tinham a respeito desses estudantes. Desta maneira tentamos responder a seguintes questões a cerca dos "bons alunos": Quem são estas crianças? Como se imagina que um jovem deva ser e agir para ser considerada um "bom aluno"? Por que quase nunca falamos desses jovens no cotidiano escolar, e quais as conseqüências deste silêncio? Como se formou o imaginário acerca do ideal de aluno para o ensino fundamental II? E quais são as suas implicações na formação dos professores e nas suas práticas pedagógicas? Estas são questões que pretendemos ajudar a responder durante a pesquisa.

Capítulo I

Imaginário sobre os “Bons alunos”: reflexões sobre o conceito.

Escolas imersas em cenários de profunda violência, crianças expostas a toda sorte de crueldades, oriundas da sociedade desigual e capitalista em que vivemos, poucas verbas, prédios sem a mínima infra-estrutura, sistemas de burocracias que parecem que vão nos engolir, diretores despreparados, angustiados, autoritários, professores desmotivados, mal remunerados, deprimidos, sobrecarregados, sentindo-se impotentes, acuados, despreparados.

Elevados índices de evasão e repetência mesmo em tempos de progressão continuada. Notas medíocres nos exames externos da qualidade da educação, que apenas comprovam o que professores e pesquisadores há tempos denunciam quanto a péssima qualidade do ensino.

Muitos professores sem o nível superior atuando em salas de aula. Alunos analfabetos concluindo os estudos, jovens desmotivados “presos” nas salas de aula, políticas públicas irresponsáveis, que agravam ainda mais a desigualdade social e que, pautadas por visões neoliberais, desmontam o aparato educacional brasileiro e colocam o direito a educação sobre grave ameaça.

A qualquer pessoa minimamente envolvida nos debates sobre a educação brasileira, tal quadro não apresenta nenhuma novidade. Traçamos tal cenário de grave crise, para tentarmos justificar a pertinência e importância de nossa pesquisa. Diante deste quadro qual seria a relevância de gastarmos tempo, leituras e dinheiro público (uma vez que recebemos bolsa de estudos do governo do Estado de São Paulo, para custear nossos estudos) com uma pesquisa sobre os “bons alunos”?

Envolvidos por um quadro de gritante fracasso, qual o sentido de pesquisarmos o sucesso? Nas nossas reflexões sobre o projeto entendemos que a pesquisa sobre os “bons alunos” seria muito importante por algumas razões:

Primeiro por tentar entender o que as escolas imaginam, seus objetivos e ideal de sucesso, pois acreditamos ser necessária uma séria reflexão acerca do que se entende como sucesso. Uma boa forma de propormos esta reflexão é através de um olhar crítico sobre o ideal de aluno que desejamos ter em nossas salas.

Em segundo lugar, pensamos que falar do sucesso e dos "bons alunos" longe de ser uma postura pouco crítica e ingênua, é uma forma de diagnosticar a dimensão do fracasso escolar, uma vez que suspeitamos que mesmo com os alunos tidos como ótimos, estejamos falhando e lhes fornecendo uma péssima qualidade de ensino. Ao olhar para os "bons alunos" talvez seja possível "des-construir "muitas "verdades" em que se baseiam professores e diretores.

E por fim entendendo a razão do silêncio escolar a respeito destes estudantes e das situações de sucesso de escolas públicas, talvez possamos colaborar com o desvelamento de uma ideologia que tenta a todo custo desmoralizar a já enfraquecida escola pública brasileira.

A partir do exposto tentaremos apresentar neste capítulo as reflexões teóricas que pudemos realizar a respeito do conceito de sucesso escolar e de "bom aluno", de forma a externar nossas muitas dúvidas sobre um tema ainda pouco pesquisado na educação brasileira.

1.1 - A dificuldade em delimitar o conceito

Pesquisar o imaginário[4] sobre os alunos tidos como "bons" seja em escolas públicas ou particulares brasileiras é por definição algo complicado e que requer muito cuidado, pois, além de controverso o tema pode parecer estranho.

Pensar em pesquisas sobre o imaginário que professores, alunos, diretores, funcionários, pais e demais membros das comunidades escolares possuem sobre o que seria um "bom aluno", como vivenciam suas experiências escolares, e que tipo de atenção estas crianças recebem dos docentes e da escola, pode parecer

[4] Sobre o conceito de Imaginário, nos baseamos nas idéias de BACZKO, (1991).

algo exótico, soar como um estudo inútil ou no mínimo prescindível diante da realidade difícil da educação pública brasileira.

Além destes desafios, o tema dos "bons alunos" também precisa enfrentar o ônus de parecer algo que pretende segregar os estudantes em cantos opostos, numa postura sectária que separa bons e maus. Ou pior ainda, sugerir uma leitura da educação brasileira que proponha justificar as atuais condições, e até mesmo legitimar e defender os atuais gestores de políticas públicas no Brasil[5].

Desta forma, gostaríamos de iniciar este trabalho deixando claro que nosso estudo não pretende negar a pertinência das análises que denunciam os muitos problemas da educação pública e da necessidade de enfrentarmos tais dificuldades. E muito menos se pretende partir de uma postura ingênua que tenta justificar ou minimizar a gravidade da situação[6].

A vontade de pesquisar o universo dos "bons alunos" nasceu da compreensão de que este também é um problema que merece atenção no cenário educacional brasileiro, pois implica revermos as "idéias" e o "imaginário" das comunidades escolares sobre o que entendem como seus modelos de estudantes e conseqüentemente de educação.

A análise de como as escolas vêem seus "bons alunos", pretende ajudar na "construção" de um perfil das escolas públicas, que sem abdicar jamais da necessidade de crítica e denúncia dos muitos problemas que enfrenta, possa romper com a idéia de que apenas o fracasso tem espaço em escolas públicas.

1.2- O juízo de valor de bons versus maus

Um dos pontos importantes na construção do conceito de "bom aluno" como categoria de pesquisa é a necessidade de tratar o tema evitando juízos de valor. É imperioso, na delimitação deste conceito, que evitemos visões simplistas

---

[5] Durante a entrevista para a seleção do programa de mestrado a entrevistadora me argüiu sobre a pertinência de estudar um tema como este quando temos tantos problemas, tantas questões relevantes a serem estudadas. Isso nos fez refletir sobre o tema e considerar estas contribuições, quando da delimitação teórica da categoria de análise.

[6] Neste sentido somos tributários das reflexões teóricas de Saviani(1984,1991) sobre a tradição pedagógica não critica e não pretendemos de maneira alguma cair no tipo de postura que Saviani com tanta propriedade critica.

e simplificadas para buscar posições que dêem conta da complexidade de elementos que envolvem as relações sociais que se estabelecem dentro de uma escola e na construção dos imaginários coletivos como destaca Baczko (1991).

Pretendemos deixar claro que não entendemos a idéia de "bom aluno" como um dado pronto e acabado que possa ser descoberto e que tenha um caráter monolítico. Ao contrário, compreendemos a idéia de "bom aluno" como sendo uma construção social e histórica que se deu no tempo e no espaço. Por isso a questão dos juízos de valor, que normalmente se pautam por dicotomias simples e superficiais, são desafios a serem enfrentando por este projeto.

A tradição cultural da sociedade ocidental, fortemente marcada por uma ética religiosa de caráter judaico-cristão, se pauta em uma oposição violenta e eterna entre as idéias de *bem e mal*, *Deus e o Diabo*, *Céu e o Inferno*, *os Escolhidos e os Condenados, a Luz e as Trevas, o Sagrado e o Profano, o Masculino e o Feminino* etc. Esta tradição cultural traz em sua origem uma História de segregação pautada numa visão dualista e dicotômica que coloca em lados opostos os Certos e os Errados. Neste modo de ver o mundo não há possibilidade de diálogo e entendimento entre as partes em conflito. Na batalha pela supremacia não pode haver negociação e visões que percebam as muitas nuances que no fundo compõem a realidade social e humana. Nossa sociedade se constituiu historicamente da oposição entre *bem versus mal* e por isso separa a todos entre *"bons" e "maus*".[7]

Diante desta tradição, como falar de "bons alunos" sem cair nesta forma de pensar que tudo fragmenta, e que opera por meio de visões simplistas e simplificadoras da realidade? Podemos tentar explicar tais fenômenos sem nos deixar levar por uma perspectiva monolítica e unidimensional quando pensarmos no fenômeno que pretendemos explicar? Como analisar o imaginário sobre os

[7] A tradição judaico Cristã é bastante marcada pela idéia de que o mundo se divide entre os destinados a salvação e os condenados às trevas. Esta talvez seja uma das formas mais famosas em que se apresenta a dualidade de se entender a realidade que marca o ocidente. Podemos ver tal tendência por exemplo nas figuras de Jesus e Judas, onde um é o símbolo puro e exclusivo da virtude e o outro passou para a História com a imagem do traidor, que não merece perdão por sua atitude.

“bons alunos” sem criar um corte transversal que separe os estudantes entre os tidos por “ideais” e os que de alguma forma se “desviaram” do caminho?

Durante o projeto, e diante da necessidade de delimitar o conceito que pretendemos utilizar descobrimos ser bastante difícil usar o termo “bom aluno” sem cair numa dicotomia que lhes atribua valor moralmente positivo e conseqüentemente coloque no lado oposto uma parcela significativa de estudantes. A grande dificuldade é encontrar uma forma de nos referir ao objeto da pesquisa sem construir um juízo que valorize um grupo e pretenda excluir ou marginalizar os demais.

Assim sendo, podemos nos referir aos “bons alunos” sem separar os estudantes entre bons e maus de maneira simplista e superficial? Como falar nos “bons alunos” sem sermos impregnados pela moral ocidental que distingue as pessoas como se algumas fossem essencialmente boas e todas as outras fossem más?

Tentamos até o presente momento delimitar o conceito, descobrir, e até mesmo construir um termo ou categoria de análise para nos referir aos estudantes que são o objeto desta pesquisa, de forma a evitar posições dicotômicas, simplistas e segregadoras.

Entendemos que os estudantes como os demais fenômenos e atores sociais devem ser analisados sob a perspectiva elaborada por Morin, (1999), sobre a necessidade de recorrer ao pensamento complexo. Precisamos observar o fenômeno “bom aluno” numa escola pública de forma a escapar das amarras dicotômicas que se impõem, e também da forma congelada, monolítica e anacrônica de pensar.

É fundamental termos uma perspectiva de educação e mesmo de ser humano que seja mais plural e por que não dizer complexa, pois assim teremos dado alguns passos rumo a superação da dicotomia bons e maus, quando da análise de nossa pesquisa. Neste sentido entendemos que as reflexões de Ardoino, (1998), Barbosa, (1998), sobre educação e complexidade muito colaboram para a construção de um conceito de “bom aluno” que atenda

minimamente aos nossos interesses e posições diante da educação e encaminhamento de nossas pesquisas.

Trilhando o caminho rumo ao conceito, relutamos muito em utilizar o termo “bom aluno” para nos referir aos alunos que pretendíamos estudar. Não gostamos do termo pois sabemos que este carrega consigo explicita e implicitamente uma enorme carga de valores e significados construídos ao longo da história e pode sugerir que trabalhamos com a divisão diversa da que temos dos estudantes.

Na busca por um conceito adequado encontramos várias formas de fazer referência ao grupo de estudantes que são nosso objeto de pesquisa, estes podem ser: alunos brilhantes, melhores alunos, mais inteligentes, dedicados, esforçados, competentes, geniais, que se destacam, com grande dotação, muito capazes, crânios, exemplares, que obtém ótimo rendimento, modelo de estudante, estudante em situação de sucesso etc.

Todos estes termos são usados com o objetivo de fazer referência aos alunos que vulgarmente chamamos nas escolas de “bons alunos”. Notemos que todas essas formas de se referir ao mesmo grupo de estudantes, carregam uma noção que não foge da dicotomia bons e maus, e por isso operam com base numa divisão entre os sujeitos, já que cada uma das expressões que encontramos trazem de forma implícita seu par oposto, e por isso temos: para os melhores, os piores; para os bons, os maus; para os ótimos, os péssimos; para aqueles com muita capacidade, a idéia de que alguns são incapazes; para os inteligentes, os sem inteligência; para os dedicados, os relapsos; para os competentes, os incompetentes; para os gênios, os boçais; para os crânios, os acéfalos; para os prodígios, os idiotas; para os brilhantes, os sem luz; aos que se destacam, os que não merecem nenhum destaque; para os muito dotados, os nada dotados; aos exemplares, os que não servem de exemplo. Mesmo os termos mais técnicos e aparentemente mais neutros como os alunos que obtém ótimo rendimento, trazem consigo a idéia de que alguns têm péssimos rendimentos, aos em situação de sucesso, os fracassados etc.

Esta constatação indica que não adiantaria buscar termo mais ou menos politicamente correto, já que tradicionalmente se pensa a partir de pares opostos e um termo chega a perder seu significado sem o seu antônimo na cultura ocidental.

Assim, preferimos buscar enfrentar o desafio de construir uma reflexão densa e complexa sobre a questão, a simplesmente tentarmos um termo que soasse mais ou menos neutro e cientifico. Uma vez que sabemos, na realidade escolar do dia a dia a idéia de "bom aluno" e todas as implicações desta é constantemente presente nas falas de professores e demais envolvidos na educação escolar.

Decidimos então optar pelo uso do termo "bom aluno" por este ser o mais utilizado no ambiente escolar, e mesmo por fazer parte do senso comum e nos permitir enfrentar exatamente os juízos de valores, e tratar o conceito na sua perspectiva social e histórica, ficando mais interessante a análise do imaginário referente ao conceito em questão.

Neste capítulo tentamos construir uma primeira aproximação a respeito da categoria de análise que pretendemos trabalhar. Gostaríamos de salientar que pensamos os "bons alunos" a partir de uma perspectiva que atente para a complexidade humana e para a forte carga subjetiva que permeia o contato entre docentes e discentes e a forma como estes constroem representações positivas ou negativas uns dos outros.

Quando usamos o termo "bom aluno", não temos o objetivo de estigmatizar nenhum jovem e muito menos excluir qualquer que seja o estudante. Tentamos com este estudo apenas entender quais são os valores e idéias que permeiam o imaginário das comunidades escolares a cerca do que seria um "bom aluno" e a partir disto propor uma reflexão sobre nossos objetivos enquanto educadores.

Sabemos que alguns discursos politicamente corretos baseados em uma perspectiva de democracia que julgamos equivocada, não costumam usar o termo "bom aluno". Sabemos inclusive que é senso comum evitar termos que possam de alguma maneira distinguir os alunos quanto a seu rendimento, e que podemos receber muitas críticas pela ousadia de trazer a público, termos amplamente usados nas escolas. Mas entendemos que não nos referir aos diferentes

rendimentos dos alunos, negar que enquanto alguns têm notas elevadas outros encontram muitas dificuldades em aprender, sob o pretexto de ser democrático, ou defender uma postura igualitária, seja decisão ingênua quando não demagógica, pois o simples léxico igualitário utilizado pelas escolas não chega nem perto de conferir a igualdade e participação democrática que todos desejamos.

Como exemplo, gostaríamos de apresentar alguns dos termos utilizados para fazer referência aos estudantes, demonstrando que a distinção mais ou menos democrática dos estudantes é realizada no cotidiano escolar e educacional. Em nossas pesquisas encontramos mais de 150.000 páginas da Internet que se referem ao conceito de "bom aluno", termos como *bom aluno*, *melhores da sala*, são encontrados em grande quantidade nos *blogs* de estudantes, em páginas da Internet, em *sites* de relacionamento como *orkut* (são milhares de páginas e comunidades sobre os "bons alunos").

Mas não são apenas as fontes mais ligadas ao senso comum que fazem referência a existência de "bons alunos", Alves & Dimenstain,(2003),| que se dedicam a pensar a educação em seu livro *Fomos Maus Alunos* deixam claro esta dicotomia. Se no decorrer da obra apresentam uma leitura crítica da idéia de "bom aluno" nem por isso negam sua existência como fica evidente já na capa do livro, quando buscam um diálogo com seu público, usando de termo conhecido por todos que trás de forma implícita a existência de alunos considerados bons e de outros considerados maus.

Brandão, (1986), em seu artigo *A turma de trás,* faz várias indicações às muitas divisões por vezes até espaciais que existem entre os estudantes de uma mesma sala de aula, e nem por isso entendemos que o autor pretenda se referir aos estudantes de forma segregadora. Pelo contrário, o mesmo faz uso do termo para mostrar como um grupo tradicionalmente excluído e tratado como problema tem percepções interessantes sobre o processo de aprendizagem e das relações professor-aluno. O que desejamos é tentar pensar em como os "bons alunos" também têm visões interessantes das relações ocorridas numa escola.

Patto, (2000), em seu trabalho sobre o fracasso escolar também se dedica a apresentar estas formas de divisão existentes nas escolas. Seu capítulo *"corpos*

quase dóceis", onde analisa as relações existentes numa sala tida como muito boa e composta pelos "bons alunos" e por uma boa professora, nos mostrando que não há como fugir do termo "bom aluno" e, mais que isso, que a utilização de conceitos que são igualitários apenas no nível discursivo, não passa de tentativa de fugir a constatações que precisam ser avaliadas, criticadas, refletidas e não escondidas.

Como mostra da ampla utilização do conceito de "bom aluno", nos ambientes que tratam da educação, destacamos apenas uma das muitas reportagens do Jornal Folha de São Paulo onde este afirma:

> *O incrível preço de uma passagem de ônibus*
>
> *Foram escolhidas na cidade de São Paulo 51 escolas da rede municipal para indicar o nome de "bons alunos" a fim de concorrer a uma seleção do Colégio Objetivo --os vencedores ganhariam mensalidade gratuita, ajuda de custo e cursinho pré-vestibular. O propósito explícito do colégio: amealhar alunos superdotados. O propósito implícito: destacar-se nos resultados do vestibular. Esse é apenas um ínfimo detalhe do principal desperdício brasileiro --o desperdício de talentos. Nada deveria chamar mais a atenção do país do que a quantidade de engenheiros, médicos, advogados, arquitetos, pintores, que estamos deixando de produzir, apenas por falta de apoio."*(DIMENSTAIN, *FOLHA DE SÃO PAULO, 28/03/2006*, Caderno Cotidiano.)

A referência a esta distinção entre os estudantes de acordo com suas posturas e rendimentos também é clara nas falas dos profissionais envolvidos diretamente no processo de ensino, durante seus trabalhos nas escolas. Podemos verificar este fato no depoimento do coordenador da escola pesquisada, quando este diz:

> *"Ano que vem vamos selecionar mais os alunos, não vamos fazer como este ano que por medo de fechar salas pegamos qualquer coisa e acabamos com tantas tranqueiras que ficamos desestimulados e não trabalhamos nem com os bons."*[8]

[8] Fala do Coordenador pedagógico da escola durante conselho de classe realizado no dia 06/11/2006, quando refletia sobre situação da escola no ano que ia se encerrando e explicava que não haviam selecionado os alunos, pois tinham medo de verem o número de salas da escola reduzido, o que traria problemas aos professores, que teriam menos aulas para escolherem e para

Diante da situação entendemos ser importante enfrentar o problema, de analisar o que entendemos por "bom aluno". E refletirmos em como nossa bagagem histórica influência nossa visão sobre o modelo de estudante que almejamos, e o problema de nos basear nestes ideais de estudantes que não condizem com a história, e realidade social de nossos alunos atualmente.

Precisamos analisar o impacto que as questões de classe, gênero, etnia, tem quando criamos nosso imaginário sobre os "bons alunos". Todas estas são questões importantes para pensarmos nos modelos de educação que defendemos e ajudar numa revisão do imaginário sobre a escola pública.

1.3 - O Conceito de Imaginário

> *" através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns..."*[9]
>
> *"O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade."(Moraes, 2007)*[10]
>
> *"a imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende a vida e a elabora" (Moraes, 2007)*

Durante nossas pesquisas utilizamos o conceito de imaginário formulado por Bazcko, desta forma não entendemos imaginário como algo irreal e falso em oposição ao real que de alguma forma pudesse ser descoberto através de

---

a escola, que perderia verbas e veria o número de funcionários reduzido. A fala foi registrada através do diário de pesquisa que desenvolvi durante a pesquisa.

[9]BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi: Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, s/d. 1985 p. 409.

[10]MORAES, Denis. *Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultura. In: http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv44.htm, acesso 04/09/2007*

pesquisas cientificas. Entendemos imaginário como o conjunto de mitos, imagens, alegorias e símbolos que compõe a maneira como uma determinada sociedade entende o Mundo, Bazcko afirma: *"O imaginário são as representações simbólicas que dão significado à realidade"(BAZCKO, 1985)*

Portanto não acreditamos que exista distinção entre realidade e imaginário, o imaginado acabaria por construir a forma como os atores sociais entendem a realidade e a realidade ajudaria a formar o imaginário numa relação dialética. Desta forma somos signatários das idéias de Moraes (2007) que citando Bazcko afirma:

> *"Bronislaw Baczko, em seu texto sobre "Imaginação Social", afirma que foi "sobretudo na segunda metade do século XIX" que se afirmaram correntes do pensamento que aceitavam como evidências afirmações do gênero: "Não são as idéias que fazem a história. A história verdadeira e real dos homens está para além das representações que estes têm de si próprios e para além de suas crenças, mitos e ilusões"]. Tratava-se de uma postura "científica" que tentava desvendar o "verdadeiro" que se escondia nos comportamentos dos agentes sociais.*
> *A partir do pressuposto que a ciência busca desvelar o obscuro, procurava-se - de forma similar - desnudar os imaginários. O que haveria por trás das máscaras, das representações? Arrisco-me a afirmar que Nietzsche diria que, por trás das máscaras, haveria outras máscaras que os pragmáticos construíam e denominam "real". Ignoravam o imaginário como parte do que denominavam "real", não percebendo que o "homem verdadeiro" era também uma ficção."(Moraes, 2007)*

Os imaginários são construções históricas e sociais e por isso permeadas pelo pela luta pelo poder travada entre os mais diversos atores sociais, e por isso mesmo é em certa medida fortemente influenciado pela ideologia da classe dominante e pela forma que esta busca explicar a realidade. Desta forma uma vez que são representantes de determinadas ideologias e ao mesmo tempo expressão concreta e parte constituinte destas, os imaginários são datados e assim sendo ligados a época e a sociedade a que estão ligados. Passáveis assim de alterações, rupturas e continuidades de acordo com os acontecimentos por que passam as relações sociais. Este caráter social e histórico da produção dos imaginários é confirmada por Moraes:

> *"O imaginário, como qualquer conceito chave, tem a sua história. Se durante a Idade Média, e no período do racionalismo cartesiano, foi relegado a segundo plano, ou mesmo rejeitado como ilusório, o mesmo*

não ocorre na contemporaneidade. Hoje o imaginário social não é mais considerado uma ficção da vida material. Pelo contrário, o imaginário é perceptível em todos os aspectos da vida social, dos bens de consumo ao sexo nada escapa à sua influência."(Moraes, 2007)

Por fim salientamos que não entendemos os indivíduos como tabulas rasas que reproduzem os imaginários e ideologias a que são exposto, de maneira transparente, automática, e sem critica. Os indivíduos são capazes de fazer suas próprias leituras dos símbolos e representações a que são expostos, e muitas vezes atuam inclusive de maneira contraditória usando um mesmo símbolo para finalidade bastante diferentes daquelas para as quais foram pensadas. Por fim vale destacar que os próprios indivíduos que são expostos aos imaginários sociais de uma determinada época e sociedade, também são os responsáveis pela sua manutenção, critica, formulação, defesa e construção e por isso mesmo precisamos considerar os professores, gestores e estudantes pesquisados neste trabalho não como meras vitimas de uma certa forma de imaginar a realidade, mas como reprodutores e construtores deste imaginário simultaneamente.

1.4- O problema dos "bons alunos" na realidade brasileira

A pedagogia quer compreender como fatores socioculturais e institucionais atuam nos processos de transformação dos sujeitos, mas, também, em que condições esses sujeitos aprendem melhor. Destaca-se no contexto social contemporâneo a contradição entre pobreza de muitos e a riqueza de poucos, entre a lógica da gestão empresarial e as lógicas da inclusão social, ampliando as formas explicitas e ocultas de exclusão. As escolas e as salas de aula tem contribuído pouco para a superação dessas contradições, especialmente estão falhando em sua missão primordial de promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos, correndo o risco de terem que assumir o ônus de estarem ampliando a exclusão com medidas aparentemente bem intencionadas como a eliminação da organização curricular em series, a promoção automática , a integração de alunos portadores de necessidades especiais, a flexibilização da avaliação escolar, a transformação da escola num mero espaço de vivencia de experiências socioculturais. Um posicionamento pedagógico requer uma investigação das condições escolares atuais de formação das subjetividades e identidades para verificar onde estão as reais explicações do sentimento de fracasso, de mediocridade, de incompetência, que vai tomando conta do alunado. (LIBANEO,2005 p.2)

Durante meus trabalhos como professor muitas são as oportunidades de verificar na prática a constatação apresentada por Libâneo. Não faltam oportunidades de nos questionar sobre o estado da educação ao presenciarmos as queixas dos colegas de trabalho. Sejam inspetores de alunos, professores ou membros da coordenação pedagógica e direção, todos tecem comentários por vezes desesperados quanto ao desinteresse dos alunos pela escola e pelos estudos.

É comum que praticamente em todos os momentos de conversas descontraídas, venham à tona assuntos relacionados às muitas angustias e dificuldades, que enquanto profissionais da educação, temos que enfrentar diariamente, devido à violência e indisciplina presentes na maioria das relações com os estudantes.

Por todos os lados, vemos professores cansados, nervosos, exaustos, deprimidos por causa e discussões (muitas vezes agressivas) com alunos, por terem sido desrespeitados por jovens que se negam a estudar, a prestar atenção às aulas, a realizar as atividades solicitadas, e ainda impedem que os demais estudantes ouçam os docentes e façam seus estudos.

Os diretores se debatem com os problemas de atrasos constantes dos alunos na chegada às aulas, com as inúmeras situações de vandalismo contra o prédio escolar, com as tentativas de solucionar e reduzir o clima de violência presente nas escolas. É visível nas declarações dos docentes que deixam claro seus receios diante de alguns alunos.

Cabe ainda aos gestores lidar com problemas de alunos que fazem uso de drogas nas dependências da escola, com a enxurrada de alunos que diariamente acorrem a sua sala enviados por algum docente, que impedido de lecionar pelo aluno indisciplinado, solicita ajuda ao diretor. Ainda lhe resta tratar das inúmeras ausências de docentes que faltam por diversos motivos, mas principalmente para "fugir" desta realidade caótica, o que agrava ainda mais a situação.

Neste cenário, que é o cotidiano de grande parte das escolas públicas do Estado de São Paulo, e onde desenvolvemos diariamente nossas atividades como professor, se torna corrente a idéia de que a escola pública entrou em processo

acelerado de falência. Que os alunos mudaram muito e para pior. Que hoje não temos mais alunos interessados no conhecimento e famílias que se preocupem com o que seus filhos aprendem.

Políticas públicas irresponsáveis e paternalistas para dizer o mínimo, somadas às péssimas condições de vida dos alunos, que enfrentam toda sorte de dificuldade devido à miséria, falta de habitações decentes para viverem, quase nenhum acesso a cultura e saúde, medo e insegurança que imperam nos bairros periféricos de todas as grandes cidades, são alguns fatores apontados como responsáveis pela situação. Isso tudo agravado pelo fato dos alunos terem tido um péssimo ensino primário, professores despreparados e mal remunerados etc.

-*"Não temos mais bons alunos"*, é o que dizem os professores, seja pela miséria, pela irresponsabilidade das políticas públicas neoliberais da ultima década, pela falta de preparo e compromisso dos docentes ou pelo pouco apoio familiar, a conclusão a que chegamos todos os envolvidos numa escola é a de que tudo vai mal. Como diz Morais, (2001 , p.19):

> *(...) estamos entre dois quadros e um desafio. De um lado ainda como recordação uma escola onde meninos chegavam impecavelmente uniformizados, em trajes que mais pareciam fardas militares. Onde o professor tinha status de semideus, dardejando ordens, misto de instrutor moralista e adestrador de comportamentos. Tempo em que ninguém se atrevia a face a face contestar o que fosse nas atitudes e no discurso do professor.... no quadro oposto....classes totalmente desorientadas, professores de olhos espantados que tinham ordem do governo para aprovar 80% dos alunos, a despeito de qualquer merecimento. ... resumindo: de um lado a antiga jaula de aula, no canto oposto e resultado de mudanças ocorridas em curto espaço de tempo... o picadeiro de aula. No primeiro mil castrações em razão de um declarado autoritarismo. No segundo um voluntarismo espontaneísta que consumia uma enormidade de verbas e custos para não levar a parte alguma*

Este é o quadro da educação brasileira nos últimos anos. E diante dele, fica a sensação de que os "bons alunos" sumiram das escolas públicas, pois não os "vemos" presentes nas preocupações das escolas e muito menos nas falas dos professores.

A situação é explicada pelos gestores como resultado do pouco compromisso dos docentes e pelos docentes como resultado da má gestão

pública, e falta de “bons alunos”, dizem: *“Não temos mais ”bons alunos”, os alunos de hoje não querem nada com nada, como ensinar assim?”*.

Mas o que seria exatamente um “bom aluno”? Quando nos ressentimos da ausência destes, a que tipo de estudante estamos nos referindo? Que características entendemos como fundamentais para uma criança do ensino fundamental II ser considerado “bom aluno”? Que tipo de aluno desejamos formar?

Estes jovens realmente desapareceram como nossas falas e silêncios fazem supor? Nosso ideal de aluno, fruto do imaginário social, de representações e ideologias, tem alguma relação com a realidade social atual? Ou ficamos congelados no tempo e no espaço, vítimas de posturas e ideologias elitistas e saudosistas?

Antigamente havia realmente todo este contingente de “bons alunos” como constantemente falamos? O que era e o que significava ser “bom aluno” no passado? Podemos trabalhar com a idéia de “bom aluno” como algo monolítico que não se altera através do tempo, que não muda de um lugar para outro, e não é modificado pelas mudanças sociais?

A noção de “bom aluno” em uma escola de elite e numa escola pública na periferia pode ser a mesma? Até onde fatores relativos à etnia, à condição econômica, ao gênero, influem na definição do que seria um “bom aluno”? De que vale ser “bom aluno”? Qual o significado de ser “bom aluno” numa escola em que todo o tempo apregoa-se a sua péssima qualidade e o fracasso?

Estariam os “bons alunos” aprendendo ou também estariam sendo privados de seu aprendizado pelas muitas dificuldades já citadas? E por final teria a escola alguma responsabilidade na formação dos chamados “bons alunos”? Estas questões demonstram como pensar em tais estudantes no Brasil é algo complicado e complexo.

1.5- Fracasso Escolar: O Reverso não tão reverso da medalha

Patto, (2000), aborda as relações íntimas estabelecidas entre psicologia e educação no início do século XX como forma de entender o fracasso escolar. Teorias pautadas nas idéias de branqueamento, eugenia, visões profundamente racistas em relação ao povo brasileiro em especial a maioria negra e mestiça, idéias que atribuíam aos africanos deficiências intelectuais, e "pintavam" o homens do campo e dos trópicos com as tintas negativas da selvageria, do atraso, da barbárie e da destinação ao fracasso foram muito presentes no pensamento brasileiro através de intelectuais como Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Tais pensadores influenciaram muitos intelectuais ligados à educação como por exemplo o caso de Lourenço Filho.

Como reagiram os educadores formados em ambientes escolares imersos em tais idéias e influenciados pela ideologia burguesa quando se depararam com escolas que antes abrigavam os filhos da elite branca da cidade, sendo hoje local de estudos de alunos que na sua maioria são de famílias pobres, de origem afro-descendente e filhos de camponeses nordestinos obrigados a se tornarem retirantes?

Talvez seja preciso entender melhor o que se convencionou chamar de fracasso e suas diversas implicações, para que possamos depois trilhar o caminho inverso e refletir a respeito do sucesso. Pois apesar de saber que temos muitos alunos inteligentíssimos, fatores muito menos "neutros" e "objetivos" do que supomos implicam em nossos conceitos sobre os "bons alunos".

1.6 - A produção do fracasso escolar e o imaginário sobre os "bons alunos"

Na tarefa de refletir sobre a idéia que as comunidades escolares fazem a respeito do que viria a ser um "bom aluno" e das implicações destas idéias na rotina cotidiana das escolas públicas, buscamos trabalhos acadêmicos que pudessem nos indicar caminhos.

Diante desta dificuldade, começamos a buscar referências bibliográficas em obras que pudessem contribuir ainda que de maneira indireta para nossas reflexões a respeito do tema. Foi assim que nos deparamos com as obras de Denise Trento, Carlos Rodrigues Brandão, Mary Rangel, Bernard Charlot, Bernard Lahire entre outros. Todos estes trabalhos de maneiras diversas nos ajudaram a delimitar nossos caminhos, idéias e concepções. Destacamos ainda a importância do livro *A Produção do Fracasso Escolar* de Maria Helena Souza Patto.

Como havíamos afirmado a tradição ocidental trabalha com pares opostos, com uma forte visão dicotômica de sociedade e de mundo. Desta maneira a mesma tradição que segrega os "certos" dos "errados" também tem força nas escolas e no pensamento educacional. Assim, lentamente fomos nos dando conta de que talvez uma análise sistemática do que seria o fracasso, de como este era visto e produzido ao longo da História, poderia nos dar respostas sobre o lado "oposto" onde *habitam* os "bons alunos". Tal possibilidade surgiu ao analisarmos as respostas de professores e gestores sobre os "bons alunos" e que para isso a todo instante recorriam às idéias de fracasso e aos "alunos-problema" para explicar o sucesso escolar dos "bons alunos".

No decorrer desta parte do trabalho, exporemos como as reflexões de Patto, (2000) nos auxiliou na reflexão, e como acabamos por nos questionar sobre a real distância entre "*bons" e "maus alunos*". Hoje começamos a pensar que estes estão mais ligados do que pensávamos, que são faces da mesma moeda, que se relacionam dialeticamente na constituição de um quadro social mais amplo e complexo e que talvez mesmo os "bons alunos" estejam mais ligados ao fracasso escolar do que possamos supor. Tal ligação intima pode ser verificada na forma como um docente quando perguntado se foi ou não um bom aluno em seu tempo de estudante e o que isso representava, acaba quase que de maneira automática caindo numa analise sobre o fracasso e por vezes mesmo demonstra ter consciência disto ao dizer:

> *" Acredito ter sido um bom aluno sim, não pelas notas, minhas notas quase sempre foram boas mas ficava longe de alunos que tiravam notas máximas ou próximas das máximas em quase todas as disciplinas... mas acredito que isso não seja qualidade única ou determinante para classificarmos um bom aluno... ser bom aluno na minha época de escola*

era além de estudar e tirar boas notas ser disciplinado, não faltar (tinha medo de faltar e perder o conteúdo e só faltava em caso de necessidade mesmo), respeitar a direção escolar e professores, ter interesse, ser participativo e comprometido com as atividades em sala de aula e extra classe. Lógico que na minha época de estudante também haviam problemas com alunos indisciplinados, porém, numa escala muito menor, tanto em gravidade com em quantidade da que vemos hoje em dia. Também na minha época cheguei a achar a escola "chata", mas talvez a diferença era a de que eu percebesse (mesmo que inconscientemente) a importância de estar ali e do respeito que tinha para com meus professores. Estes valores, que não exclusivos meus mas de quase a totalidade dos grupos que estudei, vinham de "berço", de casa, dos pais, da família. Os problemas sociais também não tinham a dimensão que tem hoje (quantidade grande de pais separados, alcoolismo, drogas, violência domestica...). Bom, chega de saudosismos e vamos pra a segunda pergunta... " (Professora Gláucia resposta a questão nº 1.)

A mesma professora ainda destaca:

"*Não sei se percebeu, mas até neste questionário, que é fundamentado no sucesso escolar e seus bons alunos, as justificativas e respostas revelam mais o lado dos alunos indisciplinados." (Professora Gláucia resposta a questão nº 7.)*

O trabalho de Patto nos mostrou diversos caminhos, dentre eles a idéia de que a trajetória de fracasso escolar e conseqüentemente de sucesso escolar não são elaborações cientificas e neutras. São posicionamentos políticos, que representam e se relacionam com as condições históricas e sociais vividas em uma determinada época. Assim passamos a pensar na questão dos "bons alunos" de uma maneira menos ingênua, e que tivesse atenção ao fato de que não trabalharíamos com dados objetivos e sim com construções sócio-históricas.

1.7 - Um balanço histórico do fracasso... e do sucesso escolar

As idéias iluministas trouxeram um ideário profundamente baseado na noção de progresso, e boa parte destas idéias era baseada na ideologia de que o sucesso de alguns homens se devia exclusivamente a suas posturas e habilidades individuais. De acordo com estas concepções o maior ou menor sucesso dos indivíduos seria determinado por fatores individuais e se deveria ao mérito pessoal de cada individuo Patto, (2000, p.40.).

Maria Helena Souza Patto inicia suas reflexões mostrando como a ideologia burguesa está na gênese do pensamento sobre o sucesso e o fracasso escolar, e como é antiga a tendência de se explicar os desempenhos dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem através de fatores individuais, fugindo-se assim da relação com questões sociais na reflexão sobre o desempenho dos estudantes, e com isso isentando as escolas e a sociedade em relação aos muitos problemas ocorridos no interior das instituições de ensino. Esta relação intima entre formar cidadãos e a educação escolar ainda pode ser vista nas respostas de alguns docentes, como no caso da gestora que afirma: *"Ser um bom aluno era respeitar professores, funcionários e direção, estudar para ter notas boas para ser um cidadão e saber o que fazer na sua vida."(Professora Maria Isabel, resposta da questão nº 1)*

O sistema escolar ocidental surgiu de maneira sistemática no século XIX. E, de forma muito integrada aos resultados das revoluções burguesas, tinham em seu ideário a proposta de formar cidadãos e trabalhadores minimamente adaptados às inovações por que vinham passando os processos de produção devido à Revolução Industrial. Neste sentido podemos supor que a idéia de bom estudante estaria profundamente ligada à noção de trabalhador adaptado ao novo sistema produtivo, aos rigores das atividades fabris, que em muito diferiam do seu passado de artesão, e principalmente à idéia de cidadão que respeitasse o poder político da república e se vinculasse à nação.

Do ponto de vista do proletariado a escola passa a ser entendida como forma de deixar a condição de trabalhadores explorados e terem alguma possibilidade de ascensão social. Neste sentido a ideologia do sucesso escolar e de que aos "bons alunos" e estudantes com maiores potenciais e méritos, os aguardava um futuro melhor, acaba tendo muita força no período e servindo como meio de explicar e justificar as desigualdades sociais.

Desta forma durante o século XIX a explicação para o sucesso das pessoas fosse no âmbito escolar, fosse nos demais âmbitos da vida, estavam quase sempre baseados na existência de um certo "talento inato".

A competição individualista seria a forma de fazer os "melhores" se destacarem, por exemplo, bolsas de estudos eram distribuídas mediante exames

competitivos que tinham as avaliações de méritos e aptidões como critérios Patto, (2000, p.50).

Tal concepção, ainda tem muita força nos meios educacionais atuais e na sociedade como um todo. Basta verificar a algazarra que se cria em torno dos primeiros colocados nos grandes vestibulares e exames como o ENEM, a cada ano, onde se exalta ao máximo os merecidos méritos dos indivíduos, mas se esquece dos demais fatores que podem ter contribuído para o seu sucesso.

Mas nem só pelo mérito pessoal se explicava o sucesso social, pois por ser por demais simplista, ficava evidente o paradoxo de inexplicavelmente as pessoas mais "talentosas" e com maiores "méritos" sempre estarem nas camadas sociais mais privilegiadas. Desta forma os estudiosos da época começaram a buscar explicações para tais questões através de seus "métodos científicos" profundamente marcados pelas explicações positivistas. E quanto a isso Patto, (2000, p.51) nos diz:

> *..teorias racistas sempre foram usadas como meio de explicar o sucesso e as desigualdades sociais entre os indivíduos de uma sociedade e assim serviam como arma na luta de classes e que acabou influenciando projetos e educação e formas dos docentes verem os alunos. [..] em torno de 1830, a partir de um sentimento de superioridade declarado, os integrantes da burguesia, manifestaram um profundo sentimento de desprezo pelos bárbaros, rotulo que aplicavam não apenas aos nativos de paises do terceiro mundo, como também às populações rurais e por extensão, aos trabalhadores urbanos pobres do próprio país. [...] Desta forma muitas idéias passaram a circular quanto aos rendimentos dos jovens devido a pré-disposições que seriam inerentes a características determinadas e que seriam baseadas na origem racial e nas condições sócio-econômicas, desta forma crianças pobres e principalmente negras e indígenas eram vistas como estigmatizadas e que na ótica das escolas eram fadadas ao fracasso.*

As afirmações da autora nos levam a perceber que se o fracasso era explicado com base em questões raciais e sócio-econômicas e por uma dedução lógica, a idéia de sucesso social e escolar também estavam ligadas a tais concepções. Ou seja o imaginário que se tinha e que se forjou nos primeiros anos de educação formal na Europa em primeiro lugar, e tempos depois no Brasil, era a de que crianças oriundas de famílias abastadas e que trouxessem na pele os traços da "civilização" européia, eram mais propensas ao sucesso, a se tornarem

“bons alunos” e com isso, ter acesso aos postos de comando na sociedade. Aos estudantes pobres e negros (a maioria da população) caberia a idéia de que a priori seriam fadados a fracassar e mais que isso, que seu fracasso não seria responsabilidade da escola, e nem do sistema capitalista, mas deles próprios, cabendo-lhes desta forma resignar-se, favorecendo o esquema de exploração capitalista.

O impacto destas idéias nas concepções de “bom aluno” das escolas atuais, não sabemos ao certo qual é, mas supomos pelas observações iniciais que ainda que de forma indireta, precisando ser percebida nas filigranas das relações escolares, ainda estão presentes no nosso cotidiano escolar.

Segundo Maria Helena Souza Patto: *“A psicologia social como outras ciências se dedicou a descobrir os mais e os menos aptos a trilhar a carreira aberta ao talento supostamente na nova organização social” (PATTO, 2000, p.58).* Baseados nestes princípios foi se constituindo ao longo dos anos uma tradição de separar os supostamente mais talentosos dos fracassados, e explicar os problemas sociais com base nestas diferenças, sem dar atenção aos fatores diversos entre eles, os sociais, que estão relacionados ao rendimento pessoal de cada aluno.

A tradição de tratar todos os alunos de maneira *igual*, acompanhada da tendência a salientar apenas os problemas das escolas públicas, suas dificuldades e fracassos, demonstra que ao invés de realizar a antiga distinção entre os mais e os menos aptos, tão realizada no passado e já bastante criticada, tende-se na maioria das vezes a criar-se um imaginário sobre as escolas públicas como símbolos do fracasso e de seus alunos como todos iguais. Mas iguais, tendo como referência o fracasso e por isso estão fadados a não aprenderem, já que sendo filhos de trabalhadores, o aparato educacional não consegue ver neles, as mínimas condições de sucesso, mesmo que nos discursos diante da população neguem isso insistentemente.

1.8 - A Psicologia diferencial e a Genialidade Hereditária

As teorias da psicologia diferencial tiveram muita influência sobre os educadores no século XX, principalmente no que se refere às pesquisas que apontam a genialidade como algo hereditário ou inato. Teorias como as de Galton sobre a genialidade hereditária podem ter influenciado de forma decisiva a maneira como as escolas entendem o sucesso escolar e imaginam os bons alunos.

Tais explicações ainda que atualmente sejam totalmente contestadas podem explicar algumas idéias das escolas públicas como sendo o lócus do fracasso. Sendo estas escolas compostas na sua maioria por filhos de trabalhadores pobres e na maioria com pouca escolarização, quando não analfabetos, seus filhos seriam desta forma destinados a fracassar. Diante disso, fica muito difícil às escolas pensarem e mesmo notarem os seus "bons alunos", pois estas sequer levam em conta a hipótese de que estes possam existir em seu interior.

Gostaríamos de destacar que não concordamos com tais explicações e nem pretendemos localizar os "bons alunos" para os separar dos demais, mas apenas refletir sobre conjunto de idéias que povoam o imaginário sobre estes estudantes e refletir sobre as razões e conseqüências de estarem ausentes do discurso dos docentes.

Com a ideologia burguesa de que existiria igualdade de oportunidades, as diferenças entre aptos e não aptos servia para justificar a todas as desigualdades. Hoje a teoria que explica as desigualdades apenas com base na qualidade da educação oferecida, serve para continuar justificando as mesmas desigualdades e criar a idéia de que a classe média deve se afastar das escolas públicas. Tal postura fica evidente quando analisamos as falas dos docentes a respeito da escola onde trabalham e dizem:

"É por isso que devemos fazer um esforço e colocar nossos filhos na particular, pois sei que a particular não é tudo o que pinta, mas o Estado é demais, um horror!" [11]

Mais que isso, de que os pobres por terem acesso apenas a escolas públicas ruins e fracassadas estão condenados ao fracasso social representado pela pobreza, num circulo vicioso. Não aprendem por que são pobres, e por que são pobres estão em escolas ruins e o resultado é a perpetuação do fracasso e a idéia de que o Estado é incapaz de oferecer educação de qualidade a todos. Porém como nos lembra Patto, (2000, p.61) *"O talento é muito menos uma questão de aptidão natural do que de dinheiro e prestígio".*

Como sabemos, as demandas populares para garantir seu direito a ter acesso a escolas foram numerosas, pois a ideologia era bastante vigorosa ao defender a escola como, senão o único, um dos mais fortes meios de ascensão social.

Mas junto com tais pressões pelo acesso à escola, e a necessidade da burguesia de se afirmar no poder e excluir o povo, surgem algumas questões: como explicar diferenças tão gritantes no rendimento escolar entre a clientela? Como explicar o fato de apenas alguns terem acesso aos níveis mais elevados de ensino?

A democratização da sociedade a partir da década de 1980, expressada no acesso às escolas de parcelas cada vez mais amplas da população; o *"fim"* das turmas homogêneas, somadas a medidas (não pretendemos debater o mérito destas ações) de combate à evasão e à repetência crônica da educação brasileira, criou uma profunda crise entre os educadores, gerando a disseminação (acompanhada pelo processo de desvalorização do trabalho docente) de uma cultura do fracasso das escolas públicas quando comparadas com seu passado. Ganharam força as idéias de que escolas públicas não ensinam e de que não o fazem devido ao baixo nível dos estudantes que recebem a cada ano, a que

[11] Fala de professora de português da rede pública estadual, durante os trabalhos de mesários que realizamos quando do primeiro turno das eleições de 29/09/2006, e anotadas em nosso diário de pesquisa.

termina por impedir que os “bons alunos” sejam sequer notados, assim como as situações, ainda que raras, de sucesso escolar.

Grande parte dos professores e profissionais da educação não se dão conta de que trabalham com posturas ilusórias e preconceituosas, pois um olhar atento nos mostra muitos estudantes de famílias carentes e de escolas públicas com altos desempenhos e potenciais. E ao afastarem das escolas públicas a perspectiva de sucesso, e das famílias pobres a oportunidade de terem seus filhos considerados “bons alunos”, enfraquecem seus próprios esforços e passam a justificar os problemas sociais transformando em culpado, quem na verdade é vítima.

A idéia de que os rendimentos dos estudantes seriam dados objetivos e neutros, quando não baseados em talentos inatos ainda é presente na realidade educacional brasileira. Patto, (2000), relata o fato dos docentes não notarem a influência de questões sociais, de gênero e etnia, no desempenho dos estudantes e por que não dizer na formação de “bons alunos”. Pretendemos verificar a permanecia ou não destes fatores na realidade atual quando analisarmos os dados de nossa pesquisa.

1.9 - As teorias da carência cultural

É antiga a postura que rotula os estudantes vindos de camadas populares como os estigmas do fracasso. Fossem com explicações psicologizantes, pseudo-sociologicas e/ou racistas. Tais postura implicavam numa constante negação de possibilidades de sucesso em escolas onde a maioria dos estudantes fossem pobres. Mas dentre estas explicações para o fracasso escolar e conseqüentemente para o sucesso, teve muito destaque a teoria da carência cultural, como destaca Patto, (2000, p.61,67). *“Teses fundadas na antropologia cultural por muito tempo explicavam as dificuldades das camadas pobres na escola como fruto de carência cultural”*

Segundo estas teorias os estudantes das camadas pobres não conseguiriam aprender e se destacar nos estudos, pois sendo de famílias com

pouca escolaridade e pouca tradição cultural não conseguiriam se familiarizar com um mundo totalmente alheio à sua realidade cotidiana. Neste sentido, a escola se eximia do seu compromisso e obrigação de ensinar, escorada na falta de acesso à cultura escolar pelas famílias de seus alunos, e pela carência cultural que tais jovens já trariam de casa quando ingressavam na escola.

Tais teorias, ao atribuírem às crianças pobres dificuldades em obter bons resultados nas escolas devido a sua carência cultural por causa da situação de pobreza em que vivem, fazem da pobreza a culpada pelo não aprendizado, e não atentam para o fato destes jovens serem vítimas de um processo de escolaridade e de vida cruel e desigual. Estas idéias foram e são ainda muito fortes nos meios educacionais brasileiros implicando num imaginário que justifica o fracasso e o sucesso quase que exclusivamente através das condições econômicas. E que por isso fazem das escolas públicas das periferias de grandes cidades, com alunos na grande maioria pobres, lugares fadados ao fracasso, implicando grande dificuldade dos envolvidos na educação em sequer cogitar possibilidades de sucesso de alunos nestes colégios. Quanto mais fazerem-se notar efetivamente. Tais questões nos fizeram indagar: teria a escola alguma influência e responsabilidade pela produção do sucesso escolar?

Uma das questões que Patto,(2000) indica na sua pesquisa sobre a História do fracasso escolar nos meios educacionais é a associação entre os termos *Good- Children* em oposição a *Poor-Children*, por alguns psicólogos americanos envolvidos com pesquisas nos meios educacionais Patto, (2000, p.73). Ou seja, o oposto de bom não seria mau como tradicionalmente usamos, mas pobre, demonstrando nitidamente o perigo de se associar a carência do estudante com seu rendimento de maneira tão direta e simplista. Pois gera-se a idéia de que aluno pobre é aluno fracassado, o que em muito expressa a postura da escola que pesquisamos, que devido a pobreza de seus alunos, nunca se referem a momentos que sejam de sucesso, ainda que estes existam em boa quantidade.

Pretendemos neste trabalho questionar tais visões e demonstrar que muitos alunos apesar de se virem obrigados a viver em lares muito pobres, são estudantes assíduos, esforçados, empenhados e muito inteligentes. Mais que isso,

são jovens que contra todas as expectativas obtém notas elevadas e ótimo rendimento, e que por isso podem servir de base empírica para comprovar alguns equívocos das teorias da carência cultural. Sobre este assunto Galvão, (2007, p.3) afirma:

> *Tendo a sociologia mostrado nos anos 60 e 70 uma correlação estatística entre a origem social dos alunos e sua trajetória escolar, Charlot perguntava-se porque era tão fácil mostrar o fracasso das crianças dos meios populares e tão difícil obter uma explicação diante das que obtinham sucesso. As teorias da reprodução teriam deixado de fora de seu campo a história singular desses alunos no sistema escolar; pareceu-lhe então importante, levar em conta essa singularidade para compreender as possibilidades de sucesso dos casos marginais. (...) Charlot afirma que não é em termos de capital cultural que devemos pensar a história cultural dos jovens das famílias populares, mas em termos de capacidade de mobilização em relação à escola e na escola. O autor sustenta que haveria uma transmissão de um capital cultural por impregnação difusa (um pai, por exemplo, apaixonado por política, que vê todos os debates de televisão e os telejornais e convida a filha para assisti-los com eles), e que, um erro cometido com freqüência seria explicar o fracasso escolar pela falta daquilo que parece estar presente nos processos de sucesso dos filhos de famílias favorecidas. (...) dentro dos estudos franceses destaca-se a contribuição de Lahire porque ele, diferentemente de outros estudiosos que apontam apenas um ou mais aspectos favoráveis ao sucesso acadêmico, de forma original, pesquisa o sucesso escolar dos meios populares como resultado de um feixe de condições culturais favoráveis.*

Em relação a tais questões destacamos os trabalhos de Charlot, (1996) e Lahire,(1997) a respeito de alunos com bom desempenho em contextos que segundo explicações da carência cultural seriam “improváveis” para usar o termo empregado por Lahire,(1997).

Os “bons alunos” podem nos fazer re-pensar os fatores que levam alguns estudantes a obter sucesso mesmo em condições tão adversas e mostrar que muitas das explicações sobre o fracasso das escolas públicas além de precipitadas e superficiais carecem de maiores estudos e reflexões. Mas, o ponto mais importante da pesquisa com estes jovens, é possibilitar que pensemos no fenômeno que vem relegando estes jovens a uma situação de quase esquecimento nas escolas.

1.10 - Obras que tratam da temática

Dentre as obras que de alguma maneira tratam da questão dos "bons alunos" gostaríamos de destacar algumas:

Denise Trento de Souza, em capitulo do livro *"Autoridade e Autonomia na Escola Alternativas teóricas e praticas"* coordenado por Julio Groppa Aquino, escreve um texto a respeito do sucesso escolar e neste faz uma breve explanação a respeito dos "bons alunos". O texto ainda que curto trás questões que consideramos centrais em nossa pesquisa como: a idéia de que seria inútil e injustificável uma pesquisa sobre "bons alunos" diante da realidade atual de profunda crise na educação, a autora relata que quando questionava professores a respeito da temática a resposta que recebia era a seguinte: *"para que pesquisar o sucesso escolar, os "bons alunos", quando nossas escolas enfrentam tantos problemas? Estes sim é que precisam de solução."(TRENTO, 1999, p.118)*

Ou seja, a autora se aproxima de nossas preocupações em tentar justificar um tema tão pouco conhecido em meio a uma realidade tão cheia de problemas. Trento indica que uma das justificativas para a pesquisa com os "bons alunos" é o fato de não podermos nos satisfazer com o conhecimento tão precário que temos destes estudantes e que saberes mais aprofundados e críticos precisam ser construídos.

O artigo analisado levanta algumas questões importantes a respeito da forma como se pensam os "bons alunos" e de alguns fatores que pesam na escolha dos ditos "bons alunos", como o caso da participação familiar, segundo Trento, a participação do que chama de corpo docente oculto, que ajudando os filhos nos estudos comprovam problemas sérios na escola, pois se apenas os filhos que contam com a ajuda dos pais em casa para os ensinar conseguem se sair bem, podemos concluir que hajam falhas na função da escola em socializar os conhecimentos e ensinar a todos. Esta mesma valorização da participação familiar como um dos condicionantes fundamentais foi bastante citada pelos professores quando perguntados sobre os "bons alunos" e sobre o que tornaria alguém um "bom aluno", como podemos verificar nas frases a seguir:

> *"Meus pais investiram muito em meus estudos" (professora Carla, resposta a questão nº 1)*
>
> *"Estes valores, que não exclusivos meus, mas de quase a totalidade dos grupos que estudei, vinham de "berço", de casa, dos pais, da família. Os problemas sociais também não tinham a dimensão que tem hoje (quantidade grande de pais separados, alcoolismo, drogas, violência domestica...)." (professora Gláucia, resposta a questão nº 1)*
>
> *"Teríamos mais alunos bons se a educação viesse do berço. Os poucos alunos bons que temos se deve a isso." (professora Letícia, resposta a questão nº 1)*

Consideramos que alguns pontos do trabalho da autora vão ao encontro de nossos interesses de pesquisa. Um dos exemplos é a constatação no texto de uma desconfiança que tínhamos na nossa escola em relação ao sumiço dos "bons alunos" das preocupações do corpo docente. Sobre o assunto a autora diz:

> *"[...] Notava a quase inexistência de referencias aos chamados "bons alunos" e sucesso escolar tanto na literatura educacional quanto nas conversas nas escolas. Especialmente quando o interlocutor é psicólogo, professores e diretores elegem como tema central de suas falas os chamados alunos-problema." (TRENTO, 1999, p.118)*

O mesmo ocorreu nas respostas dos docentes que quando perguntados sobre o sucesso escolar citavam a todo o tempo o fracasso como tema preferido. Tal situação pode ser constatada nas respostas dos professores que se seguem:

Perguntados os nomes de alguns alunos que considera bons a professora Gláucia após citar o nome de cinco alunos diz: *"Confesso que existem outros nomes mas não me recordo. Se a pergunta fosse inversa eu com certeza, de "cabeça", repassaria uma lista de no mínimo uns 15 alunos das classes citadas"*

Questionada por que quase nunca os docentes falam dos bons alunos a resposta da professora Mônica foi a seguinte:

> *"Porque geralmente os alunos "problemáticos" nos tomam mais tempo, mas isso é um alerta para que possamos nos dedicar aqueles que mais se interessam. No caso de nossa escola isto não acontece com freqüência, mas eu como coordenadora tenho conhecimento do bom trabalho dos professores e conseqüentemente dos alunos que se destacam."*

A partir desta constatação a autora começa a se questionar sobre as razões do silêncio e mais que isso implicações de tal postura, dizendo ser necessário que

nos perguntemos a respeito das condições de aprendizagem desses alunos considerados bons, se suas condições de aprendizagem seriam diferentes das tidas pelos alunos que são reprovados etc.

Estabelecemos uma aproximação com o trabalho de Trento quando fazemos uso de trabalhos que não tratam especificamente dos "bons alunos" devido a escassez de obras sobre o assunto. A autora como nós usa como base de suas reflexões o trabalho de Patto,(2000), *A produção do fracasso escolar*, e trabalha seu artigo no sentido de estabelecer aproximações e distanciamentos dessa autora em suas pesquisas. Demonstra que na sala de aula analisada por Patto,(2000) e considerada muito boa e de grande sucesso, as palavras que marcam o ambiente são: *silencio, ordem e sucesso*. O perfil de um "bom aluno" descrito por Patto,(2000) seria marcado pelo, capricho, limpeza, ordem, e submissão. Outra marca importante é a da ajuda familiar nos estudos, a existência de uma família estruturada, bem como o aspecto social da criança, sobretudo a limpeza. Também revelam-se fundamentais na avaliação das professoras, a perfeição dos cadernos e a execução a risca das tarefas pedidas. Enfim, segundo Trento, na obra de Patto fica destacada a utilização de critérios de julgamento mais poderosos que o rendimento escolar do aluno propriamente dito Trento, (1999, p.122).

Em suas conversas com professoras Trento verifica uma postura diferente em relação aos "bons alunos". Indica que alguns professores percebem que disciplina e rendimento não são necessariamente correlatos e diz o seguinte:

> *A professora descreve muitos de seus alunos como inquietos, agitados, falantes mas com bom rendimento escolar. (...) percebe que o silencio e a imobilidade não significam interesse e nem tampouco aprendizagem. (...) Os "bons alunos" para ela (prof Claudia) não são necessariamente obedientes, perfeccionistas, "limpinhos" e submissos." (TRENTO, 1999, p.118,119)*

Ou seja, a autora verifica que em muitos pontos a visão dos professores a respeito dos "bons alunos" pode variar ao extremo como neste caso, quando comparamos com a imagem de aluno ideal apresentada por Patto, (2000) em *Corpos Quase Dóceis*. Durante as pesquisas vimos o mesmo tipo de variação nas visões dos

professores sobre os bons alunos, como podemos perceber por algumas respostas como as que se seguem:

> *"Em primeiro lugar ir a escola tendo como meta o estudo. Aprender como conviver na sociedade. Aproveitar o máximo de conhecimento que uma escola pode oferecer" (professora Soraia,resposta questão nº 3*
>
> *"Respeitar colegas e professores, direção e funcionários da escola, estudar para ser alguém na vida e não desperdiçar o tempo e o talento deles com alunos que não querem nada."(professora Letícia,resposta questão nº 3*

Outro trabalho importante para nossa pesquisa é o livro: *"Bom Aluno": "real ou Ideal"* de Mary Rangel. Neste trabalho a autora faz uma análise das representações sociais dos envolvidos com a educação dos jovens a respeito do que seria um "bom aluno".

Dentre as muitas contribuições da autora para nossa pesquisa, alguns pontos merecem maior destaque. Baseada na teoria das representações sociais de Moscovici a autora indica que existe uma profunda relação entre a forma como representamos uma situação e a forma como atuamos na prática. Portanto a idéia que se faz de algo acaba influenciando na forma como atuamos na realidade concreta e assim nossos projetos, anseios, e expectativas a respeito dos alunos, por exemplo, influenciam nossas práticas pedagógicas e visões a respeito da escola. Quanto às representações e suas ligações com a realidade a autora nos diz:

> *A representação manifesta elementos da história cultural da sociedade e constitui-se em fator que repercute em valores, conceitos, crenças, padrões de conduta que são, ao mesmo tempo, assimilados e construídos de acordo com a forma com que se representam, porque... "nuestra forma de ver la realidad contrue em parte essa realidad (RANGEL,1997, p. 11)*

Baseada em Barreto, (1981), a autora constata que o conceito de "bom aluno" precisa ser pensado como construção sócio-histórica, e não como um dado pronto e acabado.

Seguindo tal opção teórica a autora critica a idéia de mérito pessoal ou aptidão inata como forma de explicar o fenômeno dos "bons alunos", pois considera ser necessário análises que levem em conta os fatores políticos,

históricos, econômicos etc e o poder de interferência que estes têm na formação dos sujeitos. "*Não bastam as "habilidades", o "esforço", o "empenho" do aluno, como individuo. Há "forças" maiores que podem "diluir" todo este "investimento" pessoal." (RANGEL, 1997, p. 41)*

A autora também nos auxilia ao fazer uma revisão dos estudos que de alguma forma trabalharam com a questão dos "bons alunos", além de estudos já citados como o de Patto, (2000), indica outros estudos como o de Penin, (1995) e Nagel, (1988), os quais apresentam o caráter elitista e muitas vezes preconceituosos que inspiram as visões a respeito dos "bons alunos" e acabam por nos forneceram categorias de análise interessantes para a elaboração dos questionários sobre os "bons alunos". A respeito dos alunos desejáveis pelas escolas e professores Penin afirma:

> *O aluno "desejável" (obediente – disciplinado), que entende a comunicação do professor, interessado, assíduo, que tem ambiente sadio em casa, sem problema econômico sério, fluente verbalmente, amoroso, sociável," opõe-se ao aluno "indesejável" que se representa como indisciplinado (desobediente); desinteressado, sujo, obtuso, calado. (PENIN, 1995, p.130)*

Assim existiria uma relação entre o modelo de aluno considerado "ideal" e o aluno "real" que por ser pobre –sofreria a conseqüência do preconceito e da rejeição, pois os professores não relacionam o rendimento e postura dos estudantes diante do saber com suas condições sociais como nos mostra Rangel, (1997,p.45). Paralelo a este processo de atribuir bons resultado de acordo com a ideologia da meritocracia e aptidões pessoais, Rangel indica o processo denunciado por Corona e Nagel no qual ocorre uma concepção de escola que prima por: *"... formar homens passivos, domesticados, repetidores de conteúdos, técnicos rudimentares, sem espírito crítico e principalmente submissos..."* (CORONA e NAGEL, 1978, 133).

Rangel nos indica possibilidades interessantes de análise da idéia de "bom aluno" que existe nas escolas públicas. Gostaríamos de destacar algumas delas, pois serão muito importantes no decorrer de nosso trabalho de pesquisa. No estudo das representações que existem acerca dos bons estudantes, a autora destaca que uma visão estereotipada das famílias pobres faz parte forma como os

envolvidos no processo educativo vêem as famílias dos estudantes. Neste sentido a autora baseada em Barreto, (1981) destaca:

> *Os "bons alunos" são, portanto, aqueles cujas famílias os orientam, no sentido do esforço pessoal, que pode proporcionar o alcance de bons resultados na escola e na vida. A "frouxidão" a "preguiça", a falta de vontade de trabalhar são algumas das características atribuídas às famílias, nos estratos menos favorecidos, repercutindo em comportamentos semelhantes com que os professores identificam o "mau aluno" (RANGEL, 1997, p.47)*

Esta forma de pensar nas famílias dos jovens pobres pode ter um impacto importante na forma como os docentes enxergam seus alunos e suas potencialidades. Tendo imagens construídas na base de pré-conceitos em relação às famílias dos estudantes, fica muito complicado que ao menos vislumbrem possibilidade de sucesso destes estudantes.

Outro ponto importante destacado pela autora a respeito das representações dos "bons alunos", e que consideramos seja interessante ser levada em conta em nossa pesquisa é a existência de uma certa visão "ingênua" do fenômeno, pois baseados na idéia do talento individual e do mérito, as escolas não conseguem estabelecer relação entre condições sociais e desempenho escolar.

Entre os professores é forte a idéia de meritocracia que explica o sucesso escolar com base em questões como mérito pessoal, esforço pessoal, talento inato, e que tais características do individuo explicariam, por exemplo, o acesso aos melhores postos de trabalho. Desta forma a mesma explicação que usam para entender os diferentes rendimentos dos estudantes, também é usada para explicar as desigualdades sociais. Neste sentido Rangel destaca:

> *O "bom aluno", esforçado, dedicado, disciplinado ... e por isso nota dez é responsável pelo seu sucesso na escola e na vida. Assim a meritocracia se destaca e se impõe, justificando o fato de se atribuir ou negar ao aluno, desligado de seu contexto, a qualidade de ser bom. (...) conquistas e sucessos relativas ao "bom aluno" (no trabalho e no ensino) são atribuídas a mérito pessoal de forma descontextualizada. Assim a situação socioeconômica do individuo e suas relações com o maior ou menor acesso aos níveis superiores de ensino e trabalho e mesmo compromisso do Estado na qualidade de vida e condições não se incluem no julgamento e valor. (RANGEL, 1997, p.51,53)*

Desta forma contata-se a existência de representações sobre os "bons alunos" que são fortemente baseadas em idéias de que o "bom aluno" é aquele estudante: comportado, esforçado, disciplinado, obediente etc. E estas idéias são fortemente ligadas à noção de obtenção de melhores notas que é *o resultado natural de seus esforços e dedicação*.

Além disso, a autora destaca que a visão dos "bons alunos" é associada à noção de sucesso profissional e ascensão social. Ou seja, a escola, os docentes, o Estado, vão sendo colocados à parte e praticamente não têm nenhuma responsabilidade em relação ao desempenho na escola e na vida dos estudantes, e mais perigoso ainda, aos estudantes filhos de trabalhadores pobres e muitas vezes com baixo nível de escolaridade, restam pouquíssimas chances de sucesso escolar e conseqüentemente profissional. Mantendo inalterado o círculo de miséria e opressão perpétua, e de vítimas, os jovens se tornam os culpados pelas suas condições de vida.

Vejamos alguns depoimentos de pais e alunos destacadas por Rangel no sentido de mostrar o papel da meritocracia e das boas notas na idéia de aluno ideal:

> *"Pai de aluno diz: - "bom aluno" é o que tira boas notas." (Apud. RANGEL, 1997, p.55)*
>
> *"Aluna de escola particular diz: - É preciso tirar boa nota na prova e também no comportamento... para ser a melhor" (Apud. RANGEL, 1997, p.55)*
>
> *"Aluno de escola militar diz: - O aluno que é bom consegue maior nota em todas as matérias, isto porque é estudioso e tem bom comportamento senão... não dá fica para trás" (Apud. RANGEL, 1997, p.595)*
>
> *"Funcionários da escola dizem: - "bom aluno" é amigo, educado, respeitador, que se esforça para tirar boa nota. Quando não tiram... dá até pena de ver a carinha deles" (Apud. RANGEL, 1997, p.59)*
>
> *"Aluno de escola pública diz: - "bom aluno" é respeitador e também bem comportado." (Apud. RANGEL, 1997, p.59)*

Por fim a autora nos trás uma questão bastante interessante para reflexão, que é o fato de que os trabalhos sobre educação, de caráter mais progressista, chegaram ao conhecimento dos professores. Segundo a autora é possível

diagnosticar traços de um discurso progressista e crítico das visões ingênuas, disciplinadoras, baseadas em aptidões individuais, que olham as famílias dos estudantes de forma preconceituosa etc.

Porém Rangel destaca que apesar do discurso progressista, que defende a formação de alunos críticos, criativos, questionadores e autônomos, na prática a realidade é completamente diferente. Se nos discursos defendem uma posição progressista, na sua ação diária dão mostras de que acreditam em modelos de alunos que vão no sentido oposto ao apregoado, com muito valor a noções de competição, mérito pessoal, boas notas, disciplina, ordem, obediência, esforço etc.

A autora destaca que esta situação não quer dizer que os docentes constroem tais posturas contraditórias de maneira proposital e com objetivo de prejudicar os alunos, mas que tais contradições são esperadas e até certo ponto normais, uma vez que reproduzem ao mesmo tempo noções que aprenderam na faculdade e cursos de formação continuada de docentes, e por outro lado, reproduzem também a ideologia dominante a que são expostos no convívio diário, no contato com os pais, com suas próprias famílias e, principalmente, reproduzem valores que adquiriram durante suas próprias experiências enquanto estudantes, o que dificulta uma mudança na forma de entender o processo. Vejamos o que diz a autora sobre o assunto:

> *A produção do discurso dos docentes permite notar que a literatura crítica tem chegado aos professores. Influenciado a construção de textos a ponto de introduzir temas como figura crítica, ativa, criativa, participativa, considerada "bom aluno". Contudo esta influência não alcança a prática, a experiência concreta. (...) Ainda quanto à questão política é interessante notar a contradição de um discurso que ao mesmo tempo em que expressa uma proposta progressista de compreensão do aluno, reconhece e ressalta a importância dos melhores resultados, das melhores notas na prova. (RANGEL, 1997, p.61,62)*

Daí ser importante analisarmos a história da educação brasileira e da escola que será pesquisada, pois podem nos dar importantes explicações sobre o imaginário a respeito dos "bons alunos" e que podem confirmar ou não as

indicações que Rangel e demais autores nos ofereceram e que foram expostas no decorrer deste capítulo.

1.11 - Concepção teórica da relação escola/sociedade

Além dos sociólogos do sucesso escolar como Rangel, Charlot, Lahire utilizamos como referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa duas obras de relevância na literatura sobre educação no Brasil, a primeira é *Escola e Democracia* publicada em 1984, e a segunda é *Pedagogia Histórico-crítica* publicada em 1991, ambas obras de Dermeval Saviani, pois consideramos quês tais obras possibilitem uma forma de entender a educação e as instituições escolares que se pretende dialética, e por isso sem a ingenuidade da pedagogia tradicional e também evitando posições mecanicistas das teorias reprodutivistas menos ingênua e também evitando.

1.11.1 - As teorias da educação e o problema da marginalidade

Nesta parte da pesquisa fizemos um breve balanço histórico das diversas concepções de educação que existiram e a forma que as mesmas encaram o tema da marginalidade.

Como a educação explicou o problema? Como propôs soluções? Qual a relação da educação com os marginalizados? Estas são questões que Saviani busca explicar.

Saviani divide as teorias em dois grupos – um que entende a educação como instrumento de equalização social, e portanto, voltada para a superação do problema. No canto oposto, o grupo que entende a educação como instrumento de opressão e discriminação, logo reprodutora da sociedade e fator de marginalização. Saviani vale lembrar, é crítico dessas duas abordagens, e busca um caminho que supere os problemas decorrentes de ambas.

Neste sentido tentamos relacionar as idéias apresentadas pelo autor sobre educação e marginalidade e suas relações com a formação do imaginário a respeito dos “bons alunos”.

Teorias não críticas - são destacadas como aquelas que pensam a educação como sendo descolada do processo social e que por isso não sofrem influência do meio. Nesta ótica caberia à educação a tarefa de harmonizar a sociedade. A marginalização seria fruto da ignorância e a escola, por isso, trataria de fazê-la sumir quando fosse garantida educação para todos. Destaca que estas idéias surgem no momento em que a burguesia precisava se consolidar como classe hegemônica e que a educação com sua proposta de transformar servos, em cidadãos de um estado burguês era um importante fator de sustentação e defesa desse ideário.

Consideramos que tal abordagem em muito colabora para uma melhor compreensão do fenômeno “bom aluno”, pois se, para as teorias não críticas, a educação era vista como algo desligado da sociedade, a idéia dos alunos pautada nessa forma de ver a sociedade acabava por os pensar sem levar em conta fatores e processos sociais. Além disso, esta visão de educação colabora para a consolidação de um imaginário sobre os “bons alunos” considerado verdadeiro e objetivo. Tal imaginário é pensado de um ponto de vista monolítico e congelado no tempo, como uma realidade concreta que faria parte da essência humana. Estas idéias não levam em conta os diversos fatores sociais que condicionam nossas visões a respeito do que viria a ser um estudante ideal. Pensando a educação descolada da sociedade e como harmonizadora desta, os docentes não notam que critérios subjetivos, pautados em valores de classe, etnia, gênero etc, influenciam nossa visão de educação e de aluno.

1.11.2 - Pedagogia tradicional

A mais forte e antiga teoria educacional no Brasil surgiu junto com estados os nacionais e, com o tempo, causou decepção ao verificar-se que ela não foi capaz de garantir o fim da marginalização, nem a superação da sociedade criadora de miséria. A partir dos anos 20 do século XX, surgem as primeiras críticas a esta pedagogia.

Vale destacar que apesar de muito criticada a pedagogia tradicional ainda que de forma subterrânea, sobrevive e tem muita força nas escolas atuais, dando forte substrato às idéias relativas a educação, contribuindo assim para a consolidação de um ideal de aluno fortemente burguês, moralista e disciplinador. Através das respostas dos questionários pudemos verificar que a pedagogia tradicional é ainda muito forte na escola analisada. Confirmando o que Saviani destaca:

> *Como o nosso professor pensa a sua prática educativa? Diríamos que ele tem uma cabeça escolanovista. Devido a predominância da influência "progressista" nos cursos de educação, o professor absorveu o ideário da "Escola Nova". ... acredita que sua sala será pouco numerosa para que ele possa se relacionar pessoalmente com seus alunos. ... espera também que irá contar com uma biblioteca de classe , laboratório, material didático abundante e variado. O que encontra? Diante de si, uma sala superlotada, atrás, um quadro negro e giz, se tiver sorte. ... sua cabeça é escolanovista mas as condições em que terá de atuar são as da escola tradicional. Na verdade as coisas seriam menos complicadas se ele fosse um professor tradicional. Mas ele não foi preparado para essa situação. Está confuso. Não compreende bem o que se passa. Então ele se revolta, desanima, busca apoio nos colegas, se acomoda, se adapta. (SAVIANI, 1998, p.40,41)*

1.11.3 - Teorias crítico reprodutivistas

São marcadas pelo avanço de críticas à visão idealista e romântica da escola, que a viam como redentora da humanidade e descolada da sociedade capitalista. As teorias críticas reprodutivistas pensam a escola como algo também inserido na sociedade e por isso sendo influenciada e reproduzindo valores impostos pelos setores dominantes.

Estas teorias são classificadas em:

- *Teoria do sistema enquanto violência simbólica (BOURDIEU e PASSERON, 1982):* Saviani a crítica, porque mesmo sendo uma teoria que acerta em muitos pontos, acaba fazendo a escola perder o sentido para o povo, enfatizando apenas os seus aspectos negativos.
- *Teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado (Authusser, 1985):* Nesta teoria a escola é vista como um dos mais eficientes meios pelo qual a elite se mantém e se fortalece no poder. Apesar de também destacar avanços importantes nesta teoria, Saviani, diz que esta forma de pensar tornou a luta de classe quase impossível, pois a única forma de mudar a escola é pela tomada do poder estatal.
- *Teoria Dualista (Badelot e Establet, 1971):* A escola se divide em duas correntes: escola de proletários versus escola de burgueses; e como os burgueses são mais fortes, a vantagem pende para a elite e a escola, que é pública, se torna fator de massificação popular, geradora de mais miséria e marginalidade. Saviani diz que esta teoria tornou a luta de classes algo muito bonito, mas que a vitória seria improvável e não valeria a pena nem tentar mudar algo através da escola.

1.11.4 - O "bom aluno" e as teorias crítico - reprodutivistas

O advento e o fortalecimento das teorias críticas às escolas tiveram força no Brasil a partir dos anos de 1960 sobretudo na década de 1970 do século XX. Reconhecemos todo o valor destas contribuições que como Saviani destaca, foram importantes para a superação das idéias ingênuas de que a escola seria a redentora da humanidade Saviani, (1984).

Tais idéias foram pioneiras ao abordarem as escolas enquanto instituições inseridas na sociedade e por isso envolvida em suas lutas e conflitos, mostrando como os processos sociais influenciam a educação e sua forma de entender o mundo, assim como esta acaba por interferir na forma como as sociedades se relacionam.

As escolas, agora pensadas como parte da luta de classes no sistema capitalista e como poderoso aparelho ideológico do Estado, no sentido de legitimar o poder da burguesia e justificar a condição de opressão da massa proletária, e assim reproduzir a sociedade capitalista em todas as suas mazelas, é desnudada de seus trajes de salvadora da humanidade, de bastião da igualdade, da liberdade e da justiça e é apresentada como uma das mais poderosas forças reprodutoras do capitalismo.

Uma vez revelada o quão elitista são as escolas, e como são fortemente impregnadas da ideologia burguesa, começam a mudar (pelo menos no discurso) os ideais a respeito dos "bons alunos"; abre-se espaço para se ver como o imaginário sobre estes jovens é fortemente influenciado por juízos de valor relativos à ideologia capitalista, que no fundo buscava formar alunos obedientes e conformados.

Apesar de muito contribuírem para o avanço das concepções pedagógicas, e conceitos sobre "bons alunos", as teorias crítico-reprodutivistas vendo as escolas exclusivamente como braços intelectuais da burguesia e responsáveis pelo seu fortalecimento, não podiam notar a possibilidade de crítica contra-hegemônica no interior destas instituições.

Desta maneira, criou-se um discurso que se recusava a falar dos "bons alunos", fosse por que identificavam-se estes jovens como oriundos da elite, fosse porque acreditavam que ao falarem do sucesso escolar, numa escola reprodutora, estariam cometendo um contra-senso aos seus olhos, já que neste caso "bom aluno" era: ou o estereótipo burguês (branco e rico), ou o proletário sonhado pela aristocracia (pobre, explorado e igualmente obediente, apático, alienado e conformado com sua condição) que buscava na escola sua chance de melhorar de vida e se tornar pequeno burguês, através da introjeção da ideologia burguesa

de maneira pura e cristalina, sem nenhuma crítica. Estas idéias vêem os “bons alunos” (e também os professores competentes) como meros lacaios da burguesia.

Mas ainda que saibamos da pertinência de muitos destes argumentos, nos perguntamos se realmente não existiria, no interior das escolas, espaço ainda que mínimo para a crítica, contestação, tomada de consciência e mesmo subversão da ideologia burguesa. Seriam os jovens pobres tão bobos que se tornando “bons alunos” não tivessem mínima capacidade de refletir sobre o sistema escolar e de sociedade que se viam envolvidos?

Através das abordagens de Saviani a respeito da Pedagogia Crítico-Reprodutivista, entendemos que não devemos cair no mito da escola redentora e com isso na visão de “bom aluno” da escola tradicional que pautada no controle, na disciplina, na submissão, considera que aluno bom é o aluno comportado.

Em contrapartida a noção de escola meramente e mecanicamente reprodutiva do sistema esvaziou o debate sobre o sucesso nas escolas, por considerar que tal noção de sucesso esteja sempre ligado à manutenção das desigualdades. E por isso não seria tema de interesse para pesquisas e debates. A nosso ver, a questão do conceito de sucesso é passível de múltiplas interpretações e mudanças dependendo do ponto de vista que se esteja utilizando na análise do mesmo.

Saviani ao trabalhar com a teoria histórico-crítica nos possibilita evitar a armadilha da escola redentora, mas também fugir da tendência de tornar a escola uma mera reprodutora da sociedade.

O mesmo processo que pretende submeter o aluno, pode dar-lhe condições de se rebelarem contra o controle, e apropriando-se dos saberes escolares terem condições intelectuais para através do conhecimento estabelecerem a crítica ao sistema.

Assim pensamos na idéia de “bom aluno” antes de tudo como categoria que deve ser questionada enquanto verdade pura e simples, para ser analisada como construção sócio-histórica e por isso mutável, fruto de embates sociais, disputas por hegemonia e fortemente marcada por ideologias. Por outro lado a historicidade

e a contradição inerentes ao modo dialético de pensar nos leva a pensar numa idéia de aluno passível de crítica e construção, que leva em conta fatores sociais, históricos, políticos etc, de forma a nos ajudar a questionar modelos e discursos impostos como verdades absolutas e objetivas e através deste questionamento propor uma nova posição que longe de se ver como única e verdadeira, tenha consciência de sua condição passageira e permeada de subjetividades muitas, decorrente do tempo/espaço em que estamos inseridos.

Ainda em relação a forma como as teorias critico-reprodutivistas tendem a entender os bons alunos cabe destacarmos uma frase de Charlot , (1996, p.48):

> *"Essas teorias da reprodução tomaram formas diversas, muito conhecidas... quaisquer que sejam estas formas, elas são problemáticas em vários pontos. Elas não permitem conhecer os casos marginais: as crianças de famílias "desfavorecidas" que, apesar de tudo, ainda obtêm na escola..."*

1.11.5 - Pedagogia histórico-crítica

Buscando articular nossa pesquisa com a pedagogia histórico-crítica, trabalhamos com o conceito de escola e aluno como construções históricas e sociais que precisam ser localizadas no tempo e no espaço. Desta forma a idéia de "bom aluno" precisa ser historicizada, caso desejemos entender como o imaginário presente nas escolas a respeito destes estudantes se formou.

Por isso antes da análise dos questionários e demais fontes de informação da pesquisa, realizamos um levantamento histórico visando melhor compreender os fenômenos sociais que envolveram a idéia de educação e de "bom aluno" na educação brasileira e na escola que foi analisada.

O "bom aluno" é pensado por nós numa perspectiva dialética, ao passo que quando exposto a uma escola controladora e reprodutora de mazelas, se adapta e se insere neste contexto. Porém através do conhecimento também adquirido nas escolas tem condições de entender e criticar e mudar a situação que enfrenta, ainda que nem sempre o faça.

Na visão de Saviani para que uma teoria histórico-crítica da educação possa se constituir em pedagogia histórico-crítica é necessário que ela assuma

um posicionamento sobre o que é educação e o que significa educar seres humanos. Desse modo, conceitua a educação como:

> *"Um processo de trabalho não-material (que se difere do trabalho material e visa à produção de bens materiais para a subsistência), no qual o produto não se separa do ato de produção. Para o autor, o trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens". (SAVIANI, 1994, p.17).*

Desta forma ao tentar refletir sobre o imaginário a respeito dos "bons alunos", desejamos ajudar a pensar que seres humanos estamos formando.

Capítulo II

O ensino secundário brasileiro: uma história de seleção, disciplina e elitismo.

> "Os homens fazem a História, mas o fazem em condições determinadas".(MARX. 2002, p.1)

> *"(...) Em cada um de nós, em proporções variáveis, há o homem de ontem; é o mesmo homem de ontem que, pela força das coisas, está predominantemente em nós, posto que o presente não é senão pouca coisa comparada a esse longo passado no curso do qual nos formamos e de onde resultamos".(BOURDIEU, 1996, p.15)*

Nesta parte de nosso trabalho gostaríamos de apresentar um breve histórico da implantação da educação formal no Brasil e mais especificamente da implementação e acesso ao antigo ensino secundário (ginásio) atualmente denominado ensino fundamental II e refletir sobre o seu papel da formação do imaginário sobre os "bons alunos", uma vez que se trata da modalidade de ensino analisada em nossa pesquisa. Na produção deste levantamento nos baseamos nas obras de Ghiraldellhi, (2001), Sposito, (1984), Nunes, (2000) e Almeida, (2005).

As obras analisadas trazem interessantes oportunidades de conhecermos as diversas fazes e os muitos caminhos que a educação brasileira tomou durante a História do Brasil. E a partir da leitura destes livros pudemos rever conceitos, entender alguns problemas e nos questionar sobre algumas certezas que tínhamos a respeito do modelo educacional brasileiro. Oportunidade impar de tomar contato com as diversas vertentes do pensamento pedagógico que estiveram presentes na educação brasileira.

Entendemos que seja fundamental uma visão em perspectiva histórica do processo de implantação da educação no Brasil, caso tenhamos interesse em fazer um estudo sistemático e que dê conta da complexidade do sistema

educacional de um país, em especial se tratando de um país marcado pela diversidade como o Brasil.

Ainda que estejamos realizando um trabalho modesto no sentido de o circunscrever apenas à realidade de uma escola e não tendo intenção de sugerir nenhum tipo de generalização, acreditamos que ter claro os caminhos, lutas, percursos, observando as mudanças e permanências ocorridas em nossa educação, seja fundamental para que não realizemos uma análise precipitada e simplista do problema e que acabe por não levar em conta o longo trajeto das nossas escolas até que chegassem à situação atual.

Outra questão que entendemos colabore para que valorizemos um levantamento histórico da educação brasileira é a possibilidade de estarmos atentos a falsas visões sobre a escola em tempos passados e assim possamos evitar que sejamos inocentes e enveredemos pelo caminho que defende as escolas das décadas passadas como exemplo do sucesso da educação brasileira. Estas idéias estão ainda bastante presentes em grande parte da sociedade brasileira e veiculada como imaginário poderoso no interior de nossas escolas. Quanto a esta idealização muitas vezes errônea da escola pública do passado, Julio Groppa Aquino nos faz importantes alertas:

> *Esse primeiro entendimento, mais de cunho histórico, da questão disciplinar precisa ser repensado urgentemente. E a primeira coisa a admitir é que essa escola de antigamente talvez não fosse tão "de excelência" quanto gostamos de pensar hoje em dia.Nossa memória costuma aplicar alguns truques em nós. Às vezes, é muito fácil incorrermos numa espécie de saudosismo exacerbado, idealizando o passado e cultivando lembranças de alguns fatos que não aconteceram ou que não se desenrolaram exatamente do modo com que nos recordamos deles. Portanto, se recuperarmos o modelo dessa escola do passado para cotejarmos nossos problemas pedagógicos atuais, precisamos recuperar também o contexto histórico da época, pelo menos em parte. Não é possível trazer de volta aquela escola sem o entorno sociopolítico de então. (AQUINO, 1998, p.)*

2.1 - Um histórico do ensino secundário no Brasil

> *"A igreja se tornava importante na colonização do Brasil. Como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o "controle das almas" na vida diária era um instrumento muito eficaz para veicular a idéia geral de obediência ao poder do Estado. [...] Na atividade do dia-a-dia, silenciosamente e as vezes com pompa, a igreja tratou de cumprir sua missão de converter indos e negros, e de inculcar na população a obediência aos seus preceitos, assim como aos preceitos do Estado." (FAUSTO, 1998, p.60,61)*

Como destaca o historiador Boris Fausto a Igreja teve desde o início da colonização um papel de destaque na educação das pessoas, fossem elas brancos, negros ou índios. Tal tarefa lhe conferia uma condição privilegiada de disseminadora da ideologia da metrópole portuguesa pelas terras brasileiras. Ao buscarmos entender a história da educação brasileira precisamos levar em conta estes fatores, e atentar para a palavra (obediência) que Fausto utiliza quando se refere a igreja e seu papel na colonização.

Saviani ao tratar do inicio da educação brasileira também destaca o papel da Companhia de Jesus nesta empreitada:

> *Se nos guiarmos pelo critério interno (de periodização da historia da educação no Brasil), poderíamos considerar como marco inicial da historia da educação brasileira a chegada dos jesuítas em 1549. Tem início aí o primeiro período, que se estende até 1759, quando os jesuítas foram expulsos por Pombal." (SAVIANI, 2006, p.16)*

Ao refletir sobre a educação brasileira no período colonial Almeida destaca:

> *...nesse período, a educação escolar destinava-se principalmente aos filhos da elite econômica, excluindo de seus benefícios o grosso da população, mantida longe da escola e do conhecimento (ALMEIDA, 2005, p.194)*

A constatação da autora é muito importante, pois ao destacar o caráter elitista e excludente da educação brasileira no período posterior à expulsão dos Jesuítas do Brasil, nos indica uns dos fatores mais permanentes na História da educação brasileira e muito importante na formação da idéia de "bom aluno": o caráter ligado ao elitismo da educação brasileira desde seu início.

De acordo com Nunes, (2000), o ensino secundário surgiu ainda durante a idade média, ligado à igreja e foi introduzido no Brasil pelos jesuítas na sociedade colonial brasileira há praticamente 500 anos. Nas palavras da autora:

> *Os colégios de ensino secundário no Brasil tiveram antecedentes. O nascimento dessa forma escolar, colégio, traz como marca o prestígio da universidade. A origem do colégio está nos pensionatos para bolsistas universitários fundados por alguns generosos benfeitores. Os primeiros colégios datam do século XIII. (NUNES, 2000, p.37)*

Ligados desta forma à Igreja através dos trabalhos de catequese da companhia de Jesus, os colégios secundários desde sua gênese estiveram associados à idéia de ascensão social. Tentava-se obter prestígio e valorização social através dos diplomas conferidos pelos estabelecimentos de ensino. Como destaca Nunes:

> *O enfoque dos colégios sob o ângulo da disseminação da cultura escrita torna mais clara a sua importância. [...] e se tornava um traço característico de uma classe social: a burguesia. Para essa classe, a escrita era a possibilidade não só do distanciamento entre a cultura e a vida cotidiana, entre o sujeito e o objeto de conhecimento, mas também de uma distinção dos de "baixo", o que afirmava sua superioridade social. (NUNES, 2000, p.38)*

A tradição elitista dos colégios secundários perdurou durante o Império. Apesar do país ter se tornado independente; da estrutura de divisão do poder político ter sofrido algumas alterações e da influência das idéias liberais, a estrutura social e econômica brasileira pouco se alterou. Com isso a organização educacional se manteve quase que inalterada em relação ao público atendido. Desta forma, a educação seguiu sendo um privilégio da elite durante o século XIX no Brasil, como podemos notar:

> *Na sociedade imperial, de economia agroexportadora e escravista, onde predominava a vida rural, a política excludente do Estado criou, nas capitais das províncias e do Império, os liceus, destinados aos filhos das classes privilegiadas. [...] O que nos interessa é enfatizar que, na política imperial, a instrução primária pretendia cumprir um papel civilizador e a instrução secundaria se destinava a formar a elite ilustre e ilustrada. (NUNES, 2000, p.39)*

A partir destas reflexões de Nunes, podemos refletir sobre o impacto que tais propósitos tiveram para a educação, organização das escolas e mesmo da sociedade brasileira, na representação social que se tinha a respeito dos "bons alunos" ao longo da História do Brasil. Tais constatações nos indicam que um dos fatores que muito pesou na construção do imaginário a respeito dos "bons alunos" foi o fato de estes serem esperados como estudantes oriundos das camadas mais abastadas da sociedade. Portanto, o passado elitista e ligado à igreja nos apresenta um modelo de educação que se forjou nos ideais aristocráticos e disciplinadores.

No século XIX o pensamento liberal ajudou na propagação da noção de que se devia garantir escola primária a todos, mas a exceção de umas poucas medidas no sentido de construir escolas preparatórias de professores, muito pouco se alterou no quadro descrito anteriormente e as escolas secundárias seguiram destinadas apenas a uns poucos jovens, quase todos filhos da elite nacional. Este quadro de pouca preocupação e elitização da escola secundária brasileira pode ser constatado na exposição de Saviani:

> *Um outro legado do século XIX cujo marco inicial foi o ato adicional de 1834, expressa-se no descompromisso do governo central com a manutenção da instrução popular. Durante os 49 anos correspondentes ao segundo reinado, entre 1840 e 1889, a média anual dos recursos investidos em educação foi e 1,80% do orçamento do governo imperial, destinando-se, para a instrução primária e secundária, a média de 0,47%. [...] enquanto as despesas militares nos devoravam 20,86%. [...] ligado ao descompromisso do Estado, o século XIX também nos legou a idéia de liberdade de ensino associada ao favorecimento da iniciativa privada. Instituições particulares de ensino de diferentes tipos floresceram no período imperial, especialmente para atender à demanda por ensino secundário. (SAVIANI,2006, p.28,29)*

Com a inauguração do período republicano é que a proposta de levar educação ao povo ganha alguma força. É nesta época que se concebe um tipo de educação que guarda em sua raiz muito do que se imagina ser um "bom aluno" em nossos dias. Sobre a questão Almeida nos diz:

> *Com a República, urgia dar continuidade ao projeto civilizador da Nação com a meta de estender a educação para todos, nos moldes de uma ação democrática que visava fortalecer o país, o que poderia ser alcançado através da escola. (ALMEIDA, 2005, p.93).*

Educação enquanto projeto civilizador do Estado nacional, que "formaria" a Nação, foi uma concepção que adentrou com muita força no pensamento político e educacional brasileiro. Pela escola se pretendia criar a noção de "Nação" e o Sentimento de Nacionalismo. O ideal de construção do nacionalismo estava em voga na Europa no período como observa Hobsbawm, (1998), em *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*.

Ghiraldelli, (2001), faz uma análise das idéias pedagógicas e medidas práticas adotadas no Brasil nos anos que se sucederam ao advento da república no Brasil. E nos deixa evidente que com o surgimento da república a educação passou a ser um ponto importante das preocupações dos governantes, já que fortemente influenciados pelas idéias iluministas e positivistas, os republicanos viam na educação uma forma de "elevar e civilizar" o povo. E como sabemos, os intelectuais da elite tinham visões profundamente estereotipadas e mesmo preconceituosas em relação à população brasileira e à cultura popular. Desta maneira é que surgem as primeiras medidas de estado no sentido de construir um sistema de educação pública no país.

A escola surge então com a função de "ajudar na construção do brasileiro", mais que isso, na construção do brasileiro civilizado. Sabemos que tais idéias eram muito influenciadas por uma postura eurocêntrica e que fazia com que tais pensadores buscassem dar traços típicos do velho continente ao povo brasileiro.

Esta seria a missão da escola. Transformar "*bárbaros e selvagens*" criados nos trópicos em meio à culturas mestiças e vistas como degradadas, em "Homens civilizados", europeus preparados para deixar sua condição de escravos e se "integrarem à nação" na condição de cidadãos fiéis à república. E que, de preferência, com o mínimo possível de traços, que deixassem ver suas heranças ameríndias e africanas.

Tal idéia nos mostra quem seriam os estudantes vistos como os "bons alunos", além de disciplinados devido ao passado jesuíta, aqueles que conseguissem se despir de seu passado africano-ameríndio e vestir-se com a fantasia da civilização européia, refletida nos trajes de casemira inglesa, nas

conversas em francês etc. Ou seja, os “bons alunos” eram os que se submetiam ao processo civilizador. Aqueles que trouxessem as insígnias associadas a “barbárie”, como raça, sotaque, pobreza, trajes modestos, religiosidade etc e, sobretudo, recusassem as rígidas normas impostas no cotidiano escolar, ficariam marcados como “maus alunos”.

Alunos civilizados, ou seja, submissos, apáticos, disciplinados e conformados com suas condições, no primário. Especialmente se fossem filhos de trabalhadores pobres. E “alunos prontos” para ter contato com a erudição, com o conhecimento científico, aptos para a ilustração que lhes garantiria privilégios e exercício pleno da liberdade e propriedade, dando-lhes direito a adentrar no pequeno círculo que participava do poder de Estado, se fossem estudantes do ensino secundário e de preferência se fossem filhos da elite dirigente.

Tais abordagens nos apontam o caráter profundamente elitista da educação secundária no Brasil.

> *Nosso intuito, no entanto, ao citar a existência desses colégios, é apenas sinalizar que todas essas iniciativas são representativas de uma forma escolar com um objetivo bem definido: a educação da elite. Essa concepção permaneceu no país, mesmo com a república, até a promulgação da nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961.(NUNES, 2000, p.40.)*

Destacamos este histórico ligado aos grupos economicamente mais abastados da sociedade brasileira, pois entendemos que a devida compreensão dos processos sociais que envolveram o surgimento da escola pública no Brasil seja fundamental para que possamos ter uma melhor compreensão dos fatores que acabaram colaborando com a formação do imaginário brasileiro a respeito da educação e dos “bons alunos”.

A análise atenta das obras que se debruçaram sobre a História da educação brasileira nos indica quão duradoura e poderosa foi a concepção de escola secundária que tinha por objetivo a formação dos futuros quadros das elites dirigentes do país.

Dessa forma o ensino secundário brasileiro se estabeleceu com uma estrutura humanista e com algumas grades de estudos científicos, que seria

marcado por um caráter enciclopédico. Assim podemos imaginar quem eram os alunos que se pretendia formar em colégios secundários tradicionais como o D.Pedro II na cidade do Rio de Janeiro. Jovens de famílias abastadas, futuros dirigentes nacionais e marcados por uma erudição enciclopédica. Os melhores dentre estes, seriam chamados "bons alunos"[12].

> *"O positivismo também se oporia à influência da igreja católica e ao ensino religioso, propondo uma escola laica, pública e obrigatória, proposta essa aceita com entusiasmo pela intelectualidade e pela classe média que passaria a ver a escola como um meio de ascensão social, o que possibilitaria a esse segmento social concorrer com a classe dominante."(ALMEIDA, 2005, p.94)*

A idéia de ascensão social através do processo de escolarização foi e segue sendo muito forte entre a população brasileira. E uma das explicações clássicas para a melhora ou a piora da situação econômica e das condições de vida, foi ter tido ou não acesso à escolas, e quando nelas, ter sido um "bom aluno". Esta idéia ainda é muito forte na instituição que analisamos nesta pesquisa. Muitos professores tentam justificar a miséria dos alunos como culpa das crianças, pois dizem que quando eram pequenos venceram a pobreza através dos estudos (muitos realizados na própria escola). Entre os estudantes, tanto os tidos como bons, como os considerados problema, a maioria vê na escola, senão a única, uma das poucas formas de mudarem suas condições precárias de vida, de maneira honesta. Esta perspectiva da educação ligada a ascensão social pode ser verificada em Almeida:

> *O ideal plantado pelo liberalismo de ver a escola como via de ascensão social se solidificou. [...] incorporando a concepção de educação como instrumento de transformação social e nivelador das desigualdades sociais.(ALMEIDA, 2005, p.95,97)*

Podemos verificar a permanência deste discurso da escola como via de ascensão social em declarações de pais e alunos nos dias atuais:

---

[12] NUNES, Clarice. *O "Velho" e "Bom" ensino secundário: Momentos decisivos.* Revista Brasileira de Educação, 2000, nº 14, mai/jun/jul/ago, Dossiê – 500 anos de educação escolar. Editora Autores Associados.

"O estudo é tudo e sem estudo a gente não é nada. Quem está formado está sem emprego, imagine quem não se forma".(GURGEL,1998, p.36)

"(...) a escola é um meio de estudar e incentivar as pessoas a ingressar no trabalho. Tem gente que consegue bom emprego porque não vai à escola." (GURGEL,1998, p.37)

"A escola é meu futuro. Se eu não estudar nem pra graxeira vou prestar. Pra tudo, agora tem que ter o primeiro grau." (GURGEL,1998, p.37)

2.2 - Um histórico de elitização da escola

A primeira república foi marcada pelo conflito de diferentes idéias sobre a educação o que desmonta o mito muito comum de que apenas uma forma de entender a educação fosse possível. Tivemos idéias como a pedagogia tradicional que tinha força na igreja e nas oligarquias, a pedagogia nova defendida pela burguesia industrial e classe média e que propunham a modernização do estado e da sociedade. E as correntes ligadas à defesa de uma pedagogia que fosse libertária e que por isso estavam associadas aos setores mais ligados as camadas populares, como sindicatos, como destaca Ghiraldelli, (2001, p.15-31).

A pedagogia tradicional era fortemente marcada pela tradição de ensino jesuíta e assim era muito influenciada pelas noções de disciplina, obediência, meritocracia etc. Este modelo tinha suas raízes também nas idéias de Pestalozzi e Herbart, com os cinco passos do aprendizado: "apresentação, preparação, associação, generalização, aplicação", estes com forte apelo disciplinar e ligados às idéias positivistas muito em voga no período Ghiraldelli, (2001, p.22), o que corrobora a idéia de um ideal de alunos que fossem capazes de submeterem-se a toda sorte de ordens, mandos e desmandos, onde a capacidade intelectual era medida pela capacidade de repetir a esmo saberes enciclopédicos sem nenhum significado. Estes seriam os "bons alunos" de acordo com os tradicionalistas.

Podemos verificar exemplos da escola tradicional da primeira república nas exposições de Saviani:

> *"... Em 1902 o inspetor de ensino de Minas Gerais "ficou deslumbrado com o espetáculo de ordem, civismo, disciplina, seriedade e competência que disse observar nas instituições de ensino de instrução primaria paulista" (FARIA FILHO, in: SAVIANI, 2000, p.27)*
>
> *Nesse quadro, causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. (...) a escola se organiza, pois com uma agenda centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. (SAVIANI, 1984. p.10)*

O contraponto à educação tradicional veio através das idéias da escola nova e da pedagogia libertária. As bases das idéias libertárias, era a crítica à tríade: capitalismo – Estado – Igreja. Este modelo teve forte influência na experiência da Escola Moderna de Barcelona. E propunha que indivíduos de sexos e classes sociais distintas pudessem estudar juntos como forma de aprender a conviver. Devido às críticas que fazia aos valores burgueses da sociedade e a proposta de uma nova organização social, a escola libertária sofreu diversos ataques até que ficou completamente enfraquecida no correr da década de 1930. A escola libertária como nos apresenta Ghiraldelli, (2001), nos mostra um modelo de escola que poderia conceber os estudantes e conseqüentemente os "bons alunos" de maneira diferente, nos deixando evidente que a idéia de "bom aluno" não é um conceito monolítico, e que se formou através da ideologia educacional que se organizou nas escolas e nos grupos sociais envolvidos na vida destas instituições.

A Escola Nova foi um modelo pedagógico que teve muita força e importância na História da educação do Brasil, pois conseguiu produzir várias e profundas mudanças na "velha escola tradicional". Chegando ao Brasil após o término da primeira grande guerra, e com forte influência dos EUA, a Escola Nova tinha como princípios fundamentais a idéia da centralidade do aluno no processo de ensino-aprendizagem, a defesa de métodos ativos e trabalhos em grupo, a liberdade de interesse da criança que devia ser seguida e respeitada.

Os mais famosos e influentes defensores da Escola Nova no Brasil foram Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, mas o fato de serem todos defensores da Escola Nova e homens que de alguma forma integraram

cargos ligados ao poder, não quer dizer que tivessem o mesmo projeto de escola e educação.

A Escola Nova apesar de progressista no sentido de questionar os princípios da escola tradicional, se manteve elitista ao trabalhar com um conceito de educação que não poderia se expandido a toda a população devido aos recursos que exigia, e idealizar um modelo de aluno que seria possível apenas nas elites e classe média, como nos lembra Saviani, (1984. p.57): *"E surgiu a Escola Nova, que tornou possível, ao mesmo tempo, o aprimoramento do ensino destinado às elites e o rebaixamento do nível de ensino destinado às camadas populares."*

Desta forma a concepção pedagógica mudou, mas a representação do que seria um aluno desejável em nada se alterou; manteve-se elitista e excludente, não tolerando o contato com os jovens oriundos das camadas populares.

O processo de admissão dos alunos nos cursos de formação de docentes também era bastante elitista, e diante disso podemos supor que o imaginário a que estavam expostos os futuros docentes durante sua formação acabava os marcando durante toda a sua carreira. Assim a idéia sobre o que seria um aluno ideal acabava sendo a reprodução das idéias a que haviam sido submetidos. Expostos a critérios excludentes e bastante complicados de seleção, como provas de admissão, exames orais, etc, passam a reproduzir como naturais estes mesmos critérios ao olhar seus próprios alunos. Quanto às formas de seleção dos cursos de magistério Almeida ressalta:

> *Para a admissão na escola (normal) era exigida a verificação da idade, da saúde, da inteligência e personalidade dos candidatos, fato que demonstra a elitização do curso no período, nos rastros de uma política educacional bastante autoritária. Para as moças era necessário apresentar autorização do pai ou do marido no ato da matrícula. (ALMEIDA, 2005, p. 98)*

Sabemos que os processos sociais são muito mais complexos do que um simples jogo de espelhos que tudo reflete e reproduz, existindo sempre espaço para a crítica, subversão, burla e negação dos contextos a que somos inseridos, mas não podemos negar que a influência de ideologias e representações sociais nos seja importante referencial, e que existe a tendência a que de alguma forma acabemos reproduzindo ideais e valores que nos são impostos como naturais e

positivos. Neste caso consideramos importante o conceito de habitus de BOURDIEU, (1983, p.105):

> *... aquilo que se adquiriu, que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes. O habitus determina o estilo de vida, o gosto, a propensão e aptidão à apropriação de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificatórias, gerando princípios de visão, de divisão e gostos diferentes. Ele estabelece a distinção entre o que é bom e o que é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc. É o habitus, como estrutura estruturada e ao mesmo tempo estruturante, que integra, nas práticas e nas idéias, os esquemas práticos de construção oriundos da incorporação de estruturas sociais resultantes do trabalho histórico de gerações que se sucedem. Portanto, os habitus são princípios que geram práticas tão distintas e distintivas que fazem com que um mesmo comportamento ou um mesmo "bem" possa parecer distinto para um, pretensioso para outro e vulgar para um terceiro*.

Desta forma dotados de um imaginário que os classificava, é possível imaginar que os docentes, ao menos em certo grau, idealizassem alunos nos mesmos moldes a que foram submetidos. Pois como diria Bloch, (2002): *"Os homens são muito mais parecidos com suas épocas do que com seus pais".*

2.3 - Segunda república - a era Vargas – 1930-1945.

> *Os vencedores de 1930 preocuparam-se desde cedo com o problema da educação. Seu objetivo principal era o de formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada. As tentativas de reforma do ensino vinham desde a década de 1920. (...) a partir de 1930, as medidas tendentes a criar um sistema educativo e promover a educação tomaram outro sentido, partindo principalmente do centro para a periferia. Em resumo, a educação entrou no compasso geral da visão geral centralizadora. Um marco inicial deste propósito foi a criação do ministério da educação e saúde, em novembro de 1930. (...) na esfera do ensino secundário, tratava-se de começar a implantá-lo, pois até então, na maior parte do país, não passava de cursos preparatórios para ingresso nas escolas superiores. A reforma Campos estabeleceu definitivamente um currículo seriado, o ensino em dois ciclos, a freqüência obrigatória, a exigência do diploma de nível secundário para ingresso no ensino superior. A complexidade do currículo, a duração dos estudos, abrangendo o ciclo fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos, vincularam o ensino secundário ao objetivo de preparar novas elites.*" (FAUSTO, 1998, p. 338)

O trecho destacado de Boris Fausto nos indica que além da política, no campo da educação, o período também foi muito conturbado e marcado por profundas agitações devido aos diferentes projetos de país que se viam em choque. Estes modos diferentes de pensar na organização e futuro do país acabaram gerando propostas educacionais também distintas no período.

Acabada a revolução de 1930 o governo de Getulio Vargas se impõe o desafio de construir as bases para o fim dos regionalismos e formação da nação brasileira. Neste sentido as áreas da cultura e educação tiveram papéis muito importantes. A educação neste período passa a ganhar maior importância do ponto de vista do Estado, e se torna mesmo política de Estado, que se verificou em medidas concretas como a criação do Ministério da Educação cultura e saúde, responsável pela centralização das questões ligadas as áreas no país e que pode ser notada com maior nitidez em medidas com a reforma da educação. Vemos então um período onde caminham juntos medidas concretas no sentido de se planejar, financiar e mesmo expandir o sistema público de ensino e em contrapartida um projeto autoritário e centralizador de governo que via na educação um importante instrumento a serviço do regime como nos alerta Schwartzman, (1984, p.176)

> *"As experiências de construção nacional em processo na época, como o nazismo, o fascismo e o comunismo, tratavam a educação como o instrumento por excelência de fabricação de tipos ideais de homens que assegurassem a construção e a continuidade de tipos também ideais de nações. Assim a ação educativa era vista como um recurso de poder e, portanto, ardorosamente disputada".*

O autor ainda destaca uma afirmação do então secretário de educação e cultura do distrito federal da época Francisco Campos, para demonstrar como os intelectuais e responsáveis pela burocracia de estado ligados a área viam a educação como instrumento disciplinador da sociedade, como podemos verificar:

> *"Em dezembro de 1935, ao tomar posso do cargo de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, substituindo Anísio Teixeira, Francisco Campo fora enfático: "Chegamos a um estado em que no campo da educação é que as idéias trabalham pelo poder. A política de*

> *hoje é a política de educação. Nela, no seu campo de luta, é que se decidirão os destinos humanos"*[13]*, ele também compartilhava da crença na educação como instrumento de transmissão de valores que permitiam a homogeneização e disciplinamento dos homens e das sociedades."*

Desta forma o ministério de Gustavo Capanema implementou profundas reformas na educação brasileira em especial no ensino secundário, sem com isso deixar o caráter disciplinador tão constante na educação brasileira de lado. Assim o ensino secundário por ser a área de influência do governo federal passara por profundas reformas através da reforma do ensino secundário que se desenvolveu a partir de finais dos anos 1930, mas que se consolidou com mais força a partir da década de 1940, como nos mostra Schwartzman, (1984, p.189). O modelo elitista que garantia acesso a parcelas reduzidas da população ao ensino secundário apesar da expansão da rede também foi mantido através da obrigatoriedade de exames de admissão para ingresso em todos os níveis, freqüência obrigatória, regime de provas e reprovações, etc, como nos apresenta Schwartzman, (1984, p.187).

O ensino secundário recebeu atenção especial durante a era Vargas, e foi a área onde o ministério Capanema deixou suas marcas mais profundas. *"De todas as áreas do grande plano educacional, a educação secundária seria aquela em que o ministério Capanema deixaria sua marca mais profunda e duradoura."(SCHWARTZMAN, 1984, P.188).*

Se os princípios disciplinadores (base dos governos autoritários como o de Vargas) foram defendidos no sistema educacional, a seletividade do acesso correspondia a uma forma de conceber a sociedade dividida de acordo com as funções que caberiam a cada classe social e por isso elitista, como demonstra o autor:

> *A educação deveria servir ao desenvolvimento de habilidades e mentalidades de acordo com os diversos papéis atribuídos às diversas classes sociais ou categorias sociais. Teríamos assim, a educação superior, a educação secundária, a educação primária, a educação profissional e a educação feminina: uma educação destinada à elite da elite, outra educação para a elite urbana, uma outra para os jovens que comporiam o grande "exército de trabalhadores necessários à utilização da riqueza potencial da nação" e outra ainda para as mulheres. A educação deveria estar, antes de tudo, a serviço da nação..."* (SCHWARTZMAN, 1984, p.189)

[13] Francisco Campo. Discurso de posse de Secretário de Educação e Cultura do DF, Boletim de Educação Pública, Ano V, Julho-Dezembro, 1935.

Época de muitas contradições, este se por um lado foi um período de forte acirramento das disputas políticas, na área da educação verificamos uma expansão significativa da rede de escolas do país:

> *"(...)Um levantamento feito pela divisão de ensino secundário do ministério para 1939 mostrava que, dos 629 estabelecimentos em todo o país, 530 eram particulares. Quase um terço das escolas estavam no estado de São Paulo (196), que tinha também quase a metade de todas as escolas públicas do país (43 em um total de 99). (SCHWARTZMAN, 1984, p.190)*

Como legado do período Capanema teremos a expansão que ocorreu na área educacional no país, por exemplo saltamos de 417 cursos que atendiam a 66.420 alunos no ano de 1933, para 1282 cursos que atendiam a 256.664 alunos no ano de 1945, ou seja, em 12 anos vimos o número de cursos secundários praticamente triplicar e o número de estudantes atendidos crescer quatro vezes no período[14]. Sobre isso Schwartzman, (1984, p.261), nos diz: *"É fácil observar que a expansão educacional se deu com maior intensidade ao nível médio, e mais fortemente ainda nos cursos secundários propriamente ditos". (SCHWARTZMAN, 1984, p.261).*

Como legado também tivemos as mudanças ocorridas em quase todos os setores e em especial no ensino secundário, com a criação dos ginásios como podemos verificar:

> *"A reforma de 1942 consagra a divisão entre o ginásio, agora de quatro anos, e um segundo ciclo de três anos, com a opção entre o clássico e o científico. Ao fim de cada ciclo haveria um "exame de licença", "A principal marca da reforma do ensino secundário foi a ênfase posta no ensino humanístico de tipo clássico, em detrimento da formação mais técnica. Na conferência de 1937 feita no Colégio Pedro II, o ministro chamava a atenção para a necessidade de "acentuar o caráter cultural do ensino preparador da elite intelectual do país", "A escola secundária (...) deveria formar uma verdadeira "consciência patriótica" própria de "homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo.", "A reforma do ensino secundário de 1942 ficava em síntese caracterizada pela intenção de consolidar a escola secundária como principal instituição e, através dela, formar novas mentalidades, criar uma cultura nacional comum e disciplinar as gerações para garantir a continuidade da pátria. Através dela, também, esperava-se produzir uma nova elite para o país. Uma elite católica, masculina, de formação clássica e disciplina militar. A ela caberia a condução das massas e a ela estaria reservado o acesso ao ápice da pirâmide educacional." (SHWARTZMAN, 1984, p.192, 193, 194,202)*

[14] Tabela de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Anuário estatístico de 1949, p.480. in (SCHWARTZMAN, 1984, p.189).

As propostas de educação nacional ecoavam os interesses de alguns grupos distintos como os – liberais – defensores de um modelo urbano industrial de país e signatários da Escola Nova, - Católicos – ligados aos integralistas e que devido à proximidade com idéias fascistas defendiam uma escola profundamente tradicional, - governistas – neutros do ponto de vista de propostas educacionais, se equilibravam de maneira pragmática entre os liberais e os católicos, de forma a se manterem prestigiados e com o domínio da situação. Neste sentido muitas vezes adotaram medidas que quando vistas num conjunto soam divergentes e contraditórias. Por fim temos a – ANL – e todos os grupos que se inseriam no seu campo de influência e que estavam ligados a projetos de educação que fossem relacionados aos trabalhadores e a defesa de uma escola cada vez mais democrática.

Ghiraldelli destaca a grande repercussão que o manifesto em defesa da escola nova teve no período, mobilizando o governo em alguns setores e causando a revolta dos setores ligados à igreja ao propor uma educação laica. O estado Varguista, como já o dissemos, se apoiou entre a força política católica e os avanços metodológicos da Escola Nova.

Mesmo com toda a força dos Escolanovistas, as propostas católicas que tinham forte apelo político e social também foram aprovadas, dando um caráter ambíguo à carta constitucional de 1934. Entre as propostas católicas aprovadas, destaca-se a aceitação de instituições privadas, do ensino religioso e da família como educadora reconhecida pelo estado, ou seja, se caminha para uma idéia de aluno com forte capital cultural e autônomo, típico das classes médias, sem no entanto abrir mão dos traços moralistas, autoritários e disciplinadores típicos das escolas tradicionais e dos regimes autoritários como foi o de Getúlio Vargas.

2.4 - O estado novo

Período marcado por forte caráter autoritário devido à própria forma como Vargas se manteve no poder, através de um golpe de estado, que sufocou o parlamento e as forças políticas nacionais. Momento de grande sentimento de intolerância com idéias que divergissem do chefe maior do país e que se apresenta de maneira mais clara nas perseguições que a polícia política da época – DEOPS – fazia contra os militantes do partido comunista, ANL, e sindicatos de trabalhadores[15], além do constante clima de vigilância e insegurança que se fazia sentir no momento[16]. Tais fatores se fizeram presentes nos caminhos tomados pelo governo no campo da educação.

A carta constitucional de 1937 recuou em muitos pontos contemplados na constituição de 1934, como a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário e estas medidas atingiram em cheio as camadas mais pobres da população, ainda marcadas pelo pouco acesso à escola.

O ensino foi estruturado e dividido em primário, ginásio e colegial. O ensino primário, apesar de receber a maior parcela da população, tinha um forte caráter elitista, pois barrava a maioria dos alunos com suas elevadas taxas de reprovação e evasão.

Mesmo os que conseguissem, através de esforços sobre-humanos, concluir esta modalidade de ensino, eram na maioria das vezes, barrados na etapa a seguir com os exames para admissão ao ginásio e colegial, claramente divididos entre modalidades para a elite e para os trabalhadores, ficando os primeiros nos cursos científicos que se destinavam a preparar para a faculdade, e os outros estudando nos cursos profissionalizantes, voltados para a formação dar força produtiva minimamente instruída.

Desta forma, é nítida a visão de que, aos estudantes pobres, o máximo que se projetava era uma atuação como profissional do mercado de trabalho. Sendo assim, era irrelevante o acesso à educação que lhes aproximasse da ciência e dos

---

[15] MOTTA, Rodrigo P. SA. *"Em guarda contra o perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva: 2002.
[16] CARNEIRO, M.L.T Livros proibidos, Idéias malditas. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

saberes humanistas ligados às artes e a cultura erudita pois, na concepção dos governantes tais saberes não lhes seriam úteis em nada. Tal concepção, além de fortemente elitista, nos aponta o caráter utilitarista, que por muito tempo, serviu de base para a formulação das políticas públicas educacionais brasileiras.

O Estado Novo foi marcado por grandes ambigüidades na política e também na área da educação, com medidas ligadas ora à Escola Nova ora à Pedagogia Tradicional; O modelo era extremante elitista e excludente e previa a formação de uma elite que agora tivesse como modelo de seleção o mérito e não mais o sangue aristocrata.

Do ponto de vista da administração, o governo realizou as reformas que julgou necessárias sempre de forma autoritária, refletindo o modo como lidava com a coisa pública. A forma clássica de legislar no período foi através das leis orgânicas promulgadas pelo ministro Capanema. Neste período foram criados também importantes órgãos ligados à educação brasileira como o SENAI, SENAC e INEP Ghiraldelli, (2001, p. 83).

Através das leis orgânicas foram criados os sistemas de ensino profissional e estes ficaram nas mãos dos empresários e de suas ideologias.

2.5 - *A quarta república*

O período compreendido entre os anos de 1946 e 1964 é um dos mais complexos, progressistas e promissores da História da educação brasileira. Com a abertura política ocorrida após a deposição de Vargas, muitas propostas no sentido de tentar especificamente da educação e das condições de trabalho dos profissionais, bem como da expansão do ensino público foram implementados no período.

Como na política, cultura e economia, a educação conheceu um momento de fortes debates, acaloradas disputas e grandes mudanças no período histórico conhecido como “Quarta República” e que está compreendido entre o ano que marca o final da primeira passagem de Vargas pelo poder e se estende até o

golpe militar em 31 de março de 1964 com os militares assumindo o poder, abortando a experiência de governo democrático de João Goulart, jogando o Brasil no sombrio período de nossa História chamado ditadura militar.

O clima mundial era de grande agitação, com a queda de Hitler, a força dos movimentos populares, a moda da liberdade e da democracia nos EUA, o sucesso do socialismo nos meios populares com os desfechos da guerra e o fortalecimento das disputas entre EUA e URSS como super-potências. As teses de esquerda foram retomadas pelo partido comunista assim que Vargas saiu do poder e o partido teve a oportunidade voltar à legalidade e tendo seus líderes saídos das masmorras em que haviam sido jogados por Vargas e sua polícia política[17].

Neste rico cenário surgiram importantes e inovadoras experiências na área educacional. De acordo com Ghiraldelli, (2001, p.109, 110) O Partido Comunista, pela primeira vez, se envolveu com cursos populares de alfabetização de adultos e cursos técnicos populares. Todos estes cursos eram gratuitos e serviam como forma de politizar as massas e iniciar o contato do partido com os movimentos de base.

A educação, antes vista como principalmente negativa, começa a ter espaço nas publicações e debates dos segmentos de esquerda, principalmente entre os comunistas. Apesar de terem muitas críticas ao pensamento de que a educação por si salvaria o Brasil, os deputados da bancada comunista encamparam a luta por melhores condições de ensino para o povo e para os professores.

Os comunistas diziam que: *"não se identificavam com aqueles que acreditavam na educação como chave para os problemas nacionais"... "Mas que esta sem dúvida era importante para erradicar o analfabetismo e elevar a cultura popular*" (GHIRALDELLI, 2001, p.108).

Durante o breve período de legalidade os militantes comunistas e seus parlamentares passaram a se preocupar com temas relativos à educação e as suas questões cotidianas. Tentavam de alguma forma atender aos clamores populares quanto à educação e, neste sentido, apresentaram diversas propostas práticas para melhorar as condições de educação, como no caso do distrito federal, através de Otavio Brandão e do Barão do Itararé.

---

[17] Destacamos o caso de Luis Carlos Prestes, mais famoso dentre as centenas de prisões ocorridas durante o governo Vargas.

Neste momento histórico, no qual o Brasil começava a consolidar sua nova condição de país majoritariamente urbano, já podemos notar claramente a tendência popular de ver na educação a possibilidade de ascensão social, elevação cultural e por isso teremos diversas vezes movimentos populares exigindo atendimento escolar às suas crianças.

O crescimento da rede de escolas preparatórias de professores foi citado por Almeida, (2005, p.100):

> *Em 1954 existiam 258 estabelecimentos de ensino normal em 122 diferentes cidades do Estado de São Paulo, sendo que na capital funcionavam 60 escolas normais, 9 delas estaduais e 51 particulares, não havendo participação do município na formação de professores.*

Isto confirma a força da ideologia da escola como redentora da sociedade e como forma de superar as desigualdades sociais. Quanto a este aspecto a autora nos diz:

> *O desenvolvimento econômico no período pós-Estado Novo estratificou uma sociedade que tinha num extremo a classe alta representada pela oligarquia agrário-comercial e a burguesia industrial; no extremo oposto situava-se a classe trabalhadora. Entre ambas, a classe média formada por profissionais liberais e funcionários públicos. Para o ingresso nessas profissões desempenhadas pelos segmentos médios, a escola constitui o principal, se não o único, patamar importante na busca de ascensão social e a educação escolarizada continua sendo via de acesso à participação efetiva a sociedade.(ALMEIDA, 2005, p.100)*

É neste contexto social, de expansão da rede de ensino para a formação de professores, e da rede de ensino secundária e primária como explica Sposito, (1984), ligada ao crescimento econômico e a forte idéia de ascensão social via escola, que foi fundada a escola que iremos analisar em nossas pesquisas, escola foi fundada no ano de 1957 e iremos denominar Escola Alfa.

Portanto, podemos verificar que o ensino secundário durante boa parte de sua História foi responsável por formar os professores regentes do ensino primário e, servia como via de acesso ao médio, possibilitando ingressar em um curso de graduação e assim se tornar um profissional liberal. Ao povo, não restavam muitas opções e vagas que permitissem ir além do ensino primário.

Diante desta situação o imaginário popular se forjou com a idéia de que aos pobres não cabia ensino além do primário. E por isso, estes deveriam ter direito ao ensino secundário, apenas no caso de serem aprovados nos exames de admissão, o qual em tese lhes conferia o nível intelectual necessário para cursar tal nível de estudos, e lhes dava a priori a condição de "bons alunos".

Diversas obras já demonstraram que os exames de admissão representavam um gargalo que mantinha a maior parte da população longe das escolas secundárias[18], o que no nosso entender colaborou também para a cristalização de um imaginário que via os alunos de famílias com melhores condições econômicas como mais capazes e por isso destinados ao ensino secundário e níveis mais avançados da educação.

Tais idéias são relevantes, pois merecem análise quando tentamos entender as relações existentes entre a chegada das camadas populares ao ensino secundário e o conseqüente discurso da falência e fracasso das escolas públicas. Tais discursos sobre o fracasso podem ser verificados nas constantes reclamações dos docentes sobre a péssima qualidade dos alunos atuais e a ausência de "bons alunos" nas escolas de hoje em dia. O longo histórico de elitismo do ensino secundário pode ter alguma relação com a imagem profundamente negativa que existe a respeito dos alunos e do ensino atualmente.

Com a "abertura" do ensino secundário na década de 1970 através do fim das provas de admissão as idéias sobre o caráter redentor da educação (ou ao menos do ensino secundário) começaram a cair por terra. Outro fator que colaborou com tal processo foram as primeiras idéias sobre a educação que se dispunham a demonstrar o seu caráter reprodutor de desigualdades. De acordo com Almeida:

> *Caem assim por terra as teses do liberalismo gestadas na primeira república de a escola ser a via de ascensão social, e a educação não é mais vista como único meio de transformação da sociedade.(ALMEIDA, 2005, p.104)*

[18] Citamos como exemplo destes trabalhos o estudo de SPOSITO, Marilia. O Povo vai à Escola. Ed.Loyola, São Paulo, 1984.

Quando tentamos analisar o caráter elitista do ensino secundário no Brasil, o estudo de Clarice Nunes faz referência à existência de um imaginário saudosista dos antigos colégios de ensino secundário que muito colaboraram com a formação do conceito de aluno ideal e considerado "bom aluno". Seu estudo é importante, pois trata exatamente do tipo de colégio que os professores da escola analisada dizem sentir muita falta, e se relacionam com um modelo de instituição que a escola Alfa havia sido no seu passado. Sobre o assunto Nunes nos diz:

> *Alguns dos trabalhos produzidos na década de 1990 procuram resgatar as lembranças de quem o freqüentou (Ensino Secundário). Nela, ele ainda aparece referido a um ginásio do qual se tem saudade, uma escola de qualidade, sobretudo pela sua excelência acadêmica. Os relatos apaixonados dos antigos adolescentes dos anos 1950, 1960 sobre o "bom" e "velho" ginásio dos anos dourados.(NUNES,2000, p.35,36)*

Foram nestes ginásios que nossos professores atuais foram formados, ou ao menos onde os professores que os formaram estudaram. É desta escola que dizem sentir tanta falta e saudade, foram nestas escolas ou no mínimo em instituições muito parecidas com estas que decidiram se tornar docentes. Eram nelas que gostariam de lecionar, o que colabora e muito para que tenham concepções anacrônicas sobre a educação e os alunos. E são a estas escolas que se referem, ao comparar e diagnosticar o fracasso e as mazelas das escolas públicas atuais.

No inicio da década de 1960 o contexto político continuava repleto de debates e propostas. Muitos conflitos foram gerados pela criação da LDBEN no ano de 1961. Foi intensa a luta entre os diversos setores da esquerda que se uniram pelo movimento de defesa e valorização da escola pública e seus opositores ligados aos setores privados e à Igreja. O setor privado se escorava nas falas da Igreja que interessada em manter seu poder sobre a educação, defendia as escolas privadas e a família como tendo prerrogativa em relação ao Estado quanto à educação.

A aprovação da LDBEN cheia de emendas foi considerada uma grade derrota para os movimentos populares e a assinatura da lei pelo presidente João Goulart que era ligado aos mesmos movimentos, foi vista como séria traição às

idéias defendidas pelos diversos segmentos populares. Principalmente por deixar a questão do financiamento público também para as escolas privadas.

Desta ruptura entre movimentos sociais e João Goulart, das disputas entre os setores da burguesia pela divisão dos lucros e condução do processo de industrialização do país surgem as crises políticas que culminariam com o enfraquecimento político do Presidente e posteriormente com a sua deposição via golpe militar.

Durante este período tivemos grandes movimentos populares que se relacionaram com a educação, as JEC (juventude estudantil católica) e JUC (juventude universitária católica), as experiências de educação popular quase que apartados do Estado como os CCPs (centros de cultura popular) , criados pela UNE, esquerda cristã e sindicatos, são apenas algumas das muitas mudanças ocorridas no período.

Apesar de neste período iniciarem-se as críticas à Escola Nova, esta conheceu na época um momento de grande fortalecimento. Por fim, surgem com força novamente as pedagogias libertárias que temos como símbolo maior às primeiras experiências e propostas de Paulo Freire[19]. No âmbito estatal o período também teve alguns avanços no sentido de ampliação do público atendido e mudanças nas diretrizes educacionais durante os governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart.

Vale destacar como nos lembra Nunes que:

> *O que denominamos ensino secundário (na época) corresponde ao segundo segmento do ensino fundamental (hoje em dia). No entanto, questões a ele referidas nesse passado, não tão distante, reaparecem com força projetadas no atual nível de ensino médio. (NUNES, 2000, p.36)*

Porém entendemos que, se por um lado muitos dos problemas do antigo ensino secundário se refletem hoje no ensino médio, por outro, algumas das questões que faziam os educadores refletir sobre o ensino secundário, hoje em

[19] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. É um bom exemplo das pedagogias libertarias que começavam a ganhar impulso no período em questão.

dia também se abatem sobre o segundo ciclo do ensino fundamental – como a negação dos professores especialistas em ver possibilidades de aprendizado das crianças que durante décadas estiveram fora da escola, fosse pela falta de vagas, condições de acesso e permanência, ou pelas famosas provas de admissão, fatores que durante muitos anos fizeram do ensino secundário lócus dos alunos de camadas sociais de melhores condições financeiras.

Outro problema que verificamos nesta modalidade de ensino é que, devido a diversos fatores, entre estes a tradição elitista de nossa escola e o sistema de "progressão continuada" implantada há uma década, gerou-se um processo de "primarização" do segundo ciclo do ensino fundamental, que aos poucos vai perdendo sua História de humanismo e acesso ao conhecimento científico para se tornar uma continuação do ensino primário e o mais preocupante, pensada de maneira desligada do ensino médio, como temos verificado.

2.6 - O golpe e a ditadura militar – 1964 -1985

Iniciado o período conhecido como *anos de chumbo*, todo o clima político, cultural e também educacional modifica-se, não eram mais aceitos debates sobre o tema. Os generais se tornaram senhores absolutos na condução dos rumos do país em todas as áreas e também na educação. A perseguição a diversos pensadores que se atreviam a dar sugestões ou divergir do governo no âmbito educacional se tornou regra. Exemplo maior disso foram os exílios de muitos professores, as demissões em massa ocorridas na UNB, e a perseguição e exílio de Paulo Freire.

O regime militar uma vez no poder assume um tom autoritário. A partir daí a educação brasileira será fortemente marcada pelo tecnicismo que coloca nos métodos de ensino a centralidade da educação, reduzindo assim, a importância e o papel de professores e alunos no processo. Um forte ideal de centralização que visava moldar o ensino aos desejos de propaganda do regime, censura às críticas

e cerceamento das liberdades, marcou toda a estrutura educacional do país neste período.

O modelo educacional dos militares teve cunho mercantilista e voltou a educação para a formação profissional, com a expansão da educação em geral e para o trabalho em particular, culminando com a exigência de que todos os cursos secundários fossem profissionalizantes. Determinação essa que era burlada pelas escolas privadas, que seguiam formando para o ingresso nas universidades, mas, que era rigidamente seguida pelas escolas públicas, na maioria das vezes sem a mínima assistência, estrutura, e mesmo sem equipamentos e profissionais habilitados para ministrarem tais cursos, o que denotou redução drástica na qualidade, do antes já deficiente ensino brasileiro. Como explica Ghiraldelli, (2001, p. 170)

Outros fatores importantes do período da ditadura para a educação e que tiveram reflexos sombrios de acordo com Ghiraldelli, (2001, p. 170, 171,172) foram:

- Perda da autonomia das universidades, somada ao processo de valorização apenas de áreas ligadas às ciências exatas e tecnológicas, ou seja, deixando campos ligados à educação de lado.
- Grandes recuos na educação básica com números assustadores de evasão, analfabetismo e repetência que conseguiam ser maiores do que os dos anos anteriores, que já eram elevadíssimos.
- Um forte clima de controle, repressão e autoritarismo, passou a marcar as relações sociais e estas também influenciaram a escola e as relações ocorridas em seu interior, através da doutrina de segurança nacional.
- Forte repressão aos movimentos sociais ligados à educação popular.
- Neste período também tivemos a “aprovação” de importantes leis que regiam a educação nacional.
- O surgimento de projetos educacionais que se tornaram famosos pelo caráter tecnocrático como o MOBRAL.

A teoria pedagógica oficial era o tecnicismo como afirma Saviani, (1998, p.39). Mas esta foi obrigada a conviver com críticas, e com o passar do tempo sofreu duros ataques de diferentes formas de pensar a educação. Entre as principais teorias que conviveram, ainda que de forma tensa e muitas vezes ilegal com o tecnicismo dos militares, vale destacar: a Escola Nova e o pensamento de Jean Piaget; as teorias não diretivas com Skiner e Rogers; a Escola Nova popular de Paulo Freire e Freinet; as teorias críticas reprodutivistas que questionavam o modelo ideológico predominante nas escolas brasileiras e que tinham seus principais teóricos em Passeron e Bourdieu.

Com a crise econômica os militares foram perdendo o apoio da elite e a sua popularidade junto ao povo e passaram por um processo de gradual enfraquecimento. Este processo culminou com o fim da obrigatoriedade do 2º grau profissionalizante que foi um dos atestados de falência do modelo de educação militar e apresentava-se como indício dos últimos atos dos militares no poder.

2.7 - O exame de admissão – seletividade, exclusão e o imaginário sobre os "bons alunos"

Um dos fatores fundamentais a serem levados em conta quando pensamos nas condições históricas que colaboraram para a formação do imaginário escolar sobre os "bons alunos" e na conseqüente disposição para destacar apenas o fracasso atual das escolas públicas foi o exame de admissão, verdadeira maratona de provas a que os estudantes se viam obrigados a enfrentar no desejo de ingressarem no ensino secundário como nos mostra Sposito, (1984, p.64,65):

> *O exame de Admissão foi por algumas décadas a linha divisória decisiva entre a escola primária e a escola secundária. Funcionou como um rito de passagem cercado de significados e simbolismos, carregado de conflitos para os adolescentes ainda incapazes de lidar com fracassos. Não menos importante que o exame de admissão eram o curso preparatório ao exame e o grande livro que, contendo todo o conteúdo a ser averiguado nas provas, era freneticamente manipulado pelos ansiosos estudantes. ...livros enormes e caros, cuja aquisição resultava em sacrifício para algumas famílias desejosas de matricular*

seus filhos no ginásio. O exame mobilizava os estudantes, seus pais e irmãos. Obter a aprovação nas provas tinha uma importância equivalente a aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior.

Era uma espécie de senha para a ascensão social.[...] Um dos problemas que agravava ainda mais o caráter seletivo do ensino secundário, nesses anos, residia nos exames de admissão: "cada escola secundária organizava os seus programas e não os divulgava, de modo que a população interessada não sabia se o nível de exigência das provas iria acompanhar o conteúdo desenvolvido na quarta série. Freqüentemente, no momento em que os alunos iam prestar os exames, verificava-se que o programa estabelecido era outro e o fracasso era completo, comprovado pelo número elevado de reprovações.

Muito pouco analisado pelas escolas e docentes, entendido como algo justo e natural, o exame de admissão fazia com que apenas um grupo seleto de alunos, normalmente oriundos de famílias com melhores condições financeiras, sonhassem o sonho do ensino secundário. Além da seleção econômica, os exames selecionavam os "ditos mais inteligentes" por haverem passado nas provas. Assim, aqueles com alguma dificuldade de aprendizado, já estariam a priori fora das escolas. Desta forma, a idéia de escolas repletas de "bons alunos" no passado, precisa ser re-pensada ou ao menos questionada sobre em que condições possibilitava-se tais situações. Saviani e Aquino indicam caminhos interessantes no sentido de uma reflexão sobre a escola pública de tempos pretéritos.

É muito comum nos reportarmos à escola de nossa infância com reverência, admiração, nostalgia. Pois bem, na verdade, essa escola anterior aos anos 70 era uma escola para poucos, muito poucos. Uma escola elitista, portanto. Exclusão, pois, é um processo que já estava lá, nessa escola de antigamente, hoje tão idealizada. Eram elas escolas militares ou religiosas, e algumas poucas leigas, que atendiam uma parcela muito reduzida da população. Perguntemo-nos, por exemplo, se ambos nossos pais tiveram escolaridade completa de oito anos. Lembremo-nos então de nossos avós, se eles sequer chegaram a freqüentar escolas! Quanto mais recuarmos no tempo, mais veremos como escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social.(AQUINO, 1998)

Essa homogeneização do ensino possibilitava um melhor rendimento escolar, mas, em contrapartida, essa forma de organização conduzia, também, a mais refinados mecanismos de seleção, com altos padrões de exigência escolar, determinando inúmeras e desnecessárias barreiras à continuidade do processo educativo, o que acarretava

> *aumento da repetência nas primeiras séries do curso. No fundo era uma escola mais eficiente para o objetivo de seleção e formação das elites. A questão da educação das massas populares ainda não se colocava (SAVIANI, 2006, p.30)*

Com base nessas informações, podemos concluir que até meados da década de 1960 a grande maioria dos alunos do ensino fundamental II (antigo Ginásio) era composta em sua maioria por jovens com famílias em condições de arcar com as despesas advindas dos estudos dos filhos, graças aos cursos preparatórios, compra dos livros que serviam de base para as provas etc.

Tal modelo de educação, fortemente excludente é ainda hoje lembrado com saudades por professores, e de acordo com as respostas dos professores sobre suas épocas de estudantes têm influência decisiva na constituição / consolidação do imaginário sobre o que seria uma escola ideal bem como, quem seriam os *alunos ideais*. Em outras palavras, o que seriam "boas escolas" e "bons alunos".

2.8 - A abertura do ensino ginasial como processo de luta popular: desafios, conquistas e resistências.

> *No intervalo entre o Estado Novo e o Regime Militar de 1964 a pressão das populações urbanas, sobretudo das classes médias e operárias, em torno dos líderes políticos obrigava-os a institucionalizar os movimentos reivindicatórios mediante a educação escolarizada, transformando a abertura de ginásios públicos em bandeira de luta nas câmaras estaduais e municipais (NUNES, 2000, p.41).*

Se por um lado verificamos uma expansão da rede de atendimento do ensino secundário, com possibilidades maiores de acesso de camadas da população aos ginásios, por outro as escolas resistiram fortemente a esta "expansão" do acesso ao ensino secundário, como se pode verificar nos estudos de Nunes:

> *A expansão do ensino secundário favorecendo a iniciativa privada convivia com um sério problema: o da eliminação e do retardamento do*

> *aluno no sistema regular de ensino. Os índices de retenção e evasão escolar permaneceram elevados nas gerações de brasileiros que se sucederam de três em três anos a partir de 1942. Variavam em torno de 80%. Logo, apenas 20%, ou menos, dos estudantes que ingressavam nos cursos secundários conseguiam completar seus estudos, sem retardamento, e sair dos ginásios realizando exames vestibulares com sucesso. (NUNES, 2000. p.47)*

Neste processo de lutas populares pelo direito de verem seus filhos nas escolas, medidas políticas ora autoritárias, ora populistas, iam criando, ainda que de forma insuficiente, mais vagas e escolas. Este movimento que possibilitava o acesso cada vez maior de cidadãos às escolas não se dava sem resistências. A dureza dos exames de admissão, as elevada taxas de evasão e reprovação, o autoritarismo e produção do fracasso escolar foram algumas das formas de resistência do sistema escolar ao movimento de "democratização" que estava ocorrendo nas escolas.

Fosse pela necessidade do governo militar de "doutrinar" ideologicamente a população; pelo interesse das grandes corporações capitalistas em trabalhadores mais escolarizados; ou pelo resultado das pressões populares que desejavam mais escolas com o desejo de garantir ascensão social, notamos que apesar das resistências ocorridas em nossa sociedade e conseqüentemente no sistema educacional, também ocorreram rupturas e mudanças na educação brasileira, pois o cenário político vinha se alterando e a lei 5.892 de 1971, acabou reformulando o quadro educacional como Nunes destaca:

> *A Lei 5.892 de 1971 reformularia o ensino de primeiro e segundo graus no país. O aumento no nível de escolaridade do trabalhador definiu o objetivo desse ensino que, além da cultura geral básica, incluía uma educação para o trabalho. O primeiro ciclo do ensino secundário seria definitivamente incorporado ao ensino de primeiro grau que, dessa forma, ampliava a obrigatoriedade escolar para 8 anos na faixa etária dos 7 aos 14 anos. Estavam abolidos os exames de admissão. (NUNES, 2000. p.58)*

Todas estas redes de manutenção e mudança, abertura e exclusão, cooptação e resistência, contribuíram para o quadro de modificação por que passou o ensino secundário brasileiro. Entendemos que a análise deste seja muito importante para a devida compreensão das questões tratadas no referido projeto

de pesquisa Qual é o imaginário das escolas públicas sobre os “bons alunos”? Qual a implicação deste imaginário na construção de imaginários sociais que fazem das escolas públicas locais famosas apenas pelos seus pontos negativos e ligados ao fracasso educacional como violência, pouca qualidade, indisciplina etc. E qual a relação entre este imaginário e o longo percurso histórico do ensino secundário brasileiro? São tais questões que tentamos ajudar a responder neste estudo.

2.9 - Escola elitista e pressão popular

Se é fato constatado pelo trabalho com a bibliografia que um dos pontos marcantes da educação brasileira no século XX foi seu caráter elitista, é necessário que levemos em conta que apesar de elitista a escola pouco a pouco foi se vendo impelida a receber parcelas cada vez maiores da população. Marilia Sposito confirmando o elitismo do sistema educacional aponta: *A escola secundária brasileira, desde suas origens, constitui um tipo de ensino destinado a formação de minorias... (SPOSITO, 1984, p.13)*

Porém em seu livro *“O povo vai à escola”* a autora propõe uma análise que verifique o papel do clamor popular pelo acesso ao direito de estudar, na ainda que lenta e gradual expansão da rede de ensino, na cidade de São Paulo.

Os estudos de Sposito, (1984, p.80) indicam que a tradicional escola paulista surgida no século XIX começou a ter um movimento de ampliação do número de estudantes por volta da década de 1940. Este movimento de busca da rede pública de ensino por parcelas cada vez mais amplas da população, ocasionada pelas mudanças socioeconômicas pelas quais o país passava, gerou um jogo de ampliação e resistência por parte das escolas, na tarefa de aceitar setores populares, que antes estavam alijados da escola, os quais as escolas não estavam acostumadas a ver no interior de seus prédios.

Segundo Sposito esta expansão do acesso não pode ser tratada como normalmente é feita, como algo desligado da sociedade, pois foi fruto da demanda popular e das pressões que fizeram sobre os governantes. É importante destacar

que na busca de “atender” seus *currais eleitorais* os governantes populistas atendiam o desejo do povo de ver garantido aos seus filhos o acesso às escolas. Mesmo que fizessem isso, muitas vezes de maneira irresponsável e sem mínima estrutura e planejamento, com a expansão da rede de ensino causando queda da qualidade educacional. No anseio por abrir mais vagas, sem fazer grandes investimentos, o Governo do Estado, apelava para artifícios como escolas com salas superlotadas, professores mal preparados e mal remunerados, muitos turnos de aula numa mesma escola, o que causava a redução do número de horas de estudo diário etc. Sobre tal fato Sposito nos diz: *A necessidade de torná-las cada vez mais uma escola destinada a toda a população, mesmo com o sacrifício do nível dos estudos.* (Apud, SPOSITO, 1984, p.34)

A tese da autora ao propor que a pressão popular por direito ao estudo colaborou com a expansão da rede de ensino, vai no sentido oposto ao senso comum, que atribui pouco interesse popular pela escola.

Tal idéia será fundamental quando da análise dos dados obtidos na pesquisa, pois em nossas conversas informais, este é um argumento normalmente citado pelos docentes para se referir aos “bons alunos”. Quanto à luta das famílias pobres para garantir o acesso de suas crianças à escola, o engenheiro *Amadei* da comissão executiva de educação em 1948, ao visitar os bairros carentes da cidade relata o que viu.

> *É inenarrável o que vimos: Crianças em porões, em garagens, em salas acanhadas comportando normalmente apenas a terça parte dos alunos nela amontoados, salas de prédios novos com a lotação quase dobrada, três, quatro, e até seis períodos de aulas, ausência de ar e de luz, e de pátios de recreação, ambientes de ar viciado, muitas vezes uma só instalação sanitária para centenas de crianças de ambos os sexos, água de poços abertas junto a fossas negras, carteiras de caixão de querosene ou de cebola, bancos de tábuas apoiadas sobre pilhas de tijolos, médicos atendendo crianças na rua. Dezenas de milhares de crianças mal nutridas, percorrendo às vezes distâncias enormes, de alguns quilômetros, para serem alojadas em pardieiros, necessitando as vezes trazer consigo um vidro de água para matar a sede, alimentadas e vestidas muitas com os minguados recursos da caixa escolar socorrida com as contribuições de professores e particulares.* (Apud, SPOSITO, 1984, p.36, 37)

Tal situação de coisas nos faz pensar sobre as condições que eram oferecidas a estas crianças pelo poder público e questionar mais uma vez as tantas

saudades que autoridades, docentes e diretoras dizem sentir do “bom e velho ensino do passado” relatado a cada conversa com profissionais da educação. Esta visão é muito mais fruto de um reflexo das concepções ideológicas elitistas em que foram formados, do que a realidade, como tentam nos fazer supor.

Como bem destaca a Sposito, por muito tempo o ensino secundário sequer foi pensado pelas autoridades como algo de direito e interesse da população. *Até 1930, dominou, na administração escolar e nos meios pedagógicos primários, o princípio segundo o qual a educação secundária, que é luxo aristocrático, deve ser abandonada pelo Estado a iniciativa particular.* (SPOSITO, 1984, p.43)

Mas quando atender as necessidades da população passou a render benefícios políticos como votações expressivas, esta passou a ser “vendida” como caridade e preocupação do governante populista com o povo.

Exemplo maior disso foi o governo de Jânio Quadros, que trabalhou fortemente na ampliação do número de vagas no ensino secundário. Mas isso obviamente no biênio 1957-1958 que antecedeu as campanhas e eleições presidenciais que o fizeram derrotar o aliado de Juscelino Kubitschek e o tornaram presidente da república.

2.10 - A idéia sobre os “bons alunos” e o movimento de resistência à expansão do ensino secundário.

> *“O processo de abertura de novas unidades escolares provocou, de imediato, repercussões desfavoráveis e tentativas de resistência empreendidas por setores significativos da sociedade em São Paulo.* (SPOSITO, 1984, p.97)*”*

Como podemos notar pela exposição de Sposito, o processo de ingresso de setores populares, ainda que oriundos da classe média nas escolas, não se deu sem resistências, conflitos e debates acalorados. Como destaca a autora, setores dos poderes executivo e legislativo, e da imprensa reagiram negativamente à idéia de terem uma democratização do ensino secundário. Deste fato, podemos constatar que a idéia de crise na escola pública brasileira, tão falada e repetida em tempos atuais, não é algo novo e muito menos exclusivo das escolas dos anos

1990 / 2000. O discurso da crise era utilizado desde que as primeiras levas de pessoas oriundas de camadas menos favorecidas adentraram nos colégios brasileiros.

É Interessante notar que aquela escola de que tanto se fala hoje em dia, como a *saudosa escola pública de qualidade,* já era vista pelas elites que eram suas contemporâneas como instituições decadentes.

Outro ponto deste movimento de resistência à ampliação do ensino, é que se imprensa e governos, reagiram ferozmente à idéia de filhos das classes trabalhadoras botarem seus pés nas escolas secundárias, que antes deveriam formar apenas as elites dirigentes, as escolas também tiveram seu papel nesta resistência, através da produção de um desastre social causado pelo número de reprovações e alunos evadidos da escola primária, chegando-se a ponto de termos a maioria dos estudantes brasileiros matriculados na primeira série do ensino primário, como podemos verificar em Patto, (2000), o que servia para manter a classe trabalhadora longe do ensino secundário.

A outra estratégia de manutenção da situação eram os já citados exames admissionais que, "peneirando os melhores", tratava de evitar que algum "estranho" *entrasse onde não devia*.

Um dos argumentos usados para garantir a exclusão nas escolas, era o de que esta se destinava apenas aos "bons alunos", como destacavam os jornais da época.

> *As escolas elementares servem a todos, indistintamente, até mesmo aos anormais, por intermédio de estabelecimentos especialmente organizados para este fim. Ao contrário, a escola média é destinada aos que possuem capacidade para estudos mais elevados e os diversos tipos de estabelecimentos que a constituem devem atender à diretriz fundamental que separa as unidades escolares entre as que preparam para a universidade e aquelas que qualificam indivíduos para as profissões que exigem formação profissional adequada. Finalmente, as universidades existem para os que são superiormente dotados. O ensino é eminentemente um trabalho de seleção dos melhores. (O Estado de São Paulo, 30-6-1950)*

Tais concepções marcadas profundamente por uma forma de ver o mundo que antes de tudo pretendia excluir, foi o caldo ideológico no qual se formou o

imaginário de escolas e de seus envolvidos sobre o que definiria um “bom aluno”. Com este imaginário não é de estranhar que hoje em dia pouco se fale desses jovens no interior de uma escola pública, o que corrobora com a idéia de que repletos de “maus alunos” como se vêem atualmente, não restasse às escolas outro destino senão o fracasso.

Neste sentido ficamos pensando em como ficam as escolas de hoje, que ainda muito impregnadas de idéias elitistas estão por sorte “proibidas” de utilizar seus tradicionais recursos de exclusão, não tendo como recorrer aos exames seletivos e não podendo mais reprovar os estudantes, a não ser no final do ciclo II, devido a programas como o da Progressão Continuada e a pressão de governantes e gestores resultante dos “lucros” da qualidade total.

Uma de nossas hipóteses é a de que a exclusão se dá atualmente pela construção de um discurso que apregoa o fracasso total da escola pública. Assim ocorreria como que uma vingança. Os pobres entram na escola, mas a escola (usando o discurso do pouco preparo e empenho dos alunos) se nega de tal forma a ensinar-lhes e apregoa com tanta força a tese de seu próprio fracasso, que seus tão desejados diplomas passam a não ter valor algum, o que ataca em cheio o sonho de ascensão social dos trabalhadores ao procurarem as escolas. Ao invés da escola denunciar o engano que significa pensar na educação como redentora de todos os problemas da sociedade, e de como isso não passa de um engodo capitalista, faz o oposto, afirma que tal ascensão só é possível através de escolarização de qualidade, o que só é possível através das escolas particulares, que passam a se tornar sonho de consumo de pais e estudantes.

2.11 - As teorias pedagógicas e a formação do imaginário sobre os “bons alunos”

Se por um lado consideramos que a longa trajetória da História do Brasil e sua relação com a educação no âmbito das questões sociais, políticas e econômicas, foram muito importantes na configuração da idéia de “bom aluno” que se tem nas escolas públicas, por outro, entendemos que é preciso analisar a

História das idéias pedagógicas, pois estas tiveram importante impacto ao proporem o tipo de educação e conseqüentemente de escolas e alunos que se pretendia ter no interior dos estabelecimentos de ensino.

Assim faremos um balanço das principais idéias pedagógicas presentes na educação brasileira e suas ligações com o imaginário a respeito dos "bons alunos".

Durante praticamente todo o período colonial, o pensamento pedagógico brasileiro esteve ligado às idéias jesuíticas, e por isso eram fortemente marcadas pela ética e moral católica. Assim a educação no Brasil era pensada antes de tudo ligada à religiosidade. Devido ao enorme poder que a Companhia de Jesus teve na oferta propriamente dita de escolarização, - implantação dos colégios jesuítas e formulação do pensamento pedagógico, - a educação brasileira acabou fortemente influenciada pela forma católica de conceber a educação e a formação dos estudantes.

Com isso podemos notar que por mais de três séculos com a educação sendo tutelada pelos jesuítas, esta acabou fortemente marcada pela valorização das idéias de *disciplina, hierarquia, autoridade dos mestres, fé e respeito incondicional à ética católica*. Desta forma os estudantes eram muito mais almas a serem "salvas" do pecado, do que sujeitos que precisavam ter acesso ao conhecimento. O conhecimento por sua vez sendo algo pronto e verdadeiro, revelado por Deus, não poderia ser questionado, devendo apenas ser rigorosamente memorizado. O corpo era sempre fruto da desconfiança por poder levar ao "pecado", a mente devia ser "adestrada" para os pensamentos elevados e distantes da dúvida e da tentação.

Portanto, as escolas jesuítas ajudaram a formar um imaginário onde alunos considerados bons seriam aqueles capazes de seguir os preceitos de respeito a hierarquia, fossem disciplinados no controle de seus corpos, tanto em sua intimidade, como na maneira de sentarem-se imóveis e em total silêncio por longas horas num desconfortável banco escolar.

Os bons alunos deveriam ter também dedicação quase cega a tarefas difíceis, enfadonhas, e cruéis, de memorização e repetição a que eram submetidos.

E o principal, seriam estudantes ligados aos sentimentos de fé e respeito aos mestres.

Esta concepção de bom aluno fortemente ligada à idéia de disciplina, submissão e capacidade de memorizar e repetir permaneceram muito presentes no pensamento educacional do brasileiro. Se não na academia que a muito elaborou a crítica a este modelo de ensino, seguiram com muita força onde podem ser mais perigosas, nos gabinetes de diretores e nas salas de aula das escolas de nível fundamental e médio.

Com o início do período imperial, o pensamento educacional permaneceu fortemente influenciado pelas idéias católicas, mas agora o objetivo da educação além de "salvar almas" foi substituído pela proposta de educar cidadãos para o Estado, formando sujeito capazes de ocupar postos da burocracia do Estado Nacional recém criado.

Num país que era um império escravocrata e tinha no imperador a representação máxima do poder, os atributos que eram valorizados nos alunos não se alteraram muito em relação à educação jesuítica, com a disciplina sendo o grande objetivo a ser buscado, colaborando assim na formação de cidadãos obedientes e submissos ao imperador e demais lideres políticos. Não podemos esquecer que além da herança jesuítica, o fato do Brasil ter se formado com base numa sociedade escravocrata, também foi importante para o desenvolvimento de uma espécie de obsessão pela busca da disciplina, controle e obediência em nossa sociedade, que se difundiu também e através de nossas escolas.

Com o advento da República, a Constituição de 1891 tornou o ensino laico e a Igreja sofreu um duro golpe em sua hegemonia na educação. Mas a tradição elitista e autoritária da sociedade brasileira se manteve, e com isso o imaginário disciplinador, autoritário e moralista a respeito da educação permaneceu quase que intacto[20].

Além disso, a força das idéias positivistas também foi determinante na forma como se passou a pensar a educação. Dentre estas influências destacamos um

[20] Destacamos que apesar do advento do período republicano, a vida política brasileira seguiu fortemente influenciada pelos traços do autoritarismo, devido a política dos coronéis, voto de cabresto, marcas típicas de sistemas políticos onde os líderes locais possuíam muito poder.

grande apreço pela disciplina e pelos saberes enciclopédicos que, se tiravam da religião a primazia do processo de ensino, deixavam para a “ciência” (simbolizada pelas enciclopédias) o direito a ocupar o centro do processo de ensino.

Para analisar as principais idéias pedagógicas brasileiras durante o século XX (período em que a educação pouco a pouco se expandiu através das escolas públicas à camadas cada vez maiores da população), tentamos realizar um debate com as idéias de Saviani a respeito das principais idéias educacionais brasileiras e sua importância para o desenvolvimento do nosso tema.

De acordo com Saviani a educação brasileira se inicia com a idéia de que esta seria a redentora da humanidade e pautada nas teorias humanistas tradicionais que pretendendo redimir o Ser Humano através da escola, ajudam a disseminar a idéia de alunos que pela ação dos mestres (que os serviriam de exemplos) seriam levados a redenção, e que por sua vez tornariam a sociedade mais harmoniosa.

O aluno considerado bom era aquele que fosse disciplinado. Com algumas alterações, pudemos verificar através das respostas dos docentes que a pedagogia tradicional ainda é muito forte na Escola Alfa e talvez ainda seja a principal idéia pedagógica da instituição.

Para as teorias crítico reprodutivistas, que tiveram muita influência a partir da década de 1970, a escola é vista como um poderoso aparelho ideológico de estado e por isso divulgadora da ideologia burguesa, sendo a escola reprodutora da sociedade, de suas misérias, e co-responsável pelas desigualdades sociais. Para muitos teóricos desta corrente, por entenderem os conceitos de Bourdieu e Passeron de maneira mecanicista, não faria sentido o conceito de “bom aluno”, uma vez que estes são imaginados como os que mais facilmente aceitaram a doutrinação burguesa das escolas. Entretanto Saviani destaca que na educação brasileira, tal como se desenvolve nas escolas atuais, todas estas tendências pedagógicas diferentes conviveram simultaneamente e às vezes de forma contraditória, estando presentes na prática pedagógica de docentes e educadores em geral.

Como o autor nos alerta, nossos educadores são formados imbuídos pelo ideário da Escola Nova e assim imaginam achar escolas bem estruturadas e alunos interessados e dedicados aos estudos. Ao chegarem nas escolas públicas para trabalhar, encontram escolas sem condições mínimas, nenhum suporte pedagógico, salas super lotadas e alunos totalmente diferentes do que imaginavam. Entram em crise, se adaptam a pedagogia da escola tradicional, se colocam no centro do processo de ensino e como tal passam a trabalhar no sentido de terem alunos submetidos às suas pessoas, voltando ao centro a busca da tarefa disciplinadora, que exclui a maioria, com a cobrança de eficiência da pedagogia tradicional manifestada em seqüências burocráticas de planejamento e números relativos a aprovações que querem que estas escolas produzam o máximo com o mínimo de recurso Saviani, (1998, p.40,41).

Saviani, (1998, p.42), destaca ainda que os professores ainda enfrentam a acusação de que nas suas tentativas de educar estão reproduzindo a sociedade capitalista e desigual em que vivemos, tornando-se assim agentes da opressão. De vítimas passam a réus e se abate o pessimismo sobre os docentes.

Capítulo III:

A Escola Alfa – um estudo de caso

"Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa". (MARX, 2002)

Neste capítulo iremos realizar uma análise da História da escola pesquisada, da situação funcional e características de seu corpo docente e funcionários, bem como da estrutura física do prédio escolar. A partir destas descrições e análises pretendemos demonstrar as relações existentes entre os diversos fatores que compõem a constituição de um determinado imaginário sobre quem ou quais seriam os "bons alunos" aos olhos desta instituição.

É interessante como durante as pesquisas, análises e leitura da bibliografia, nosso olhar acabou se tornando atento para detalhes e questões que antes, enquanto professor preocupado com a rotina de aulas, horários, avaliações etc sequer passavam pela nossa cabeça. Não conseguia notar a ligação entre questões cotidianas, que achava normais, e suas relações com o processo de aprendizagem e funcionamento da escola.

Questões como a frase que fazia parte do *site* oficial da escola, e que por tempos passou despercebida aos nossos olhos, após o contato com as pesquisas foram ganhando importância, ao notarmos que se relacionavam de uma maneira muito mais profunda e complexa do que supúnhamos com o processo de ensino-aprendizagem e o imaginário sobre os "bons alunos". Destacamos a frase, pois entendemos que a mesma colabora para delimitar o quadro que impregna o pensamento da escola a respeito dos seus alunos: *"Cubatão é uma cidade migratória e por isso apresenta muita dificuldade de raciocínio lógico, leitura, redação e compreensão. Sendo muito variado os níveis de aprendizado."*[21]

[21] Frase extraída do Site oficial da escola, em 07 – de junho – de 2006. Depois de muita confusão, o site foi retirado do ar.

Portanto foi a partir das leituras de Penin, (1995), Patto, (2000) e Foucault, (2001), que pensamos nas relações existentes entre a arquitetura da escola, sua história, a história do município, a situação profissional e história formativa dos professores e o tipo de educação e convívio social que a instituição considera interessante, nos dando indícios do modelo de aluno que pretende formar e que considera ideal. Ou, para seguirmos a temática do projeto, o que a escola considera um "bom aluno".

3.1 - Descrição física – o prédio escolar[22]

A escola Alfa é uma grande escola da rede pública estadual da baixada santista, na verdade, a maior escola do município de Cubatão. Sua estrutura é composta por dois prédios muito diferentes entre si, e que na verdade, fazem com que se tenha a sensação de que temos duas escolas existindo com um único nome e num único terreno.

Esta divisão visual que é perceptível através dos contrastes dos prédios, um construído no final da década de 1950, e outro durante a década de 1970, transborda para outras esferas da escola. Podemos notar a existência de duas escolas bastante diferentes nas falas da direção, nas posturas dos docentes, nos horários diferentes de entrada e saída dos alunos, mas principalmente na maneira como a escola se organiza espacialmente.

A escola na verdade possuiu três prédios, que ficam dispostos de tal forma, que entre eles se forma um pequeno pátio livre onde os alunos deixam suas bicicletas, motocicletas, sentam durante os intervalos, tomam lanche e vão hávidos aos banheiros e às torneiras de água.

Os dois maiores prédios são também os mais novos, construídos durante a década de 1970, quando ocorreu à expansão do ensino na rede pública

[22] Relato baseado na observação diária da escola durante nossas atividades como docente da mesma.

estadual[23], ainda como reflexo das demandas populares por acesso a escola, e do término dos exames de admissão, que tornaram o ingresso no nível secundário menos difícil às camadas mais amplas da população.

O primeiro destes prédios foi construído na década de 1970 e não recebe alunos para as aulas diárias. Nele se localizam uma sala de vídeo e o refeitório no piso térreo, e após um complexo ritual de escadas e abertura de trancas, trincos e cadeados, em meio a várias portas de aço, temos acesso a uma ampla e espaçosa sala no segundo piso, que é tratada como a jóia da coroa, pois abriga o laboratório de informática da escola, com 15 microcomputadores novos, e algumas dezenas de equipamentos mais antigos e alguns sem condições de uso.

A sala de informática quase nunca é usada, seja por alunos ou professores, pois o seu acesso é dificultado ao máximo por funcionários e pela direção. Ainda que exista um discurso que divulgue a intenção em democratizar o espaço, na prática as trancas seguem fechadas e o acesso segue impedido.

Este primeiro prédio tem a circulação dos alunos restrita aos horários de lanche e a situações em que um ou outro professor reserva a sala de vídeo, ficando trancado nos demais momentos. Cabe destacar que se o acesso aos alunos do fundamental é restrito apenas aos horários de fazer refeições, aos alunos do ensino médio entrar neste prédio é totalmente proibido, pois estes não têm direito à merenda e fazem seus lanches na cantina da escola, que fica no pátio e cobra pelos mesmos.

Além disso, o prédio do ensino médio possui televisores que são deslocados para as salas de aula quando há a necessidade de alguma atividade com vídeo, com a declarada intenção de evitar que os alunos circulem pela escola. Assim sendo, em nenhuma hipótese, a não ser que façam sem serem vistos, os alunos do ensino médio podem entrar neste prédio. Desta primeira estratégia de gerenciamento do espaço, podemos constatar que a instituição enxerga os estudantes com certo receio, pois protege a todo custo o patrimônio do contato com o corpo discente. Diante disso, podemos inferir que a concepção de

[23] Para maiores aprofundamentos quanto ao tema da expansão da rede pública de ensino ver obras de Sposito, (1984), e Ghiraldelli, (2001), indicadas na bilbliografia.

bom aluno da escola *Alfa* esteja diretamente ligada ao uso do espaço, de acordo com as leis estabelecidas pela direção. Gloria, (2003, p.2), em seu trabalho com escolas de Minas Gerais relata uma situação parecida e que pode nos ajudar a refletir sobre o caso dos “bons alunos” quando diz:

> *Essa constante admoestação aos filhos, no sentido de que devem se esforçar, comportar-se, obedecer aos professores etc. parece refletir uma compreensão de que a escola não admite oposição às normas estabelecidas e determina que o conceito de "bom aluno" abarca também a assimilação de valores morais. Portanto, diante da improbabilidade de os filhos apresentarem um certo gosto pelos estudos, às famílias importa que o filho, pelo menos, se esforce e seja bem-comportado.*

O segundo edifício também é dos anos de 1970, chamado de *bloco B* na escola. Fica no canto oposto ao refeitório e serve como linha demarcadora do fim do pátio. Ainda que exista muito espaço atrás deste prédio (as quadras esportivas ficam atrás do mesmo) é completamente proibido aos alunos circularem por esta área sem o acompanhamento de um professor. E mesmo assim, apenas os docentes de educação física circulam nestas dependências. Os demais sabem de sua existência apenas por as verem pelas janelas gradeadas quando lecionam no bloco B.

O prédio segue o modelo das escolas estaduais típicas, uma longa construção retangular em forma de caixa de sapatos, com dois pavimentos ligados por escadas e separados por portas de aço presentes nas escadas. As portas permanecem fechadas durante as aulas, sendo abertas apenas na hora da entrada, saída e intervalos, evitando assim a circulação dos alunos pela escola.

A construção é formada por longos corredores, nos quais se distribuem, à direita e à esquerda, as salas de aula, ficando um inspetor responsável por cada pavimento e posicionado ao centro do corredor, ao lado das escadas, de forma que tenha total visão de qualquer tentativa de sair da sala de aula, o que é imediatamente percebido e reprimido.

Uma única porta de ferro ao centro do corredor térreo e em frente à escada permite a saída dos alunos do prédio, e esta obviamente fica constantemente fechada e vigiada por um inspetor atento, que dependo de suas necessidades

pode fechar a mesma por dentro ou por fora. Portanto, podemos notar que a característica principal deste bloco é a vigilância[24].

Apenas os alunos do ensino médio têm o "privilégio" de freqüentar as dependências deste bloco e de estudarem no mesmo! Sim na escola pesquisada, estudar e trabalhar no *bloco B* é um privilégio, e apesar de toda a vigilância e estrutura de penitenciária, todos sabem que são privilegiados por estarem neste bloco e valorizam ao máximo isso.

Como apenas os alunos do ensino médio estão no *bloco B,* o mesmo é considerado tranqüilo e por isso conta com laboratório de química e física (sempre fechados é verdade!). O Bloco B, possui ainda banheiros no segundo piso que possibilita aos alunos utilizarem os sanitários sem saírem ao pátio. No piso térreo temos uma biblioteca com um acervo razoável e que pode ser considerado bom para uma escola estadual. Tal acervo fica aberto aos alunos e conta com a presença de um professor readaptado[25] que organiza, cuida e gerencia a biblioteca. O piso térreo não conta com banheiros e os alunos precisam sair do prédio, caso desejem ir aos sanitários e para isso sofrem o constante controle dos inspetores.

A última estrutura interessante do bloco é a sala da coordenadora pedagógica, localizada perto da porta de saída, uma ampla sala que guarda todos os materiais didáticos da escola: mapas, livros, biblioteca pedagógica, filmes, cds, DVDs, retro-projetor, mimeografo etc. A sala é confortável, conta com poltronas estofadas e micro-ondas.

A distância do *bloco B* em relação aos demais prédios é comprovada pela existência de um interfone na sala da coordenadora pedagógica por onde esta se comunica com a diretora. Sinal da distância é também a presença dos inspetores com seus rádios comunicadores o tempo todo.

A sala da coordenadora conta ainda com computador e impressora, mas o que salta aos olhos são as portas duplas da sala, uma de madeira tradicional e

---

[24] FOUCAULT, Michel.*Vigiar e punir: nascimento da prisão* 24ª ed. Petrópolis:Vozes, 2001. p.

[25] Na rede pública estadual é comum termos professores readaptados de função, pois por razões de saúde ficam impossibilitados de voltarem para a sala de aula. Estes docentes geralmente são acometidos por doenças de ordem psiquiátrica com depressão, síndrome do pânico, etc. E nestas situações é corrente no Estado que fiquem responsáveis pelas bibliotecas das escolas.

outra com grades de ferro grossas que protegem o interior da sala de furtos segundo a própria coordenadora. O fato da coordenadora se trancar na sala com a porta de grade e um enorme cadeado mesmo em horários de aula, mesmo pela manhã, e com o prédio cheio de alunos, mostra uma certa desconfiança e a intenção declarada de manter os estudantes, ainda que do ensino médio, longe dali.

Mesmo assim este bloco é local de privilegiados; só os inspetores mais antigos têm o prazer de atuar neste bloco, que é sempre disputado como prêmio. Apenas os professores mais velhos e com mais pontos, que conseguem escolher aulas no ensino médio, têm direito a trabalhar neste bloco. Somente os alunos que conseguem furar as sucessivas barreiras impostas pelo ensino fundamental e atingem o ensino médio, podem sentar-se nas cadeiras do *bloco B*.

O privilégio se deve ao fato de todos considerarem o trabalho com os jovens do ensino médio mais tranqüilo e prazeroso, pois a indisciplina diminui muito quando comparada com a do ensino fundamental na ótica dos professores, e ainda tem a vantagem de ficar bem longe dos olhos e controle da diretora, que raramente freqüenta este espaço, pois a distância e as escadas, dificultam que esta saia de sua rotina burocrática e se encaminhe ao *bloco B*. Somado a isso o fato dos alunos serem mais velhos e os professores deste bloco mais antigos, os tornam menos indefesos aos gritos, mandos e desmandos da equipe gestora.

3.2 - Bloco A – o bloco do terror

Aqueles que terão seu ano letivo no *bloco A*, já sabem que muito stress os aguarda. Sejam alunos, docentes, inspetores e mesmo diretores, todos estão cientes de que a situação será sempre tensa. Exceção feita aos novatos que não conhecem o funcionamento da escola, mas, mesmo a estes, bastam poucas semanas para notarem que no *bloco A* as coisas são diferentes.

O *bloco A* é uma parte totalmente desligada da escola do ponto de vista arquitetônico. Ou melhor dizendo, o restante da escola é desligado do *bloco A*, pois foi através deste prédio que a escola se originou.

Construção dos anos de 1950, o prédio abriga oito salas de aula, que formaram inicialmente a Escola Alfa. Estas salas foram as responsáveis pela época áurea da instituição. Abrigavam alunos disciplinados da classe média e professores bem pagos e contentes com suas vidas profissionais[26]. Salas amplas e espaçosas, janelas altas e sem grades, pé direito amplo possibilitando ventilação.

Assim são as salas de aula que serviram como local de aprendizado para estudantes e professores da década de 1960 e que hoje representam o ponto máximo das mudanças ocorridas na escola nestas últimas cinco décadas, já que hoje, estas salas estão repletas de professores jovens e de alunos pobres, vindos dos bairros mais afastados da cidade, na sua maioria bairros que são frutos de invasões recentes e que são, no fundo, favelas.

Neste prédio ficam as salas destinadas ao ensino fundamental II (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries). O prédio possui três portas de saída, a primeira delas dá acesso ao antigo pátio da escola, hoje um estacionamento, e por isso completamente proibido à circulação dos alunos, sendo utilizado apenas pelos funcionários da escola. Como lembrança da visão que as crianças tinham quando brincavam no pátio na década de 1960, um grande mapa do Estado de São Paulo feito com pastilhas na parede da escola, deixando evidente o poder do estado logo na entrada do prédio, no mais antigo estilo culto à herança paulista.

Aos alunos sobram duas portas de saída. Uma das portas raramente é aberta aos estudantes, enquanto que a outra nunca é fechada. Uma das portas leva o pátio, aos bancos onde sentam e batem papo, onde correm e brincam, onde ficam os banheiros, a cantina, os bebedouros. Esta porta leva ao lugar de brincar, correr, brigar, falar alto, namorar etc. E como podemos imaginar permanece constantemente trancada, contando com a vigilância constante de um

[26] Tal constatação é possível através da conversa com Dona C. professora responsável pela biblioteca e que chegou na escola no ano de 1973 e descreve esta época como muito boa para se trabalhar, alunos muito interessados etc.

inspetor posicionado em frente à mesma. A porta apenas se abre em momentos exatos e por breves espaços de tempo, na entrada, na hora do intervalo e na saída. Ser encontrado circulando fora do b*loco A* é o suficiente para um áspero sermão.

A explicação para tanta vigilância é a tentativa de manter os "pequenos" longe do contato com as "péssimas influências" do ensino médio. Mas o estranho é que a porta fechada parece ser muito mais uma preocupação dos professores e funcionários do (*bloco B)* interessados em se verem livres da 'bagunça" das crianças do fundamental, do que uma demanda dos professores e alunos do (*bloco A)*.

A porta sempre aberta é detestada por todos, só é atravessada quando não resta alternativa. Do ponto de vista dos alunos esta porta estreita leva à secretária da escola sempre lhes cobrando documentos, à sala dos docentes, e à temida sala da diretora que reserva broncas, brigas, sermões, berros, livros de advertência e suspensão àqueles que chegam a sua sala. Mesmo os docentes evitam a sua sala o máximo que podem. Todos sabem que quanto menos freqüentarem a sala da diretora melhor serão suas vidas, pois cruzar a porta da autoridade máxima, normalmente, é sinal de sansões e cobranças, muitas vezes de maneira ríspida e autoritária.

Do ponto de vista dos docentes e gestores, cruzar a *porta* significa deixar a tranqüilidade do espaço de conversa dos adultos, deixar o mundo da burocracia, para adentrar no mundo dos alunos. E em tudo o que isso pode significar: trabalho, barulho, desordem, giz, pó, bagunça, e sobretudo pobreza, muita pobreza.

Fato interessante é que a escola é toda pintada de branco e azul, mas na sua área administrativa as cores mudam para bege e branco, dando a nítida sensação de que temos dois mundos. Um azul e barulhento, o outro em tons pastéis e que prima pelo silêncio. Desta forma a divisão transparece mesmo do ponto de vista visual.

Os professores que podem cruzam rapidamente o *bloco A* e desaparecem pela porta de acesso ao pátio, rumo às suas turmas no *bloco B*. Os alunos do

bloco B como entram pelo pátio novo, sequer entram no bloco das crianças. São vistos por este espaço apenas quando necessitam de documentos o que é raro, pois a escola tem guichê externo de atendimento ao público; ou quando cometem faltas graves.

Os alunos mais novos, mais pobres, aqueles que não conseguiram ainda ser aprovados, junto com inspetores mais jovens e professores menos experientes, estes terão que existir no *bloco A*. E neste espaço que desenvolvemos nossas pesquisas.

Todo o ensino fundamental fica neste lado mais antigo da escola. A explicação é simples e sempre alardeada pela direção e coordenação: *"como são mais novos, indisciplinados e arredios às normas, devem "gozar" da possibilidade de conviver a poucos metros da sala da direção"*[27].

É política declarada da diretora a idéia de buscar a garantia da disciplina tendo os *alunos-problema* próximos dela. Sob constante vigilância, o fluxo de alunos entrando e saindo de sua sala é intenso. Os berros são ouvidos a todo instante. Ainda que autoritária a diretora não se exime da responsabilidade de gerir a escola e nem se omite diante dos problemas. Ao contrário, normalmente os centraliza, pela sua personalidade forte e postura que inspira temores.

Professores e inspetores deste bloco estão sempre algo tensos, pois no fundo sabem que a direção circula pelas dependências do prédio e observa cuidadosamente suas condutas.

Todo este clima contrasta com o *bloco B*, menos abrasivo nas relações e no qual os gestores raramente vão, devido à distância e ao fato das questões burocráticas e disciplinares serem centralizadas no *bloco A*, o que a impede de se afastar de sua sala. Em resumo, parte-se da idéia a priori (e aqui não contestamos a experiência dos gestores!) de que o fundamental é mais problemático e por isso precisa ser vigiado de perto.

Mas sob um ponto de vista o ensino fundamental é realmente mais complicado de ser gerenciado. Neste nível os alunos são nitidamente mais

[27] Fala da vice diretora ao explicar o posicionamento das salas de aula, no primeiro dia letivo de 2007.

carentes, mais sujeitos às misérias sociais, dependem muito mais dos pais para irem a escola, moram em bairros mais pobres e distantes. É visível, como no ensino médio, os alunos ainda que pobres têm uma condição econômica um pouco melhor. Seja por que já podem trabalhar e assim aliviar a miséria vivida, com seus salários, seja porque os maiores dependem menos de outras pessoas para estudar, ou porque passaram pela seleção da escola, ocorrida no ensino fundamental. O que interessa é que a condição social inferior dos alunos do ensino fundamental é visível, mesmo aos observadores menos atentos.

A arquitetura do *bloco A*, também nos revela muito desta escola e nos possibilita inferir o modelo de aluno que historicamente se desejou formar no interior daquelas paredes.

Com formato quadrangular o *bloco A* se divide da seguinte forma: a frente do quadrado é a entrada administrativa da escola, usada apenas por funcionários e pais quando desejam algum documento na secretaria. No lado esquerdo do quadrado a antiga entrada e o pátio da escola, hoje transformado em estacionamento de veículos. Ao lado direito da face frontal do quadrado, o portão de entrada dos alunos que dá entrada ao pátio novo.

Tanto o pátio novo, como o estacionamento, terminam em portas laterais que após escada de cinco degraus (pois quando da sua fundação a região onde se localiza a escola era assolada por grandes e violentas enchentes) dão acesso aos corredores internos do prédio. Estes corredores levam às salas de aula.

Nos corredores das faces laterais do quadrado (esquerda e direita) ficam as salas de aula. No corredor frontal a porta de acesso à parte administrativa e sala da diretora. Neste corredor frontal ficam também as mesas dos inspetores controlando as portas de saída e a circulação de alunos, que ocorre nos corredores laterais onde estão as portas das salas de aula.

Fato interessante é que todos os corredores deste bloco possuem espelhos côncavos, destes encontrados em supermercados, através dos quais os inspetores controlam, pelo reflexo, a movimentação dos alunos. Este recurso possibilita que estando num corredor se tenha a visão do que se passa no outro, evitando deslocamentos “desnecessários”, pois ao menor sinal de aluno fora da

sala um grito de ordem é desferido prontamente. Tais espelhos também são usados pelos alunos para anteciparem-se às visitas da diretora sem serem "pegos" de surpresa.

Este prédio em modelo de pavilhão, que prima pelo controle e vigilância ainda reserva o ponto máximo de sua estrutura. Lembremos que nos anos de 1960, quando iniciava suas atividades, a escola se resumia a apenas este prédio. Construído em forma de solar – aberto ao sol – o prédio é uma estrutura quadrada, com a parte central interna livre. Cinco degraus e uma porta levam as crianças dos corredores internos a um pequeno pátio, com quatro bancos de concreto para as crianças, um em cada extremidade deste quadrado menor. O pátio é cercado em toda sua extensão por janelas de vidro, localizadas acima deste, que além de iluminarem os corredores internos, servirem a função de proporcionar aos inspetores visão privilegiada (de cima e de todos os ângulos) dos movimentos dos alunos. Hoje em dia este pátio foi inutilizado, com a porta fechada aos estudantes.Os professores relatam que, na época em que era usado, vez ou outra alguns alunos escapavam do pátio pelas aberturas laterais que davam acesso ao porão da escola[28].

Importa dizer que temos neste singelo e aparentemente bucólico prédio escolar, um exemplo importante do que Foucault, (2001), definiu como panóptico, que tem seu exemplo maior no pátio que permite vigiar de todos os ângulos.

Com esta estrutura física, fica a pergunta: qual seria o ideal de "Bom Aluno" desta escola atualmente e na época de sua fundação? A resposta que nos vem à mente é a de que quanto mais o estudante aceitasse e se sujeitasse à vigilância e menos cometesse atos que fossem (sejam) proibidos na escola, mais este aluno seria tido por "bom aluno". A partir da própria arquitetura da escola e de sua filosofia de organização, fica idéia de que quanto mais vigiado e controlado, melhor para alunos, professores e escola como um todo. Assim, quem mais se

[28] Informação obtida a partir de conversas com professores antigos a respeito da Escola Alfa em tempos passados, onde estes lembram esta época com muita alegria e saudades. Mesmo as artes dos alunos era (na definição dos professores) muito diferentes, pois não desrespeitavam os professores.

adaptasse às exigências do panóptico, melhor aluno seria. Mas a história desta escola ainda nos revela algumas de suas características.

3.3 - A escola e a cidade: suas histórias e a formação do imaginário sobre os "bons alunos"

A escola Alfa, localizada no município de Cubatão, é umas das oito escolas da rede estadual que junto com uma escola técnica federal, uma escola técnica do SENAI, duas escolas particulares e aproximadamente duas dezenas de escolas municipais compõem a rede de ensino da cidade, que conta com quarenta e quatro escolas.

A instituição de ensino pesquisada possui turmas estudando nos três períodos de aula (manhã, tarde e noite) e atende a alunos dos níveis fundamental II, médio e EJA (educação de jovens e adultos). E, com as demais escolas estaduais, forma a rede que oferece educação de ensino médio público.

A escola também oferece algumas salas de ensino fundamental II, pois apesar de, na cidade em questão, a grande maioria das vagas do ensino fundamental estarem disponíveis nas escolas municipais, como o município "não dá conta" de garantir o acesso a todos, a rede pública estadual oferece, em quase todas as suas escolas, vagas para o ensino fundamental II e ainda conta com uma escola que atende apenas alunos do Ensino fundamental I. Desta forma ainda que municipalizado, o ensino fundamental ainda não está completamente sob a responsabilidade da prefeitura.

A situação do ensino fundamental II na cidade é bastante complexa, pois as escolas da rede municipal gozam de uma imagem bastante positiva junto a população. Estas escolas são consideradas muito boas, devido a melhor estrutura, organização, condições físicas de seus prédios, e qualidade de ensino. Muitas das constatações sobre as escolas de Cubatão são feitas a partir das conversas com colegas de profissão que atuam nas mais variadas redes de ensino da cidade. Outras informações são utilizadas a partir de minha experiência enquanto

estudante das redes municipais, estadual e federal da cidade, onde iniciei e conclui minha formação na educação básica.

Junto aos docentes de toda a região a rede pública de Cubatão possui uma invejável reputação, e suas escolas têm excelente imagem, pois os salários e benefícios pagos aos professores são muito bons, quando comparados com os pagos pelo estado e demais redes municipais da região[29].

Outro fator fundamental para contribuir com a boa imagem das escolas da prefeitura é o fato de que, em sua rede, não vigora o sistema de progressão continuada[30]. Desta forma os alunos que no entender das escolas não atingem o rendimento considerado mínimo, são reprovados.

Tal situação, somada ao completo descrédito que a promoção automática tem na rede estadual e a forma irresponsável como tal sistema foi introduzido nas escolas do Estado de São Paulo, faz com que docentes, pais e mesmo alunos respeitem muito as escolas municipais que não possuem a progressão continuada. Podemos verificar esta resistência da comunidade aos sistemas de ciclos nas falas de alunos de outras escolas, como na pesquisa realizada por Dília Maria Andrade Glória:

> *A "resistência" à eliminação da reprovação nas escolas públicas tem sido abordada em pesquisas recentes,[2] que focalizam a questão especialmente do ponto de vista dos professores e demais profissionais da educação.*
>
> *No discurso dos alunos surge, a todo momento, a idéia de que a não-retenção escolar "é ruim" porque os tornaria menos interessados e irresponsáveis em relação aos estudos. Para esses alunos, com a eliminação do mecanismo de reprovação escolar "ninguém vai levar nada a sério", há aluno que "falta quase o ano todo", "se essa escola tem dois mil e tantos [alunos], se vê 40 interessado, é muito!". Enfim, com a "liberdade" dada, "ninguém quer estudar mais, sô! Ninguém preocupa mais não!". Como explica Maria:*
>
> *Ah, eu acho a Escola Plural ruim porque o aluno não tem como estudar. Estudar, tem. Mas ele pensa assim: "Ah, eu não vou tomar bomba*

[29] Vale destacar que a cidade de Cubatão, devido ao pólo industrial e ao fato de ser passagem obrigatória para o porto de Santos, a um dos municípios que possui das maiores arrecadações em impostos do Brasil, o que possibilita melhores condições de trabalho aos docentes, e de estrutura nas escolas. Mas isto não impede que a cidade seja das mais violentas do Estado de São Paulo e com maiores números de habitantes em favelas e palafitas.

[30] Não pretendemos analisar neste trabalho os muitos problemas decorrentes do sistema de progressão continuada, e muito menos do sistema de reprovação. Apenas nos reportamos a uma constatação oriunda do convívio enquanto docente, com pais, alunos e outros professores.

mesmo, vou deixar sem fazer!". Antigamente os alunos tinha mais esforço pra pensar: "Eu só vou passar se eu estudar!". Hoje em dia, não. Hoje em dia, aluno mata aula, não tá nem aí. Aluno num vai na escola, não tá nem aí... Então, fica assim, tudo por critério de escola mesmo. Passa se quiser! Ele indo ou num indo na escola, ele fazendo ou num fazendo prova, estudando ou não estudando, passa! (Maria Silva, 16 anos)"(GLORIA. 2003)

O simples fato de não possuírem progressão continuada faz com que as escolas da prefeitura sejam muito melhor avaliadas pela população, do que as instituições como a Escola Alfa, que são da rede estadual. Tal sinal é possível de ser notado nas falas de pais e professores, a todo tempo lembrando que este fator é o suficiente para preferirem o município ao estado. A visão negativa da progressão continuada também pode ser verificada nas falas dos alunos:*"Eu repeti 3 vezes professor no município, mas sei ler e escrever. Melhor que estes ai que não sabem nada, se fossem no municipal morriam na 1ª série".*[31]

3.4 - A clientela da Escola Alfa:

"Molecada sem futuro, eu já consigo ver,
só vão na escola pra comer,
apenas nada mais,
como é que vão aprender sem o incentivo de alguém, sem orgulho, sem respeito,sem saúde e sem paz." (Racionais MCs – Um Homem na Estrada – 1994)

A forma como muitas vezes se pensa nos jovens que diariamente chegam na Escola Alfa para estudar, difere pouco do relato do compositor citado acima. Um grave dilema se apresenta aos professores: como ajudar alunos oriundos dos segmentos sociais mais marginalizados da cidade, que sofrem todo tipo de injustiça social e que são obrigados a fazer "verdadeiras mágicas" para sobreviver e a tendência de devido às condições econômicas dos estudantes, passarmos a tratá-los como fadados ao fracasso, sem condições de aprender, e com isso

[31] Fala de aluno da 7ª série ao constatar sua boa nota na prova de História em comparação com o péssimo resultado dos demais alunos.

colaborando com a manutenção das desigualdades e das suas condições de oprimidos.

O ensino fundamental na rede estadual de Cubatão é marcado por alguns fatores interessantes que precisam ser destacados. Em primeiro lugar, a maioria das escolas municipais da cidade está localizada nos bairros mais antigos e por isso com melhor estrutura de urbanização.

Porém nos últimos vinte anos o município viveu e vive um violento processo de favelização, culminando no fato de quase 50% da população atual habitar bairros novos, em áreas de invasão, sem nenhuma estrutura urbana. Muitos destes bairros não contam sequer com sistema de abastecimento de água da SABESP, captando água nas encostas da Serra do Mar. Esgoto, pavimentação, transporte, delegacias, postos de saúde e escolas são luxos impensáveis nestas áreas. Muitos são os bairros que, criados a partir de invasões, sequer se sabe se são áreas do município, do Estado ou da União, pois temos favelas construídas em regiões de áreas de preservação, em parques ecológicos, em regiões de manguezais e mesmo em áreas de difícil definição de limites de municípios, como o caso das escarpas da Serra do Mar, densamente povoadas e nas divisas entre Cubatão, São Bernardo do Campo, Santos e Guarujá.

Escorada numa confusa legislação ambiental, em brigas judiciais intensas e antigas com o governo do Estado pela definição da posse de terras, em questões complexas com as áreas de manguezal que dão acesso ao porto de Santos e por isso são de responsabilidade da União, e principalmente no fato de não ter o mínimo interesse em garantir uma existência digna e saudável a estas pessoas, o município se exime de suas responsabilidades e não expande suas redes de saúde e ensino, bem como não garante nenhum serviço a estes cidadãos.

Como estes bairros mais povoados, distantes e pobres não possuem escolas, e como o sistema de transporte de Cubatão é deplorável, fica bastante difícil para estas famílias ter acesso a escolas para seus filhos. O acesso às escolas municipais para os jovens mais pobres fica praticamente inviável, pois é muito difícil se deslocar de um bairro para outro, por causa da inexistência de escolas municipais em suas redondezas e de linhas de ônibus que interliguem os

bairros, e devido ainda à dificuldade em competir pelas poucas vagas com as famílias localizadas mais próximas das escolas, que têm acesso mais fácil tanto às escolas, como às informações sobre elas.

Sobram as escolas de ensino fundamental da rede estadual, que por serem mais antigas, estão localizadas nas áreas centrais da cidade, o que garante um acesso mais fácil aos estudantes, pois a frota de ônibus se concentra em trajetos que cruzam a área central da cidade. Soma-se a isso a existência de um programa de transporte escolar da prefeitura, que ainda que de maneira totalmente precária, leva os alunos dos bairros mais distantes até as escolas localizadas no centro da cidade. Ou seja, os alunos mais pobres acabam ficando nas escolas de nível fundamental da rede estadual, menos por escolha destes e de suas famílias, do que por imposições das circunstâncias objetivas. Assim concordamos com Gloria, (2003, p.11):

> *O fato é que a mudança de escola parece ser uma possibilidade pensada muito remotamente por essas famílias, tendo em vista sua tendência em pautar a escolha do estabelecimento de ensino muito menos em termos de uma avaliação da escola, como sendo ou não adequada para o filho, do que por critérios funcionais, revelando razões de ordem prática como escolher a escola com base na proximidade geográfica, as facilidades de locomoção e/ou o fato de parentes ou amigos já estudarem na mesma escola do filho.*

Outro fator importante que tem relação com a composição dos alunos do ensino fundamental nas escolas estaduais se liga ao problema das reprovações e produção do fracasso escolar. Como as escolas municipais trabalham num sistema marcado pelos seus elevados índices de reprovação, as crianças dos bairros mais afastados e pobres são as vítimas preferenciais do sistema de retenção e exclusão existente nestas escolas comprovando o que Patto, (2000), definiu como produção do fracasso escolar.

Desta forma o público escolar após uma história profundamente marcada pelo fracasso, pouca aprendizagem e muitas reprovações, e já assustados com a idéia de que jamais seriam aprovados nas escolas municipais, acabam recorrendo à Escola Alfa, que sendo bem localizada facilita o transporte e as chances de

diminuírem suas faltas, e ainda oferece maiores facilidades para a aprovação devido ao sistema de progressão continuada. Mais uma vez os alunos vêm parar na Escola Alfa, menos por que assim desejam, e mais porque é a opção que lhes resta[32]. Os problemas do ensino fundamental II na Escola Alfa não se encerram nas questões relativas a sua clientela. Sigamos em frente.

3.5 - Escola Alfa e o início do ensino secundário na cidade

A Escola Alfa é o maior, o mais tradicional e o mais antigo colégio de nível secundário do município. Surgido em 1957 quando ocorreu a expansão do ensino secundário empreendida pelo governo Jânio Quadros[33] como forma de atender às demandas de escolarização da classe média urbana como destaca Sposito, (1984). A escola goza até os dias atuais de uma fama que é visível em depoimentos de familiares, em relatos de ex-alunos que são profissionais liberais na cidade, nas páginas de ex-alunos no *Orkut* onde externam esta fama de grande escola da cidade.

A escola surgiu na cidade como forma de atender as demandas decorrentes da economia da região que começava a mudar a partir dos anos de 1950. Cubatão historicamente teve sua economia ligada ao abastecimento das tropas de mulas e viajantes que chegavam e partiam com o intuito de fazer negócios no porto de Santos como podemos verificar através do trabalho de Torres e Borges:

> *O porto conhecido como porto geral localizava-se no rio Cubatão. Este foi o mais famoso porto da cidade, tanto que em alguns documentos oficiais o nome Cubatão é substituído por porto geral. Lembremos que*

[32] Tais afirmações são baseadas em depoimentos dos alunos durantes as aulas , quando temos conversas informais e muito dizem que eram reprovados muitas vezes na rede municipal e aí vieram pra escola Alfa onde ninguém repete. Diziam inclusive quando um amigo se saía mal numa prova tida como fácil, a famosa frase, se estivesse no Anchieta (escola municipal próxima) nunca sairia da primeira série.

[33] Durante os anos que antecederam as eleições presidenciais de 1960, Jânio Quadros então governador do Estado de São Paulo realizou grandes gastos com obras e medidas que viessem a atender anseios e reinvidicações antigas da população, bem ao seu estilo populista.

também, não havia estrada até Santos e todo o trajeto era feito pelos rios. Por fim o posicionamento de Cubatão entre Santos e São Paulo foi primordial para o surgimento dos portos (TORRES & BORGES, 2002, p 21).

Localizadas na base da Serra do Mar, a cidade era ponto de parada obrigatória onde as caravanas de tropeiros se recuperavam da exaustiva descida que a serra proporcionava, ou então se preparavam para enfrentar as íngremes escarpas em direção ao Planalto Paulista. Desta forma Cubatão servia de ponto de parada e abastecimento destes negociantes que a partir de Cubatão faziam a travessia rumo a ilha de São Vicente onde se localiza o porto de Santos. Podemos verificar este papel do porto na economia de Cubatão em trabalhos de pesquisadores da historia da cidade como o que se segue:

Até a segunda metade do século XIX, a subsistência de Cubatão estava centrada na sua função portuária, sendo o elo de ligação entre a baixada e o planalto paulista" (TORRES & BORGES, 2002, p .31).

Tal travessia era realizada pelo rio Cubatão e a escola Alfa atualmente se localiza às margens do mesmo.

A cidade que historicamente teve sua economia ligada à agricultura de gêneros alimentícios, para abastecer as tropas e a alguma venda de banana, começava a sofrer no final da década de 1950, do século passado, os impactos do processo de industrialização que o país vivia[34]. Com o apoio do presidente Juscelino Kubitschek ao desenvolvimento das industrias automobilísticas internacionais no país, a cidade começa a se tornar um importante pólo industrial da América Latina, ao contar com industrias de base que forneciam matéria prima para a produção de bens de consumo. O maior exemplo é que na região se

[34]"(...) O governo JK promoveu uma ampla atividade do Estado tanto no setor de infra-estrutura como no incentivo direto à industrialização. (...) Os resultados do Programa de Metas foram impressionantes, sobretudo no setor industrial. Entre 1955 e 1961, o valor da produção industrial, descontada a inflação, cresceu em 80%, com altas porcentagens nas indústrias do aço (100%), mecânicas (125%), de eletricidade e comunicações (380%) e de material de transporte (600%). (...) O governo de Juscelino ficou associado à indústria automobilística. As grandes empresas multinacionais, como a Willys Overland, a Ford, a Volkswagen e a General Motors, concentraram-se no ABC paulista, mudando completamente a fisionomia daquela região. Entre outras conseqüências, a indústria automobilística passou a concentrar operários em proporções inéditas no país" (FAUSTO, 1998. p. 427,428).

produzia o aço que era usado nas grandes montadoras de veículos da região do ABC paulista. Junto com as industrias de siderurgia outras se instalaram na região como refinarias de petróleo, industrias de produtos químicos e fertilizantes, fazendo de Cubatão o maior pólo petroquímico da América Latina, em menos de uma década, como se segue:

> *Juscelino Kubitschek criou o plano de metas, com a atração de investimentos estrangeiros para o setor industrial e, a partir daí ocorre um surto industrial centrado basicamente no Estado de São Paulo. Nesse contexto, a partir de 1955, acontecerá o estabelecimento de industriais de porte no município de Cubatão (TORRES & BORGES, 2002, 31).*

Além da instalação das indústrias[35], grandes obras de infra-estrutura foram realizadas na região neste período, como a construção do complexo rodoviário Anchieta – Imigrantes que ligava o porto à capital do estado e servia de via de acesso para mais da metade das exportações do país.

Assim, num curto espaço de tempo, Cubatão passou de área rural de Santos, à grande núcleo industrial, e viveu um grande surto de crescimento

---

[35] Breve Histórico da instalação de industrias na Cidade de Cubatão de acordo com TORRES & BORGES, 2002, p13):
12/02/1867 – Inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Raymway
1926– Inaugurada Estrada Caminho do Mar
22/04/1947 - Inauguração da Via Anchieta
09/04/1948 – Emancipação de Cubatão em relação a Santos
1955– Inaugurada Usina Elétrica Henry Borden
1957- Inaugurada Companhia Brasileira de Estireno
1958- Inaugurada Companhia Petroquímica - COPEBRÁS
1958 -Inauguradas Union Carbide S/A e Dow Quimica
1955–Inaugurada Refinaria Presidente Bernardes
1963- Inaugurada a Companhia Siderúrgica de São Paulo – COSIPA
1964–Inaugurada Cabocloro
1966–Inaugurada Clorogil S/A
04/06/1968 – Foi considerada município de interesse da Segurança Nacional
1970–Inaugurada Liquid Carbonic S/A
1971- Inaugurada Oxiteno S/A – produtora de cloreto de amônia
1972- Inaugurada IAP- Hoje Bunge Fertilizantes
1972- Inaugurada Petrocoque S/A
1975- Inaugurada Manah S/A – Fertilizantes
1976- Inaugurada RODHIA Industrias Químicas e Têxteis.
1976–Inaugurada a Rodovia dos Imigrantes
1984–Tragédia do Incêndio na Vila Socó – saldo de 94 mortos oficiais e muitos desaparecidos.
1985–Auge da degradação da vegetação da Serra do Mar devido a poluição.
1993–Fechamento da Rodhia devido a descoberta de lixões tóxicos da empresa.
1993–Privatização da COSIPA

econômico, assistindo ao surgimento de uma classe média composta pelos empregados das industrias que ocupavam cargos de chefia ou postos especializados. Esta classe média também foi composta pelos funcionários públicos que chegavam à cidade após a sua emancipação de Santos ocorrida em 1948, funcionários municipais, técnicos, burocratas, funcionários do judiciário, e trabalhadores ligados ao governo do Estado de São Paulo e ao governo federal dentre eles policiais, professores, médicos, empregados das estatais como BANESPA, SABESP, FEPASA, COSIPA, PETROBRÁS, CORREIOS etc.

Foi para atender aos filhos desta classe média emergente que nasceu a Escola secundaria Alfa. Localizada numa área nobre da cidade em um terreno doado ao estado pela família mais tradicional do município[36], exatamente ao lado da prefeitura e próxima a bancos, câmara dos vereadores, centro poli-esportivo, lojas, fórum etc.

Durante os anos de 1960 com o início da ditadura militar, a cidade de Cubatão por ser considerada estratégica devido às instalações industriais, estradas de ferro, rodovias e ligação com porto de Santos (maior da América Latina), recebeu atenção especial dos militares, com interventores sendo nomeados para governar a cidade.

Esta ligação da cidade recém nascida com a ditadura foi muito intensa e até hoje é perceptível num simples trajeto pela cidade. Vemos a ligação com o autoritarismo tanto na tradição patriarcal da vida política da cidade, com o exemplo da prefeitura sendo "trocada" entre dois políticos que se revezaram por mais de 20 anos no comando do poder executivo[37], como pelos símbolos da ditadura presentes nos nomes de prédios e bairros que iam surgindo. Exemplos são muitos: Jardim Costa e Silva, Centro Esportivo Castelão (Castelo Branco), Escola Estadual Marechal Humberto de Castelo Branco, Parque 31 de Março, Avenida Brasil etc.

---

[36] Informação extraída de conversa com professora de português que se efetivou na escola no ano de 1968 e que acompanhou boa parte da historia da escola alfa.

[37] Ney Eduardo Serra e Oswaldo Passarelli exerceram o mandato de prefeito três vezes cada um, monopolizando o poder executivo de 1980 até o ano 2000.

Este período foi muito importante para a Escola Alfa. Nesta época a mesma era considerada a grande instituição de ensino da cidade. Escola secundária muito difícil de se entrar, rígida com a disciplina, de alta qualidade, fez com que existisse um imaginário bastante positivo a seu respeito em Cubatão. Tal imaginário, ainda que enfraquecido, tem alguma força entre os munícipes mais velhos, entre os professores, principalmente pelo fato de muitos destes lecionarem na mesma há muitos anos e alguns ainda terem sido estudantes e se formado na própria escola. Outra prova do prestígio do colégio é o fato de que o atual secretário de educação da cidade ter sido professor da Escola Alfa[38].

Com um modelo educacional elitista, que primava por manter as massas longe de seus muros a Escola Alfa seguia fazendo sucesso entre as elites e se consolidando no imaginário popular como algo que lhes era muito distante. Mesmo com as mudanças geradas com a lei 5692 de 1971 que expandiu o ensino obrigatório para oito anos, a escola tratou de manter os pobres do lado de fora, pois a grande maioria dos alunos não conseguia concluir o primário, já que a rede pública oferecia poucas vagas, e ainda tratava de "selecionar" os estudantes aptos a seguir os estudos em nível secundário através do famoso círculo vicioso das retenções.

Paralelamente a isso, um fenômeno ocorria na cidade sem ser minimamente levado em conta pelas autoridades educacionais. Atraídos pelo crescimento econômico e pela vasta oferta de vagas no parque industrial, uma imensa massa de imigrantes chegavam à cidade em levas quase que diárias, sonhando em obter chance de trabalho nas industrias e grandes obras que vinham sendo realizadas, e assim, conquistar uma vida melhor para suas famílias.

Tais imigrantes eram oriundos de praticamente todos os estados brasileiros, mas seguindo o fenômeno que acontecia na grande São Paulo a maior parte destes novos moradores era composta por cidadãos vindos do norte de Minas Gerais e dos estados da região nordeste. Assim, a cidade de Cubatão se tornou

[38] São muitos os casos de professores, diretores, vereadores, chefes das indústrias etc, que foram estudantes da Escola Alfa.

importante centro de concentração de baianos, sergipanos, pernambucanos, alagoanos, paraibanos, cearenses etc.

Esta massa de trabalhadores rurais, expulsos de suas terras pela seca, latifundiários e miséria, chegava no município na maioria das vezes analfabeta e sem nenhuma qualificação, mas disposta a tudo para sobreviver. Por isso acabavam adentrando nas industrias e obras de infra-estrutura na condição de trabalhadores braçais, ocupando os postos onde se realizavam os trabalhos mais pesados, mais insalubres, que mais danificavam a saúde, e também onde se ganhava os piores salários. Mesmo assim tudo era melhor que a incerteza da sobrevivência diante da seca do sertão nordestino. A comprovação deste quadro de sobra de posto de trabalho pode ser comprovada pela exposição de um munícipe que atuou nas industrias da cidade nos anos de 1960 e 1970:

> *"Quanto ao Emprego s filhos de Cubatão iam trabalhar nas indústrias, havia o DER, LIGTH e FABRIL para aqueles que já moravam por lá, e os do centro de Cubatão, em sua maioria eram absorvidos pela refinaria; os mais novos iam para a COSIPA. O restante do pessoal ia para a prefeitura que controlava muita mão-de-obra, além da Estireno, Union Carbide... Eu comecei a trabalhar com 15 anos, fui para a COSIPA, que aceitava menores. Entrei na empresa em março de 1963. –depoimento de Antonio Duarte, contador aposentado da COSIPA – In: (PINTO, 2005, p. 86)*

Mas era o tempo do milagre econômico brasileiro, as oportunidades de serviço eram muitas, o que ajudou a não criar muitas pressões por escolarização neste primeiro momento, pois se conseguia colocação profissional mesmo com pouco ou nenhum estudo, o que ajudava a diminuir as críticas ao fato de raríssimos serem os casos de jovens pobres que atingiam o nível secundário.

3.6 - O Corpo Docente

> *"As pessoas sabem o que fazem; elas freqüentemente sabem porque fazem o que fazem; mas o que elas não sabem é o que faz (causa) aquilo que elas fazem". (FOUCAULT.M)*

Foi numa escola, autoritária, que se formaram a maioria dos professores da Escola Alfa. A maior parte destes professores tem hoje entre 40 e 50 anos de idade e muitos formaram sua idéia e representação da Escola Alfa no período da ditadura militar e época considerada a melhor da escola.

A Escola Alfa tem uma característica interessante, com muitos de seus docentes sendo moradores da cidade de Cubatão, e como por muito tempo esta foi a única instituição de ensino secundário do município, a grande maioria dos profissionais que hoje são docentes da escola, foram no passado, estudantes da mesma instituição. Assim temos um processo de retorno à Escola Alfa por parte de ex-alunos que se tornaram professores, o que pode reforçar o continuísmo de acordo com o conceito de habitus de Bourdieu.

Muitos professores estão no colégio há mais de quinze anos e alguns chegam à faixa de vinte a trinta anos na instituição. Temos vários casos de professores que ainda trabalham na escola, e que foram professores dos atuais docentes da escola, o que é ainda agravado pelo fato da escola, durante bastante tempo, ter sido um CEFAM com cursos de magistério, o que torna o caso de professor atual, ter sido ex-aluno da escola ainda mais comum[39].

---

[39] *Professores que estudaram na escola:*

Prof. A – Física – 15 anos na escola – Teve aulas com Professor de Biologia com prof ainda na ativa na escola.
Prof. B. - Historia - 15 anos na escola - Teve aulas com Professor de Biologia com prof ainda na ativa na escola.
Prof. C – 17 anos na escola – Deu aulas para muitos professores eventuais , inclusive para mim.
Prof. D - –Matemática – aluna do magistério na escola
Coordenadoras – A e B, Ambas professoras de Português, ambas professoras da prof. D, Ambas alunas de uma professora contratada em 1968 e que lecionou a muito docentes.
Prof. E. - professor da escola por mais de 20 anos e atual secretario de educação da cidade, e ex-vereador
Prof. F – Professora de Matemática – trabalha também em colégios de elite em Santos, e iniciou os trabalhos na escola em 1981, atuou com turma de 1968, e deu aulas para , profs A,B,D E MUITOS PROFESSORES EVENTUAIS.
Prof. F – Eventual, Ex-aluna da escola

Temos casos de um professor de Física que foi aluno do professor de Física mais velho da escola, e ambos atualmente (professor e ex-aluno) estão ativos na escola e já foram professores do professor de Física mais novo de todos 9terceira geração). Temos colegas que ingressaram na escola em 1968, atuaram por 30 anos, se aposentaram e retornaram ao serviço na mesma escola. Destes docentes de 1968, dos quais a escola possui um livro de registro, muitos são conhecidos de outros professores, seja na condição de mestres que os formaram, seja na condição de colegas de trabalho, como no caso de uma das professoras de matemática que atuou na escola por três décadas.

Ambas as coordenadoras foram alunas desta professora de matemática e da mais antiga professora de Português da escola e mais que isso, também foram alunas da escola e lecionaram para as professoras eventuais e de Matemática da Escola Alfa. O quadro docente da escola Alfa é um desfile de gerações que foram formando uns aos outros e que vão se encontrando como colegas de profissão.

Os professores de Física e História, foram ambos alunos do professor de Ciências e estudaram na mesma sala. Outro caso que dá este sentido de continuidade à instituição é o fato da escola ter tido uma mesma diretora por 22 anos seguidos, e tendo sido diretora das mesmas pessoas na condição de alunos e professores.

Um último fato interessante é que mesmo no meu caso, que nunca fui aluno da Escola Alfa, mas que sempre estudei em Cubatão, fui aluno de muitos

---

Prof. G - Eventual – ex- aluna da escola
Prof. H, efetiva no estado e prefeitura como a maioria , ex-aluna da escola
Prof. I – efetivo de matemática – ex aluno
Prof. J - ex-aluno, atual efetivo de História, foi eventual na escola quando era estudante da graduação.
Prof. K– Atuou na escola os anos 60, se aposentou e voltou a escola
Prof. L – 15 anos de escola – foi aluna da escola – Português.
Prof. M - Matemática – efetiva, ex-aluna
Prof. N – leciona a 35 anos é aposentado na ativa, atua na escola a mais de 20 anos.
Prof. O – 15 anos como docente na escola, Português.
Diretora antiga – diretora que se aposentou e que ficou na escola por 22 anos .
Prof. P – leciona na escola a 10 anos, ex-aluna – Matemática.
Profs de Ed. Física, Historia e Português – meus ex-professores na escola técnica federal.

professores que hoje são meus colegas de profissão. Exemplos disso são os professores de Educação Física, Português atual coordenadora, e da professora de História no ensino médio.

Tais características da escola Alfa ajudam a explicar a idéia da existência de um imaginário na Escola Alfa a respeito dos "bons alunos" - ainda que instituições não possuam imaginário - o fato de tantas pessoas estarem há tanto tempo na escola e de que tantas gerações estejam em contato, contribui tanto para a manutenção da idéia da escola como o grande liceu da cidade, com a perpetuação de imaginários e representações sociais, transmitidas de geração em geração, de tempos de alunos a tempos de docentes, consolidando o Habitus, conceito por Bourdieu, (1996, p.15) fortemente arraigado nas pessoas.

Muitos professores pensam nos "bons alunos" a partir de representações criadas com os professores que lhes deram aula, de seus tempos de estudantes e as mantêm, em dias atuais, nas suas práticas docentes. E os ex-alunos que se tornaram docentes ajudam a reforçar a idéia de "bom aluno" de tempos passados quando a escola era muito diferente da que temos atualmente.

3.7 - A crise da década de 1980 na Cidade de Cubatão

Com a chegada dos anos de 1980 do século XX, as coisas começaram a mudar no município. A dupla: *abertura política – crise econômica* fizeram o ambiente social se alterar bruscamente. Com o enfraquecimento do regime militar iniciam a surgir espaços para que as críticas viessem à tona.

O primeiro grande problema verificado é a condição insustentável para a vida que a poluição das indústrias vinham gerando. Níveis de gases tóxicos e metais pesados na água e atmosfera escandalosos, crianças nascendo doentes, muitos casos de problemas respiratórios e aposentadorias por invalides, e a constatação de que a população pobre obrigada a habitar as proximidades das fábricas, era a mais afetada em sua qualidade de vida. Cubatão recebe o título de município mais poluído do planeta Terra e ganha o apelido de Vale da Morte.

Na década de 1980, uma série de tragédias varrem a cidade: a situação de mais poluída região do mundo, os deslizamentos das encostas da Serra o Mar que agora passava a ser invadida pela população miserável, grandes enchentes que assolavam a cidade e que além de destruir casas e móveis, levavam consigo o lixo tóxico das fábricas e com ele as doenças geradas por tais substâncias, e um incêndio de enormes proporções numa favela, que matou centenas de pessoas contribuem para que o clima de aparente tranqüilidade da cidade comece a mudar.

Nesta época em que no Brasil se falava em democracia, constituição, saúde, educação, moradia etc a situação da cidade com a maior parte de seus moradores sem escolarização, fica insuportável e ao mesmo tempo, com os novos bairros, vão chegando as escolas da rede municipal à Cubatão.

Com a constituição de 1988, um surto de novas escolas da rede municipal ocorre na cidade, e cada vez, mais os filhos dos imigrantes, antes alijados do direito ao estudo, vão conquistando o direito aos bancos escolares.

A rede estadual, com o processo de municipalização vai perdendo espaço e vendo sua antiga hegemonia na área ser perdida para a rede municipal. Aos poucos o ensino de primeiro grau, vai ficando a cargo do município. Os caciques políticos se fortalecem, “dando” ao povo algo que muito valorizam: escolas.

Neste período, quando a massa pobre, vitima da poluição, excluída da cidadania, começa a chegar nas escolas, a Escola Alfa adota uma de suas últimas estratégias no sentido de se ver livre do contato com o povo. Deixa de trabalhar com o ensino fundamental, que ficou sob responsabilidade do município, e se converte em instituição apenas de segundo grau, atualmente chamado de ensino médio. Esta medida fez com que a escola quase passasse as décadas de 1980 e 1990 alheia a tudo que ocorria na cidade, pois as camadas mais carentes da população, diante das muitas dificuldades encontradas e pelo número maciço de reprovações, quase nunca chegava ao ensino médio e quando chegava tinha que brigar muito por uma vaga nas poucas escolas de segundo grau da cidade.

A situação do ensino médio na cidade era tão grave que a prefeitura se viu obrigada a fornecer transporte gratuito para que os jovens pudessem prosseguir

seus estudos em escolas de ensino médio de outros municípios como, por exemplo, Santos.

3.8 - Década de 1990: sociedade em crise – Escola Alfa pressionada

> *"Estamos no início de uma nova era, caracterizada por grande insegurança, crise permanente e ausência total de qualquer tipo de status quo [...]"Embora o terreno ideal do socialismo-comunismo tenha desmoronado, os problemas que ele pretendia resolver permanecem: o uso descarado da vantagem social e o desordenado poder do dinheiro, que muitas vezes dirige o curso mesmo dos acontecimentos"(HOBSBAWM, 2000, p.537)*

Como sabemos os anos oitenta do século passado, foram marcados por uma grave e profunda crise na economia mundial. Devido ao início do processo que ficou conhecido como globalização, as economias dos estados nacionais se enfraqueceram, as plantas industriais foram revistas, a informática e a robótica cada vez mais reduziram os postos de trabalho, o que antes não ocorria. Durante esta crise do período que se convencionou chamar de a década perdida, os países do terceiro mundo como o nosso, foram os mais afetados.

No Brasil este fenômeno foi sentido fortemente e de formas variadas. Pesou sobre o país um violento processo de perda de renda e poder aquisitivo dos trabalhadores, que tiveram seus salários achatados, acompanhado por um forte surto inflacionário que vigorou muitos anos no país e massacrou as camadas pobres da população, o que pode ser notado pelos vários planos econômicos implantados no período.

A crise econômica que reduzia salários e número de vagas de trabalho, somada ao processo de democratização que vivíamos, colaborou para que ocorresse um aumento das pressões populares pelo acesso à escola na cidade de Cubatão. Além disso, agora a Constituição previa e definia como direito de todos, o acesso aos bancos escolares.

Uma cidade super poluída, com índices de analfabetismo assustadores e com boa parte da população sofrendo com enchentes e incêndios, com poucas

escolas de ensino médio, sem opções de lazer, com um enorme contingente de migrantes que continuava a chegar na cidade em busca de colocação profissional... E tudo isso em meio a uma grave crise econômica, que junto com ela trazia, inflação, desemprego e a recessão causados pela expansão da tecnologia nas industrias e pela difícil situação que as mesmas ficaram após a abertura da economia brasileira pelo então presidente Fernando Collor de Mello.

Na década de 1990, Cubatão deixa de vez os tempos de sonhos dourados dos empregos fartos, e bem remunerados. Os salários caem bruscamente devido a planos econômicos, inflação e pressão das empresas. A automatização industrial, a informatização dos processos de produção, causadas pela inovação tecnológica, somados aos processos de privatização e terceirização, frutos da globalização neoliberal por que passamos, reduziu drasticamente o número de postos de trabalho no parque industrial e conseqüentemente o volume de recursos que girava na cidade.

A crescente necessidade de mão-de-obra altamente especializada fez com que a massa de trabalhadores braçais e sem escolarização perdessem seus empregos.

Dos trabalhadores das indústrias, boa parte não habitava mais a cidade, fosse porque desejava viver em cidades com melhores condições de vida, fosse porque tais postos eram ocupados por pessoas vindas de Santos, ABC-paulista e Grande São Paulo, regiões com muitas escolas técnicas e universidades e por isso fornecedor de mão-de-obra especializada, ao contrário de Cubatão.

O resultado da combinação de tantos fatores foi Cubatão se transformar nos anos 1990 em uma cidade com fraco comércio e indústrias em processo de privatização, como nos casos da COSIPA, LIGTH, SISTEMA ANCHIETA--IMIGRANTES, FEPASA, TELESP, todas empresas que empregavam muitos milhares de pessoas e que começaram a realizar demissões em massa no período.

Junto com este processo veio o desemprego e a cidade passou por um grave processo de favelização com surgimento de enormes favelas como Vila dos pescadores, Vila Esperança, Pilões, Cotas, Jardim São Marcos etc.

Todos estes bairros sem nenhuma condição de vida, sem esgoto, sem transporte, sem legalização das residências, sem postos de saúde ou polícia, sem escolas, regiões superpovoadas normalmente avançando sobre áreas de preservação ambiental e entregues ao abandono e aos desmandos da violência do crime organizado que se alojou nestes bolsões de miséria, foram se expandindo.

Tais bairros abrigam hoje mais da metade da população da cidade. É fato raro se morar em lugares urbanizados na cidade de Cubatão. Assim, sem atendimento mínimo pelo estado, sem emprego, e habitando em locais desumanos, sobrou a este povo uma ultima esperança de vida melhor – O acesso à escolarização.

Mesmo com tal situação de coisas a Escola Alfa ainda conheceu uma última experiência elitista. Foi transformada em escola padrão, projeto implantado pelos governos Quércia e Fleury e que marcou o período de ingresso de boa parte dos docentes atuais na escola e que lhes deixou muitas saudades, como podemos constatar pelos vários comentários destes a respeito do período.

Nos primeiros anos da década de 1990, a Escola Alfa sendo padrão, não atendia ao ensino fundamental e a categoria de escola modelo lhe conferia grande procura por parte dos alunos do município. Ou seja, ainda estava destinada aos grupos em melhores condições socioeconômicas da cidade.

Mas com o agravamento da crise e da recessão econômica, as pressões populares aumentaram e os vários governos estaduais que se seguiram implantaram um programa que visava superar o poderoso funil em que se constituía o ensino fundamental em relação ao avanço dos estudantes aos níveis mais elevados de ensino. É implantada a progressão continuada, não nos interessa debater aqui as formas como o programa foi implantado, o grande descrédito do projeto junto a escolas, professores e pais de alunos, apenas nos interessa a constatação de que em breve espaço de tempo uma verdadeira enxurrada de jovens que antes não concluiriam o ensino fundamental começam a bater nas portas da Escola Alfa com seus certificados de conclusão do primeiro grau e exigindo acesso ao ensino médio.

A crise econômica e o desemprego fizeram a procura por escolas aumentar. Somados às medidas do Estado de grande impacto entre os jovens como a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, ao conferirem ao menos alguns direitos básicos aos jovens, acabaram fazendo com que o número de estudantes no ensino médio aumentasse.

Mas passado este primeiro momento de grande procura, a situação se estabilizou, pois as escolas da rede estadual, que antes atendiam apenas ao nível fundamental, passaram também a oferecer estudos em nível médio, atendendo a população e gerando concorrência entre as instituições de ensino pelas matrículas dos alunos, pois, sem muitas matrículas faltariam aulas para os professores das mesmas.

Este quadro de estabilização da demanda, aumento do número de professores, e a política de salas superlotadas do governo, provas de eliminação de matérias onde o estudante obtém o certificado sem precisar estudar, que são formas de cortar gastos e diplomar pelo menor custo, fez o número de aulas disponíveis aos docentes cair muito e para que os professores não ficassem sem aulas e não tivessem seus salários e condições de vida ainda mais prejudicadas, a Escola Alfa se viu obrigada a "ressuscitar" não sem grandes brigas e discussões, o antigo atendimento ao ensino ginasial, hoje ensino fundamental II.

Agora, já sem a mesma imagem perante a população, a Escola Alfa se tornou local procurado preferencialmente pela população mais pobre pelas razões já citadas. Desta forma, mais por necessidade de sobreviver que por vontade ou convicção, e ainda movido por um forte imaginário da Escola Alfa nos "tempos áureos" a instituição adentra o século XXI "aberta" às camadas mais pobres da cidade. Foi longo este caminho, mas finalmente Escola Alfa e filhos de trabalhadores pobres de Cubatão se encontram. Paralelo a isso ocorre a aposentadoria da diretora que por 22 anos conduziu a escola.

Tal encontro não ocorreu sem problemas, elevados índices de evasão e repetência, mais de 50% dos alunos do ensino fundamental II se evadiram ou foram reprovados no ano de 2006, segundo levantamento feito pela coordenadora

da escola e apresentado aos professores. No ensino médio a situação é mais grave, com os índices de fracasso não raro batendo na casa dos 70%.

Mais da metade dos alunos das quintas séries foi reprovada em 2006. Desta forma, a chegada na Escola Alfa ainda segue traumática aos estudantes. Chegar na sexta série é uma tarefa difícil mesmo em tempos de progressão continuada. Os índices de retenções caem nas sextas e sétimas séries, para voltarem a subir na oitava, quando final de ciclo.

A Escola Alfa se caracteriza, no ensino fundamental, pela idade avançada de seus alunos. Poucos estão na idade correta para suas séries. E de maneira geral, pela divisão entre duas escolas distintas, uma miserável, desqualificada pela progressão continuada e lugar marcado pelos discursos do fracasso; outra menos cruel, com alunos em condições de vida melhores, com nível de ensino melhor, com menos indisciplina e visivelmente mais "sossegada".

Todos estes fatores, e toda esta longa história, entendemos, em muito colaborou para que a escola se visse, na atualidade, como destinada ao fracasso, em processo de crise e falência, destituída de significado e função social e por isso marcada exclusivamente pelo fracasso, pouca qualidade do ensino, baixo nível dos alunos, e muita indisciplina. Moldados numa escola elitizada, formados nesta mesma escola, é ao passado a que se remetem quando imaginam os estudantes e representam seus modelos de "bons alunos". É esta "velha-nova" escola que estudamos em nossa pesquisa de mestrado.

3.9 - "Bons alunos"– uma visão anacrônica

Acreditamos que a trajetória histórica da Escola Alfa, profundamente ligada a setores médios e à elite da população cubatense, somada a alguns outros fatores como o gradual processo de empobrecimento da população devido a crise econômica das décadas de 80 e 90, que agravou em muito as desigualdades sociais do município, e o fato de existir nesta escola uma longa história de professores trabalhando na unidade há muitos anos, muitos outros, inclusive,

tendo lecionado para os atuais professores, contribuiu em muito com a formação do imaginário da comunidade escolar, em especial dos professores a respeito dos "bons alunos".

Acostumados com os tempos áureos da escola, em que esta era o grande colégio da cidade, com alunos de famílias de classe média, residentes nos bairros centrais e urbanizados da cidade, com pais trabalhadores das indústrias da cidade, ou profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos; vindo de famílias nucleares, com mães donas de casa com tempo para atender as solicitações de sua presença na escola, formados num contexto de profundo autoritarismo político que se verificava nas relações entre professores e alunos, os docentes se vêem diante de uma realidade profundamente diversa ao depararem com alunos vindos das periferias da cidade, de bairros que são favelas sem nenhuma urbanização, com pais e mães trabalhando longas jornadas diárias e tendo pouco tempo e dinheiro para se dedicarem aos estudos das crianças. Neste ponto é interessante analisar exposição de Pereira, (2000, p.169), pois vai ao encontro do que verificamos na Escola Alfa:

> *"Maria das Graças percebe-se um "quê de saudade" dos velhos tempos quando o professor era autoridade, era o dono da sala de aula. As suas percepções e apreciações sobre a disciplina e o disciplinamento fazem perceber que os habitus consolidados na família e na escola estão no princípio organizador da sua prática pedagógica. É assim que ela valoriza a obediência, o silêncio, a ordem, a hierarquia, o capricho (caderno bonito, bem cuidado, letra bonita)".*

Entendemos que muitas destas mudanças ainda que possam parecer obvias a um olhar racional e externo ao cotidiano escolar, não é tão simples assim de ser notada, quando estamos inseridos nas práticas diárias como professores e recebemos influência do imaginário coletivo da escola, sobre nossas idéias e representações.

Diante do exposto não imaginamos que as instituições escolares sejam elementos desconectados dos acontecimentos sociais, que paira impávida e incólume sobre a sociedade sem receber as influências das lutas, acomodações e batalhas que ocorrem no interior do tecido social em que está inserida.

Porém a concepção histórico-crítica não exerce atualmente hegemonia no pensamento educacional. Como descreve Saviani o professor ao ser formar chega a escola com uma cabeça liberal (escola novista), e por isso mesmo, pensa a educação formal exercida nas escolas primeiro como algo desconectado de todos os problemas, injustiças e desigualdades geradas pelo sistema capitalista. Pesa também o fato de que a escola é profundamente marcada pela ideologia da ascensão social via educação, imaginando-se que seja um elemento capaz de romper o círculo de opressão e desigualdade capitalista e possa harmonizar a sociedade através de sua ação isolada como nos mostra Saviani, (1998, p.40).

Esta perspectiva, associada à trajetória histórica da Escola Alfa colabora para que o imaginário educacional acerca dos "bons alunos" seja profundamente ingênuo, conservador e estabelecido sobre critérios anacrônicos. As escolas sendo instituições históricas, são influenciadas e influenciam a sociedade, sendo os conceitos de tempo e espaço elementos importantes ao se pensar as escolas e suas atividades. As instituições de ensino não são dados prontos e acabados, constituídos de maneira monolítica e atemporal. Ao contrario, são instituições sociais suscetíveis de alterar-se através do tempo e do espaço. Por isso é equivocado supor ou trabalhar com conceitos que tratam a Escola Alfa dos anos 1960 como se fosse igual a Escola Alfa analisada por esta pesquisa no biênio 2006/2007.

Atentar para este jogo de receber e exercer influência social, captar as permanências e as rupturas que ocorrem no pensamento educacional a respeito dos "bons alunos" é importante., já que como Saviani, (1991) destaca, a educação e o conhecimento são formados através do tempo, espaço e pelas lutas sociais.

É possível que a história da Escola Alfa, quase todo o tempo desligada das camadas populares da cidade, tenha ajudado a que se constituísse no imaginário social um modelo de aluno profundamente contraditório quando pensamos a realidade de nossa clientela atual. Mais que isso, tal imaginário pode inclusive ajudar a fazer com que os docentes não "vejam" o sucesso no interior da escola, pois movidos por ideais de alunos formados em suas épocas de estudantes, quando iniciaram suas carreiras ou baseados na visão de aluno ideal transmitida

por seus professores, fica realmente difícil verificar sucesso e “bons alunos” no contexto atual, que mesmo guardando algumas semelhanças é diferente do encontrado décadas atrás.

Em nossas observações pudemos verificar a existência de um imaginário profundamente anacrônico na Escola Alfa. O pensamento da escola sobre educação e sobre os alunos parece que se congelou no tempo e ainda que os discursos tenham se alterado, na prática os modelos verificados pelos professores quando de sua época de alunos ainda têm muita força na forma como os docentes pensam a educação, se relacionam com os estudantes e avaliam a escola pública.

Notamos no interior da Escola Alfa um sentimento de eterna saudade, o aparato escolar é profundamente marcado por momentos de lembrança de situações e experiências passadas e sempre fica patente que as coisas eram muito melhores antes. Existe uma sensação de que fazemos um caminho rumo à falência, e toda identificação de mudança que nos afaste daquela escola que sonhamos ter vivido é vista como prova do fracasso e decadência da instituição. Mais interessante é que a escola, ao menos no discurso, é composta por professores que são ou foram atuantes nos sindicatos de professores, que possuem um discurso progressista, mas que ao mesmo tempo resistem a colegas novos, a métodos novos, a estratégias novas, a posturas diferentes, a novas diretoras, e principalmente à relações professor –aluno que não as em que foram formados.

Com os “bons alunos” o processo que se dá é o mesmo. Constatamos que no imaginário da escola o ideal de estudante muito pouco se alterou nas últimas décadas nas falas dos docentes em geral. Mais uma vez fica a sensação de que algo se congelou no tempo, de que vivemos um sonho da existência de conceito de aluno neutro, objetivo, correto e verdadeiro e por isso inalterável. O aluno ideal seria sempre o mesmo, porque seria correto. Mudanças sociais, questões relativas a classes, gênero e etnia, origem geográfica diversa dos estudantes, nada disso parece ter importância aos docentes na forma como pensam os seus alunos.

Podemos imaginar que a idéia de “bom aluno” possa ser a mesma para atenienses da Grécia clássica, a romanos do século V.dc, aos filhos da burguesia renascentista, aos ingleses da revolução industrial do XIX, aos americanos do período da guerra do Vietnã e a brasileiros do século XIX? Parece-nos óbvio que não. Mas quando conversamos com os professores sobre o que são “bons alunos”, a pergunta soa boba, parece ridícula, às vezes estapafúrdia. Como o que são “bons alunos”? Todos sabem o que são “bons alunos”. Como o que são “bons alunos” para mim? “Bons alunos” são “bons alunos” para todos. Como o que são “bons alunos” para a Escola Alfa? “Bons alunos” são “bons alunos” em qualquer escola. Nem o questionamento sobre se foram ou não “bons alunos”, faz os docentes perceberem que estão em um contexto, senão completamente, bastante diferente do em que foram formados.

O conceito de “bom aluno”, assim como todos os demais conceitos, são construções sócio-históricas e que são formadas no tempo e no espaço. Na maioria das vezes esquecemos disto, quando estamos vivenciando nossas práticas pedagógicas.

Nos questionamos sobre as razões de tantos docentes trabalharem em pleno século XXI, deixando claro terem o desejo de possuírem alunos forjados na mentalidade dos anos de 1930, limpinhos, obedientes, burgueses, de boa família, quietos, enciclopédicos e, sobretudo, disciplinados.

Tendo nítido que os homens, e as sociedades, assim como as escolas mudam com o tempo, podemos agora nos dar conta das permanecias e rupturas ocorridas no interior da escola analisada e nos perguntar respeito das razões e conseqüências destas rupturas e permanências. Neste caso, é valiosa a contribuição da história da educação brasileira, da escola alfa e do município de Cubatão para a compreensão do imaginário sobre os “bons alunos”.

Por fim não podemos deixar de salientar que durante as conversas com os professores verificamos a constatação do grave processo de destruição da estrutura pública de ensino da rede estadual, somado ao grave processo de empobrecimento da população da cidade em questão e do quadro cada vez pior de proletarização da profissão docente. O que tínhamos era uma escola com boa

estrutura física e material, professores bem pagos e valorizados e alunos que podiam ao menos se alimentar. Entendemos que a velha escola elitista não possa ser defendida de maneira alguma, mas compreendemos que os professores muitas vezes não se dêem conta dos complexos processos sócio-políticos que geraram tantas alterações, e por vezes se mostrem ressentidos diante de toda sorte de dificuldades que precisam enfrentar diariamente para poderem exercer suas atividades profissionais.

Capítulo IV

O Imaginário sobre os “bons alunos” na Escola Alfa.

> *“O conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, mas ele não é só fruto da vida na escola. Ele provém também de outros âmbitos e, muitas vezes exclui de sua prática, elementos que pertencem ao domínio escolar. A participação em movimentos sociais, religiosos, sindicais, e comunitários pode ter mais influência no cotidiano do professor que a própria formação docente que recebeu academicamente. Há uma heterogeneidade na vida cotidiana do professor manifesta pelas incongruências, saberes e práticas contraditórias e ações aparentemente inconseqüentes. É preciso recuperar esse aspecto heterogêneo ao invés de eliminá-lo, na tentativa de enquadrá-lo em tipologias previamente definidas. Ao contrário, a riqueza, muitas vezes, está no heterogêneo e é preciso reconhecê-lo como produto de uma construção histórica” (Cunha, 1996, p.39)*

Neste capítulo realizaremos a análise das informações obtidas durante as pesquisas empíricas de nosso projeto de mestrado. Desta forma pretendemos apresentar os dados analisados e sistematizados através das pesquisas na Escola Alfa, bem como tentar através destes compreender o imaginário de professores, gestores e estudantes sobre os “bons alunos” e até que ponto confirmam ou contradizem as hipóteses levantadas a partir da análise teórica realizada nos capítulos anteriores.

Desde já salientamos que encontramos nesta fase da pesquisa grandes desafios a enfrentar. Fazer pesquisas na área das humanidades é por si só algo muito complexo, e requer profunda atenção devido a trabalharmos com o imponderável, pois nossos objetos de pesquisa são seres humanos e, portanto, devem ser tratados a partir de suas subjetividades e como sujeitos que nem sempre seguem uma linha linear na forma como pensam. Assim, nos vimos a todo o tempo na situação de respeitar subjetividades, entender contradições e ter clareza também da influência da subjetividade do pesquisador no decorrer do trabalho de pesquisa.

Uma pesquisa na área da educação feita por um aprendiz como este que escreve e é oriundo da História e tem completa ciência de suas deficiências na área, se torna uma tarefa ainda mais desafiadora.

O fato de pesquisarmos um tema que nos envolve e nos angustia em nossas atividades diárias enquanto docente, faz da tarefa algo difícil e angustiante. Sabemos das limitações e problemas advindos da opção por realizar a pesquisa no lócus de trabalho do pesquisador e adiantamos que tal foi à opção por motivos em primeiro lugar de interesses práticos enquanto docente. E em segundo lugar a facilidade de acesso aos alunos, professores e gestores envolvidos na pesquisa que sempre se mostraram muito dispostos a ajudar, isso associado a conhecermos de forma relativamente razoável o cotidiano da instituição pesquisada.

Por fim cabe destacar o pouco tempo para a execução das atividades de mestrado acabaram por impedir maiores aprofundamentos empíricos que sabemos importantes e necessários. Desta forma, salientamos que todas as hipóteses contidas neste capítulo têm um caráter preliminar e não se pretendem de forma alguma conclusivas.

Portanto, cientes da necessidade de muitas outras pesquisas sobre o tema, certos de que precisamos ter muita atenção na análise de questões que envolvem seres humanos que devem ser compreendidos em todas as suas complexidades e contradições, não temos de forma alguma por objetivo apontar culpados ou inocentes. Pois, além de termos clareza de nossas limitações e entender tratar-se de tema que precisa maiores aprofundamentos, rejeitamos qualquer análise no sentido de fazer o ataque puro e simples da escola pública ou de demonizar os professores como culpados por todas as mazelas da educação. Ainda que estejamos certos de que a escola pública e os professores precisam da colaboração crítica que a academia com suas pesquisas realiza, bem como refletir sobre o nosso (de professores e escolas) papel na situação e na solução dos problemas enfrentados.

4.1 - Metodologia da pesquisa:

Todos os dados apresentados nesta pesquisa foram obtidos a partir da análise de dois questionários que podem ser verificados nos anexos (1 e 2). O primeiro questionário foi aplicado aos professores, coordenadores e gestores da Escola Alfa e com este tentávamos obter informações que pudessem nos ajudar a compreender o que pensam estes profissionais sobre a questão dos "bons alunos" e assim tentar entender qual o imaginário que possuem sobre a questão.

O segundo questionário foi aplicado aos alunos das 6ªs séries do ensino fundamental II, e buscava informações relativas à forma como os estudantes se viam como alunos e o que imaginavam ser um "bom aluno".

A idéia era que com os dois questionários tivéssemos condições de traçar convergências e divergências a respeito da idéia de "bom aluno" a partir das opiniões dos mais diversos envolvidos no dia a dia da Escola Alfa.

Neste desafio faltaram pesquisas sobre a questão com os pais e funcionários da escola, não por desatenção nossa em lhes reconhecer a importância enquanto sujeitos envolvidos no processo de construção do imaginário de "bom aluno", mas por limitações de tempo que acabaram impedindo tal procedimento.

4.1.1 - O preenchimento dos questionários:

O questionário preenchido pelos professores era composto por dez questões (abertas) e tinha como eixo norteador o imaginário dos docentes a respeito dos "bons alunos".

Os professores foram selecionados para participar da pesquisa após pedido de minha parte sobre a disponibilidade em ajudar com a pesquisa de mestrado na área de educação com o referido tema. Todos foram informados do que tratava o questionário e que suas respostas serviriam como base para a elaboração da dissertação de mestrado, uma vez mantido o anonimato de todos os professores.

A seleção dos docentes convidados a responder os questionários teve como base o corpo de professores, que no ano letivo de 2006, trabalharam com as duas classes da sexta série do ensino fundamental II que a Escola Alfa possuía.

O ano de 2006 foi atípico para a Escola Alfa e para o ensino público fundamental da rede estadual. Neste ano de forma autoritária e as pressas, devido ao pleito eleitoral, foi implantado na rede estadual de ensino o programa Escola de Tempo Integral. Alunos pegos de surpresa que achando que estavam matriculados numa determinada modalidade de ensino se viram obrigados a permanecer integralmente na escola, e foram avisados apenas no primeiro dia de aula, professores despreparados e escolas sem a mínima estrutura para atender as crianças. Assim se passou um ano de muitas mudanças, dúvidas e contratempos.

Devido ao ensino em tempo integral, os alunos passaram a ter vinte e duas disciplinas diferentes divididas entre as aulas do currículo tradicional e as aulas das oficinas que ocorriam no período da tarde. Assim os jovens do ensino fundamental se viram diante de um exército de vinte e dois professores diferentes. Somava-se a estes os professores eventuais que diariamente lecionavam para estas turmas devido as constantes faltas de professores.

A escolha de trabalhar com as sextas séries em nossa pesquisa se deve a vários fatores. Em primeiro lugar por serem nitidamente mais carentes que os alunos do ensino médio, e até preteridos pelo corpo docente no momento da escolha das aulas no início do ano. Outro fator determinante é o fato de que no ensino médio devido à proximidade dos exames vestibulares, ainda que minimamente, acreditamos que exista maior reflexão sobre o que se entende como sendo um “bom aluno”. No ensino fundamental a distância do vestibular, a extrema pobreza e a progressão continuada que diminui o peso das notas na avaliação dos professores, tornam o tema menos presente nas conversas diárias dos professores.

Solicitamos aos mais de 20 docentes que colaborassem com nossa pesquisa. Todos os professores foram muito solícitos em levar os questionários

para serem respondidos. A postura diante da tarefa de refletirem sobre o tema foi muito diversa, tivemos tanto professores que rapidamente responderam aos questionários, como professores que levaram mais de quarenta e cinco dias para devolver os mesmos respondidos. E por fim tivemos os docentes que apesar de se mostrarem interessados, comprometidos e envolvidos com a pesquisa sem maiores explicações acabaram não respondendo aos questionários e não os entregando.

Alguns professores elaboraram respostas complexas e longas demonstrando terem refletido sobre as questões e sentirem algum prazer com a escrita. Outros se limitaram a dar respostas curtas e objetivas, como sim e não. E houve até um professor que preferiu entregar todas as questões digitadas no computador, mais uma vez mostrando que o grau de envolvimento ou implicação como diria Barbosa, (1998), varia de acordo com os sujeitos.

Os gestores da escola também atenderam prontamente a nossa solicitação em relação aos questionários que foram rapidamente preenchidos. Exceção feita a uma única coordenadora pedagógica que apesar de muitas promessas e aparente interesse na pesquisa, acabou não entregando os questionários respondidos.

Um fato interessante é que raros foram os casos de professores que atuavam com as turmas nas oficinas no período da tarde que entregaram os questionários. Mesmo tendo ficado vários dias neste período na escola para entregar o questionário e explicar do que se tratava a cada um dos docentes, no caso das oficinas, apenas dois professores acabaram respondendo.

As turmas das sextas séries de 2006 eram muito diferentes entre si, e as opiniões entre os professores a respeito das salas, refletiam esta diferença das turmas. De um lado a 6ªA considerada uma classe relativamente boa, tranqüila, e sossegada, apesar das constantes queixas sobre o rendimento fraco dos alunos. Esta turma era composta por alunos mais jovens e disciplinados e por fim com nítidos melhores resultados que eram visíveis durante os conselhos de classe. Quando olhados de maneira individualizada notávamos que muitos eram os estudantes que apresentavam graves dificuldades de aprendizado.

Na posição oposta, a 6ªB, uma classe famosa entre a direção e professores pelos problemas disciplinares. A sala tinha graves problemas com alunos faltosos e evadidos, e os professores reclamavam constantemente de problemas com alunos agressivos e que os desrespeitavam. A composição da turma era nitidamente diferente da outra sexta série. Alunos residentes também em locais pobres, mas marcados principalmente por serem na grande maioria alunos que tinham idade defasada em relação à série cursada. Em suma, tínhamos diante de nós de maneira muito disfarçada uma turma de alunos multi-repetentes, marcados por experiências de fracasso escolar. Uma turma composta por uma maioria de alunos repetentes alguns com quinze, dezesseis e até dezessete anos cursando a sexta série. Jovens com sérias dificuldades de aprendizado, uma jovem com deficiência mental grave, alguns alunos praticamente analfabetos, outros punidos constantemente com suspensões e advertências pela direção, e mesmo alguns confessadamente envolvidos com o consumo de drogas ilícitas. Diante deste quadro, a 6ªB era abertamente rechaçada pelo corpo docente e sempre associada à noção de fracasso.

É interessante notar que oficialmente a Escola Alfa não trabalha com o sistema de turmas homogêneas, porém quando olhamos para as duas turmas é nítido que não poder ter sido graças ao acaso que turmas tão díspares tenham se formado. E em conversa com gestores já no final do ano letivo, ficou confirmado o que até então era apenas suspeita a mesma afirmou em conversa sobre as minhas pesquisas, que de maneira sorrateira acabava tentando agrupar os alunos de acordo com suas idades e bairros onde residiam.

É visível que a intenção da gestora era a melhor, tentando assim ajudar, esta mostrava sinceramente acreditar que assim permitiria melhor aprendizado a todos os alunos. Assim concentraram numa única sala alunos com dificuldades de aprendizado, idade defasada, problemas disciplinares e histórias de fracasso escolar etc.

4.1.2 - O Questionário aplicado aos docentes

Pretendemos com os questionários captar o que pensam os envolvidos com a escola sobre o tema dos "bons alunos". E assim explicamos a seguir as intenções que tínhamos com cada item dos questionários.

Título – tinha objetivo de já ir orientando os docentes na reflexão sobre o tema.

Porque saber a disciplina – para tentar estabelecer relações entre as respostas dos docentes por área / disciplina de atuação, e verificar se dependendo do tipo de área de conhecimento ocorre um determinado de tipo de visão e valorização de certas características ou não. Fato este que não foi confirmado através da análise das respostas.

Tempo de magistério – saber se o tempo de atuação do docente influencia na forma como vêem a questão do sucesso escolar. Verificar se a experiência possibilita entenderem o problema de forma mais complexa. E se os jovens por terem menos experiência ou formação mais progressista "vêem" a situação de maneira diferente.

Questão -1) Na sua época de estudo você foi um bom aluno? O que era ser um bom aluno em sua época?

Com esta questão tínhamos por objetivo saber se o professor se considerava um "bom aluno" e como este fato influenciava a sua visão sobre o sucesso escolar, dando espaço para verificarmos como o conceito de *habitus* de Bourdieu influenciava a forma como os sujeitos reproduzem experiência e formam seus imaginários.

A questão tentava levar o professor à reflexão quanto a alterações sobre sua época de estudante e hoje em dia, e verificar visões sobre os "bons alunos" que se pretendam congeladas no tempo. Além de comparar o que era ser um

“bom aluno” no seu tempo de estudante, com o que pensa ser atualmente quando se encontra na condição de professor.

Questão - 2) Atualmente você acha que temos bons alunos em nossa escola?

A questão número dois tem por objetivo em primeiro lugar, trazer o docente para a questão dos “bons alunos” na realidade atual a partir de suas reflexões sobre seu tempo de estudante.

Questão - 3) Quais são as características que um aluno precisa ter para que você o considere bom aluno?

Esta é considerada a questão mais importante da pesquisa, pois trata de tentar descobrir o que cada professor ou gestor, imagina ou entende como sendo um “bom aluno”.

Ao solicitar que os professores descrevessem as características dos “bons alunos”, pretendíamos verificar de forma prática, o imaginário dos professores sobre estes estudantes.

A solicitação de características, ao invés de pedir uma descrição ou exposição dos docentes sobre o que consideram “bom aluno”, tinha o objetivo de tentar evitar os discursos prontos. Pois sabemos que os professores, na maioria participante de concursos, e dos cursos de formação do governo estadual, conhecem bem e são capazes de reproduzir um discurso que esteja no plano da teoria, próximo dos cursos de formação e da bibliografia dos concursos.

Como nosso objetivo era diagnosticar o que os professores consideram “bons alunos” na esfera prática, dentro das salas de aula, preferimos nos focar nas características dos alunos por remeterem os professores a questões práticas de sala de aula.

Por não entendermos a noção de “bom aluno” como verdade absoluta, tentamos deixar ao professor a liberdade para dizer o que este considera

pessoalmente como importante para um aluno ser avaliado bom. Neste espaço, também era possível, que o professor questionasse a própria idéia de "bom aluno", caso achasse necessário.

Questão - 4) Por favor você poderia citar os nomes de alunos que considera bons e que sejam de nossas sextas séries (6ªB1, 6ªB2)?

A idéia de pedir que os professores citassem nomes dos alunos que são considerados bons, era poder comparar os nomes citados pelos diferentes docentes, e verificar diferenças e semelhanças nas análises destes.

Outra razão de solicitar nomes dos alunos era poder pensar na maneira como relações de raça, gênero e condição social, se mostram na análise sobre os "bons alunos". Uma outra intenção era utilizar as citações dos professores para acompanhar os alunos citados, pois como somos docentes nestas turmas poderíamos comparar as discrepâncias, ou não, ocorridas entre o que os professores diziam entender como estudantes ideais, e aqueles que efetivamente eram citados e suas características em sala de aula, ainda que tal proposta deva ser relativizada, já que sabemos que estes mudam muito de uma aula para outra.

Questão - 5) Para você qual é o papel que as notas e a disciplina têm na sua visão sobre um "bom aluno"?

O objetivo desta questão era saber a opinião dos docentes a respeito de duas questões sempre lembradas pelo senso comum quando tratamos de "bons alunos". A primeira era saber o peso que as notas e o rendimento nas avaliações podem ter na visão dos professores quanto a um aluno. E assim verificar como a categoria notas altas influía no imaginário sobre os "bons alunos".

A questão disciplinar foi eleita uma outra categoria de análise importante, por ser sempre citada pelos docentes foi colocada para que possamos verificar a relação que os docentes estabelecem entre ser "bom aluno" e os aspectos

disciplinares. Pois suspeitávamos que um forte sentimento moralista/disciplinador fizesse parte do imaginário dos professores acerca dos “bons alunos”.

Questão - 6) O que faz uma pessoa se tornar um bom aluno?

Esta questão visava fazer o docente refletir sobre como um aluno seria formado um “bom aluno”. A idéia era verificar questões presentes no imaginário dos professores sobre talento e genialidade inata, o peso que questões sócio-econômicas têm neste aspecto, importância que professores dão ao ambiente e ao acompanhamento familiar na formação de “bons alunos” e verificar a imagem que os professores têm das famílias dos alunos.

Desejávamos também verificar se os pesquisados atribuíam de alguma forma importância ao trabalho das escolas e dos professores na formação dos “bons alunos” ou se como em outras questões, não se entendem como parte e responsáveis pela situação.

Questão - 7) Na sua opinião porque quase nunca falamos de nossos “bons alunos”? Por exemplo, em reuniões, conselhos, e mesmo em conversas informais com amigos.

Nesta questão a idéia era propor aos docentes uma reflexão a respeito da constatação de que poucos tratam do sucesso, e de que as reuniões têm como base apenas debater e constatar problemas e fracassos, isso quando não se parte para a reclamação pura e simples. Além disso, gostaria de ver se algum professor contrariaria minha afirmação, e argumentaria em sentido contrário.

Questão - 8) Na sua opinião estamos conseguindo dar aos nossos bons alunos a atenção que merecem? Justifique a sua resposta.

Pergunta que se relaciona com minhas inquietações iniciais como docente no sentido de constatada a existência de ótimos alunos, conseguirmos lhes oferecer educação e atenção de qualidade. A partir das respostas dos professores, queria saber como cada um enfrentava a situação, se notava o problema, sentindo-se incomodado com a questão e quais eram as razões apontadas como causadores do problema.

Questão - 9) Você adota algum tipo de estratégia pedagógica diferente para lidar com bons alunos? E sente algum tipo de incômodo quando tem bons alunos em turmas que tem baixo rendimento? Se puder exemplifique o que sente.

Nesta questão tentamos verificar dois fatores: primeiro se os professores adotam alguma posição ou estratégia diferenciada para lidar com os alunos que consideram bons, e quais são estas estratégias; segundo, verificar como os professores lidam com a idéia de trabalhar com as turmas heterogêneas e como o imaginário baseado nas turmas homogêneas, como princípio ordenador dos estudantes e do trabalho docente, influenciam a percepção dos educadores no contexto atual onde parcelas antes excluídas estão presentes nas salas de aulas.

Observação final

A observação final vinha no sentido ético de orientar o professor a respeito de meu compromisso com o sigilo de suas identidades. Assim tentamos lhes deixar mais à vontade diante da clareza de que não seriam expostos, e assim pudessem apresentar respostas e resoluções para as questões de forma mais livre e descontraída.

Outro fator importante, é que como é público que sou bolsista da secretaria de educação em nível de mestrado, podia-se criar expectativas quanto à entrega dos dados para os técnicos da secretaria. Deixar claro que não se trata disto, era no nosso entender muito importante.

4.1.3 - O questionário dos alunos:

Questão 1 - Você se considera um bom aluno? Pode justificar as razões de sua resposta?

Tinha por objetivo analisar a auto-imagem que dos alunos fazem de si. A idéia era como se imaginam devido a estudarem em uma escola que a todo instante lembra sua condição de "fracasso e decadência". Pedir ao aluno que justifique a razão de se considerar ou não um "bom aluno" tinha o objetivo de saber quais razões motivavam os alunos a construírem suas auto-imagens.

Questão 2 - Para você o que um estudante deve ter para ser considerado um bom aluno?

Esta Pergunta segue a linha da questão nº 1, e tenta saber que visão os alunos do ensino fundamental consideram características importantes num "bom aluno". Esta questão tinha por objetivo tentar entender que valores e idéias permeiam o imaginário dos alunos sobre o tema e também como estes refletem a influência de pais, professores, gestores, colegas etc na formação de suas idéias sobre a questão.

Questão 3 - Você poderia citar alguns alunos das sextas séries (6ªB1, 6ªB2) que considera bons?

Com esta questão queríamos saber quais eram os estudantes considerados "bons alunos" na visão do corpo discente. E assim comparar este grupo com os alunos citados pelos docentes como alunos ideais.

Questão 4 - Sua família lhe considera um bom aluno? Justifique.

Esta questão reflete uma tentativa de sabermos como os estudantes imaginam serem avaliados pelos seus familiares, e assim construirmos algum conhecimento sobre a forma como as famílias participam e cobram dos estudantes determinados comportamentos e rendimentos na escola.

Questão 5 - Seus professores o acham um bom aluno? Justifique.

Esta pergunta se assemelha à questão anterior, mas pretende verificar a idéia dos alunos a partir da visão que formam através do contato com os docentes, e assim compreender quais características os alunos dizem ser valorizadas pelos docentes na definição de "bom aluno".

Questão 6 - Na sua opinião que fatores fazem os professores considerarem um aluno bom?

A questão pretende aprofundar a questão nº 5, no sentido de perceber como os alunos lêem o imaginário dos docentes, que tipo de idéia os professores passam aos alunos como sendo um "bom aluno", e como acabam formando e reproduzindo suas idéias sobre o que viria a ser o modelo de estudante ideal da escola Alfa.

Questão 7 - Todo bom aluno é comportado? Justifique.

Esta questão se relaciona com o questionário dos professores, e por isso destaca na opinião dos estudantes o papel que os aspectos disciplinares têm no seu imaginário a respeito da idéia de "bom aluno". Assim tentamos analisar na óptica dos estudantes qual era a importância dada à categoria de análise disciplina.

Questão 8 - Todo bom aluno tem notas altas? Justifique.

Esta questão tinha o objetivo de verificar o peso que o rendimento, as notas, tinham na forma como os alunos formavam suas idéias de “bom aluno”. Gostaríamos, de ressaltar que as questões 7 e 8 apresentadas aos alunos tinham por objetivo fazer uma contraposição entre o dito (discursos pedagógicos) pelos docentes, e o que os alunos entendem como valorizado pelos professores e valorizados por eles mesmos.

Questão 9 - Na nossa escola atualmente temos bons alunos?

Esta questão tentava verificar junto aos alunos a imagem que têm da escola e de seus alunos, bem como o peso dos discursos do fracasso no imaginário dos estudantes.

Questão 10 - Você acha que o professor dá mais atenção para o bom aluno e o protege de alguma forma?

Por fim, a última questão tinha o objetivo de completar a questão n° 9 feita aos docentes, e verificar se professores têm postura diferente diante dos chamados “bons alunos”.

Composto por nove perguntas, o questionário dos estudantes pretendia analisar um universo semelhante ao dos professores, porém sobre uma ótica diferente. Houve o cuidado de tentar fazer algo mais enxuto e de acordo com vocabulário de crianças de 6ª série. Porém, apesar da pouca idade e de obviamente terem um tipo de leitura e escrita menos elaborada que os professores, as respostas dos estudantes foram muito interessantes e pensamos que contribuíram bastante para nossa pesquisa.

4.1.4 - Aplicação dos questionários:

A aplicação dos questionários tanto aos professores como aos alunos foi um momento tenso e que nos demandou muita reflexão. Com os questionários prontos vieram os dilemas sobre a melhor forma de aplicá-los. Sabíamos do peso de se analisar a instituição em que trabalhamos e mais que isto que nossa presença poderia influenciar as respostas dos pesquisados. Pois, professores e alunos, poderiam se ver tentados a responder o que julgavam fosse esperado pelo pesquisador. Os primeiros pelo fato de serem colegas de trabalho e desejarem nos "ajudar" e assim "facilitar" a pesquisa. Os alunos, porque somos cientes da influência que exercemos enquanto autoridade docente podendo assim, alterar completamente as respostas dos alunos que diante do professor podiam se sentir intimidados e passarem a "dizer" o que imaginam ser ideal segundo a expectativa do professor.

Devido a estas questões tomamos alguns cuidados que descreveremos a seguir, e que apesar de ter clareza de que não são capazes de anular nossas interferências nas respostas, foram tomados no sentido de minimizá-la.

4.1.5 - Cuidados tomados com a aplicação dos questionários aos alunos:

A primeira medida que tomamos em relação aos questionários aplicados aos alunos foi no tocante à escolha da data de aplicação. Decidimos pelo último dia letivo do ano de 2006, no mês de dezembro, quando tradicionalmente os estudantes começam a ficar em casa devido ao início das férias de verão.

A razão da escolha deste dia foi tentar que com o ano letivo encerrado, e a relação professor-aluno praticamente terminada, o peso de minha autoridade interferisse o mínimo possível nas respostas e reflexões dos estudantes.

Além disso, antes do pedido de que os alunos respondessem as questões todos os alunos foram avisados sobre suas notas, faltas, conceitos finais. Tiveram

provas devolvidas e foram informados sobre suas condições de aprovados ou reprovados, para que nenhum aluno associasse os questionários a alguma alteração (negativa ou positiva) nas suas situações como discentes do ano letivo de 2006.

Todos foram informados de que o ano letivo era dado por finalizado e de que nenhuma resposta seria usada ou mudaria a situação dos alunos. Como prova simbólica deste fato solicitamos que um aluno conferisse os meus diários quanto às notas fechadas e a caneta. Todos conferiram as papeletas de notas e faltas, e um aluno ficou responsável pela entrega destas à direção da escola, sinalizando assim o fim do processo avaliativo.

Após todo o ritual descrito, pedi que me fizessem um favor e respondessem o questionário que lhes seria entregue. Expliquei que se tratava de uma pesquisa de mestrado e qual a temática pesquisada, deixando bem claro que não se tratava de prova ou nenhum tipo de avaliação dos alunos e que não precisavam se preocupar em dar respostas corretas, pois não seriam avaliados pelas respostas dadas em hipótese alguma.

Deixamos claro que podiam se sentir à vontade para responder o que pensavam, que poderiam inclusive ficar livres para deixar em branco o que não soubessem ou não quisessem responder.

Por fim os estudantes foram informados que suas identidades de maneira alguma seriam reveladas, que podiam ficar livres para indicar ou não seus nomes e turmas, pois estes dados não eram relevantes e que de nenhuma forma tais questionários chegariam até os outros docentes e aos gestores da Escola Alfa. Vale destacar que vinte por cento (20%) dos estudantes optaram pelo anonimato aos responderem os questionários.

Avisamos ainda que se alguém não se sentisse à vontade ou disposto a responder ao questionário, estava desobrigado. Atitude que foi seguida por um terço (1/3) dos estudantes.

Após estas orientações me retirei da sala deixando os alunos livres para responder as questões, ficando um aluno responsável por recolher os questionários e colocá-los num envelope de papel pardo. Todos estes

procedimentos para que não fosse possível que eu identificasse as respostas de nenhum aluno.

Adianto ter preferido eu mesmo aplicar os questionários, pois assim poderia seguir as etapas descritas e temia que outro professor pudesse influenciar ainda mais que eu os alunos, e ainda influenciar suas respostas a partir do que responderiam os alunos.

4.1.6 - Cuidados tomados na aplicação dos questionários aos professores:

Quanto ao trabalho com os docentes, a metodologia que adotamos no sentido de minimizar a nossa influência nas respostas dos questionários foi adotada em dois sentidos:

Primeiro evitamos qualquer comentário sobre nossa pesquisa, estudos realizados, idéias, hipóteses, tendências de análise ou reflexões durante os trabalhos de mestrado com os colegas, fosse na sala dos professores, conversas informais ou reuniões pedagógicas.

Tomamos muito cuidado em evitar passar aos professores idéias e opiniões pessoais nossas, que de alguma forma, pudessem vir a influenciar a resposta dos docentes no sentido de dizerem algo baseados em exposições nossas.

A segunda medida foi possibilitar aos professores bastante tempo para responder aos questionários, assim pensamos poderiam pensar e refletir com toda a calma e tempo nas questões. Com tempo, os professores puderam responder aos questionários longe do ambiente escolar e de todo o clima que impregna a dura rotina cotidiana dos docentes. Evitando qualquer chance de se sentirem controlados ou observados na resposta das questões ou acabarem respondendo em grupo com os demais docentes aos questionários com vistas à “facilitar” o trabalho.

O tempo também teve o objetivo de tentar com o afastamento temporal e espacial reduzir ao máximo possível a nossa influência na forma como cada docente daria suas respostas.

Assim os professores tiveram em torno de quarenta e cinco (45) dias para responder as nove (9) questões. Receberam os questionários dia 3/11/2006 e recolhemos os mesmos no dia 18/12/2006, com cada professor usando o tempo da forma que desejou, tivemos desde os professores que utilizaram apenas um único dia, até os que usaram todo o prazo.

4.2 - Resultados da Pesquisa:

Categoria Auto-imagem docente e discente

> *"Não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos. A escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se espera. Por outro lado, como instituição social, ela é determinada pelo conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela. Esse fluxo é o que reproduz a ideologia dominante. Há um certo consenso sobre os comportamentos que se espera de um aluno e o mesmo acontece com relação ao professor. Isto significa dizer que parte da relação professor-aluno já é predeterminada socialmente. O modelo de sociedade define o modelo de escola e nele está contida a ideologia dominante" (CUNHA, 1996, p.65)*
>
> *"Portanto, a escolha que o aluno faz do BOM PROFESSOR (e a escolha que o professor faz do Bom Aluno – grifo meu) é permeada por uma prática social, isto é, o resultado da apropriação que ele faz da prática e dos saberes histórico-sociais." (CUNHA, 1996, p.66)*

Como já destacamos, a primeira questão do questionário aplicado aos professores tinha o objetivo de tentar entender como os professores se viam na época em que eram estudantes, e a partir destas informações refletir sobre a forma como as idéias que formaram sobre os "bons alunos" nas suas épocas, acabavam por interferir na formação do imaginário docente a respeito dos "bons alunos".

Portanto, uma primeira constatação que podemos fazer quando analisamos as respostas dos professores para a questão da auto-imagem, é o fato da maioria esmagadora dos professores se definirem em suas épocas de estudantes como "bons alunos".

Esta informação nos leva a pensar que temos um quadro em que pessoas que se vêem como ex-"bons alunos" atuam como professores e que por isto têm um conceito bastante fechado a respeito do que seriam os alunos tidos por ideais, e em segundo lugar, uma expectativa de se reencontrarem em sala de aula.

Vale destacar que tivemos apenas duas exceções quanto a esta questão, um único professor se definiu como *uma aluna regular* e que tinha dificuldades em obter os conceitos máximos. É Interessante que mesmo conseguindo ser aprovada, e obtendo as médias necessárias, a professora não se considera "boa aluna" por nunca conseguir as melhores notas, mostrando na sua óptica uma forte idéia de competição que permeava a noção de "bons alunos". Apenas aqueles que tinham as melhores notas eram considerados "bons alunos" e por isso a idéia de competição e seletividade está ligada à idéia que a professora faz dos rendimentos das avaliações.

Outra exceção interessante é o fato da diretora da escola não se considerar uma "boa aluna", ao contrário, ter sido considerada uma aluna limitada o que a coloca numa posição oposta à dos docentes que se definem como ex-"bons alunos". Esta posição da gestora de não se colocar como "boa aluna" é muito importante, pois já na primeira questão inicia-se um caminho que seguirá ao longo das outras questões em sentido bastante diferente dos professores.

Quando analisarmos a primeira questão no sentido de saber o que os professores imaginam que fosse o perfil de um "bom aluno" quando eram estudantes, começamos a perceber que as opiniões a respeito da questão poderiam ser bastante uniformes em alguns pontos mostrando como os imaginários acabam se formando coletivamente.

Entretanto, pudemos verificar que apesar de concordarem em alguns pontos, se todos os professores pudessem ler o que cada um respondeu, notariam que cada um valoriza mais ou menos certos comportamentos dos estudantes que podem ser inclusive opostos. Mostrando o quão subjetivo a idéia de "bom aluno" pode ser, e ainda que a idéia de um conhecimento tácito sobre os "bons alunos" pode nos levar a alguns equívocos.

Quando analisamos as respostas dos professores para a questão de terem sido ou não “bons alunos” em sua época de estudantes, a informação que salta aos olhos é o fato de que de treze (13) professores, nada menos que nove (9) afirmam categoricamente terem sido “bons alunos”.

Esta informação nos chama a atenção porque confirmamos uma suspeita nossa, a de que os professores são (ou pelo menos pensam ser) “ex-bons alunos” e que por terem boas lembranças quanto a sucesso e prazer de suas experiências escolares, retornam para a escola na condição de docentes.

Ainda que tal padrão de resposta fosse esperado, nos questionamos quanto às conseqüências de termos um consenso tão homogêneo dos professores a respeito de suas experiências escolares. Diante disso fica interessante avaliarmos o que estes docentes que dizem terem sido “bons alunos” imaginam que isso significasse ser.

Quando analisamos que fatores os professores julgam caracterizar os “bons alunos” em seus tempos de estudantes, temos uma perspectiva mais heterogênea e complexa. Ainda assim, se procedermos a uma análise quantitativa verificamos que alguns fatores se destacam, e quando analisamos as respostas em conjunto, verificamos que por exemplo o fator conseguir notas altas é algo bastante lembrado pelos professores como fator que definia um “bom aluno”, nada menos que sete (7) dos treze (13) professores destacaram que “bons alunos” tiravam boas notas. A nota máxima é vista pelos docentes em si mesmo como um fator diferenciador entre os “bons alunos”. Destacamos o que dizem alguns docentes sobre a questão: *“estudar e tirar boas notas” , “estudar para ter notas boas”, “tirar boas notas na prova”, “sendo a nota máxima o objetivo principal”, “tirar boas notas”, “ser bom aluno na minha época de escola era além de estudar e tirar boas notas”.*

Outra questão muito interessante foi o grande número de professores, oito (8) em treze (13), que associaram de alguma forma os “bons alunos” ao fato de se dedicarem aos estudos, ou de estudarem a obterem boas notas. Este fator muitas vezes surgiu associado a obter boas notas, com frases como: *“estudar e tirar boas notas”, “estudar para ter notas boas”,* mas nem sempre a idéia de estudo vinha tão ligada à questão das notas. O que destacamos é a percepção dos docentes, que para que um aluno fosse considerado bom, era necessário que este executasse

atividades inerentes a suas condições de estudantes que é estudar e ter boas notas, e que por isso é tido até por natural. Assim verificamos que os educadores não perdem de vista apesar de às vezes o fazer de forma mecânica e inocente a relação do "bom aluno" com o saber.

Para alguns docentes a idéia de estudar extrapola a noção de dedicação às aulas, alguns destacam o fator de necessitarem ser estudiosos para serem "bons alunos", se dedicarem aos estudos, estudarem em horários diferentes ao das aulas etc. Neste sentido conseguimos verificar uma certa associação entre a idéia de "bom aluno" e a noção de empenho, dedicação, esforço pessoal. Esta tônica será destacada muitas vezes por professores e alunos quando tentam explicitar as questões. Destacamos um exemplo do papel da ideologia do esforço pessoal na frase a seguir: *"sempre estudava fora do horário da escola, em casa ou na biblioteca". (Frase de professora explicando porque se considerava uma "boa aluna".)*

Apesar de em menor número, as noções de responsabilidade e fazer todas as tarefas que lhes fossem mandadas, também surgiram nas exposições de alguns professores.

Destacamos que tais conceitos nos indicam uma tendência a tratar a questão dos "bons alunos" de maneira individual, e não tivemos a oportunidade de verificar com nenhum professor a tentativa de explicitar melhor do que entendem por responsabilidade. A nossa hipótese devido ao também grande número de citações a respeito da necessidade de fazer as tarefas, é que responsabilidade esteja também ligada à noção de fazer tudo na hora devida, entregar os trabalhos em dia etc. As tarefas saltam como algo também importante para os professores, quatro professores citaram a questão como algo relevante em suas épocas de estudantes.

A somatória da valorização das notas altas, da responsabilidade e das tarefas sempre bem executadas, nos dá indícios do modelo de escola e aluno que tínhamos. Um modelo que parece pretender formar sujeitos que seriam dedicados executores de tarefas, pois mesmo a questão do estudo que demonstra relação com o saber, muitas vezes foi lembrada apenas como forma de obter boas notas, e ser estudioso surgiu como sinônimo de fazer todas as tarefas.

Porém, um último fator ainda se destaca na análise quantitativa da questão número um. Quando analisamos as respostas dos professores em conjunto, notamos uma valorização bastante grande dos aspectos disciplinares, lembrados por oito professores, quando pensam no que seria um "bom aluno" nas suas épocas de estudantes.

Apesar de trabalharmos com docentes das mais variadas idades, desde professores já aposentados com mais de sessenta anos, que retornaram as aulas para tentar sobreviver, como um complemento de suas aposentadorias, até professores que ainda são estudantes e sequer se formaram, e por isso, ainda jovens com menos de 25 anos e em início de carreira, a mesma atenção à disciplina sempre surge. Talvez esta constatação nos mostre o peso que as questões disciplinares têm no imaginário que um professor cria a respeito de um "bom aluno", seja ele alguém que foi estudante na década de 1950, 1960, 1970, 1980 ou até mesmo 1990 e 2000.

Alguns professores citaram literalmente a necessidade de ter bom comportamento, de ser disciplinado etc. Mas uma fala foi constante na definição dos professores do que era ser "bom aluno" quando era estudante, "respeitar os professores", a questão do respeito tem enorme destaque nas respostas e foi lembrada por sete docentes. Em exposições como as que se seguem: *"respeitar a direção escolar e professores", "a disciplina plena, boas maneiras", "ter respeito às regras escolares e aos professores".*

Alguns professores destacam a mesma resposta da necessidade de disciplina e respeito, como faz a professora na frase a seguir: *"Sim. Estudioso, disciplinado e ético. Sentia prazer em estudar, respeitava a todos".*

Estas afirmações podem nos fazer imaginar que de alguma forma os professores venham a ter uma visão saudosista de seus tempos de estudantes, pois imaginam que naquela época a autoridade dos docentes era menos desafiada. Por outro lado a preocupação dos docentes com o respeito, talvez nos possa indicar um problema já muito denunciado pelos professores e até negligenciado pelos gestores educacionais que é a deterioração rápida e acentuada da importância do respeito nas relações humanas vivenciadas no cotidiano escolar. Podemos extrapolar da simples queixa ou constatação dos

docentes preocupados com o volume de atitudes desrespeitosas que enfrentam diariamente, para ser verificada a forma violenta como as sociedades contemporâneas têm se relacionado no seu convívio diário.

Quando analisamos as respostas dos professores numa perspectiva qualitativa e preocupada com a subjetividade de cada sujeito, notamos que apesar de certa homogeneidade nas características dos "bons alunos", muitas questões particulares de cada docente vêm à tona, demonstrando pontos mais profundos a serem analisados e nos dando informações à cerca do imaginário sobre os "bons alunos". Portanto, destacamos por exemplo a resposta a seguir: "*Sim, ser responsável com os trabalhos, estudar e tirar boas notas, ter respeito às regras escolares e aos professores, ter conhecimentos básicos*".

Através desta resposta de um docente podemos verificar que além dos pontos já analisadas surge uma questão inovadora, os conhecimentos básicos. Seria interessante pensar no que poderia significar possuir estes conhecimentos básicos na época em que o professor se formou. Seria saber ler e escrever bem? Dominar bem os cálculos? Ter alguma habilidade específica? O professor não dá maiores informações em seu questionário, mas atribuímos atenção a este detalhe por ter sido a única resposta que se referiu de maneira explícita a questão dos saberes prévios ou pré-requisitos que sabemos têm muita importância nas análises que os docentes cotidianamente fazem dos alunos.

Outro professor destaca que o "bom aluno" deve ter um único objetivo – aprender, como podemos ver em sua resposta: *"Sim, ser bom aluno é ter como único objetivo aprender, isso indica que temos que ter freqüência, participação nas aulas e dedicação nos estudos".* Esta questão nos mostra por um lado uma preocupação com a função primordial da escola que é ensinar. Mas também nos indica uma certa inocência do professor ao acreditar ser possível que um ser humano tenha um único objetivo. Todos somos vastidões de objetivos nas nossas atividades diárias. Além disso, pensar que crianças possam ter de maneira tão rígida um único objetivo ao freqüentar a escola, é algo completamente irreal. Sabemos que muitos são os motivos que levam um jovem à escola, a obrigação legal imposta pela lei, a obrigação por parte dos pais, o desejo de aprender, o desejo de obter um certificado que lhe garanta um bom emprego, a busca pelos colegas de escola,

etc. Como exemplo destes múltiplos objetivos que por vezes os professores parecem perder de vista, citamos Charlot, (1996, p.49):

> *"A questão é: que sentido tem para a criança o fato de ir à escola e de aprender coisas, o que a mobiliza no campo escolar, o que a incita a estudar? ... A escola como dissemos, tem por função específica formar a criança, permitir-lhe se apropriar dos saberes. Mas a criança só pode se formar, adquirir esses saberes, obter sucesso, se estudar. E ela só estudará se a escola e o fato de aprender fizerem sentido para ela. A questão do sentido deve portanto preceder a da competência (que sentido o fato de ir a escola tem para a criança?) e permanecer presente durante a aquisição de competências. (Para uma criança, o que significa "aprender", "estudar"?)".*

Desta forma pensamos que necessitemos ir além do simples ter por único objetivo aprender e nos questionar sobre o que significa este aprender, e qual é o significado do mesmo para o estudante que está sendo ensinado. Ou parafraseando Charlot, (1996) refletir sobre as relações que os jovens das famílias populares estabelecem com o saber.

A ideologia do esforço pessoal tão estudada por Patto, (2000), surge na fala do professor que destaca que se dedicava muito mesmo encontrando muitas dificuldades: *"Sim, pois apesar das dificuldades que tinha, sempre estudava fora do horário da escola, em casa ou na biblioteca, e participava de quase todas as atividades propostas pelo professor".*

Um dos professores destaca a nítida vocação disciplinadora da escola do passado ao afirmar que: *"Sim. Ser bom aluno era ter responsabilidade, fazer tudo que o professor (a) solicitasse, estudioso, tirar boas notas, ter um bom comportamento, respeitar os professores."*

Chamou-nos a atenção a frase que associa um "bom aluno" a fazer tudo o que o professor mandava. Em primeiro lugar temos aqui o docente que dá ordens e delega tarefas e o ideal de aluno aquele que as cumpre sem questionar. Talvez nos valesse refletir qual tipo de cidadão formamos nestas escolas onde ser "bom aluno" era (para alguns ainda o é) fazer tudo o que lhe mandam. A questão da obediência cega, da subordinação, é nítida nesta afirmação. Seguindo a linha disciplinadora uma professora nos diz:

> *"Sempre tive facilidade nos estudos por ter estudado em ótimos colégios. Meus pais investiram muito em meus estudos, sendo a nota máxima o objetivo principal. Como estudei em colégios de freiras, a disciplina plena, boas maneiras e participação geral, havia a média mínima de 7,0 pontos, abaixo desta o aluno era considerado ruim."*

Disciplina plena, a instituição escolar segundo a professora por ser religiosa (colégio de freiras) defendia um modelo disciplinar total, a ser atingido sobre a pena de ser considerado um aluno ruim. É interessante como tal afirmação se relaciona com a resposta do professor que destaca a necessidade de fazer tudo o que mandavam e com a perspectiva quantitativa da disciplina sendo lembrada de maneira direta ou não por quase todos os professores.

Através deste relato podemos verificar vários conceitos que permeiam o imaginário de um professor quanto ao que venha a ser um "bom aluno". Notas altas, boas maneiras, participação etc, mas destacamos aqui em primeiro lugar a importância dada ao fato da família ter investido muito nos seus estudos, pois a família será constantemente lembrada quando chamados a refletir sobre os "bons alunos".

Os únicos relatos que de alguma forma questionam o conceito de "bom aluno" são não por acaso das duas únicas professoras que se definem como tendo sido estudantes regulares e mesmo consideradas fracas. Estas mostram claramente que a idéia de "bom aluno" estava associada à noção de docilidade quando relatam que ser "bom aluno" era:

> *"Fui uma aluna regular, não tirava as melhores notas, mas sempre dava para passar de ano, nunca repeti de ano. Na minha época ser um bom aluno era conseguir decorar os questionários e não questionar nada, aceitar tudo que era explicado."*
>
> *"Não, nunca fui boa aluna, ao contrário, eu fui considerada "aluna limitada" ao término da 4ª série. No meu tempo ser bom aluno era: não questionar, ser dócil... Eu realmente era muito dócil, mas no fundo fazia o que queria" .*

É interessante comparar as respostas destas professoras com o que Patto, (2000, p.253,254) disse ter verificado na classe considerada muito boa, na escola do jardim em corpos quase dóceis:

> *"A disciplina, a ordem e a submissão aparecem com insistência em seu discurso, aparentemente em íntima relação com a capacitação das crianças para a realização das tarefas escolares... Sua classe é muito diferente da classe de Neide: ordem e silêncio são as suas características mais evidentes."*

Por fim gostaríamos de destacar as respostas de um professor que consideramos muito elucidativas:

> *"Acredito ter sido um bom aluno sim, não pelas notas, minhas notas quase sempre foram boas, mas ficava longe de alunos que tiravam notas máximas ou próximas das máximas em quase todas as disciplinas... mas acredito que isso não seja qualidade única ou determinante para classificarmos um bom aluno... ser bom aluno na minha época de escola era além de estudar e tirar boas notas ser disciplinado, não faltar (tinha medo de faltar e perder o conteúdo e só faltava em caso de necessidade mesmo), respeitar a direção escolar e professores, ter interesse, ser participativo e comprometido com as atividades em sala de aula e extra classe. Lógico que na minha época de estudante também havia problemas com alunos indisciplinados, porém, numa escala muito menor, tanto em gravidade como em quantidade da que vemos hoje em dia. Também na minha época cheguei a achar a escola "chata", mas talvez a diferença era a de que eu percebesse (mesmo que inconscientemente) a importância de estar ali e do respeito que tinha para com meus professores. Estes valores, que não exclusivos meus mas de quase a totalidade dos grupos que estudei, vinham de "berço", de casa, dos pais, da família. Os problemas sociais também não tinham a dimensão que têm hoje (quantidade grande de pais separados, alcoolismo, drogas, violência doméstica...). Bom, chega de saudosismos e vamos pra a segunda pergunta."*

Destacamos a resposta da professora de Geografia, pois entendemos que com ela podemos verificar como as disposições dos professores variam de caso a caso, além disso entendemos que esta resposta nos possibilita pensar em diversas questões, o papel das notas, o caráter competitivo que permeava a relação dos alunos ao tentarem obter boas notas em quase todas as matérias, a capacidade do professor de ir além das notas e destacar outros fatores considerados fundamentais para os "bons alunos" como freqüência, disciplina, respeito, compromisso, etc. Porém, o professor se permite uma reflexão onde tenta comparar sua época com a atualidade, e demonstra senso crítico ao dizer que os problemas disciplinares ocorriam na sua época também. Mas segundo o docente em volume bem menor, desta forma teremos uma posição que será a tônica da maioria das críticas dos professores às escolas de hoje em dia, a forma

como os problemas que eram pequenos em tempos passados tomaram volume e hoje parecem que estão totalmente fora de controle.

É interessante que ao pensar nos “bons alunos” o professor quase que automaticamente desvia o percurso e passa a refletir sobre o fracasso escolar, suas exposições surgem como se no passado tivéssemos sucesso e a atualidade lhe preocupasse pelo fracasso cada vez maior.

O professor ainda destaca uma questão importante ao dizer que ainda que achasse a escola chata tinha de forma até inconsciente a idéia da importância da escola para sua vida, não estaria aí a chave para entendermos as diferenças entre os rendimentos e posturas dos alunos? Segundo Charlot, (1996. p.55) a relação que os estudantes estabelecem com os saberes é algo fundamental nas suas histórias escolares.

> *“Entretanto, para a maioria dos alunos (cerca de 75%), ir à escola apresenta muito sentido: é preciso ir à escola “o mais tempo possível”, para mais tarde ter uma “boa profissão”, portanto, um “bom futuro”, uma “bela vida” (ou ainda uma “vida normal”)”.*

O professor também indica capacidade de relacionar a situação escolar com questões sociais ao dizer que os problemas sociais não eram tão graves. Será que não eram tão graves ou será que os problemas sociais graves estavam fora da escola? Estas reflexões necessitam maiores estudos.

Por fim destacamos a importância que o professor atribui à família e aos valores vindos de berço. Neste sentido podemos verificar uma questão muito estudada pela bibliografia sobre o fracasso e sucesso escolar, a tendência dos docentes em explicar sucesso e fracasso com fatores externos à escola, recorrendo principalmente à família como forma de explicá-los. Vejamos que a citação de problemas de famílias supostamente desagregadas, alcoolismo, e drogas, nos indicam que uma visão profundamente negativa das famílias populares se delineia, e ainda que realmente tenhamos sim alguns casos onde crianças são praticamente abandonadas à própria sorte por suas famílias, entendemos que partir de casos específicos para realizar uma leitura geral e formar o nosso imaginário sobre as famílias populares seja algo bastante

perigoso, pois nos sugere a clássica explicação de que estas famílias não valorizam a escola. Idéia que estudos como os de Charlot, (1996, p.57)

> *"A demanda familiar se torna vontade pessoal de sucesso, mobilização em relação à escola. Os discursos dos jovens mostram que as famílias populares, inclusive as de imigrantes, dão uma importância real ao sucesso escolar das crianças. Sabemos que as crianças não cursam voluntariamente a escola e que com freqüência, suas famílias são tecnicamente despreparadas para ajudar os filhos a fazer os deveres. Mas é a força de uma demanda inscrita na rede das relações familiares, mais do que a ajuda técnica dada pelos pais, que sustenta a mobilização dos jovens em relação à escola."*
>
> *"Essa diversidade de práticas familiares mostra que não é pertinente falar de maneira global das famílias populares ou das famílias imigradas, razão do fracasso escolar. Sem dúvida, o que se passa na família não é sem efeito na história escolar dos jovens, mas esses efeitos só operam articulados com outros processos: contribuem para estruturar a história escolar dos jovens, mas jamais a determinam."*

Destacamos que este é um dos fatores que Cunha, (1996), e Lahire, (1997) lembram, muitos fatores além da formação profissional podem influenciar na forma como um professor compreende sua prática, sabemos que neste caso o professor é bastante religioso e militante de movimentos sociais em sua paróquia, daí verificarmos o peso que a família terá em sua exposição e como explicações de cunho social e religioso podem conviver tranqüilamente na forma como o professor pensa a realidade.

4.2.3 - O "bom aluno" numa perspectiva atemporal

> *"Sim. Ser um bom aluno é aquele que gosta de estudar independentemente da época, sempre gostei de estudar".*

Destacamos a resposta anterior como forma de comparar as posições dos professores, se um prefere e se permite uma reflexão mais aprofundada, o outro é sucinto, de uma simplicidade que na verdade revela como muitos docentes pouco refletem sobre questões importantes e acabam tratando como naturais valores

que na verdade são constituídas em processos históricos e sociais muito complexos.

Ao dizer que o “bom aluno” gosta de estudar, a professora apesar de citar uma das questões centrais da própria idéia de escolarização ao se referir à necessidade de estudar, demonstra que aos professores a própria idéia de estudar não é sequer questionada.

Podemos considerar o estudar sendo a mesma coisa na década de 1950 e hoje em pleno século XXI? A forma como se estuda segue sendo a mesma? O gosto pelo estudo surge de onde? É natural e inato ao aluno ou é também um aprendizado que precisa ser ensinado socialmente? Teria a escola algum papel nesta tarefa de fazer o estudante gostar de estudar? Podemos esperar o mesmo tipo de envolvimento com os estudos de jovens de origens sociais diferentes? Por fim salientamos a afirmação da professora que a idéia de “bom aluno” independe da época, pensamos exatamente o oposto, que a própria noção de educação e aprendizado varia muito de acordo com a época e contexto em que ocorre, sendo a educação um ato político e por isso mesmo histórico.

Talvez a explicação do professor sobre as famílias populares, somada a visão que entende o conceito de “bom aluno” como algo objetivo e imutável, ajude-nos a entender a razão que faz os professores se referirem tão pouco a “bons alunos”.

Quando analisamos as respostas dos professores sobre as características dos “bons alunos” em suas épocas de estudantes algumas características saltam aos olhos e comprovam algumas hipóteses preliminares que tínhamos no início das pesquisas baseadas no senso comum a respeito do assunto.

Os caracteres lembrados pelos docentes como sendo típicos dos “bons alunos” foram as notas altas e a disciplina como já esperávamos. Desta forma temos uma primeira possibilidade de imaginar que formados numa escola em que a avaliação servia para distinguir e selecionar os melhores, e onde a disciplina precisava ser buscada a todo instante, podemos suspeitar que estes docentes acabem reproduzindo este imaginário no qual foram formados nas suas práticas pedagógicas com os seus alunos atualmente. Mesmo estando em contextos

sociais e históricos diferentes daquele em que foram formados, e atuando com uma clientela com costumes, interesses, necessidades e origens bastante diferentes daquelas de suas épocas de estudantes.

Para termos uma idéia do quanto as noções de notas altas e disciplina foram consideradas importantes pelos professores, vejamos alguns dados quantitativos que têm por objetivo apresentar um quadro que possa orientar nosso leitor. Num universo de treze professores pesquisados, somados gestores e docentes, temos a seguinte situação: nada menos que sete professores ou mais de 50% dos pesquisados, destacaram o fato de tirar boas notas como um fator distintivo dos "bons alunos". Vejamos algumas citações dos docentes quanto às boas notas.

Para a pergunta o que era ser "bom aluno" em sua época de estudante, as respostas foram: *"Nota máxima objetivo principal...", "Ser Bom aluno era... Estudar para tirar boas notas", "tirar as melhores notas", "estudar, tirar boas notas", "tirar boas notas", "Estudioso, tirar boas notas", "Ser responsável, estudar e tirar boas notas" .*

Quando a questão é a disciplina temos uma situação unânime, ainda que apenas dois gestores e dois professores utilizem-se da palavra disciplinado para se referir aos "bons alunos", como fez a vice-diretora da escola ao dizer que "bom aluno" era: *"Ser estudioso, disciplinado, ético, sentir prazer em estudar, respeitar a todos",* ou quando um docente afirma que "bom aluno" era aquele que: *"tinha a nota máxima, média mínima 7,0, abaixo disso era considerado ruim, como o colégio era de freiras prezava-se pela disciplina plena e boas maneiras".*

Quase todos os professores que participaram da pesquisa de alguma forma fazem referência à disciplina, ainda que algumas vezes de forma camuflada e mais sutil. Vários foram os docentes que utilizam o termo respeitar o professor como distintivo de "bons alunos". Temos muitas declarações que comprovam a valorização da disciplina no imaginário dos "bons alunos" como podemos verificar a seguir*: "Ser bom aluno, era não questionar, ser dócil".*

A única a questionar abertamente o caráter disciplinador para se pensar nos "bons alunos", é a diretora da escola, mais interada da literatura sobre pedagogia, conhecida na escola pelos seus conhecimentos relativos à legislação

educacional e bibliografia atual sobre educação, fato comprovado pela aprovação em quase todos os concursos que presta.

Por outro lado, a diretora seguindo uma linha muito estudada na educação, imprime um tom contraditório às suas declarações quando comparamos o discurso que critica a moral disciplinadora com a sua prática de gestora. Temida por professores e alunos por imprimir uma forte disciplina na instituição, soa algo estranho que a crítica à disciplina venha exatamente do ponto que mais bem reflete a busca pela disciplina na instituição.

4.2.4 - As características dos “bons alunos” da Escola Alfa atual.

Quando perguntamos diretamente aos docentes sobre que características valorizam nos estudantes a ponto de os considerar “bons alunos”, os professores foram instados a deixar a reflexão do tempo de estudantes, para agora como docentes, exporem o que imaginam ser um “bom aluno”.

A análise das respostas dos professores nos indica diversas questões importantes. A primeira categoria que percebemos foi que existe uma perspectiva bastante heterogênea, as visões dos professores variam bastante, as características apontadas são muitas e como imaginávamos, seria bastante complicado traçar um imaginário único que representasse o pensamento coletivo sobre os “bons alunos”. Desta maneira, a primeira constatação foi de que não podemos falar em imaginário dos “bons alunos”, e sim, em imaginários sobre os “bons alunos”.

A primeira categoria percebida é que alguns professores têm seus imaginários sobre os “bons alunos” como algo objetivo e congelado no tempo, e independente de contextos sociais, clientela etc. Podemos verificar tal postura nas referências dos docentes à questão nº1 sobre seus tempos de estudantes e dizem: *“Ser igual a pergunta 1”, “as características já citadas na questão 1”.* Assim, podemos constatar que alguns professores pouco refletem quanto às mudanças da sociedade brasileira e na educação por conseqüência.

Estes professores que revelam um imaginário ligado a seus tempos de estudantes, e por isso algo anacrônico, também apontam para uma outra categoria muito citada pelos docentes, a disciplina e os aspectos morais dos alunos. Assim foram destacados: responsabilidade, fazer tudo o que o professor solicitar, ter bom comportamento, respeitar os professores, ser estudioso, ter respeito às regras etc.

Metade dos professores fez referência, ainda que indireta, aos aspectos disciplinares como algo fundamental para ser "bom aluno", citando (Disciplina) com letra maiúscula como fez uma professora quando diz: *Interesse participação, respeito, comprometimento e assiduidade (DISCIPLINA). O bom rendimento escolar acaba sendo conseqüência natural destas características (salvo algumas exceções),* ou de forma mais sutil como preferiu uma das gestoras da escola ao responder: *Em primeiro lugar que tenha noções de ética e isso engloba educação (boas maneiras), honestidade no trato com seus semelhantes.*

Vemos então que a capacidade em se sujeitar em aceitar ordens e cumpri-las, é algo muito valorizado pela escola e nos remete a uma idéia de educação e dos "bons alunos" associada à docilidade e parecida com as análises de Patto, (2000).

Poucos professores lembraram de características cognitivas ao pensar nos "bons alunos", e mesmo quando o fizeram, foi de forma vaga como "estudioso", "estudar", "esperto", "inteligente", "pesquisador", "ter conhecimentos básicos" etc.

Apenas dois docentes citaram claramente aspectos cognitivos, um professor de matemática e outro de ciências ao citarem os "bons alunos": "*Que seja aplicado naquilo que está desenvolvendo, que preste atenção na explicação e que consiga desenvolver a atividade com clareza e principalmente com lógica"*. Notamos aqui o valor atribuído à capacidade de desenvolver as atividades com lógica e clareza. A outra docente faz uma descrição do "bom aluno" como alguém autônomo, que seja capaz de: "*Um bom aluno para mim é aquele que não só presta atenção na explicação do professor, mas vai além, ele mesmo procura ler livros, vai à biblioteca pesquisar e aprende, muitas vezes por conta própria sem nenhuma pressão de ninguém, ele o próprio aluno tem a necessidade de pesquisar e aprender".*

É interessante como o professor é capaz de citar um aluno autônomo como exemplo ideal e não se dá conta de que está descrevendo um jovem típico de classe média e totalmente diverso da clientela que atende, não reflete que livros, bibliotecas, e que se responsabiliza por seu aprendizado é algo tão distante da realidade dos jovens da periferia como nos diz Charlot, (2001. p.28):

> *"Neste sentido, se pode distinguir quatro tipos de alunos quanto a este relacionamento com o estudar ou não estudar na escola. O primeiro grupo compreende os alunos que não se encontram nos meios populares. O estudo se tornou para eles a segunda natureza. Eles aprenderam a ler com quatro anos e meio e nunca deixaram de estudar. Estudam sempre, inclusive nas férias e nos finais de semana. São jovens de classe média."*

É exatamente este jovem típico das camadas médias que a docente lembra ao descrever um "bom aluno", ainda que trabalhe com as camadas mais marginalizadas do município, marcadas por miséria extrema, nenhum acesso a transporte e saúde em seus bairros, quanto mais bibliotecas para fazer pesquisas.

Ainda assim, nenhum professor citou aspectos como boa capacidade de leitura, de escrita, de interpretação, de fazer cálculos etc, nos deixando a impressão de que a escola acredita ter uma função muito mais moralizadora, do que garantir acesso ao conhecimento aos jovens de famílias populares. E por fim, ligam boa disciplina à rendimento e notas, como fica evidente na seguinte resposta de uma professora: *"Interesse participação, respeito, comprometimento e assiduidade (DISCIPLINA). O bom rendimento escolar acaba sendo conseqüência natural destas características (salvo algumas exceções) ".*

Mas alguns outros fatores além dos aspectos disciplinares. Uma professora demonstra ter ciência dos dilemas, e das dificuldades que podem envolver o processo de escolarização de uma criança pobre, e valoriza sua capacidade em manter a dedicação mesmo com tantas dificuldades e problemas sociais ao afirmar: *"Que apesar das dificuldades que ele possa ter acabe se empenhando para aprender".*

Como exemplo deste apego dos docentes aos seus modelos dos tempos de estudante, uma professora lembra que o "bom aluno" deve ter um único objetivo ao ir à escola *"aprender"* e assim, repetindo seu ideal de aluno dos tempos de estudante, como podemos conferir nas falas dos professores:

> "*Em primeiro lugar ir à escola tendo como meta o estudo. Aprender como conviver na sociedade. Aproveitar o máximo de conhecimento que uma escola pode oferecer".*
>
> *"Respeitar colegas e professores, direção e funcionários da escola, estudar para ser alguém na vida e não desperdiçar o tempo e o talento deles com alunos que não querem nada" .*

Gostaríamos por fim de citar a resposta de uma professora para pensarmos num aspecto importante: "*Consciente dos seus direitos e deveres, da importância da sua educação, sentir prazer em estudar e desenvolver sua cidadania".* Com esta resposta vinda da mesma professora que destacou a inversão de valores, podemos notar que a idéia de direitos, deveres e cidadania está relacionada com a noção de disciplina, e que reflete uma concepção de sociedade disciplinadora e da escola como algo que o aluno deve ter noção "ainda que não saiba o porquê" da importância, e por isso demonstrar gratidão.

4.2.5 - Características dos "bons alunos" segundo os estudantes

Quando precisaram refletir sobre as características de um "bom aluno", os estudantes nos pintaram um quadro heterogêneo e diversificado da situação. Mostrando que também não existe consenso entre estes sobre o que definiria um "bom aluno", e que apesar de transmitir de maneira indireta seus ideais, muitas vezes os professores não deixam claro quais características valorizam e desejam dos estudantes e não conseguem imprimir totalmente seu imaginário na forma como os estudantes compreendem a questão.

Tivemos dezesseis respostas de alunos citando características mais ligadas aos aspectos intelectuais dos estudantes, como inteligência, esperteza, boa cabeça, boas notas. O fator mais lembrado foi estudar, citado por dez estudantes, mostrando a concordância com as respostas dos professores que também citaram várias vezes o fato de estudar como algo determinante. E estando em acordo com

as imagens dos estudantes traçadas por Charlot, (2001, p.28) quando questionado por Jaime Giolo quanto as suas pesquisas, este relata que:

> *"O que suas pesquisas revelam a respeito do entendimento que os alunos têm em relação ao sucesso ou insucesso escolar? Verificamos que a lógica dos alunos não é a lógica do "dom"; é antes de mais nada, a lógica de estudar o suficiente ou de não estudar o suficiente".*

O empenho foi lembrado por três alunos que consideram que a dedicação também conta muito. A constatação da valorização do empenho também por parte dos estudantes nos remete ao segundo grupo de estudantes citados por Charlot, (2001, p.28) quando reflete sobre os tipos de estudantes que verificou existir em suas pesquisas a partir da relação com o saber.

> *"O segundo grupo compreende os jovens do meio popular muito bem sucedidos na escola. Geralmente filhos de imigrantes, esses alunos demonstram uma voluntariedade forte: "Eu tirei uma nota boa, mas não é o suficiente porque na próxima semana ainda vai ter outra avaliação e, mais uma vez, devo tirar mais uma boa nota". Há, aqui, uma mobilização forte, uma dedicação para o estudo".*

Sete alunos ainda mostraram que nas suas avaliações algumas posturas durantes as aulas são muito valorizadas, como ter atenção às aulas, ter os cadernos em dia e em ordem, e mesmo posturas mais ativas como perguntar muito, participar das aulas e não ficar com dúvidas.

Por fim, as características morais dos estudantes foram lembradas como importantes, desta forma a responsabilidade, educação (boas maneiras), postura, disciplina, não fazer bagunça e respeitar os professores, foram destacadas pelos alunos como características que estes também consideram marcas dos "bons alunos", ainda que percam em importância diante dos aspectos intelectuais e cognitivos. Tais informações podem ser verificadas através dos gráficos em anexo.

4.2.6 - O que seria um "bom aluno" para os professores segundo o imaginário dos estudantes

Quando a pergunta é o que os alunos acham que os professores valorizam num "bom aluno", as respostas apresentam uma diferença importante em relação ao que os próprios alunos disseram valorizar nestes alunos.

O fato dos alunos serem estudiosos, tão lembrado pelos estudantes, agora recebeu apenas metade das citações cinco vezes, as boas notas seguiram como sempre tendo destaque com seis lembranças, assim como a inteligência cinco vezes citada.

É importante essa constante referência dos estudantes à inteligência, uma vez que nenhum professor se referiu a esta característica diretamente como algo importante na forma como pensam nos "bons alunos".

Outros fatores sempre presentes são o esforço e a dedicação que foram lembrados sete vezes, assim mais até que as notas, a inteligência ou o estudo, o ato de se esforçar é visto pelos estudantes como algo fundamental para que um docente considere alguém um "bom aluno".

Em seguida surgem as características associadas à postura moral dos alunos lembradas vinte e três vezes. Características como disciplina, educação, caráter, respeito, não conversar, ser comportado, obediente, não brigar, todas associadas à postura disciplinada sendo tão citadas nas respostas, demonstram como os alunos sabem perfeitamente bem o peso da disciplina na avaliação que os docentes fazem destes, prova disso é que o fato de ser quieto foi lembrado por nada menos que sete alunos como fator decisivo. Assim sendo, foi mais lembrado que estudar, ter boas notas, ser inteligente, etc. E desta forma, confirmam as observações de Charlot, (2001, p.30) sobre o que seria um "bom aluno" para os estudantes e onde aprenderam que este era o modelo ideal:

> *"Se fôssemos perguntar aos alunos das classes populares o que é ser bom aluno, eles responderiam: "um bom aluno chega à escola na hora certa e levanta o dedo antes de falar na sala de aula" e nada mais. Eles definem um bom aluno sem falar que ele aprendeu muitas coisas. O aluno dá uma definição de aluno que não inclui o saber. Não foi a família que ensinou isso. Foi a escola. Foi a escola que acabou dizendo ao*

aluno que o mais importante não é aprender coisas, que o mais importante é passar de ano e obedecer as regras da escola".

Alguns alunos ainda destacam fatores como prestar atenção às aulas, apresentar interesse, tirar dúvidas, mas a soma destes foi apenas de quatro estudantes, mostrando que segundo estes a postura diante do conhecimento é até secundária em relação ao comportamento disciplinado, que foi bem mais lembrado.

As características associadas ao cumprimento de tarefas, a execução de atividades como: ter caderno em dia, entregar trabalhos, e a campeã de todas as características (com treze citações) fazer todas as tarefas, foram lembradas por dezesseis alunos. Sendo a única categoria capaz de se aproximar da categoria disciplina, mostrando que além de disciplina a Escola Alfa exige que se cumpram ordens de trabalho, que se faça as tarefas e as faça direito, afinal a obediência aos docentes e a disciplinada, execução das tarefas parece ser segundo os estudantes o objetivo final da Escola Alfa.

Mostrando o quanto o "bom aluno" por vezes se assemelha aos modelos de empregado do mês, operário padrão e afins utilizados nas grandes empresas (alguém disciplinado, sorridente, competente e, sobretudo sempre produtivo), e como chegam a lembrar alguns docentes ao dizer que os "bons alunos" não devem perder seu precioso tempo e potencial com aqueles que não lhes estão à altura.

Por fim seguindo a linha argumentativa dos docentes, os alunos em nenhum momento destacaram fatores como aprender, ler bem, calcular de maneira adequada etc, como características dos "bons alunos". Se restringindo a considerar (como os docentes) que as notas altas fossem expressões destas características de maneira contraditória, pois os próprios alunos diriam em seguida que outros fatores que não apenas o aprendizado "ajudam" à formar as boas notas.

4.2.7 - Temos "bons alunos" hoje em dia?

Perguntados sobre a existência de "bons alunos" na escola atualmente, como forma de tentar entender como os docentes e gestores entendem a questão dos "bons alunos", uma questão pareceu unânime entre os professores e gestores.

Praticamente todos os perguntados responderam sim para a questão de termos "bons alunos", tanto professores como gestores reconhecem que a escola Alfa possui "bons alunos".

A única exceção quanto a termos "bons alunos" atualmente, veio de uma única professora, que no momento é membro da equipe gestora da Escola Alfa.

Fato interessante é que ainda que uma única resposta negativa pareça indicar uma ruptura com a visão dos demais, na verdade sugere uma proximidade com a forma como os demais professores entendem a questão.

Quando analisamos a segunda parte da resposta desta professora, e também dos demais docentes, notamos que existe uma tendência dos professores em notar a questão dos "bons alunos" associados a uma perspectiva de crise da educação. Tal noção fica evidente quando a gestora diz: *"Não, ocorreu uma grande inversão de valores nos nossos dias. Não existe mais respeito".*

A professora parece tentar mostrar que a mudança no perfil dos alunos se relaciona com as mudanças na sociedade que são mais profundas, a chamada "inversão de valores" e "falta de respeito".

Esta afirmação nos faz notar uma tendência entre os profissionais da educação, que é a visão da escola do passado de forma idealizada e como o oposto em qualidade, eficiência, ordem e valores, quando comparada com a escola atual. Neste sentido, mesmo os docentes que dizem ainda termos "bons alunos", são críticos quanto à situação e dizem: *"raramente"; "certamente, poucas raridades"; "sim, acho que temos alguns bons alunos"; "temos alguns, mas que não são a maioria infelizmente..."; "sim, temos poucos alunos bons..."; "são poucos os bons alunos".*

Portanto podemos notar que os docentes têm um imaginário sobre os "bons alunos", como algo em crise, e que representa um grupo que é cada vez menor. Talvez esta idéia de que são raridades, possa nos ajudar a compreender uma

parte do silêncio sobre o sucesso escolar. Os professores acostumados com a educação de massa se preparam para trabalhar e educar as regularidades, e como dizem ser os "bons alunos" raridades, estes quase nunca são notados, ficando o foco sobre o fracasso, a indisciplina etc.

Alguns professores tentaram inclusive refletir porque o número de "bons alunos" é tão pequeno no entender deles. Nestas reflexões, temos indícios importantes sobre o imaginário sobre a questão. Professores de áreas distintas (Geografia e Espanhol) jovens, ao pensar no assunto, destacam que o problema se deve a ausência familiar. Destacam que as famílias falham em educar seus filhos e mesmo misturam educação escolar e familiar ao dizerem que a família é que educa.

Assim, na afirmação da gestora sobre a inversão de valores e nas falas dos docentes sobre as razões de termos poucos "bons alunos", surge o estereótipo negativo das famílias populares tão estudado por autores como Patto, (2000), Charlot, (1996, 2001), e Lahire, (1997), como tentativa de explicar o fracasso. Estas idéias negativas quanto às famílias populares ficam evidentes em exposições como:

> *"Teríamos mais alunos bons se a educação viesse do berço. Os poucos alunos bons que temos se deve a isso" .*
>
> *"O que temos são adolescentes inteligentes, capazes, mas sem limites".*
>
> *"Sim e volto a destacar as questões familiares e sociais...ao longo do ano, durante as aulas, em pequenas conversas que surgem com os alunos e que acabamos conhecendo um pouco do cotidiano de alguns deles, percebo que os alunos mais disciplinados e que acabam atingindo melhor rendimento possuem uma base familiar mais sólida, mais estruturada. Já os alunos com problemas disciplinares e menor rendimento noto uma base familiar mais fragmentada, pra não dizer totalmente deteriorada".*

Verificamos assim uma tendência, em primeiro lugar de diagnosticar uma situação de crise, e em segundo, de buscar explicações para a questão sugerindo alguma reflexão. Porém, categorias como base familiar sólida, visão negativa das famílias populares etc, são muito fortes na forma dos professores imaginarem a questão.

Por fim destacamos que a única que fugiu das tendências, foi uma coordenadora pedagógica que era recém chegada na escola Alfa na época dos questionários, e que por ainda não estar tão ligada à mania de reclamação da escola, e por ser nítida a sua melhor formação pedagógica, é capaz de responder a questão sem misturá-la com os problemas e nos diz: *"Sim, temos excelentes alunos".*

Verificamos que além da importância da família com a formação *"de berço"*, como o fato dos "bons alunos" serem poucos, ainda ocorre uma preocupação com a contaminação destes pelo ambiente, pelo convívio com os demais, com a maioria. Notamos uma preocupação enorme dos professores em aconselhar apenas os bons estudantes (sentido moralizante) para que não se misturem, não se deixem levar pelas más influências, não se percam; tal visão pode ser percebida com a professora que diz: *"São raros, mas ainda temos alguns, mas que infelizmente às vezes se misturam com os demais".*

Esta resposta nos indica com clareza a situação, que permeia um imaginário de quase uma patologia social, que ganha força e se alastra, e que precisa ser evitada. Tal exposição pode dar explicações para o verdadeiro horror que docentes têm de ver seus filhos em escolas públicas.

4.2.7 - "Ser "bom aluno" é respeitar os professores, funcionários e direção, estudar para ter boas notas e ser um bom cidadão".

Por vezes temos inclusive declarações que demonstram o conceito de cidadania que alguns professores têm ao associarem notas, disciplina e cidadania. Os resquícios dos períodos ditatoriais brasileiros podem ser verificados com afirmações como ser bom cidadão, poderíamos nos perguntar o que viria a ser um bom cidadão? O que seria um mau cidadão? Não deveríamos educar para formar cidadãos simplesmente?

Assim podemos ter uma idéia mais clara do peso que os critérios disciplinares têm no imaginário dos docentes tanto em relação à escola como em relação à cidadania. Se a escola forma para a cidadania, e o modelo ideal de

aluno é o do sujeito disciplinado que respeita as autoridades escolares, podemos supor que o modelo de cidadão pretendido também é o dos sujeitos que respeitem e talvez mesmo se submetam as autoridades superiores. Não podemos deixar de pensar na própria idéia de cidadania que o próprio professor construiu para si mesmo diante de tal declaração. Surge assim um modelo de "bom aluno" parecido com o citado por Patto, (2000, p.255): *"A figura do aluno dedicado, caprichoso, limpo e disciplinado está em constante evidência".*

4.2.8 - "Tirar as melhores notas, decorar os questionários e não questionar nada, aceitar tudo o que era explicado".

Dentre os docentes, apenas um pareceu questionar o modelo disciplinador, mas mesmo assim confirmou que em sua época de estudante a idéia de "bom aluno" também estava diretamente associada à noção de disciplina quando diz que o "bom aluno" além de ter boas notas, não devia questionar nada, devia aceitar tudo. Esta professora, não se define como tendo sido uma "boa aluna", pois não obtinha as notas máximas. Seguem algumas respostas dos professores no sentido de confirmar esta visão do "bom aluno" como alguém disciplinado e com bons resultados.

> *"Estudar, tirar boas notas, ser disciplinado, não faltar, respeitar direção e professores, ser participativo e comprometido com as aulas, ter ciência da importância da escola".*
>
> *"Prestar atenção nas aulas, tirar boas notas, fazer as atividades e respeitar os professores".*
>
> *"Fazer as atividades, participava das aulas, respeitava os professores".*
>
> *"Ter responsabilidade, fazer tudo o que o professor solicitasse, estudioso, tirar boas notas, ter bom comportamento e respeitar os professores".*

Quando analisamos as respostas dos professores na primeira pergunta o que era ser um "bom aluno", uma questão salta aos olhos, a idéia de respeitar os

professores. Temos nestas seguidas referências, a idéia de “bom aluno” como alguém que simplesmente consiga respeitar a autoridade do professor quando este exerce o seu trabalho, algo sério do nosso ponto de vista. Se por um lado podemos mais uma vez confirmar a importância que os docentes dão a disciplina, vemos também que parece existir um clamor destes profissionais por serem respeitados durante o exercício de suas atividades, e acreditamos que tal situação venha a refletir a situação atual onde a questão da indisciplina tem muito espaço para ser discutida e ocupa boa parte dos profissionais em educação e estudiosos. Sabemos que na década passada um dos grandes temas das nossas escolas foi a questão da indisciplina e da relação professor-aluno, prova disso a fama que pesquisadores como Rosely Saião, Julio Groppa Aquino e Rubem Alves tiveram no período.

As respostas dos professores aos nossos questionários, acabaram por comprovar esta situação de angústia dos professores diante de tanta agressividade, violência e indisciplina, vivenciadas no seu dia a dia. Por isso ao identificarem o ideal de aluno ao respeito aos docentes, temos uma idéia do que vem ocorrendo em nossas escolas e das angústias que afligem nossos professores.

Por fim, destacamos na primeira pergunta o fato de alguns docentes associarem o imaginário sobre os “bons alunos” aos estudantes que faziam todas as tarefas solicitadas pelos docentes, numa nítida associação entre estudante ideal e aquele cumpridor de ordens sem questionar, sem resistir, sempre quieto e disciplinado. Esta é mais uma faceta do caráter disciplinador da escola, e podemos pensar que tal comportamento vá ao encontro das idéias que salientam o papel da escola muitas vezes como uma poderosa reprodutora do sistema capitalista e assim trabalhando como importante aparelho ideológico de estado.

Dentre as exposições dos docentes sobre o que era considerado “bom aluno” em seus tempos de estudantes, destaca-se nitidamente uma busca pelas notas máximas, o que demonstra claramente uma visão da avaliação que vai num sentido já muito criticado pela literatura atual a respeito. Porém, a idéia de que apenas aqueles que obtinham as “melhores” notas eram “bons alunos” como

alguns professores destacaram ao dizer por exemplo, que não se consideravam "bons alunos" pois não estavam entre aqueles estudantes que tiravam apenas os conceitos máximos, nos mostra um caráter extremamente excludente na forma de se ver e imaginar os alunos, como se apenas alguns poucos pudessem ser considerados bons, ficando nítido que a idéia de "bom aluno" e a noção de competitividade típica do sistema capitalista são conceitos que nos imaginários das comunidades escolares muitas vezes caminham juntos.

A luta pelas melhores notas, a busca por estar entre os melhores, a perseguição doentia pelos conceitos máximos, muitas vezes sem que estes tenham qualquer significado, por significar a inserção dos jovens no mundo da competitividade individualista, e difundir a ideologia burguesa de que a ascensão social depende exclusivamente dos sujeitos e o direito a cidadania é algo para poucos, como é também para poucos o título de "bom aluno". Desta forma o processo acaba por naturalizar toda a sorte de diferenças, injustiças e mazelas sociais ao tornar o processo de diferenciação social algo natural para as crianças.

A idéia de "bom aluno" como algo a-histórico e neutro, como se pudesse ser algo objetivamente alcançado e que independesse da origem social, idade, e sociedade em que vivem nossos alunos, pode ser verificada na exposição da coordenadora pedagógica que afirma que: *"Bom aluno é aquele que tem como único objetivo aprender, era assim na minha época e em qualquer época ou escola"* .

Tal afirmação dá mostras de como um imaginário construído na década de 1970 pode estar impregnado no fazer pedagógico dos docentes em tempos atuais.

Se a coordenadora pedagógica entende o ideal de aluno de forma que não valoriza o tempo histórico e as mudanças sociais, como pode fazer a formação dos professores no sentido de construir uma nova forma de educar, uma nova relação pedagógica entre professor e aluno? Poderíamos nos questionar se para ela o modelo de aluno é imutável e estático no tempo, o que seria aprender na sua compreensão? Consideramos que talvez esteja pautada numa forma de aprender também estática e congelada no tempo.

Se nós propuséssemos ir mais fundo na questão, teríamos que nos questionar sobre o próprio aprender e ensinar, o "bom aluno" é aquele que tem

como único objetivo aprender, mas o que ele deve aprender? Será que as mesmas coisas que aprendíamos há trinta (30) anos atrás? Como estes "bons alunos" devem aprender? Também como fazíamos há décadas atrás? E se aprender é o único objetivo do "bom aluno" como os professores devem ensinar?

4.2.9 - A auto-imagem dos estudantes

Perguntados se consideram-se "bons alunos", os estudantes da sexta série do ensino fundamental II mostraram ter uma auto-imagem bastante positiva. Num universo de trinta e nove (39) alunos que responderam ao questionário, dezessete disseram se considerarem "bons alunos" e doze responderam que se vêem como regulares, ao passo que apenas sete alunos disseram não se considerarem bons, um estudante não respondeu a pergunta, e outro disse não saber se era bom ou mau aluno.

Estas respostas dos alunos seguem a linha das respostas dos docentes que também mostraram que se consideravam "bons alunos". Entretanto o fato desta visão positiva que os estudantes fazem de si próprios mostra as contradições que existem na forma como alunos e docentes entendem o tema dos "bons alunos".

O grande número de alunos se dizendo "bons alunos", contrasta com a visão dos docentes que responderam em coro que atualmente temos raros casos de "bons alunos" na Escola Alfa. A resposta dos estudantes mostra que estes entendem a questão sob outro ponto de vista.

O fato dos estudantes em sua maioria considerar-se "bom aluno" revela um imaginário coerente com a resposta que os mesmos nos deram quando perguntados se achavam que tínhamos "bons alunos" em nossa escola. Para esta questão trinta e três estudantes responderam afirmativamente para a questão (você acha que temos "bons alunos" em nossa escola?), e apenas três deles disseram que não tínhamos "bons alunos" na escola.

Entretanto em algumas respostas os estudantes mostram que a visão dos professores acaba influenciando suas idéias. Alguns alunos demonstraram a mesma crise da escola que os professores disseram existir em respostas que chama a atenção, por serem muito parecidas com as que nos foram dadas pelos docentes. Citamos algumas destas respostas a seguir: *"Não, raras exceções, temos menos e 20.", "Sim, são poucos mas temos.", "poucos mas temos.", "Sinceramente, não!"*

Questionados sobre o porquê de se considerarem ou não "bons alunos", verificamos a ocorrência de categorias de análise que são similares as que foram expostas nas respostas dos docentes. O maior exemplo é a categoria disciplina, muito lembrada pelos professores para definir os "bons alunos" e também lembrada por vários estudantes em respostas como as que se seguem: *"Sim, faço todas as lições e nunca respondi o professor", "Sim, não bagunço e só falo um pouco", "Sim, porque faço todas as tarefas que os professores manda", "Sim, porque eu participo e tenho bom comportamento".*

É interessante que o comportamento, a disciplina, o fato de não conversar, se mostrou com muita força mesmo entre os estudantes que não se consideram exemplos a serem seguidos, pois normalmente é a disciplina a eleita responsável pelas suas auto-avaliações negativas. Como podemos constatar nas respostas dos estudantes: *"mais ou menos, porque converso muito", "Semi-boa aluna, estou quase lá, o que eu acho que me atrapalha é a conversa, mas estou disposta a ser boa aluna", "Não, porque converso e me prejudico". "Não, porque bagunço muito" .*

Neste ponto as explicações dos estudantes para suas avaliações negativas confirmam as idéias de Charlot, (1996, p. 54):

> *Entretanto essa desvalorização de si mesmos é rara: os alunos não se acham nulos, fracos, lentos, mas "preguiçosos", "folgados", quando perguntamos a Hassan (3P), que vai repetir de ano, o que seu pai pensa dele, responde: "bom, que eu sou bom aluno mas que não estudei"*
>
> *Para os alunos, a explicação é imediata: se eles não estudam é por causa do "ambiente" da classe e porque eles se deixaram levar pelos colegas... a atração dos companheiros pesa bastante na dificuldade de estudar."*

Assim podemos verificar como a idéia de aluno disciplinado é forte não apenas no corpo docente, mas mesmo os estudantes sabem de sua importância.

Seja porque “lêem” muito claramente os ideais de alunos desejados pelos professores, seja por que a escola através de seus gestores e corpo docente deixa bastante claro aos alunos o valor que atribui a uma disciplina rígida. Resta lembrar ainda que estes alunos podem ser constantemente pelos próprios pais em suas casas em relação ao comportamento disciplinado quando estão na escola.

Nas respostas dos estudantes, estudar ou ter boas notas não teve tanta importância como nas respostas dadas pelos professores. Ao contrário, fazer suas tarefas e entregar os trabalhos em dia, e não faltar às aulas pareceu mais importante, como podemos verificar na resposta da aluna que é considerada tanto por docentes como por estudantes o maior exemplo de “bom aluno” das sextas séries: *“Sim, sou uma aluna que sempre entrega os trabalhos e é difícil faltar”.*

Outra questão interessante foi a resposta dos alunos considerados péssimos pelos professores. Muitos destes com um longo histórico de fracasso escolar e muitas reprovações. Estes estudantes tentam relativizar a condição de “bons ou maus” alunos mostrando que podem mudar de acordo com a disciplina e o professor, ou tentam mostrar uma visão que apresenta o “bom aluno” descolado dos aspectos disciplinares, e que está baseada apenas na capacidade intelectual dos estudantes, como podemos ver as seguintes respostas:

> *“Para mim sou mais ou menos, eu não sou bom nas aulas em que o professor não gosta de mim” Aluno W. considerado bastante indisciplinado. ,*
>
> *“Sim, porque me acho inteligente” aluna M. considerada muito indisciplinada pelos professores.*
>
> *“Sou boa mas converso muito.”*
>
> *“Sim eu faço tudo em Historia.”*
>
> *“Em Historia sim!” Aluno D. transferido para o EJA e considerado problema.*
>
> *“Me considero bom aluno, mas meu comportamento é péssimo” Aluno R, que acabou sendo obrigado a procurar outra escola ao término do ano letivo.*

É importante verificar que um forte sentimento de cobrança e sofrimento envolve a avaliação dos alunos de si mesmos, e que mesmos os considerados problemas, lutam para tentar estar entre os "bons alunos" como mostram em suas respostas: *"Eu não me acho bom, porque tenho dificuldade", "Sim, porque eu era ruim no começo do ano, agora eu já tiro até dez" (fala de aluno multi-repetente mostrando a mudança), "Eu gostaria de ser igual a N. (melhor aluna da turma), eu tento mas eu desanimo e não faço nada*". Assim podemos constatar que os alunos são conscientes de suas dificuldades e querem ser considerados como "bons alunos".

4.2.10 - A imagem dos estudantes em relação às famílias

Quando questionados sobre a formação dos "bons alunos", os docentes diversas vezes recorreram à explicação de que as famílias são as principais responsáveis pelas suas formações. Sendo assim o apoio familiar aos estudos dos filhos e a estrutura familiar, foram eleitos os grandes responsáveis, além dos próprios indivíduos, pela formação dos estudantes.

Segundo os estudantes a maioria dos pais lhes considera "bons alunos". Estes responderam maciçamente que seus pais os consideram bons, dos trinta e nove questionários, vinte e cinco alunos disseram acreditar que seus pais lhes acham bons, seguidos de seis citações a condição de aluno e apenas três alunos disseram que os pais não lhes consideram "bons alunos", além de outros três que não souberam responder.

Portanto os alunos refletem a auto-imagem positiva que mostraram ter, na forma como imaginam serem avaliados pelos familiares.

Quando analisamos as justificativas dos alunos para seus pais lhes considerarem "bons alunos", estes dão mostras evidentes de que a imagem negativa de muitos docentes quanto às famílias populares a respeito da valorização da escola, ou de que estas famílias não se preocupam com a escolarização de seus filhos é completamente equivocada. Estudos como os de Lahire, (1997), já mostraram como esta imagem preconceituosa das famílias

populares e seu envolvimento nos estudos dos filhos, não refletem a realidade e podem ser verificadas tanto nos argumentos dos autores como nas respostas dos estudantes:

> *"Sim, porque ninguém nunca recebeu nenhuma reclamação minha".*
>
> *"Minha mãe tem muito orgulho de mim, principalmente meu pai e minha mãe" .*
>
> *"Não, porque eu nunca dou felicidade para eles".*
>
> *"Sim, meu pai sempre me ensinou a estudar e sempre olha o meu caderno".*
>
> *"Bom aluno me considera, mas fica chateada com o meu comportamento".*
>
> *"Sim, meu pai e minha mãe são muito orgulhosos com minhas notas, pois nunca fiquei de recuperação".*
>
> *"Sim, porque eu já levei uma prova do professor Leandro que eu tirei 10 e outras também, minha irmã confia em mim porque eu sou inteligente, só não consigo usar muito ela." (aluno órfão criado pela irmã e considerado problema)*
>
> *"Sim, porque me acham dedicada".*
>
> *"Sim, porque a minha irmã me ensina o que é bom".*
>
> *"Sim, considera mais fala que eu não faço nada que minhas obrigações".*
>
> *"Mais ou menos, eles sabem que eu estou um pouco ruim".*
>
> *"Sim porque eu sou um pouco estudiosa, e quando tenho dúvidas pergunto".*

Na análise das respostas dos alunos fica evidente o valor que as famílias atribuem aos estudos dos filhos, pensar em famílias muito pobres, com pais que mal foram escolarizados olhando cadernos, aconselhando os filhos, cobrando bom comportamento, exigindo boas notas e mesmo cientes das dificuldades dos filhos, se mostrando orgulhosos ou tristes dependendo do sucesso ou fracasso dos filhos na escola, é algo que contraria o senso comum verificado muitas vezes na sala dos professores de que estes não se preocupam com os filhos.

Mesmo aqueles alunos que não se consideram “bons alunos”, mostram a luta para dar orgulho a família e a felicidade que sabem dar ou não aos pais devido a seus sucessos. Ficam evidentes o acompanhamento dos pais nas tarefas, a verificação de cadernos e notas, a orientação quanto a importância dos estudos quando os alunos dizem *me ensinam o que é certo* e as constantes cobranças por parte dos pais. Tais idéias estão em acordo com as observações feitas por Charlot, (1996, p.56), a respeito das motivações dos estudantes em estudar, quando este nos diz: *“Demanda familiar funciona como motivo principal da mobilização (para o estudo) e assegura a continuidade no tempo, às vezes, apesar das vicissitudes da história escolar”.*

Esta mobilização pode ser constatada tanto nos alunos da Escola Alfa ao falarem dos pais orgulhosos pelos seus resultados, como no depoimento de um aluno de família popular da França descrito por Charlot, (1996, p.57): *“Quero que meu pai tenha orgulho de mim e farei tudo para que ele o tenha, prometo. Espero tudo da vida! Quero ser médica ou advogada”, escreve uma jovem de árabe da 6ª série de Saint-Denis.*

Porém, temos na idéia de orgulho dos familiares pelo sucesso dos filhos uma mostra da forma como o imaginário do corpo docente e dos gestores sobre as famílias populares pode ser diferente da visão dos estudantes.

4.2.11 - Como os alunos se imaginam avaliados pelos professores

Interessado em aprofundar a perspectiva de como os alunos se vêem enquanto estudantes, para termos um quadro comparativo entre as idéias que os docentes faziam deles próprios enquanto alunos, e a idéia que têm hoje dos alunos, e no outro lado a idéia que os estudantes têm de si próprios enquanto estudantes, lhes perguntamos se os professores lhes consideram como “bons alunos”.

Neste momento as respostas dos estudantes ficaram divididas, a primeira informação interessante foi a de que os estudantes tendem a se enxergar de forma bastante positiva, mesmo tendo destacado que tínhamos uma minoria de “bons alunos”, quando a tarefa foi refletir sobre si mesmo apenas dois estudantes

disseram que os professores lhes consideram maus alunos, e quando o fizeram foi com um rápido "não" como resposta e sem maiores justificativas.

Tivemos ainda três alunos que usaram a expressão mais ou menos para definir o que acham que os professores pensam deles, estes estudantes apresentaram como explicação o fato de que não são "bons alunos" em todas as disciplinas, e demonstram assim que devido às habilidades e interesses pessoais se pode ser bom em Português, e ter dificuldade em Educação Física, mostrando que a situação de "bom aluno" precisa ser compreendida numa ótica multireferencial. É interessante como tal hipótese ainda que pareça óbvia, apenas muito sutilmente surgiu nas respostas dos docentes e também nas dos alunos, como podemos verificar a citação a este respeito: *"Mais ou menos, pois não sou boa em todas as matérias".*

Sete alunos responderam que alguns professores lhes consideram "bons alunos", e por analogia podemos inferir que outros não. Estas respostas nos dão mostras de um fato importante, o de que a postura dos alunos muda e às vezes bastante, de acordo com a disciplina e o professor.

Assim um aluno problema pode se tornar um "bom aluno" caso goste da aula, do professor ou se interesse pela disciplina. Tais respostas são importantes pois questionam a noção idealista e muito forte entre os docentes de um "bom aluno" universal, em todas as disciplinas e a todo instante. A relação professor-aluno neste caso é apontada como fator importante na definição dos "bons alunos", como os alunos nos explicam: *"Alguns, porque eles sabem que eu bagunço, mas tenho capacidade", "O de História sim, os outros não sei", "Na maioria das vezes sim, porque algumas vezes eu gosto da matéria e me esforço, outras não".*

Um grupo de alunos chamou nossa atenção de maneira especial, este grupo foi composto de doze estudantes que disseram não ter a mínima idéia do que os professores pensam sobre eles.

Talvez esta situação nos mostre o quão problemática é a cultura do silêncio sobre o sucesso entre os docentes, pois podemos ter neste grupo tanto excelentes alunos que não fazem idéia de seus potenciais, como alunos com grande dificuldade que também não têm noção de sua situação. Como nos

mostram suas respostas: *"Não sei, mas acho que sim", "Não sei da opinião do professor", "Não sei, mas nunca faltei com respeito algum".*

Um último caso interessante neste grupo de estudantes é o do aluno R. Este, que se considera um "bom aluno", mas com péssimo comportamento, e que a todo tempo é chamado a atenção pelos professores, retirado da sala, enviado à direção, sendo constantemente advertido e suspenso, e que apesar de ter 17 anos ainda está na 6ª série, no momento em que precisou pensar na sua imagem junto aos professores, parece ter mostrado como fazer uma auto avaliação negativa pode ser algo constrangedor e que acarrete sofrimento mesmo aos alunos mais indisciplinados como este, que evitou a resposta com um lacônico *"Não sei responder".* Vale destacar que poucos dias após o questionário ser concluído, o referido aluno teve sua rematrícula negada e de forma "sutil" foi expulso da escola.

Outros treze alunos responderam acreditar que os professores lhes consideram "bons alunos", as justificativas nos dão mostras de como os alunos sabem perfeitamente o que os professores valorizam num estudante.

Nenhuma referência a ser considerado "bom aluno" por obter boas notas, ler ou escrever muito bem, a maioria dos estudantes que disseram se imaginar "bons alunos" para os professores destacaram o aspecto disciplinar como peça fundamental, e mesmo os mais críticos mostraram se ressentir por não conseguirem ser bons o tempo todo em respostas como se seguem:

> *"Sim, acho que sim porque nunca reclamaram, nunca me deram bronca, nem nunca me mandaram para diretoria", "Eu acho que meus professores me acham uma boa aluna, só que eu não dou valor", "Sim, porque eu faço todas as lições, provas e trabalhos, e não sou bagunceira e também não falto muito", "Sim porque eu respeito", "Sim, porque eu faço as lições e fico quieta na aula".*

Estas respostas dos estudantes nos remetem à exposição de Marisa, professora considerada muito competente da escola do Jardim e entrevistada por Patto, (2000. p. 370), quando diz:

> *"O Ar, é bom aluno. Quieto demais pro meu gosto, tímido, não abre a boca de jeito nenhum, fala baixinho, fica vermelho. Não sei de nenhum problema de casa, a mãe vem sempre nas reuniões, traz sempre as lições. É um pouco lento em matemática, tem raciocínio meio lento mas*

acompanha. (...) o J.W, é mais perfeito do que o G, é perfeccionista. O caderno dele é um livro, limpinho, ele vem limpo. (...) o L, não conheço muito a vida dele. Quem vem na reunião é o pai. É excelente, tudo perfeito. É obeso, o que faz ele ficar muito tímido, não conversa com as outras crianças, só fala o necessário."

4.2.12 - Categorias Notas e Disciplina:

Eu tô aqui Pra quê?
Será que é pra aprender?
Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?
(Gabriel o Pensador, Estudo Errado)

Como uma de nossas hipóteses era a de que encontraríamos um imaginário fortemente baseado nas idéias de que os "bons alunos" seriam os alunos disciplinados e com notas altas, resolvemos elaborar uma questão que nos desse a chance de analisar diretamente a importância destes dois conceitos na idéia que os professores faziam dos "bons alunos". Assim perguntamos aos professores: Para você qual é o papel que as notas e a disciplina têm na sua visão sobre um "bom aluno"?

Alguns professores já vinham deixando claro que estes eram conceitos importantes na ótica dos docentes, sobre um aluno considerado ideal ou modelo. Quando refletiam sobre seus tempos de estudantes as notas surgiram com bastante força no imaginário dos docentes.

Ao pensar nos estudantes e no que um aluno deveria ter como características, alguns professores também já haviam externado que valorizavam muito a disciplina.

Mas nesta questão poderíamos verificar com nitidez maior como as categorias notas e disciplina influem no imaginário dos professores e gestores sobre os "bons alunos".

Quando refletiram sobre a questão mais uma vez tivemos um quadro bastante heterogêneo, e desta forma foi bastante complicado tentar conciliar todas as respostas numa seqüência que tivesse alguma lógica.

A disciplina foi como nas outras questões um tema quase unânime entre os docentes e gestores, raros foram os casos que conseguiram uma posição crítica em relação ao papel da disciplina. Em relação às notas as posições variaram mais e veremos a seguir.

Muito interessante foi notarmos que as respostas tendem a estabelecer uma relação íntima entre comportamento disciplinado e boas notas. Ser disciplinado é algo que garante boas notas e vários professores e mesmo estudantes deixam claro que entre notas e disciplina a postura disciplinada é mais importante.

Tais considerações mostram como as posturas morais são mais valorizadas que os conhecimentos cognitivos. E mais importante, as posturas disciplinadas garantem boas notas segundo respostas como podemos verificar: *"Reflexo da motivação, inteligência e aprendizado"* .

Como podemos perceber nesta resposta não existe nenhuma distinção entre notas e disciplina, não se diz o que é o reflexo da inteligência as notas ou a disciplina. O que notaríamos com as demais questões é que ambas estão tão ligadas nas visões dos professores que muitas vezes ficam indissociadas. Nas respostas dos professores a seguir poderemos verificar esta relação entre ser comportado e obter boas notas em algumas respostas dos docentes:

> *"Apenas é uma conseqüência, se ele desempenhou o papel de um bom aluno, com certeza terá boas notas"* ,
>
> *"Se o aluno é disciplinado, logo é um aluno que presta atenção nas explicações dos professores resultando daí em boas notas."*

Ou seja, a partir destas respostas constatamos que no imaginário dos professores ou pelo menos de alguns deles, as notas das avaliações tem muito mais relação com posturas disciplinadas do que com a capacidade do professor em ensinar e do aluno em aprender.

Através destas questões que colocam a disciplina como condição para se ter boas notas, podemos refletir a razão dos professores darem tanta importância para a disciplina da sala, desta forma faz sentido tentar ao máximo a disciplina, pois segundo suas visões é este o caminho para os bons resultados.

Porém alguns professores vão além, e mostram que mais que sinônimos notas e disciplinas são faces opostas de uma mesma moeda e que a face disciplinar desta moeda deve ser priorizada como podemos verificar nas afirmações a seguir:

> *"Reflete o íntimo do aluno, caráter. O bom aluno sustenta boas notas é visto como uma espécie de "herói", sente-se enaltecido, um exemplo. A indisciplina e notas baixas estigmatizam o aluno de preguiçoso, desordeiro e insuportável quando o mesmo não demonstra interesse algum no processo de ensino-aprendizagem, desacata os pais, os professores, enfim."*
>
> *"As notas devem relacionar a disciplina, visto que a avaliação deve ser o global do aluno."*
>
> *"Acredito que a disciplina deva ser priorizada pois ela é fundamental para que o aluno tenha um bom aproveitamento. Lógico que a capacidade intelectual dos alunos são diferentes e influenciam e facilitam o rendimento, mas mesmo um aluno que tenha dificuldades no aprendizado atinge notas satisfatórias quando é disciplinado (na maioria das vezes)."*

Notamos com estas respostas que para alguns docentes a idéia de "bom aluno" mais até do que às boas notas, está ligada a ser disciplinado. Como podemos perceber há uma leitura profundamente moralista por parte de alguns docentes quanto à função da disciplina, refletindo o caráter do aluno, levando a desejar ter boas notas, e mesmo fazendo o "bom aluno" ser visto como herói, enquanto o aluno indisciplinado na própria fala da docente é estigmatizado e sua postura na sala de aula é considerada a mesma quando em família.

A idéia de que as notas devem refletir a avaliação global dos alunos e que a avaliação global tenha que ter necessariamente atenção aos aspectos disciplinares nos mostra que a idéia disciplinadora dos docentes é muito forte, tão forte que chega a se refletir objetivamente na atribuição de conceitos aos alunos.

Por fim um relato deixa claro que entre notas e disciplina, a segunda opção deve claramente ser priorizada, é interessante notarmos que tal avaliação surge na resposta de um dos poucos professores que havia sido critico nas questões anteriores e que também é bastante jovem, estando no ano de 2006 no seu

primeiro ano letivo como professor, tal constatação pode nos indicar como os imaginários podem ser muitas vezes contraditórios.

A disciplina segundo este professor seria um dos segredos para o bom desempenho, apesar de reconhecer o papel das capacidades intelectuais dos diferentes sujeitos, o professor segue firme na convicção de que o conhecimento empírico lhe deu de que mesmo o aluno com dificuldade de aprender consegue ter notas satisfatórias. Se associarmos sua resposta com a resposta três onde este relacionou alunos com desempenho fraco e indisciplinados veremos o quão forte é a ideologia da disciplina na escola alfa.

Mas nem todos os professores são tão inocentes e apegados à valorização das notas, alguns são capazes de tecer críticas ácidas e interessantes quanto ao sistema de ensino, e a refletir que no contexto atual o valor de obter bons resultados deve ser relativizado quando afirmam:

> *"Para mim, hoje em dia, a nota não faz diferença pois com a progressão continuada todo são aprovados, então os bons alunos até desanimam, não há mais aquele interesse em conseguir uma boa nota, porque na verdade todos serão aprovados."*

Ou seja, a partir da exposição da professora atualmente as notas não têm mais a mesma importância pois os sistemas de aprovação automática a desvalorizam, já que como ela mesma lembra antes as notas tinham relação direta com a aprovação ou retenção dos alunos, como hoje em dia não é mais assim as notas perdem importância e chega-se segundo seu ponto de vista a até desestimular os alunos dedicados que não vêem mais sentido em estudar uma vez que têm garantidas as suas aprovações.

Se considerarmos que a pergunta se referia à nota e disciplina e a professora teceu um comentário sobre a nenhuma importância das notas para ela, podemos inferir que talvez neste contexto a disciplina ganhe ainda mais importância e deva ser mais cegamente perseguida, pois se as questões cognitivas deixam de ter importância como a professora decreta, resta à escola o papel não mais de ensinar, mas de disciplinar os "bons alunos", a escola que sempre foi, se torna assim, ainda mais seletiva e disciplinadora.

Porém alguns professores se mostraram críticos em relação ao papel das notas na definição dos “bons alunos” e mostraram mesmo ter uma visão da avaliação diferente e mais próxima da literatura atual sobre os processos de avaliação da aprendizagem ao responderem:

> *“È um diagnóstico de como está indo a aprendizagem do aluno e aulas dada pelo professor.”*
>
> *”Nem sempre o papel e as notas, na minha opinião, de acordo com a minha experiência, identificam o bom aluno, mas ajuda a identificar o de melhor rendimento.”*
>
> *“A partir delas é que sabemos onde está o potencial do aluno, do que ele gosta ... é um “termômetro” do talento do aluno”*
>
> *“Nem sempre as notas mostram que o aluno é bom, pois às vezes ele decora um processo ou um modelo de um exercício, mas realmente não entendeu o significado do processo, ou mesmo ele tem dificuldade s com a disciplina.”*

Estes professores demonstram que além de entenderem o processo avaliativo de forma diferente, conseguem perceber que alunos podem simplesmente decorar processos mecanicamente, podem inclusive ter boas notas em disciplinas em que tem muitas dificuldades, etc. E o principal as notas são um termômetro de onde estão os potenciais dos estudantes, do que eles gostam, e de como esta indo o aprendizado e as aulas dos professores.

Tais casos mostram que quando o docente conta com uma formação pedagógica mais densa e reflexiva este consegue se questionar e mesmo que momentaneamente e às vezes de forma contraditória fugir do senso comum. E a partir de uma compreensão do processo de ensino diferente também imaginar o ideal de aluno de forma também diferente.

4.2.13 - Categoria Notas – As Respostas dos alunos

"Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba!"
(Gabriel O Pensador, Estudo errado)

Em relação à categoria notas os estudantes mostraram ter uma visão sobre os "bons alunos" um tanto diferente da visão dos professores. Enquanto os professores ainda que às vezes com algumas críticas, associaram de forma bastante acentuada os "bons alunos" ao fato de terem ou não boas notas, principalmente devido a seus comportamentos, esforços e posturas nas aulas, os alunos se mostraram divididos como ficaram em poucas questões.

Foram quatorze respostas dizendo que os "bons alunos" tem sempre boas notas, número que representa em torno de 40% dos alunos que responderam ao questionário.

Por outro lado o número de estudantes que disseram não acreditar nesta relação direta entre "bons aluno" e notas altas foi de quinze respostas, ou seja, houve quase um empate nas respostas sobre o assunto.

Por fim ainda tivemos oito estudantes (20%) que preferiram relativizar suas respostas e disseram que o fato de "bons alunos" terem ou não boas notas depende de outros fatores e que nem todos os "bons alunos" têm sempre boas notas.

Os estudantes não responderam, mas cabe um questionamento. Será que para professores e estudantes todo aluno que tem boa nota é considerado "bom aluno"? Acredito que devido ao valor que os professores atribuem aos aspectos

disciplinares a resposta a esta questão seria negativa, porem em relação aos estudantes não me atreveria a arriscar uma hipótese para a questão.

Quando analisamos qualitativamente as justificativas dos estudantes para as suas respostas, verificamos que a forma como são influenciados pelos professores no processo de formação de seus imaginários é complexa.

Entre os alunos que defendem a idéia de que "bons alunos" necessariamente conseguem boas notas temos aqueles que tendem a entender a situação como algo natural e inerente aos "bons alunos", segundo estes estudantes sequer faz sentido falarmos em "bons alunos" se estes não obtêm notas altas nas avaliações como podemos constatar em respostas como as que se seguem: *"Sim, porque senão não seria bom aluno", "Sim, os bons alunos tem sempre boas notas." , "Sim, se é bom aluno, tem que ter boas notas."*

Porém, entre os estudantes podemos constatar uma noção apurada dos desejos e valores dos professores em relação aos "bons alunos" e do papel que a disciplina exerce mesmo nas avaliações. Para estes estudantes as notas são características dos "bons alunos", uma vez que são uma forma de recompensa dos professores pela "boa disciplina" e por isso facilmente obtidas pelos alunos comportados. Estas respostas confirmam a postura docente de valorizar o bom comportamento até mais que o rendimento ou potencial dos estudantes por parte dos docentes e podem ser constatadas em respostas como:

> *"Todos os aluno comportado tem nota boa"*
>
> *"Quem se esforça tem boa nota"*
>
> *"Sim, para ter boa nota... é só não bagunçar"*
>
> *"Eu acho que sim, porque se é bom, tem compromisso, responsabilidade, etc, e tira boas notas."*

Alguns alunos demonstraram um olhar bastante complexo e aprofundado sobre a questão e nos deram respostas que de certa maneira relativizaram o papel das notas na avaliação que fazem dos demais colegas. Mostrando que entre os "bons alunos" a nota alta pode ou não ser uma característica distintiva. Respostas como: *"Tem uns que sim e uns que não", "Talvez não porque eles podem vacilar",*

"Quase todos", "Não, nem todos", "Depende". Nos mostram que estes estudantes conseguem avaliar o papel das notas altas a partir de referenciais múltiplos e que este não é o mais importante em suas representações sobre os "bons alunos".

O grupo que deixamos por último foi o dos alunos que seguiram um caminho totalmente contrário ao dos docentes para avaliar o papel das notas na constituição do que entendem por "bons alunos". Verificamos que este grupo faz uma distinção bastante nítida entre ser "bom aluno" e obter boas notas, mais interessante que isso estes estudantes ligam a categoria "bons alunos" muito mais a certas características intelectuais e cognitivas como ser *"esperto", "ter cabeça boa ou ser inteligente",* do que à aspectos comportamentais como ser disciplinado.

Para tais estudantes pode ocorrer inclusive a contradição do aluno ser considerado "muito bom" e "bastante indisciplinado", tal fato (que foi seguido por parcela importante dos alunos) ajuda a explicar porque alunos considerados problema pelos docentes dizem se considerarem "bons alunos". Esta postura contrasta totalmente com a visão dos professores que sequer cogitaram esta possibilidade, uma vez que a conduta moral é vista quase como pré-requisito para um aluno ser considerado um "bom aluno".

A opinião deste grupo de estudantes se torna mais interessante ao deslocarem as suas respostas para o campo disciplinar quando foram questionados sobre o papel das notas. Questão que a princípio pareceria independente dos assuntos ligados ao comportamento.

Porém esses alunos mostram que as notas estão diretamente ligadas à disciplina, na avaliação dos docentes. E que um aluno ainda que inteligente mas indisciplinado, tem poucas chances de conseguir boas notas. Assim podemos perceber que as avaliações e atribuições de conceitos são muito marcadas por questões subjetivas e permeadas pelas disposições pessoais de cada docente com podemos constatar pelas respostas dos alunos:

> *"Não porque o L ele é um bom aluno e não tem boas notas"*
>
> *"Não porque nem todo bom aluno é comportado"*

"Não, eu sou bom aluno, mas tiro notas baixas nas oficinas" (referencia a oficinas de estudos que acontecem no período vespertino na escola de tempo integral*)*

"Não, porque ele nem sempre se dedica a todas as matérias"

"Depende, porque tem aluno inteligente mais tira nota vermelha por causa da bagunça"

"Nem todos, eu sou bom aluno nas notas, mas não no comportamento, eu não sou muito bom"

4.2.14 - Categoria Disciplina: Todo "bom aluno" é comportado? Respostas dos estudantes

Se questionados quanto às notas os alunos se dividiram entre uma visão mais próxima da opinião dos professores e outros que entendem a questão sob outros ângulos, quando perguntamos se todos os bons alunos são comportados a percepção dos estudantes se mostrou muito diferente do imaginário dos professores.

Enquanto foi quase que unânime entre docentes e gestores, os aspectos disciplinares na definição de um "bom aluno", para os estudantes a disciplina não é condição necessária para alguém ser considerado "bom aluno", podendo ser inclusive encontrados casos de alunos considerados bons que são indisciplinados.

Os alunos mesmo sendo bastante jovens demonstram senso crítico ao responderem sobre esta questão, sempre argumentando a possibilidade de ser "bom aluno" mesmo não tendo comportamento exemplar.

Nove alunos disseram que todos os "bons alunos" são comportados e que são jovens quietos e que não fazem bagunça nunca. *"Sim por que porque não fala com os que bagunça com os outros", "Eu acho que sim que são tudo comportado", "Sim que eles quase nunca bagunça".*

Porém a grande maioria, vinte e sete alunos disse que não, que nem todos os "bons alunos" são comportados e que comportamento não deveria ser condição

para este tipo de avaliação como constatamos em respostas como as que se seguem:

> *"Não, é só tirar boa nota".*
> *"Nem todos, tem uns que são bagunceiros e outros que são mais quietos".*
>
> *"Às vezes, porque alguns bagunçam mas são inteligentes".*
>
> *"Não, tem vários bons, bagunceiros".*
>
> *"Não, é bom aluno porque não tira nota vermelha, mas nem todos são comportados".*
>
> *"Não, tem muito aluno bom, só que fala um pouquinho".*

Ou seja, para os estudantes fatores como boas notas, e principalmente ser considerado inteligente, são muito mais decisivos na constituição do imaginário sobre os "bons alunos" do que a disciplina. É interessante que ainda que não citem explicitamente fatores ligados ao aprendizado, como saber ler, escrever e calcular, o fato dos alunos atribuírem valor a inteligência, os mostra mais ligados ao aprendizado que os próprios professores em relação ao imaginário sobre os "bons alunos".

Outro ponto importante foi constatar que ainda que o imaginário do corpo docente tenha muita força e a todo tempo seja divulgado no interior da escola, o imaginário dos alunos nem sempre é igual ao dos professores. Por vezes este é mesmo contrário, o que nos prova a capacidade de crítica dos estudantes, mostrando que não reproduzem simplesmente o que ouvem e que não podem ser tratados como tabula rasa.

Prova desta capacidade de crítica é o fato de alguns alunos se citarem como exemplo para a resposta, deixando claro que tem plena consciência de suas qualidades e de seus problemas disciplinares:

> *"Nem sempre, porque sou boa aluna mas não sou tão comportada"*
>
> *"Não, é o meu caso que até sou bom mas não sou quieto"*
>
> *"Na minha opinião ele é responsável, não comportado"*
>
> *"Não, porque a aluna L é boa aluna... mas também bagunça"*

Esta forma diferente de alunos e professores imaginarem os “bons alunos” pode ser um importante gerador de problemas, uma vez que os docentes esperam antes de tudo um certo comportamento padrão (ideal), e os alunos por sua vez, não mostram atribuir grande valor a tal comportamento, se atendo muito mais à inteligência propriamente dita.

Outra questão importante é tentar entender a razão de tendo os professores citado a disciplina como mais importante característica dos “bons alunos”, e os estudantes, avaliado que disciplina e “bom aluno” não são termos que precisam necessariamente estar ligados, porque quando convidados a citar exemplos de “bons alunos”, tanto uns como os outros, citaram praticamente os mesmo nomes?

4.2.15 - Dando Nome aos “bons alunos”:

Como forma de verificarmos como se relacionam os discursos dos professores sobre os bons alunos e sua prática pedagógica diária em sala de aula com eles, solicitamos que docentes e gestores citassem os nomes de alguns alunos que consideravam muito bons para que pudéssemos a partir da observação destes estudantes ter uma percepção da forma como o imaginário se manifestava na prática.

A primeira conclusão a que pudemos chegar com tal questão é a de que a equipe gestora, simplesmente, não conhece os “bons alunos” da escola ou que sequer leva em conta suas existências na Escola Alfa.

Tal postura em certa medida ajuda a compreender a situação de silêncio da Escola Alfa quanto ao sucesso escolar, sendo a equipe gestora a responsável por definir as diretrizes da unidade escolar e a quem compete definir metas, prioridades e pautas de reuniões, e sendo estes totalmente alheios à existência dos “bons alunos”, é explicável que não falemos dos mesmos.

Podemos verificar este desconhecimento dos gestores primeiro pela própria gestora que sendo coerente com sua posição de que não temos mais, “bons alunos” na Escola Alfa, não cita um único nome como exemplo de “bom aluno”.

A equipe de coordenação pedagógica recorre a artifícios diversos para citar os “bons alunos”, mas que ainda sim demonstram seu pouco conhecimento dos “bons alunos”.

A coordenadora mais antiga da escola que conhece muito bem os alunos, e é famosa na escola por ser disciplinadora e conhecer a quase todos, denúncia seu desconhecimento dos “bons alunos” por usar um artifício simples. Ao citar os estudantes o faz com nome completo, como tal postura não é comum na escola, até porque os sobrenomes são todos muito parecidos, demonstrando que para citar os “bons alunos” esta teve que recorrer às listas de notas e presenças dos alunos, as quais esta tem acesso com certa facilidade. Isso nos mostra inclusive quais critérios esta usou para escolher os “bons alunos”, ao dizer que a freqüência foi um dos critérios, sendo este critério impossível de ser usado sem acesso à documentação.

Desta forma inferimos que mesmo esta gestora não conhece os “bons alunos” e reproduzimos a resposta da mesma, quando após citar nome e sobrenome dos alunos: *“Do ponto de vista pedagógico, boa freqüência e aprendizado satisfatório...”*

A segunda coordenadora cita em suas respostas os alunos sem nenhum fator que demonstre o desconhecimento destes, esta constatação deve ser relativizada no caso pelo fato da mesma ter lembrado apenas alunos da sala considerada boa 6ª A. Já da 6ª B, sala que tem fama de indisciplinada, esta não lembrou nenhum aluno. E assim podemos ver como as expectativas sobre as turmas exercem influência sobre o imaginário dos pesquisados.

Por fim destacamos a resposta de uma gestora que comprova este desconhecimento do sucesso. A gestora muito atuante e centralizadora conhece bem a rotina da escola e os alunos, e mesmo assim nos dá tal resposta:

> *“Não conheço pelo nome todos os nossos alunos, mas tenho tido contato com eles nas salas, reuniões com os monitores e eles têm ma*

característica muito interessante, são críticos, traquinas, mas quando solicitados são prestativos.".

Verificamos que a mesma ainda tenta minimizar seu pouco conhecimento dos alunos apelando para um discurso aproximado ao dos alunos participantes, autônomos e críticos. Mas acredito que a primeira parte de sua resposta acaba até contradizendo a segunda parte, e deixa claro como o sucesso nas escolas é um desconhecido pelos gestores.

4.2.16 - Os "bons alunos" segundo professores e alunos

Quando analisamos os nomes dos alunos citados pelos corpos docente e discente, chegamos a algumas constatações interessantes. Em primeiro lugar devido à rotina mais próxima com os estudantes ambos mostram posição diversa da seguida pelos gestores de não conhecimento dos "bons alunos". os professores seguiram coerentes com as idéias que tinham sobre os bons alunos e citaram poucos nomes de estudantes tidos por "bons alunos", destes todos são alunos na sua maioria sem nenhuma repetência no histórico, jovens que obtém excelentes notas, sentam-se nas primeiras carteiras da sala de aula, estão concentrados em sua maioria na turma considerada boa, tem familiares sempre presentes nas reuniões escolares, apresentam muito investimento familiar em seus estudos devido a possuírem material completo e de melhor qualidade que os demais, além de se vestirem com uniformes sempre limpos e bem cuidados e principalmente são jovens disciplinados e na sua grande maioria do sexo feminino.

Ao compararmos os alunos citados pelos estudantes como exemplo de "bons alunos" das sextas séries, com os nomes citados pelos professores podemos chegar a algumas conclusões interessantes.

A primeira delas é de que apesar de certas vezes o imaginário dos "bons alunos" de docentes e estudantes serem bem diferente quando comparamos os nomes citados pelos estudantes verificamos que os alunos têm uma visão de "bom aluno" que consegue ser mais aberta e democrática. Foi bem maior o

número de estudantes citados como “bons alunos” pelos estudantes do que o citado pelos professores. Verificamos que como os estudantes não se atêm tanto aos aspectos disciplinares para definir o que entendem como bons alunos estes consideraram que uma quantidade maior de estudantes pudesse ser citada como bons estudantes devido a caracteres como inteligência, capacidade e notas.

Desta forma constatamos que alunos tidos por medianos, outros que sequer foram lembrados pelos docentes e mesmo alguns tidos por indisciplinados são considerados pelos estudantes como “bons alunos”. Devemos levar em conta que no momento em que precisam lembrar dos nomes de estudantes que consideram bons os alunos tendem a lembrar de seus amigos e colegas mais próximos, ficando muitas vezes a subjetividade como um importante fator na decisão sobre os bons alunos, como os estudantes mostraram valorizar a condição de bons alunos, notamos que citar um colega ou “bom aluno” era visto como algo positivo e por essa razão (a amizade) e pela menor importância a disciplina tivemos muito mais alunos citados nas listas feitas pelos estudantes.

Entretanto, um ponto em específico precisa ser destacado, se os estudantes de uma maneira geral se mostraram aparentemente mais democráticos na avaliação dos bons alunos citando os nomes de um número bem maior de estudantes, verificamos por outro lado que tivemos um fenômeno interessante na forma como responderam à questão. Como poderiam citar a quantidade de nome que quisessem os alunos citavam vários alunos, e dentre estes vários alunos citados constatamos a existência de dois grupos: um primeiro grupo de estudantes mais amplo, com diversos nomes, estes porém normalmente citados exclusivamente por um único aluno, recebendo em média não mais que duas ou três citações, que bem poderíamos nos questionar representassem aquele movimento já descrito de considerar os próprios colegas como exemplos de “bons alunos”, não por maldade ou querer mostrar algo que eles não fossem, mas por realmente os considerar “bons alunos” devido a capacidade intelectual destas que lhe é mais familiar que aos próprios docentes devido ao convívio e proximidade.

Porém verificamos a existência de um segundo grupo de estudantes citados, estes citados sempre, por praticamente todos os alunos, os alunos podiam até citar um ou outro nome que não constasse na lista mas logo em seguida recorriam aqueles nomes que já haviam sido citados por todos.

Os alunos quando precisavam lembrar do nome de estudantes da outra sala que não a deles mesmos recorriam a estes nomes mais citados, e assim se formou um segundo grupo de estudantes que foram lembrados diversas vezes, 15, 20, 30 vezes e uma aluna foi lembrada por nada menos que 45 alunos.

Assim de um lado tivemos uma lista ampla de alunos citados pelos seus próximos poucas vezes e uma lista esta bem mais reduzida de um grupo de estudantes lembrados inúmeras vezes e que juntos concentraram mais de 80% de todas as citações. A nossa surpresa veio ao compararmos esta lista menor de alunos com a lista elaborada baseada nas respostas dos professores, pois verificamos que apesar das repostas às vezes divergentes, da maior ou menor valorização de notas e disciplinas, das posições distintas sobre a existência ou não de “bons alunos”, e mesmo da natureza diversa da opinião de alunos e professores e gestores pela própria função diferente exercida por cada grupo a lista se repetiu numa regularidade espantosa.

A aluna lembrada por 45 estudantes foi a aluna mais citada pelos docentes, assim como a segunda mais lembrada e mesmo quando as posições se invertem as listas são muito semelhantes.

A concentração de citações em alunos do sexo feminino, verificada nas respostas dos professores foi seguida pelos alunos, a tendência a lembrar de jovens que possuem famílias que estão sempre presentes nas atividades da escola como reuniões e eventos festivos também foi mantida.

A lembrança de alunos que apesar da pobreza mostram pelas roupas e material um maior investimento financeiro de suas famílias em seus estudos também se seguiu, e, sobretudo foram citados por estudantes de maneira maciça o nome de estudantes que obtém regularmente boas notas e que são considerados muito disciplinados pelos professores apesar de suas personalidades diferirem em alguns pontos.

Desta forma consideramos interessante constatar que apesar de algumas divergências existe um certo consenso no imaginário desta comunidade escolar sobre o que seria um "bom aluno" e mais que isso quem seriam os "bons alunos". Colocamos os questionários destes alunos que foram mais vezes citados em separado nos anexos por acreditarmos possam trazer importantes constatações sobre o imaginário da comunidade escolar sobre seus "bons alunos".

4.2.17 - Gênero

> *"Menino é relaxado mas a gente está sempre aceitando: "Ah, é menino", mas menina... das meninas, ela é a mais relaxada" (fala de professora Marisa sobre aluna tida por problema, revelando visão diferente sobre meninos e meninas em sala de aula). (PATTO, 2000, p.374.)*

Um dado interessante é que apesar de aproximadamente 1/3 dos alunos terem escolhido manter o anonimato no momento de responder aos questionários verificamos que todas as alunas citadas por professores e alunos como exemplos de "bons alunos" se identificaram ao responder seus questionários o que pode significar certa auto-estima destas estudantes em relação a suas idéias lhes fazendo não temer que um professor análise o que pensam sobre o tema.

Este fato que pode parecer corriqueiro ganha importância quando verificamos que entre os alunos do sexo masculino que de alguma forma foram citados como "bons alunos" por estudantes e professores nenhum ter se sentido a vontade para se identificar nos questionários, nos deixando a seguinte pergunta: por que as boas alunas se sentem a vontade para colocarem o que pensam sobre o ideal de aluno e se identificar e os "bons alunos" não se sentem a vontade para fazer a mesma reflexão e serem identificados?

Se somarmos isso ao fato de que os alunos que eram famosos na escola tanto entre professores como entre alunos por serem indisciplinados, terem baixos rendimentos nas provas, serem multi-repetentes e tidos como alunos problema, simplesmente todos os alunos deste grupo ficaram a vontade para expor o que pensam e se identificarem nos questionários. Possamos entender algumas

questões que permeiam os imaginários dos estudantes sobre o significado de ser "bom aluno" para meninos e meninas.

Talvez através destas constatações possamos levantar a hipótese de que a condição de "bom aluno" não seja socialmente valorizada entre os meninos estudantes, fato contrário ao que ocorre com as meninas de quem se espera e mesmo se exige que sejam boas alunas. Destacamos aqui um relato obtido em conversa com a professora Zeila Demartinni de Brito no qual esta nos dizia da preocupação dos meninos em relação à não serem identificados pelos colegas como "bons alunos".

Estas questões talvez sirvam de hipótese no sentido de se somar aos estudos já realizados sobre a diferença nos desempenhos de meninos e meninas nas escolas, bem como para o fato de termos o fato de termos identificado um imaginário sobre os "bons alunos", muito mais ligado ao sexo feminino que se comprova pela disparidade no número de citações de meninas boas alunas e meninos "bons alunos", apontando um número muito superior de alunos do sexo feminino sendo lembrados como "bons alunos" tanto pelos professores, como pelos estudantes.

Além disso, a constatação de um forte apego dos professores aos valores morais e disciplinares associado a esta maior tendência a citarem meninas pode nos indicar a valorização de um perfil feminino que seja disciplinado e acate ordens com maior facilidade, reproduzindo-se assim a tradição machista de oprimir as mulheres, principalmente através da veiculação de uma ideologia da mulher ideal como sendo a boazinha, a caprichosa, a quietinha, etc, como se suas habilidades intelectuais não contassem e como se aos meninos ainda que contrariados os docentes tolerassem a indisciplina, fato inaceitável quando vindo de uma moça segundo estes princípios conservadores de ver as mulheres.

Uma outra hipótese nossa é que esta maior citação de meninas como boas alunas acabe refletindo a cobrança muito maior por parte da escola, família e sociedade sobre as mulheres quanto ao sucesso nos estudos. Que se refletiria tanto numa postura mais disciplinada, como na própria constatação das meninas de que encontrarão um mundo muito mais competitivo e desigual que os meninos

e assim caso desejem ter algum sucesso precisam se destacar nos estudos. Este fato somado a possibilidade de que a indisciplina muito maior entre os meninos talvez acabe refletindo uma postura machista que não considere legítimo o recebimento de ordens e tarefas vindas de mulheres. Estes alunos por vezes criados numa sociedade que sabidamente é bastante preconceituosa e machista podem estar através das suas posturas indisciplinadas reproduzindo tais valores quando se vêem diante de uma autoridade que é do sexo feminino.

4.2.18 - Como alguém se torna um "bom aluno"?

Nesta parte do questionário tentamos compreender como o imaginário dos professore explicavam o sucesso de alguns em meio ao fracasso de muitos. Gostaríamos de tentar compreender se questões como talentos inatos e estrutura familiar, e também se os docentes e gestores citariam as questões sociais e a importância da escola no processo de formação de um "bom aluno". Por isso fizemos a seguinte pergunta: *"O que faz uma pessoa se tornar um "bom aluno"?"*

Analisadas as respostas dos professores e gestores para esta pergunta, destacam-se alguns grupos de respostas que seguem uma linha parecida, mas como nas outras perguntas a subjetividade é tamanha e a todo o tempo chama a atenção para o fato de que apesar de poder-se supor que seja algo simples a definição do que seria um "bom aluno", na verdade isso é algo tão pessoal que professores normalmente tem posições bastante diferentes sobre uma questão ainda que tenham concordado literalmente na questão anterior. Mas vamos às categorias encontradas.

A primeira categoria encontrada para explicar porque uma pessoa se torna "bom aluno" foi a disciplina, é interessante que o docente que fez referência a esta questão usou a mesma resposta paras as questões cinco (sobre notas e disciplina) e seis (o que faz alguém se tornar um "bom aluno"), desta forma para esse docente a disciplina por garantir acesso a boas notas e essas notas representando bom aprendizado seriam as responsáveis pela "formação de "bons

alunos"". Repetimos a resposta do professor como forma de verificarmos o quanto a disciplina ganha força na forma alguns imaginam os "bons alunos": *"Se o aluno é disciplinado, logo é um aluno que presta atenção nas explicações dos professores resultando daí em boas notas."*

A segunda categoria notada é a tendência dos professores em explicar a existência de "bons alunos" através de posturas individuais e morais que se aproximam muito com a idéia de disciplina, seguindo a linha da professora anterior. Portanto, aspectos como responsabilidade, compromisso, dedicação, interesse, respeito aos colegas, docentes e funcionários, estudar, etc são citados. Neste ponto cabe destacar a relação intima estabelecida por Charlot, (2001, p.27) entre relação com o saber, história pessoal e social e o sucesso escolar quando este afirma:

> *"É preciso considerar que a historia escolar é, ao mesmo tempo, uma historia social e uma história singular (individual). Não há oposição entre nosso lado social e o nosso lado singular. São formas ingênuas de pensar as que afirmam que quanto mais social eu sou, menos sujeito individual eu sou."*

Tais noções seguem o raciocínio segundo o qual o "bom aluno" é sobretudo disciplinado, mas mais que isso defendem a idéia que o responsável pela formação de "bons alunos" são os próprios alunos, defendendo uma postura individual das crianças no sentido de assumirem por si mesmas o compromisso com seus estudos e com seu comportamento mais ou menos dedicado e disciplinado. Como podemos verificar nas exposições a seguir:

> *"A responsabilidade e o compromisso a que se submeteu."*
>
> *"Como já foi dito anteriormente, este deve respeitar seus pares e seus superiores (professores, direção e funcionários) e estudar."*
>
> *"Dedicação e interesse."*

Uma das Gestoras da escola responde com uma questão vaga que podemos fazer algumas inferências. Esta diz que para se tornar "bom aluno" deve acontecer como aconteceu com ela mesma. *"O que aconteceu comigo. A vida, a*

necessidade." Defende que o "bom aluno" é formado através das necessidades impostas pela vida. Portanto está muito presente nesta idéia a noção de que a dureza da vida as necessidades impostas pela carência etc, podem impor aos indivíduos a noção de que precisam estudar.

Tal resposta entende a questão como uma opção individual e chama a atenção pelo fato da professora usar como modelo para a formação de "bons alunos" a sua própria vida, apesar desta ter dito na primeira questão que não era uma "boa aluna".

Não entendemos se isso se trata de uma visão de si própria como alguém que conseguiu se tornar um "bom aluno", ou se esta resposta comprova uma contradição da gestora que tentou ser politicamente correta ao criticar a idéia de "bons alunos", mas que no fundo acredita mesmo nos valores disciplinares como a maioria dos docentes da Escola Alfa, pois se esta é bastante crítica da escola no plano teórico, o mesmo não se comprova com sua ação prática que é marcada pelo autoritarismo, posturas disciplinadoras das condutas, centralização das ações etc.

Um outro grupo de professores durante suas respostas demonstrou que nas suas opiniões existem outros fatores além dos indivíduos que podem tornar um estudante um "bom aluno". Exemplo desta transição é a professora de inglês que diz que a relação de prazer com certa disciplina pode fazer um aluno se interessar mais, se dedicar nas aulas.

Essa referência ao prazer dos alunos com determinadas áreas do conhecimento é considerada importante por nós por fugir um pouco da tendência de relacionar estudos com sofrimentos, esforço etc. Outra diferença da análise desta professora se deve ao fato de que ainda que siga valorizando os indivíduos como principais responsáveis por seus próprios rendimentos (ainda que crianças tão novas), deve-se ao fato dessa ter sido uma das únicas docentes a mostrar que a atuação dos professores pode interferir nas posturas e comportamentos dos estudantes.

Assim destaca que os professores têm alguma importância e responsabilidade com a questão, fato raro de ocorrer entre os docentes que

normalmente preferem as explicações que apontem para fatores individuais ou extra-escolares.

É interessante que esta reflexão sobre o papel da escola e da relação com os saberes surgiu exatamente da professora que não se definiu como uma "boa aluna" em sua época de estudante. Talvez o fato de ter encontrado dificuldades para se inserir no modelo nota/disciplina possa tê-la ajudado a refletir mais sobre a questão. Destacamos a resposta da docente, pois entendemos ser muito importante para a compreensão da questão:

> *"Uma pessoa torna-se um "bom aluno", porque às vezes ele já gosta de uma determinada matéria, por exemplo às vezes o aluno já gosta de fazer contas de lidar com números, então ele já vem com um grande interesse. Também acontece de um professor transmitir muito bem, de explicar e chamar a atenção, fazendo às vezes com que o aluno se interesse e se torne um bom aluno."*

Enquanto a primeira categoria destaca para explicar a formação dos "bons alunos" esteve mais ligada ao papel dos indivíduos isoladamente. A segunda categoria encontrada como está ligada a questões coletivas.

Este segundo grupo de professores procurou explicar a formação dos estudantes com base em visões coletivas, normalmente extra-escolares. E neste sentido coletivo a grande eleita como responsável pelo rendimento dos estudantes e seus comportamentos na escola são os pais, e as famílias, como fica evidente em diversas respostas que podem ser analisadas:

> *"Família (BASE FAMILIAR), respeito, participação e assiduidade (DISCIPLINA) e influência de terceiros (COLEGAS DE CLASSE). Muitas vezes nos deparamos com situações de alunos bons, que ao se misturarem em grupos de alunos indisciplinados acabam tendo também problemas de aproveitamento e disciplina."*
>
> *"A educação familiar é a base fundamental para a formação emocional, moral e intelectual do seu aluno. Sente-se motivado na escola, pois tem apoio da família em casa, incentiva os professores quando demonstra interesse nas aulas e participa integralmente."*
>
> *"Educação familiar e interesse em adquirir conhecimento."*
>
> *"A conversa com os pais, a conscientização que é passada nas escolas. O que serve de modelo de bom exemplo."*

Como pudemos verificar quando perguntados sobre a razão de alguém se tornar um "bom aluno" os professores em grande parte apontam para as questões familiares, as citações a base familiar, educação familiar, etc são muitas e assim verificamos que preocupados principalmente com a disciplina dos alunos, os professores transferem para as famílias a responsabilidade de terem mais ou menos "bons alunos". Esta idéia pode ser verificada nas respostas dadas pelos professores a outras questões como se seguem:

> *"Sim e volto a destacar as questões familiares e sociais... ao longo do ano, durante as aulas, em pequenas conversas que surgem com os alunos e que acabamos conhecendo um pouco do cotidiano de alguns deles, percebo que os alunos mais disciplinados e que acabam atingindo melhor rendimento possuem uma base familiar mais sólida, mais estruturada. Já os alunos com problemas disciplinares e menor rendimento noto uma base familiar mais fragmentada, pra não dizer totalmente deteriorada."*
>
> *"Teríamos mais alunos bons se a educação viesse do berço. Os poucos alunos bons que temos se deve a isso."*

Quando consideramos que a maioria dos professores disse que atualmente temos poucos, raros casos de "bons alunos" e que imaginam que as famílias são as grandes responsáveis pela formação de "bons alunos", podemos ter uma idéia de quem é eleito prioritariamente como o culpado pela crise atual, hora os próprios indivíduos, hora suas famílias, desta forma as grandes vítimas acabam ficando com a culpa, pela má educação que lhes é oferecida.

Tais visões sobre as famílias populares que pudemos constatar nas respostas dos docentes estão em acordo com o que nos diz Lahire, (1997, p. 12):

> *"A maneira pela qual os professores primários classificam os "fracassos" escolares, ou seja, atribuem a esses acontecimentos um contexto interpretativo, é relativamente diferente quando julgam individualmente os alunos de uma classe ou quando julgam as "causas gerais" do fenômeno. Quando os professores falam de uma forma muito genérica, as "grandes causas sociais" tornam-se predominantes. Procedem assim, de certa forma, à maneira dos sociólogos que manipulam categorias macro-sociológicas. Viveríamos em uma sociedade na qual os pais não "conversam mais com seus filhos", não têm "mais tempo" ou "mais*

vontade" por causa das suas ocupações profissionais, onde os círculos familiares se tornam "cada vez mais instáveis", com mães solteiras, famílias "implodidas" pelos divórcios, separações e situações econômicas "precárias" (desemprego...). os filhos, em tais situações, "perdem todos os parâmetros", "não desenvolvem sua linguagem" e "são abandonados a si próprios". Quanto aos pais, estes deixam de ser "verdadeiros pais": não desempenham – ou não desempenham mais – seu "papel", omitem-se e "não cuidam mais dos filhos".

Cabe ainda destacar uma observação de Charlot, (2001. p.26)

"Entre a família e o fracasso escolar. Existe uma relação que não é uma relação de causalidade. Não existe nenhum determinismo, existe uma probabilidade. Existe uma probabilidade mais forte de um filho de um operário analfabeto ser fracassado. Mas, apesar disso, existem filhos de operários analfabetos que são bem-sucedidos. Existem probabilidades. Existe o que chamamos de êxitos paradoxais. No Brasil, quantas são as pessoas oriundas de famílias dos meios populares que foram bem-sucedidas na escola e, hoje, lecionam em universidades? São casos que não correspondem ao discurso da sociologia clássica das décadas de 1960 e 1970".

Um fator interessante destacado por dois professores é que um dos fatores que podem formar um "bom aluno", é o fato destes saberem que o que aprendem é importante para suas vidas. Ou seja, apontam para a relação com o saber como algo fundamental para desenvolver nos estudantes o gosto pelos estudos e mesmo os comportamentos mais disciplinados. Estas respostas se aproximam muito dos estudos de Charlot, (1996), que analisa as relações que os jovens de classes populares estabelecem com os saberes. E podem ser verificadas:

"A caracterização da importância da cultura em sua vida."

"A dedicação, e a conscientização que aquilo que esta aprendendo vai ser bom para o seu futuro. Tanto na vida profissional como na vida social."

Por fim uma única professora apontou as questões sociais como importantes na formação de um "bom aluno". *"Depende do meio social que ele vive, e do acompanhamento familiar, e o mais importante ele querer ser um bom aluno."*

Esta constatação nos leva a pensar mais uma vez sobre a pouca reflexão dos docentes quanto as realidade enfrentada pelas crianças que educam cotidianamente.

Os docentes trabalham com categorias ideais, com tipos ideais de estudantes, com uma idéia de aluno que é abstrata e que muitas vezes não está minimamente relacionada com a "realidade", com os alunos de carne e osso que encontram em sala de aula. E por não saberem ou não se preocuparem em saber minimamente como vivem, como enfrentam a necessidade de sobreviver em condições tão difíceis, acabam punindo os indivíduos, os considerando sem interesse ou capacidade ou suas famílias como desestruturadas e sem interesse na escolarização dos estudantes.

Posturas estas, como sabemos, são equivocadas e se provam facilmente com o fato destas crianças sob todo tipo de dificuldade e historias de fracasso seguem diariamente se deslocando por longas distâncias para poderem freqüentar as salas de aula.

E também se comprova pelo fato da maioria das mães dos estudantes apesar de terem muitos afazeres e poucos recursos se fazerem presentes nas reuniões de pais e mestres. Mas a tendência a priorizar o negativo nas escolas faz com que as ausências ganhem status de maioria, e exceções se tornam regra no discurso de docente e gestores. Este tipo de explicação foi analiso por Lahire, (1997, p.213, 334, 335), no qual este diz:

> *"Se através desta obra, um fato pode ser estabelecido, é o seguinte: o tema da omissão parental é um mito. Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas das configurações familiares, produzem, a partir dos comportamentos e dos desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir. Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma "omissão" ou uma "negligência" dos pais. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos "sair-se" melhor do que eles. Aliás, é algo importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem, freqüentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, a "confessar" a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizador que o deles."*

(...) assim ficam atentos para estes deitem cedo todas as noites que antecedem os dias de aulas e algumas vezes, são extremamente prudentes com suas saídas e suas amizades. E o que dizer dos pais e mães que batem nos filhos quando os resultados são ruins ou quando as cadernetas mostram que brincaram em aula?

(...) é claro que existem casos em que as rupturas são tão numerosas, e as condições de vida familiar, econômica..., tão difíceis que, ou o tempo que os pais podem dedicar aos filhos é absolutamente limitado, ou suas disposições sociais e das condições familiares estão a mil léguas das disposições e das condições necessárias para ajudar as crianças a "ter êxito" na escola. Mas mesmo assim, o termo moralizador de "omissão", que remete a um ato voluntário, uma escolha deliberada da parte dos pais, nem sempre corresponde ao que pudemos apreender das realidades de interdependência social" .

"A vontade parental de preservar os filhos e de fazer com que atinjam aquilo que não se pôde conseguir se traduz, às vezes, por uma verdadeira doação de si, um sacrifício de si mesmo em beneficio dos filhos, isto é do futuro. O sacrifício é inicialmente e antes de tudo, financeiro. Priva-se a si mesmo para comprar para os filhos tudo aquilo de que têm necessidade (para a escola ou para seu conforto pessoal). Recusa-se que eles sofram as conseqüências de uma situação econômica difícil ou modesta, e faz-se de tudo para colocá-los em posição de privilegiados. Algumas crianças vivem, assim, graças à ação voluntarista de seus pais, como pequenos-burgueses ou burgueses no sei de meios populares."

Ainda que o autor faça estas considerações a respeito de um contexto social bastante diferente (famílias de Paris – França) do qual analisamos, pensamos que algumas destas indicações nos sejam válidas como forma de interpretar a realidade estudada e a forma como geralmente se enxerga as famílias dos estudantes da Escola Alfa.

Por fim esta professora demonstra clareza de como a questão é complexa ao dizer que fatores diferentes influem no processo de formação de um "bom aluno", e destaca as famílias, o papel dos indivíduos, e as questões sociais. Mas mesmo assim, a professora não coloca a escola como co-responsável por esta questão e mais uma vez os fatores extra-escolares estudados por Charlot (1996, 2001) se destacam na explicação do fracasso e sucesso.

4.2.19 - O Silêncio sobre os "bons alunos" na Escola Alfa

Na oitava questão do questionário dos docentes, tentamos verificar se o silêncio sobre os “bons alunos” era algo que se restringia às conversas entre professores, conselhos de classe e reuniões ou se esta tendência era vivenciada e outras instâncias do cotidiano de professores e gestores.

Tentando notar se existia um quadro diferente nas práticas em sala de aula perguntamos se estes consideravam que estavam dando a atenção necessária aos “bons alunos”.

Apenas um único professor disse estar satisfeito com a atenção que vinha dando aos “bons alunos”, e mesmo assim esta atenção se resumia a simplesmente exaltar os “bons alunos” em debates como reuniões de pais, nada que se relacionasse com o processo de ensino-aprendizagem como podemos notar na resposta do professor:

> *“Não o necessário, mas estamos tentando melhorar esta situação a partir do momento que damos parabéns, premiamos, divulgamos à escola e a aos pais os alunos que são bons, considero que estamos dando atenção, gratificando e estimulando este aluno. Precisamos fazer com mais freqüência.”*

Entretanto a maioria absoluta dos professores disse não considerar que conseguisse dedicar aos “bons alunos” a atenção devida, como explicação para tal situação a grande culpada eleita foi mais uma vez a indisciplina e por conseqüência os alunos considerados problema.

Os professores em coro disseram que não lhes sobra tempo e que se sentem esgotados tentando impor disciplina nas salas de aula, acabando por deixar de lado os conteúdos e os alunos interessados em aprender. As respostas de alguns docentes nos mostram como entendem a situação:

> *“Porque geralmente os alunos “problemáticos” nos tomam mais tempo, mas isso é um alerta para que possamos nos dedicar aqueles que mais se interessam. No caso de nossa escola isto não acontece com freqüência, mas eu como coordenadora tenho conhecimento do bom trabalho dos professores e conseqüentemente dos alunos que se destacam” .*

> *“Quase nunca falamos e muitas vezes não lembramos nem de nomes de bons alunos. Acredito que os alunos mais indisciplinados sugam mais nossas energias e tempo durante a aula, pois uma grande porcentagem*

dos 50 min acabam sendo perdidos no intuito de fazê-los ficarem quietos e participarem. Por tomarem boa parte de tempo e por muitas vezes nos indignarem e frustrarem com suas atitudes é que acabamos "marcando", fazendo com que lembremos mais dos nomes e atitudes destes alunos.
Outra opinião é que bons alunos carrega consigo características obvias e naturais que esperamos de qualquer ser humano que é o respeito e educação, conseqüentemente eles acabam não dando 1/3 do trabalho dos alunos indisciplinados, tornando suas presenças discretas.
Não sei se percebeu, mas até neste questionário, que é fundamentado no sucesso escolar e seus bons alunos, as justificativas e respostas revelam mais o lado dos alunos indisciplinados."

"Não falamos dos bons alunos, porque geralmente perdemos tempo em falar dos mais alunos, hoje em dia o que nos chama mais atenção são os alunos indisciplinados, daqueles que dão problemas, e os bons alunos acabam sendo esquecidos!"

"Os maus alunos ofuscam os bons porque preenchem a cabeça e o trabalho do profissional. Como estão sempre em maioria, o professor se atem o tempo todo em tentar manter a ordem e recuperar os famigerados maus alunos."

"Porque são alunos que não nos dão problemas."

"Não, porque estamos preocupados com aqueles que perturbam o tempo todo a aula, e esquecemos os outros alunos que merecem atenção também."

"Não o necessário, mas estamos tentando melhorar esta situação a partir do momento que damos parabéns, premiamos, divulgamos à escola e a aos pais os alunos que são bons, considero que estamos dando atenção, gratificando e estimulando este aluno. Precisamos fazer com mais freqüência."

"Não. Gastamos muito tempo tentando melhorar os ruins e não investimos no aproveitamento dos bons."

"Não. Perde-se muito tempo controlando a indisciplina de parte de alunos que em muitos casos acabam contaminando também bons alunos. Conseqüentemente o conteúdo a ser aplicado fica prejudicado pois sofre constantes interrupções".

Desta forma, os professores apresentam um imaginário que liga a pouca atenção dedicada aos "bons alunos" e situações de sucesso aos alunos considerados problema. Assim os próprios alunos são os culpados pela situação segundo esta ótica. Algumas outras explicações para a situação vieram a tona. Alguns professores destacaram o fato das salas superlotadas dificultarem uma atenção individualizada, as salas heterogêneas também são citadas como razão

para a pouca atenção aos “bons alunos”, segundo o professor a “mistura” dos alunos faz com que o nível das turmas caia a cada dia.

> *“Não, as classes geralmente estão superlotadas”.*
>
> *“Não porque as classes se misturam demais e o nível é cada vez mais baixo e acabamos se estressando demais não conseguindo assim dar atenção necessária, não conseguindo nem se quer dar aula. Normalmente dou mais atenção a estes alunos, porque são os que se mostram mais interessados”.*

Tivemos ainda alguns professores que avaliam a questão a partir de fatores ligados à própria organização do sistema escolar e organização da Escola Alfa.

Gostaríamos de encerrar esta questão com duas respostas que são muito ilustrativas de como o imaginário das escolas é marcado pelo fracasso. Na resposta da gestora esta usa o termo: “colocamos todos no mesmo saco”, para se referir à situação, mostrando como a visão da comunidade escolar ser pautada pelos signos do fracasso. *“Porque nesta vida já percebi que o que dá mais ibope é falar das coisas ruins, as coisas boas a gente esquece logo”.*

Um dos docentes indica como responsável pela visão dos professores focadas no fracasso o sistema de progressão continuada, recorrendo assim a um dos tradicionais argumentos usados pelos docentes todas às vezes que precisam eleger um culpado pela crise da educação em que nos encontramos. Apesar disto acredito que seja necessário refletir sobre a falta de estímulo que os professores dizem sentir, e que é possível verificar na frase a seguir:

> *“Acho que não, porque os alunos indisciplinados acabam chamando mais a nossa atenção, hoje o que as escolas estaduais querem é que o aluno permaneça na escola, que se apresente trabalhos coloridos, bonitos, ilustrados, no fundo não estão aprendendo nada e ficamos nisso, nesse comodismo, pois a progressão continuada nos deixa sem estímulos pra nada.”*

Quanto à utilização de estratégias diferenciadas para lidar com os “bons alunos”, alguns docentes disseram tentar lhes dar mais atenção individualmente, outros que ficam até felizes por ver que existem ainda “sobreviventes”.

"Às vezes trago atividades diversificadas, eu me sinto péssima por não ter conseguido atingir os objetivos com aqueles bons alunos."

"Não, hoje em dia uso a mesma estratégia pedagógica com todos. Não sinto incomodo nenhum em ver que temos bons alunos, isso só me deixa feliz em ver que ainda há sobreviventes!"

A gestora da escola é a única a detectar que as salas heterogêneas podem apresentar vantagens na socialização dos estudantes, no estímulo que os "bons alunos" podem representar aos demais estudantes, etc. Mas mesmo assim na sua visão parece que os benefícios deste convívio são colhidos apenas pelos alunos indisciplinados por terem um modelo a seguir. Não ficou claro que benefício esta vê para os "bons alunos".

"Costumo elogiá-los através de faixas, cartazes, não só alunos como os bons professores também precisam deste estímulo. Quanto à segunda questão, isso é relativo, bons alunos em turmas medíocres podem servir de estímulo, aumentar a competitividade e/ou solidariedade entre os que têm maiores dificuldades. Acho que é necessária uma análise mais profunda, caso a caso, para também não perdermos os bons."

Porém a resposta da maioria dos professores demonstra um mal estar profundo por não conseguirem trabalhar como julgam de acordo nem mesmo com os "bons alunos".

Podemos constatar que os alunos indisciplinados são mais uma vez eleitos os grandes culpados pela situação e que existe pouca reflexão sobre o problema. Não são poucos os professores que se declaram esgotados, frustrados e cansados com a situação, que se questionam como educadores competentes e se sentem muito mal por não aproveitarem os potenciais de alguns alunos:

"Sim eles são ótimos para nos ajudarem com as turmas. Sim parece que a culpa é minha, é difícil, conduzir, avançar nas aulas, o desnível às vezes é grande."

"Os bons sempre nos procuram para obter informações novas, e por isso procuramos atendê-los com testes e desafios atuais. Este final de ano, chegamos a questionar entre nós, se não seria viável organizar turmas dos melhores alunos, para empregarmos estratégias diferentes, incentivando-os à melhores aprendizados."

"Infelizmente não, mas procuro dar mais atenção a eles para que não caiam no esquecimento. Fico extremamente incomodado, por exemplo,

de ter duas excelentes alunas na 6ªB2, como a N. e a S., em uma classe em que a maioria é preguiçosa e não tem a mínima vontade de estudar sendo que já foi comprovado por mim e por alguns colegas que eles são bons só quando querem – e desperdiçar essas duas alunas que, até agora, não se deixaram levar pela má influência da classe como alguns alunos que eram bons e se deixaram levar".

"É difícil utilizar estratégias diferentes porque a indisciplina da maioria da classe atrapalha o desenvolvimento da aula. Sim, incomoda muito ver bons alunos em classes de baixo rendimento dependendo da classe esses alunos são muito prejudicados".

"Eu me sinto muito incomodada por não conseguir trabalhar como deveria com os bons alunos, como por exemplo, N. (6ªB2) e P. (7ªB1). Ainda não descobri uma pedagogia diferenciada para fazê-las caminhas mais adiante. Fico muito frustrada com esta situação".

"Acho uma pena estarem misturados, porque não conseguimos aprofundar mais na matéria já que os demais não conseguem acompanhar e por isso temos que voltar sempre a matéria para que a classe toda consiga assimilar melhor e aí a coisa se torna chata para aqueles que já sabem o incomodo que eu sinto é achar que não consigo atingir a maioria e fico pensando: "Será que sou eu que não está sabendo ensinar?"

Tal mal estar demonstra que apesar de se impor quase que de forma totalitária o discurso do fracasso é questionado em alguns momentos e os professores têm consciência de que estão ficando muito distantes de onde poderiam levar seus alunos.

Pensamos que uma parte considerável desta situação se deva a um discurso sobre o fracasso e decadência, por demais poderoso nas escolas públicas, somado a um imaginário sobre os "bons alunos", muitas vezes congelado no tempo que acaba por impedir que sequer cogitemos a possibilidade de sucesso em unidades escolares freqüentadas por jovens de famílias populares como a Escola Alfa. E mesmo que este sucesso se nos apresente, é provável que mergulhados nas preocupações cotidianas com o fracasso sequer o notemos de maneira mais detida.

4.2.20 - Atenção dos professores aos melhores alunos, segundo os estudantes

Na questão número dez do questionário aplicado aos estudantes, verificamos que devido a um erro do pesquisador na formulação da questão, esta acabou confundindo alguns estudantes.

Portanto alguns estudantes ao responder sobre o fato de acharem que os professores dão ou não mais atenção aos "bons alunos", pensaram que se tratava de uma questão restrita apenas aos professores pesquisadores e não a todo o corpo docente. Alguns alunos responderam a pergunta pensando na minha pessoa exclusivamente e outros pensando na postura de todo o corpo docente de maneira geral e por isso pensamos que os dados obtidos com esta pergunta devam ser relativizados.

Ao contrário dos professores que responderam não conseguir dedicar mais atenção aos "bons alunos" devido ao tempo gasto com a indisciplina, os estudantes ficaram divididos com relação a este ponto. Vinte e dois afirmaram que os professores não dedicam mais tempo aos "bons alunos" e tratam todos de forma igual. Enquanto que quinze estudantes responderam que de alguma forma os "bons alunos" acabam recebendo sim maior atenção.

Como justificativa os alunos demonstram que a postura dos docentes varia caso a caso e se mostraram divididos entre os que defendem a necessidade de tratamento igual a todos e aqueles que argumentam que quem tem maior interesse pelos estudos deve receber maior atenção e que isso acaba acontecendo naturalmente. Destacamos algumas respostas para avaliarmos tal questão:

> *"Ele não dá atenção ao bom aluno, ele dá atenção a todos que se interessa".*
>
> *"Depende, tem uns que sim e outros que não" .*
>
> *"Tem que ensinar a todos iguais".*
>
> *"O professor dá mais atenção para quem quer estudar, quem não quer fica em casa dormindo".*
>
> *"Não, trata todos com igualdade".*

“Não, todos os professores tratam os alunos igual”.

“Não todos são iguais, mas o bom aluno interage com a sala”.

É importante notar que o fato dos estudantes ainda que alguns, mesmo com o equívoco do pesquisador, citarem o fato de alguns docentes dedicarem maior atenção aos “bons alunos”, pode indicar que talvez de forma inconsciente os professores podem dedicar mais atenção àqueles que consideram melhores, mesmo que nem se dêem conta.

Considerações Finais.

Vence na Vida quem diz Sim

Chico Buarque

Vence na vida quem diz sim
Vence na vida quem diz sim
Se te dói o corpo, diz que sim
Torcem mais um pouco, diz que sim

Se te dão um soco, diz que sim
Se te deixam louco, diz que sim
Se te tratam no chicote, babam no cangote
Baixa o rosto e aprende o mote, olha bem pra mim

Vence na vida quem diz sim
Vence na vida quem diz sim
Se te mandam flores, diz que sim
Se te dizem horrores, diz que sim

Mandam pra cozinha, diz que sim
Chamam pra caminha, diz que sim
Se te chamam vagabunda, montam na cacunda
Se te largam moribunda olha bem pra mim

Vence na vida quem diz sim
Vence na vida quem diz sim
Se te erguem a taça, diz que sim
Se te xingam a raça, diz que sim
Se te culpam a alma, diz que sim

Se te pedem calma, diz que sim
Se já estás virando um caco, vives num buraco
E se é do balacobaco olha bem pra mim
Vence na vida quem diz sim

Pretendo apresentar neste momento algumas considerações a que chegamos durante as pesquisas, tanto com a bibliografia sobre o tema, como através da análise dos questionários aplicados à equipe gestora, grupo de professores e estudantes sobre a temática do imaginário sobre os “bons alunos”. Cabe destacar que estas considerações não se pretendem conclusivas e em hipótese alguma pensamos ter esgotado a discussão sobre a temática. Ciente que somos do caráter inicial do trabalho destacamos a necessidade de estudos mais aprofundados e com uso de metodologias e fundamentações teóricas que nos forneçam mais informações sobre a temática.

Em primeiro lugar constatamos que não podemos falar em imaginário sobre os “bons alunos”, pois as percepções de alunos e gestores mostraram como as opiniões sobre o assunto podem variar de indivíduo para indivíduo, bem como de acordo com a posição ocupada pela pessoa na comunidade escolar. Desta forma, apenas a título de exemplo, pode-se verificar que as opiniões dos professores são diferentes entre si, e também diferentes quando comparadas com a opinião de alunos e gestores. Portanto verificamos que existem diferentes imaginários sobre os “bons alunos” e um forte caráter heterogêneo na maneira como cada sujeito compreende e pensa nos “bons alunos”. Assim, constata-se que apesar do senso comum dos docentes e mesmo de alunos e gestores, de trabalhar como se houvesse um modelo ideal de aluno, um conhecimento tácito a respeito da questão, estes quando chamados a refletir, constatamos que suas opiniões diferem muito e colaboram para compreendermos a própria idéia de bom aluno como construção social e histórica e que precisa ser analisada com um olhar que seja capaz de lidar com tamanha variedade e complexidade.

Como explicado na introdução, escolhemos o título “a turma da primeira carteira”, como forma de estabelecer um diálogo com as idéias de Carlos Rodrigues Brandão em seu texto a *Turma de trás*. Portanto, durante as pesquisas a todo tempo tentávamos responder a um questionamento que nos fizemos quando escolhemos o tema da pesquisa e que nos foi lembrado durante a qualificação desta: Os “bons alunos” realmente sentavam nas primeiras carteiras?

A partir das respostas dos professores, e dos nomes citados por estes como exemplo de “bons alunos”, bem como através da avaliação dos gestores e dos próprios estudantes, verificamos que mais de 90% dos estudantes citados ao menos mais de cinco vezes como exemplos de “bons alunos” se sentavam nas primeiras carteiras da sala de aula. Quando não exatamente na primeira carteira, nas carteiras próximas da mesa do professor. Assim constatamos que a distribuição espacial como destaca Brandão, (1994), influencia fortemente o imaginário a respeito dos “bons alunos” e a posição dos alunos na sala de aula, muito mais que simples ordenação aleatória, representa configurações muito mais complexas do que supúnhamos.

Outra constatação a que chegamos se deve ao fato das respostas de docentes e gestores sobre os “bons alunos” remeterem, quase que imediatamente, a uma sensação de saudade da antiga escola Alfa, nos pareceu pelas respostas dos professores, que estes desejam trabalhar nas escolas onde estudaram, e que a descoberta de uma outra realidade bem diversa, muitas vezes, se apresenta como algo que traz muito sofrimento e crise. Tal sentimento já foi amplamente estudado pela academia em estudos como o de Nunes, (2000), e se confirmou também na forma como os docentes disseram pensar nos “bons alunos”.

Acreditamos que tal postura, como um professor mesmo destacou saudosista, colabore para um certo mal estar entre os docentes quando questionados sobre pouco comentarem a respeito dos “bons alunos”. Os professores demonstraram considerar a situação um erro, e disseram que se cobram e mesmo se culpam por ela, mas tendem a parar aí mesmo e a explicar todos os problemas através da indisciplina dos alunos e das políticas públicas do governo, voltando assim à sensação de saudade de suas épocas de estudantes.

Através das respostas dos questionários pudemos constatar que professores e gestores não atribuem minimamente a escola à responsabilidade pela formação de “bons alunos”, seguindo a tendência apontada por Patto,(2000), para explicar o fracasso escolar. Na escola Alfa, docentes e gestores explicaram o sucesso escolar como algo que se devesse exclusivamente as famílias dos alunos e aos próprios alunos enquanto indivíduos.

Na concepção da comunidade escolar, a questão dos “bons alunos” antecede a entrada dos estudantes na escola, estes para usar a resposta de um docente, já trariam as características de “bons alunos” de caso ou de berço. E estas características, nenhuma relação teriam com a função/trabalho da escola através de seu corpo de gestores e docentes. Caberia a escola potencializar, explorar e aproveitar estas características dos “bons alunos” para ensiná-los mais conteúdos, e é exatamente disso que os docentes se ressentem, em nenhum momento por não formarem estes alunos e sim, por não conseguirem lhes dedicar a atenção devida. Como imaginam os “bons alunos” a partir de categorias

geralmente ligadas a disciplina e a posturas morais, faz sentido que os docentes não enxerguem na escola a responsabilidade por formá-los.

A tarefa pela formação dos “bons alunos”, na explicação dos docentes, ficou na maior parte das vezes sob responsabilidade dos pais destes e da família. É interessante como os professores reconhecem que muitas das famílias dos estudantes não são escolarizadas, e ainda assim, deveriam formar “bons alunos”, ou melhor indivíduos escolares como diz Lahire, (1997). Por conseqüência podemos imaginar que a denúncia da situação de crise verificada pelo raros casos de “bons alunos” que os professores dizem ter na escola, e a grande quantidade de indisciplina, seja avaliada pelos docentes como culpa especialmente das família populares, seguindo a velha tendência de culpar as vítimas pela crise.

O outro pólo responsável pela formação dos “bons alunos” são os próprios estudantes, que através de consciência, responsabilidade, interesse e demais características morais, saberiam valorizar a escola e reconhecer a sua importância para seus futuros. É interessante como tal consciência perspectiva dos professores se daria de forma natural ou novamente pela ação das famílias exclusivamente, de uma maneira que a escola não necessitaria dizer qual é a sua real importância. Desta forma verificamos como as idéias liberais que explicavam as diferenças sociais através das características individuais e dos talentos pessoais de cada sujeito, ainda tem muita força na Escola Alfa.

Uma das constatações mais importantes durante as pesquisas foi a de que precisamos refletir sobre o que realmente representam os ideais de alunos com que trabalhamos durante nosso cotidiano de docentes, não podemos ser ingênuos e acreditar que possuímos um conhecimento tácito sobre os “bons alunos” que seja verdadeiro, objetivo e neutro. O que constatamos foi o contrário, que o imaginário a respeito dos “bons alunos” é algo construído socialmente e que acaba reproduzindo ideologias em relação à composição e organização social e que são construídos historicamente. Desta forma a noção de Habitus estudada por Bourdieu é uma influência importante na maneira como os professores formam suas idéias sobre qual seria o aluno desejável. Através das respostas dos professores verificamos que as noções que formaram a questão em suas épocas

de estudantes exercem poderosa influência na maneira como estes idealizam os estudantes atualmente, independente de todas as diferenças que possam ter ocorrido na escola e na sociedade.

Assim constatamos que ainda que a escola Alfa tenha se popularizado e esteja aberta a parcelas mais amplas da comunidade local em trajetória similar a ocorrida em outras escolas da rede pública estadual, ainda temos um imaginário sobre o que seria o modelo ideal de aluno bastante elitista e excludente. Baseado em valores especialmente morais, os "bons alunos" são vistos principalmente como reflexo de suas famílias, e a escola Alfa se apresenta como instituição essencialmente disciplinadora devido a grande atenção que os docentes demonstraram atribuir a esta característica dos estudantes.

Desta forma ainda que a categoria notas tenha papel de destaque no imaginário dos docentes, a categoria disciplina tem a preponderância na forma como a comunidade escolar imagina um bom aluno. Estes são pensados como jovens que conseguem boas notas, executam todas as suas tarefas, cumprem todas as suas obrigações, aceitam as ordens e determinações dos docentes, evitam conversar durante as aulas, não se misturam com "maus elementos", e principalmente respeitam as autoridades escolares, em especial as docentes.

Constatamos que este imaginário disciplinador e moralizante é transmitido aos estudantes seja por ações concretas dos professores e gestores, seja de maneira mais sutil ao elogiar este ou aquele comportamento, ou atribuindo notas de participação a alunos disciplinados como prêmios pelas suas condutas e mesmo através de suas famílias que lhes cobram quase sempre um comportamento disciplinado durante o período de estudos. Entretanto, verificamos que os estudantes ainda que reproduzam o discurso disciplinador, em muitos momentos se mostram críticos e capazes de questionar a forma como os professores imaginam os "bons alunos", defendendo que esta visão deva ser ampliada e estar mais ligada à capacidade intelectual e cognitiva dos estudantes e menos a questões morais e disciplinares. Assim podemos comprovar que não podemos supor que a reprodução social a respeito dos "bons alunos" se dê de maneira automática e desprovida de crítica. Ao contrário, são por caminhos muito

mais complexos que os imaginários sobre os “bons alunos” se constituem, se reproduzem e se modificam.

Por fim, constatamos uma certa angústia dos professores ao perceberem-se dando pouca atenção, falando e se preocupando pouco com os “bons alunos”. A grande maioria destes disse acreditar ser um grave equívoco a tendência a se manter atento apenas ao fracasso e aos problemas, mas dizem se sentirem quase que afogados nas situações de indisciplina, restando-lhes pouco tempo para lidar ou mesmo comentar algo sobre os “bons alunos”. Tal situação nos remete a uma outra constatação realizada através das respostas dos docentes, a constante referência à necessidade de respeito, nos soou como que um pedido de socorro, são docentes experientes ou novatos, homens ou mulheres, das mais diversas áreas, com as mais diversas posições políticas denunciando uma única coisa, a cada dia se sentem menos respeitados e por vezes chegam a precisam lidar com situações de violência e agressões mesmo com estudantes tão novos como os do Ensino Fundamental II. De certa forma os professores parecem denunciar uma situação que se verifica nas demais instâncias sociais, como no constante medo da violência urbana em que passamos a viver, nas diversas formas de desrespeito a vida humana que temos chance de constatar a cada passeio pelo centro de grandes cidades, ou enfermarias de hospitais públicos, pensamos que talvez a questão não se restrinja apenas a área da educação e talvez precise ser melhor estudada.

Bibliografia

ALMEIDA, J. S. (2005). A formação de professores no Brasil: subsídios para a História da Profissão Docente. In: Jane Soares de Almeida; Maria Rita Aprile; Valdevino Soares de Oliveira. (Org.). *Formação Docente: saberes multidisciplinares e novas demandas da prática pedagógica.* 1a ed. Franca: Ed: Unifran.

ALVES, R & DIMENSTEIN, G. (2003). *Fomos maus alunos*. São Paulo. Papirus.

ALTHUSSER, L, A. (1985). *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado* Rio de Janeiro. Graal.

AQUINO, J. G.(1999). *"Alunos-problema" versus alunos diferentes: avesso e direito da escola democrática*. Campinas. Pro-posições, v. 12, n. 2-3.

AQUINO, J, G. (1998). A indisciplina e a escola atual. *Revista da faculdade de educação* [USP]. São Paulo v. 24, n. 2.

ARDOINO, J. (1998) Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim G. *Multirreferencialidade nas ciências e na educação* . São Carlos: Ed.UFSCar.

BACZKO, B. (1991) *Imaginarios sociales*. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión.

BAUDELOT, C. & ESTABLET, R. (1971). *A Escola capitalista*. São Paulo: Cortez

BARBOSA, J, G. (1998). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos. Editora da UFSCar.

BLOCH, M. (2002). *Apologia da Historia ou o oficio do Historiador*. São Paulo: Jorge Zahar Editor.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J, C. (1982). *Fundamentos de uma teoria da violência simbólica*. In: A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves.

BOURDIEU, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas. SP, Papirus.

BRANDÃO, C. R. (1994). A turma de trás. In: *Sala de Aula, Que espaço é esse?* ORG: Morais, Regis de . Campinas. Papirus.

CARNEIRO,M.L.T. (2002). *Livros proibidos. Idéias malditas*. São Paulo. Ateliê Editorial.

CARVALHO, M, P. (2001). Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas, IN: *Revista Estudos Feministas*, Rev. Estud. Fem. v.9 n.2, Florianópolis.

CHARLOT, B. (2001). *Os jovens e o saber – Perspectivas mundiais.* Porto Alegre: Ed. Artmed.

CHARLOT, B. (1996). Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, n.º 97, maio, p.47- p. 63, São Paulo. Fundação Carlos Chagas.

CHARTIER*, R. (1990). A história cultural: entre práticas e representações.* Lisboa. Difel.

CORONA, L, C, G; NAGEL, L, H. (1978). *Preconceitos e estereótipos em professores e alunos*. Petrópolis: Vozes.

CUNHA. M. I. (1996). *O bom professor e sua prática*. 6. ed. Campinas. Papirus.

FAUSTO, B. (1998). *História do Brasil*. 6ªEd.. São Paulo. Edusp

FOUCAULT, M. (1979). *Microfisica do Poder*. 13ª Ed. Rio de Janeiro. Graal.

FOUCAULT, M. (2001). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* 24ª ed. Petrópolis: Vozes.

GALVÃO, M, C.S. *SUCESSO ESCOLAR NAS CLASSES POPULARES: PESQUISAS NO BRASIL E NA FRANÇA.* SOCED-Fascículo nº 4. In: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi- t Consultado: 21/09/2007.

GHIRALDELLI, P, Jr. (2001). H*istoria da Educação*. 2ª Ed. São Paulo. Cortez.

GRAÇA, A, M. (1999). *A Construção da Verdade Autoritária*, São Paulo, Edusp.

GLORIA, D, M, A. (2003.). A "escola dos que passam sem saber": a prática da não-retenção escolar na narrativa de alunos e familiares. In: *Revista. Brasileira de Educação.* n.22 Rio de Janeiro, jan./abr.

GURGEL, P, R, H.(1998). *Ditos sobre o Sucesso Escolar: Estudos de caso no Estado da Bahia.* INEP, Brasília.

HOBSBAWM, E, J. (1998). *Nações e nacionalismo desde 1780.* São Paulo. Paz e Terra.

LAHIRE, B. (1997). Sucesso escolar nos meios populares: As Razoes do Improvável. São Paulo. Ática.

LIBANEO, J,C. (1983). *Tendências pedagógicas na prática escolar*. Revista Ande.

LIBANEO, J,C. (2005). As teorias pedagógicas modernas resignificadas pelo debate contemporâneo na educação. In: http://dewey.uab.es/pmarques/dias/artigo. Acesso: 06-09-2207.

MARX, K. (2002). O *18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. 7ª.ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

MORAIS, R. (2001). Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula. In. MORAIS, R. (org.). *Sala de aula que espaço é este?.*14ª ed. São Paulo: Papirus.

MORIN . E. (1999). *O pensar complexo*. 3. ed. Rio de Janeiro. Garamond. São Paulo. Garamond.

MOSCOVICI, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes.

MOTTA, R, P, S. (2002)*. "Em guarda contra o perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo. Perspectiva.

NUNES, C. (2000). *O Velho e Bom ensino secundário: momentos Decisivos*. In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº14. 500 anos de educação escolar. Rio Janeiro . Autores Associados.

PATTO, M, H, S. (2000). *A produção do Fracasso Escolar.* 2ª Ed. São Paulo. Casa do Psicólogo.

PENIN, S. (1995). *Cotidiano e escola - a obra em construção*. São Paulo: Cortez.

PEREIRA, M. J. M. (2001). *Disciplina e Castigo na Escola*. In: XXIVª Reunião anual da ANPED, 2001, Caxambu. Intelectuais, conhecimento e espaço público. Caxambu: ANPED. v. 1.

PINTO, S, S. (2005). *Cubatão história de uma cidade industrial*. Cubatão. Editora do Autor.

RANGEL, M. (1997). *"bom aluno": Real ou Ideal*. Rio de Janeiro. Ed.Vozes.

SANTOS, E, N. (2006). Educação Transdiciplinar. São Bernardo. Metodista.

SAVIANI, D. (1984). *Escola e Democracia*, 2ªEd, São Paulo. Autores Associados.

SAVIANI, D. (1991). *Pedagogia: histórico-crítica; primeiras aproximações*. Campinas. Autores Associados.

SAVIANI, D. (1998). Tendências e correntes da educação brasileira. In: *Filosofia da educação brasileira*. 6ªed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira.

SILVA, C, D. (1999). Meninas bem-comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 207-225, julho.

SAVIANI, D. (2006). O legado educacional do "longo século XX brasileiro. In: *O legado educacional do século XX no Brasil*. 2ªEd. Campinas. Autores Associados.

SOUZA, D, T. (1999), Entendendo um pouco mais sobre o sucesso (e o fracasso) escolar: ou sobre os acordos de trabalho entre professores e alunos. In: *Autoridade e Autonomia na escola : alternativas teóricas e práticas*. Coord: AQUINO, Julio, G. 2ªEd, São Paulo, Ed: Summus.

SPOSITO,M, P. (1984). *O Povo Vai à Escola*. São Paulo. Loyola.

TORRES, F. & BORGES, W. (2002) .O que você precisa saber sobre Cubatão. Ed. Gráfica, São Paulo.

Anexos

Programa de Mestrado da Universidade Metodista de São Paulo
Autor: Leandro da Nóbrega Pinheiro.

A Turma da Primeira Carteira: O imaginário das comunidades escolares sobre o sucesso da escola e seus bons alunos

Questões para orientar a pesquisa

Matéria que leciona: Ciências
Tempo em que atua no magistério: 18 anos

1) Na sua época de estudo você foi um bom aluno? O que era ser um bom aluno em sua época?

2) Atualmente você acha que temos bons alunos em nossa escola?

3) Quais são as características que um aluno precisa ter para que você o considere bom aluno?

4) Por favo você poderia citar os nomes de alunos que considera bons e que sejam de nossas sextas séries (6B2, 6B1)?

5) Para você qual é o papel que as notas e a disciplina tem na sua visão sobre um bom aluno?

6) O que faz uma pessoa se tornar um bom aluno?

7) Na sua opinião porque quase nunca falamos de nossos bons alunos? Por exemplo em reuniões, conselhos, e mesmo em conversas informais com amigos.

8) Na sua opinião estamos conseguindo dar aos nossos bons alunos a atenção que merecem? Justifique a sua resposta.

9) Você adota algum tipo de estratégia pedagógica diferente para lidar com bons alunos? E sente algum tipo de incomodo quando tem bons alunos em turmas que tem baixo rendimento? Se puder exemplifique o que sente.

Questionário para alunos:

1. Você se considera um bom aluno? Pode justificar as razões de sua resposta?
2. Para você o que um estudante deve ter para ser considerado um bom aluno?
3. Você poderia citar alguns alunos das sextas series (6b1, 6b2) que considera bons?
4. Sua família lhe considera um bom aluno?justifique
5. Seus professores o acham um bom aluno? Justifique
6. Na sua opinião que fatores fazem os professores considerarem um aluno bom?
7. Todo bom aluno é comportado? Justifique
8. Todo bom aluno tem notas altas? Justifique
9. Na nossa escola atualmente temos bons alunos?
10. Você acha que o professor dá mais atenção para o bom aluno e o protege de alguma forma?

1º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Ciências
Tempo em que atua no magistério: 18 anos

1) Sim, ser responsável com os trabalhos, estudar e tirar boas notas, ter respeito às regras escolares e aos professores, ter conhecimentos básicos.

2) Sim.

3) As características já citadas na questão 1; ter interesse em buscar informações além daquelas adquiridas na escola, estar informado o que está acontecendo no mundo atual.

4) 6B1 – L. e T.
6B2 – S. e N.

5) Apenas é uma conseqüência, se lê desempenhou o papel de um bom aluno, com certeza terá boas notas.

6) Depende do meio social que ele vive, e do acompanhamento familiar, e o mais importante ele querer ser um bom aluno.

7) Porque achamos que eles não necessitam de tanta atenção, como aqueles com dificuldades na aprendizagem e de resolver a disciplina dos bagunceiros.

8) Não, porque estamos preocupados com aqueles que perturbam o tempo todo a aula, e esquecemos os outros alunos que merecem atenção também.

9) As vezes trago atividades diversificadas, eu me sinto péssima por não ter conseguido atingir os objetivos com aqueles bons alunos.

2º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Português
Tempo em que atua no magistério: 17 anos

1) Sim, ser bom aluno é ter como único objetivo aprender, isso indica que temos que ter freqüência, participação nas aulas e dedicação nos estudos.

2) Sim apesar de não ser a grande maioria.

3) Em primeiro lugar ir a escola tendo como meta o estudo. Aprender como conviver na sociedade. Aproveitar o máximo de conhecimento que uma escola pode oferecer.

4) 6B1 – A.– Ar.– B.– J.C.– L.– L. G.– Do ponto de vista pedagógico, boa freqüência e aprendizado satisfatório..

5) È um diagnóstico de como está indo a aprendizagem do aluno e aulas dada pelo professor.

6) A responsabilidade e o compromisso a que se submeteu.

7) Porque geralmente os alunos "problemáticos" nos tomam mais tempo, mas isso é um alerta para que possamos nos dedicar aqueles que mais se interessam. No caso de nossa escola isto não acontece com freqüência, mas eu como coordenadora tenho conhecimento do bom trabalho dos professores e consequentemente dos alunos que se destacam.

8) Não o necessário, mas estamos tentando melhorar esta situação a partir do momento que damos parabéns, premiamos, divulgamos à escola e a aos pais os alunos que são bons, considero que estamos dando atenção, gratificando e estimulando este aluno. Precisamos fazer com mais freqüência.

9) A estratégia foi citada na questão 8. Quanto a incomodar as vezes sinto que o aluno se desestimula, mas por outro lado acho que se bem aproveitado nas aulas pode servir como exemplo para os outros.

3º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Português e Inglês
Tempo em que atua no magistério: 1993 interrupção em 1994; volta em 2000, só Escola de Férias (aulas em janeiro); volta em 2001 – como OFA até 2004, a partir de 2005 efetiva no cargo de inglês e em 2006 efetiva no cargo de Português.

1) Sim. Ser um bom aluno é aquele que gosta de estudar independentemente da época, sempre gostei de estudar.

2) Sim, temos excelentes alunos.

3) Que apesar das dificuldades que ele possa ter acabe se empenhando para aprender.

4) J. J., – T., - Ar-, L .F.

5) Nem sempre o papel e as notas, na minha opinião, de acordo com a minha experiência, identificam o bom alunos, mas ajuda a identificar o de melhor rendimento.

6) A conversa com os pais, a conscientização que é passada nas escolas. O que serve de modelo de bom exemplo.

7) Porque para nós o que realmente fica em evidência é o mau comportamento de um aluno, a dificuldade de se trabalhar com os professores de indisciplina.

8) Não, as classes geralmente estão superlotadas.

9) Sim eles são ótimos para nos ajudarem com as turmas. Sim parece que a culpa é minha, é difícil, conduzir, avançar nas aulas, o desnível às vezes é grande.

4º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Matemática
Tempo em que atua no magistério: 18 anos

1) Sim. Estudioso, disciplinado e ético. Sentia prazer em estudar, respeitava a todos.

2) Não, ocorreu uma grande inversão de valores nos nossos dias. Não existe mais respeito.

3) Consciente dos seus direitos e deveres, da importância da sua educação, sentir prazer em estudar e desenvolver sua cidadania.

4)

5) As notas devem relacionar a disciplina, visto que a avaliação deve ser o global do aluno.

6) A caracterização da importância da cultura em sua vida.

7) Apesar de ser um número raro, nos dedicamos apenas a criticar os ruins, mas penso que paralelamente a isto, deveríamos exaltar os bons.

8) Não. Gastamos muito tempo tentando melhorar os ruins e não investimos no aproveitamento dos bons.

9) Os bons sempre nos procuram para obter informações novas, e por isso procuramos atende-los com testes e desafios atuais. Este final de ano, chegamos a questionar entre nós, se não seria viável organizar turmas dos melhores alunos, para empregarmos estratégias diferentes, incentivando-os À melhores aprendizados.

5º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Espanhol
Tempo em que atua no magistério: 2 anos

1) Sim. Ser um bom aluno era respeitar professores, funcionários e direção, estudar para ter notas boas para ser um cidadão e saber o que fazer na sua vida.

2) Teríamos mais alunos bons se a educação viesse do berço. Os poucos alunos bons que temos se deve a isso.

3) Respeitar colegas e professores, direção e funcionários da escola, estudar para ser alguém na vida e não desperdiçar o tempo e o talento deles com alunos que não querem nada.

4) 6B1 – L.- , L., J.J e T. 6B2 – S. e N.

5) A partir delas é que sabemos onde está o potencial do aluno, do que ele gosta ... é um "termômetro" do talento do aluno.

6) Como já foi dito anteriormente, este deve respeitar seus pares e seus superiores (professores, direção e funcionários) e estudar.

7) Porque infelizmente quem predominar na maioria das escolas são os maus alunos, aqueles que não estudam e não respeitam. Os outros tornam-se populares na escola.

8) Não, já que nos prendemos tanto nesses maus alunos que esquecemos de priorizar, ou algumas vezes, não dá tempo de priorizar os bons alunos, pois os maus alunos exigem muito de nós.

9) Infelizmente não, mas procuro dar mais atenção a eles para que não caiam no esquecimento. Fico extremamente incomodado, por exemplo, de ter duas excelentes alunas na 6B2, como a Natali e a Sabrina, em uma classe em que a maioria é preguiçosa e não tem a mínima vontade de estudar sendo que já foi comprovado por mim e por alguns colegas que eles são bons só quando querem – e desperdiçar essas duas alunas que, até agora, não se deixaram levar pela má influência da classe como alguns alunos que eram bons e se deixaram levar.

6º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Português e Inglês
Tempo em que atua no magistério: 10 meses

1) Sim. Um bom aluno na minha época fazia as atividades, participava da aula e respeitava o professor.

2) São poucos os bons alunos.

3) Respeito ao professor, disciplina, concentração, interesse e apoio familiar.

4) Considero que são bons J.J. -, N. – B., - L.F.
5) Reflexo da motivação, inteligência e aprendizado.

6) Educação familiar e interesse em adquirir conhecimento.

7) Porque a maioria dessas discussões são sobre o comportamento e o rendimento dos alunos problemáticos.

8) Nós tentamos dar a devida atenção, porém, a falta de respeito dos alunos nos atrapalha muito.

9) É difícil utilizar estratégias diferentes porque a indisciplina da maioria da classe atrapalha o desenvolvimento da aula. Sim, incomoda muito ver bons alunos em classes de baixo rendimento dependendo da classe esses alunos são muito prejudicados.

7º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Matemática
Tempo em que atua no magistério: aproximadamente 5 anos

1) Sim, pois apesar das dificuldades que tinha, sempre estudava fora do horário da escola, em casa ou na biblioteca, e participava de quase todas as atividades propostas pelo professor.

2) Sim, ainda temos poucos alunos bons, ou que no mínimo demonstram algum retorno como as atividades propostas. Mas infelizmente são poucos.

3) Dedicado, estudioso, pesquisador, interessado, esperto, inteligente.

4) 6B2 – N. e M.

5) Nem sempre as notas mostram que o aluno é bom, pois às vezes ele decora um processo ou um modelo de um exercício, mas realmente não entendeu o significado do processo, ou mesmo ele tem dificuldade s com a disciplina.

6) Dedicação e interesse.

7) Porque infelizmente, temos pouquíssimos alunos bons e os demais acabam se destacando, e exigindo muito mais de nossa atenção.

8) Não, porque n maioria das vezes não conseguimos dar atenção necessária aos bons alunos por causa da maioria que é indisciplinada.

9) Eu me sinto muito incomodada por não conseguir trabalhar como deveria com os bons alunos, como por exemplo, N. (6B2) e P. (7B1). Ainda não descobri uma pedagogia diferenciada para fazê-las caminhas mais adiante. Fico muito frustrada com esta situação.

8º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Matemática
Tempo em que atua no magistério: 1 ano e meio

1) Sim, era prestar a atenção na aula, fazer as atividades propostas, estudar e tirar boas notas na prova e respeitar o professor.

2) São raros, mas ainda temos alguns, mas que infelizmente às vezes se misturam com os demais.

3) Que seja aplicado naquilo que esta desenvolvendo, que preste atenção na explicação e que consiga desenvolver a atividade com clareza e principalmente com lógica.

4) K. , L.F , Na. , Ar. , N. , L.G , B. , L. , P. , R.

5)

6) A dedicação, e a conscientização que aquilo que esta aprendendo vai ser bom para o seu futuro. Tanto na vida profissional como na vida social.

7) Porque nesta vida já percebi que o que dá mais ibope é falar das coisas ruins, as coisas boas agente esquece logo.

8) Não porque as classes se misturam demais e o nível é cada vez mais baixo e acabamos se estressando demais não conseguindo assim dar atenção necessária, não conseguindo nem se quer dar aula. Normalmente dou mais atenção a estes alunos, porque são os que se mostram mais interessados.

9) Acho uma pena estarem misturados, porque não conseguimos aprofundar mais na matéria já que os demais não conseguem acompanhar e por isso temos que voltar sempre a matéria para que a classe toda consiga assimilar melhor e aí a coisa se torna chata para aqueles que já sabem o incomodo que eu sinto é achar que não consigo atingir a maioria e fico pensando: “ Será que sou eu que não está sabendo ensinar?”

9º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Português – língua e literatura
Tempo em que atua no magistério: 18 anos

1) Não, nunca fui boa aluna, ao contrário, eu fui considerada "aluna limitada" ao término da 4ª série. No meu tempo ser bom aluno era: não questionar, ser dócil... Eu realmente era muito dócil, mas no fundo fazia o que queria.

2) O que temos são adolescentes inteligentes, capazes, mas sem limites.

3) Em primeiro lugar que tenha noções de ética e isso engloba educação (boas maneiras), honestidade no trato com seus semelhantes.

4) Não conheço pelo nome todos os nossos alunos, mas tenho tido contato com eles nas salas, reuniões com os monitores e eles têm ma característica muito interessante, são críticos, traquinas, mas quando solicitados são prestativos.

5) Ambas são importantes para o aprendizado, as notas são um incentivo para o avanço do aluno.

6) O que aconteceu comigo. A vida, a necessidade.

7) Realmente, isso é um erro de nossa parte. Apesar que gosto muito de premiar os bons com campeonatos, passeios... É que os outros são tão difíceis de lidar!

8) Não, acabamos por colocar todos no mesmo saco! Acredito que devamos reformular o nosso olhar sobre os bons alunos!

9) Costumo elogia-los através de faixas, cartazes, não só alunos como os bons professores também precisam deste estímulo. Quanto à segunda questão, isso é relativo, bons alunos em turmas medíocres podem servir de estímulo, aumentar a competitividade e/ou solidariedade entre os que têm maiores dificuldades. Acho que é necessária uma análise mais profunda, caso a caso, para também não perdermos os bons.
Professor, posso confessar uma coisa? Lá no fundo, no fundo, continuo não gostando da Escola (apesar da linha dura). Acho uma instituição falida, como Igrejas e casas de abrigo para carentes... modelos que perduram desde o século XIX; É preciso mudar, tudo está em transformação, as crianças desta geração são diferentes! Fazem parte de uma nova Raça do segundo milênio! Nós "já éramos", apesar da minha geração, dos anos 60 ter iniciado esta revolução.

10º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Geografia
Tempo em que atua no magistério: 1 ano

1) Acredito ter sido um bom aluno sim, não pelas notas, minhas notas quase sempre foram boas mas ficava longe de alunos que tiravam notas máximas ou próximas das máximas em quase todas as disciplinas... mas acredito que isso não seja qualidade única ou determinante para classificarmos um bom aluno... ser bom aluno na minha época de escola era além de estudar e tirar boas notas ser disciplinado, não faltar (tinha medo de faltar e perder o conteúdo e só faltava em caso de necessidade mesmo), respeitar a direção escolar e professores, ter interesse, ser participativo e comprometido com as atividades em sala de aula e extra classe. Lógico que na minha época de estudante também haviam problemas com alunos indisciplinados, porém, numa escala muito menor, tanto em gravidade com em quantidade da que vemos hoje em dia. Também na minha época cheguei a achar a escola "chata", mas talvez a diferença era a de que eu percebesse (mesmo que inconscientemente) a importância de estar ali e do respeito que tinha para com meus professores. Estes valores, que não exclusivos meus mas de quase a totalidade dos grupos que estudei, vinham de "berço", de casa, dos pais, da família. Os problemas sociais também não tinham a dimensão que tem hoje (quantidade grande de pais separados, alcoolismo, drogas, violência dom+estica...). Bom, chega de saudosismos e vamos pra a segunda pergunta...

2) Sim e volto a destacar as questões familiares e sociais... ao longo do ano, durante as aulas, em pequenas conversas que surgem com os alunos e que acabamos conhecendo um pouco do cotidiano de alguns deles, percebo que os alunos mais disciplinados e que acabam atingindo melhor rendimento possuem uma base familiar mais sólida, mais estruturada. Já os alunos com problemas disciplinares e menor rendimento noto uma base familiar mais fragmentada, pra não dizer totalmente deteriorada.

3) Interesse participação, respeito, comprometimento e assiduidade (DISCIPLINA). O bom rendimento escolar acaba sendo conseqüência natural destas características (salvo algumas exceções)

4) 6B1 – T. , B. , J.J e L. F.
6B2 – N. , S. e Ta. Confesso que existem outros nomes mas não me recordo. Se a pergunta fosse inversa eu com certeza, de "cabeça", repassaria uma lista de no mínimo uns 15 alunos das classes citadas.

5) Acredito que a disciplina deva ser priorizada pois ela é fundamental para que o aluno tenha um bom aproveitamento. Lógico que a capacidade intelectual dos alunos são diferentes e influenciam e facilitam o rendimento, mas mesmo um aluno que tenha dificuldades no aprendizado atinge notas satisfatórias quando é disciplinado (na maioria das vezes).

6) Família (BASE FAMILIAR), respeito, participação e assiduidade (DISCIPLINA) e influência da terceiros (COLEGAS DE CLASSE). Muitas vezes nos deparamos com situações de alunos bons, que ao se misturarem em grupos de alunos indisciplinados acabam tendo também problemas de aproveitamento e disciplina.

7) Quase nunca falamos e muitas vezes não lembramos nem de nomes de bons alunos. Acredito que os alunos mais indisciplinados sugam mais nossas energias e tempo durante a aula, pois uma grande porcentagem dos 50 min acabam sendo perdidos no intuito de fazê-los ficarem quietos e participarem. Por tomarem boa parte de tempo e por muitas vezes nos indignarem e frustrarem com

suas atitudes é que acabamos “marcando”, fazendo com que lembremos mais dos nomes e atitudes destes alunos.
Outra opinião é que bons alunos carrega consigo características obvias e naturais que esperamos de qualquer ser humano que é o respeito e educação, conseqüentemente eles acabam não dando 1/3 do trabalho dos alunos indisciplinados, tornando suas presenças discretas.
Não sei se percebeu, mas até neste questionário, que é fundamentado no sucesso escolar e seus bons alunos, as justificativas e respostas revelam mais o lado dos alunos indisciplinados.

8) Não. Perde-se muito tempo controlando a indisciplina de parte de alunos que em muitos casos acabam contaminando também bons alunos. Conseqüentemente o conteúdo a ser aplicado fica prejudicado pois sofre constantes interrupções.

9) Procuro ser objetivo nas exposições orais e depois, individualmente, procuro orientá-los em cima de suas dúvidas. É neste momento que consigo dar maior atenção para os bons alunos pois são sempre os mais interessados e que solicitam mais a presença do professor.

11º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: Inglês
Tempo em que atua no magistério: 15 anos

1) Fui uma aluna regular, não tirava as melhores notas, mas sempre dava para passar de ano, nunca repeti de ano. Na minha época ser um bom aluno era conseguir decorar os questionários e não questionar nada, aceitar tudo que era explicado.

2) Sim, acho que temos alguns bons alunos.

3) Um bom aluno para mim é aquele que não só presta atenção na explicação do professor, mas vai além, ele mesmo procura ler livros, vai à biblioteca pesquisar e aprende, muitas vezes por conta própria sem nenhuma pressão de ninguém, ele o próprio aluno tem a necessidade de pesquisar e aprender.

4) Prof declarou que precisava ver no diário deixando claro não lembrar os nomes dos bons alunos, com meu auxílio e de prof J. disse: 6B1 – N. "aquela menininha quietinha, boazinha e com o cabelo assim" – 6B2 – o L. F. , coloca o L. depois de ouvir a professora J. falar.

5) Para mim, hoje em dia, a nota não faz diferença pois com a progressão continuada todo são aprovados, então os bons alunos até desanimam, não há mais aquele interesse em conseguir uma boa nota, porque na verdade todos serão aprovados.

6) Uma pessoa torna-se um bom aluno, porque às vezes ele já gosta de uma determinada matéria, por exemplo às vezes o aluno já gosta de fazer contas de lidar com números, então ele já vem com um grande interesse. Também acontece de um professor transmitir muito bem, de explicar e chamar a atenção, fazendo às vezes com que o aluno se interesse e se torne um bom aluno.

7) Não falamos dos bons alunos, porque geralmente perdemos tempo em falar dos mais alunos, hoje em dia o que nos chama mais atenção são os alunos indisciplinados, daqueles que dão problemas, e os bons alunos acabam sendo esquecidos!

8) Acho que não, porque os alunos indisciplinados acabam chamando mais a nossa atenção, hoje o que as escolas estaduais querem é que o aluno permaneça na escola, que se apresente trabalhos coloridos, bonitos, ilustrados, no fundo não estão aprendendo nada e ficamos nisso, nesse comodismo, pois a progressão continuada nos deixa sem estímulos pra nada.

9) Não, hoje em dia uso a mesma estratégia pedagógica com todos. Não sinto incomodo nenhum em ver que temos bons alunos, isso só me deixa feliz em ver que ainda há sobreviventes!

12º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: ----------
Tempo em que atua no magistério: ----------

1) Sempre tive facilidade nos estudos por ter estudado em ótimos colégios. Meus ais investiram muito em meus estudos, senão a nota máxima o objetivo principal. Como estudei em colégios de freiras, a disciplina plena, boas maneiras e participação geral, havia a média mínima de 76 ponto abaixo desta o aluno era considerado ruim.

2) Certamente, poucas raridades.

3) Disciplina e respeito em primeiro lugar, esforço e determinação são indispensáveis.

4) 6B1 –B., J.J , K. e L. 6B2 – Apenas S.

5) Reflete o íntimo do aluno, caráter. O bom aluno sustenta boas notas é visto como uma espécie de "herói", sente-se enaltecido, um exemplo. A indisciplina e notas baixas estigmatizam o aluno de preguiçoso, desordeiro e insuportável quando o mesmo não demonstra interesse algum no processo de ensino-aprendizagem, desacata os pais, os professores, enfim.

6) A educação familiar é a base fundamental para a formação emocional, moral e intelectual do seu aluno. Sente-se motivado na escola pois tem apoio da família em casa, incentiva os professores quando demonstra interesse nas aulas e participa integralmente.

7) Os maus alunos ofuscam os bons porque preenchem a cabeça e o trabalho do profissional. Como estão sempre em maioria, o professor se atem o tempo todo em tentar manter a ordem e recuperar os famigerados maus alunos.

8) Não o fazemos por conta de indisciplina, total descaso com os docentes, estresse diário, intolerância e etc...

9) Apenas enalteço os bons alunos tentando isolá-los, de certa forma, dos alunos que podem vier à prejudicá-los de alguma forma.

13º questionário - Resposta de acordo com as questões acima mencionadas

Matéria que leciona: ----------
Tempo em que atua no magistério: ----------

1) Sim. Ser bom aluno era ter responsabilidade, fazer tudo que o professor (a) solicitasse, estudioso, tirar boas notas, ter um bom comportamento, respeitar os professores.

2) Raramente.

3) Ser igual a pergunta 1.

4) N. -6B2
B.– 6B1
T.– 6B1

5 e 6) Se o aluno é disciplinado, logo é um aluno que presta atenção nas explicações dos professores resultando daí em boas notas.

7) Porque são alunos que não nos dão problemas.

8) As vezes sim, as vezes não. Devido a grande maioria de alunos indisciplinados os professores levam muito tempo tentando coloca-los atentos prejudicando assim, muitas vezes, os bons alunos.

9) As vezes uso técnicas diversificadas para não atrasar os bons alunos. Não.

Respostas ao questionário aplicado aos alunos considerados problema pelo corpo docente:

M. -6b2
R.1 -) Sim, pq acho que sou inteligente.
R.2-) Respeita.
R.3-) Há maioria, são vários.
R.4-) Sim pq eu faço as lições.
R.5-) Não sei + nunca faltei com respeito nenhum.
R.6-) Respeito as lições, presta atenção.
R.7-) Não nem todos + alguns sim.
R.8-) Nem todos pq nem todos usa a inteligência.
R.9-) Sim vários.
R.10-) O professor Leandro sempre deu atenção a todos nunca teve negocio de escolher.

D.– 6B2.
R.1-) Em historia sim.
R.2-) Estudar.
R.3-) N. , K.
R.4-) Não porque eu nunca dei felicidade pra eles.
R.5-) Não.
R.6-) ----------
R.7-) Não é só tirar nota boa.
R.8-) Não.
R.9-) Sim.
R.10-) Sim ele não me escuta mas ta firmeza.

R. – 6B2.

R.1-) + ou -
R.2-) ficar quieto a aula toda.
R.3-) N. , K. , Tha.
R.4-) Não sei.
R.5-) Não.
R.6-) Ficar Quieto.
R.7-) Não.
R.8-) Tem.
R.9-) Alguns.
R.10-) Não, Seu o acho que o professor da atenção para os dois.

R. – 6B2.
R.1-) Me considero um bom aluno mas meu comportamento é horivel.
R.2-) ele deve ser bom aluno e prestar atenção no professor, etc.
R.3-) a N. , a S. , a Cl. e tem muito mais.
R.4-) Bom Aluno me considera mais fica muito chateada com o meu comportamento.
R.5-) Não sei responder.
R.6-) Também não sei responder.
R.7-) Não porque eu sou um deles.
R.8-) Tem, mais em vez em quando dá uma caidinha.
R.9-) Temos e muitos.
R.10-) Todo o professor comigo que tenho um mal comportamento os professores me tratam muito bem e sempre me aconselha todo dia.

G. – 6B2.
R.1-) Sim, porque eu era ruim no começo do ano e agora eu já tiro até dez.
R.2-) disciplina, Educação, Respeitar os Colegas e os professores, fazer lição e tirar nota boa!!!
R.3-) 6B2- Tha. , Cl. , S. e Ka. . 6B1- não conheço eles muito bem.
R.4-) Sim porque eu já levei uma prova que eu tirei dez e outras. Minha irmã confia em mim porque eu sou inteligente. Só não consigo usar muito ela.
R.5-) Sim porque eu faço por merecer.
R.6-) A disciplina na classe, educação, fazer lições, tirar nota boa, respeitar seus colegas.
R.7-) Nem todos, eu sou um bom aluno nas notas, mas no comportamento eu não sou muito bom!!!
R.8-) Poucos más temos.
R.9-) Só vem para bagunçar e outros vem para estudar, para ser alguém na vida.
R.10-) Não professo dá mais atenção para quem quer estudar. Quem não quer fica em casa dormindo.

Respostas dos alunos citados por docentes e estudantes como exemplares do que seriam os bons alunos:

N. - 6B2 "Aluna mais citada como exemplo entre alunos e professores"
R.1-) Sim, eu sou uma aluna que sempre entrega os trabalhos e é muito difícil eu faltar.
R.2-) Fazer as lições, ser inteligente, não bagunçar, prestar atenção na aula.
R.3-) Ar. , K. , S.
R.4-) Sim, minha mãe e meu pai são muito orgulhosos com as minhas notas, pois nunca fiquei de recuperação.
R.5-) Sim, porque eu faço as lições e fico quieta na aula.
R.6-) Um aluno que faz lição é quieto e entrega os trabalhos.
R.7-) Não, tem muitos alunos bons só que fala um pouquinho.
R.8-) Depende, porque tem aluno inteligente mais tira nota vermelha por causa da bagunça.
R.9-) Sinceramente, Não.
R.10-) Não, ele protege todos porque nessa classe tem um monte de alunos bagunceiros mais ele defende todos.

S. - 6B2.
R.1-)Eu me considero uma boa aluna, tenho postura e notas azuis.
R.2-) Sim.
R.3-) N. , Tha. , Cl. ., D. , Ro. , K. – 6B2, nenhum aluno da 6B1 foi citado.
R.4-) A minha família tem orgulho de mim principalmente meu pai e minha mãe.
R.5-) Meus professores me acha uma boa aluna.
R.6-) Considero um aluno bom é ter postura na sala de aula, fazer a lição e ter boas notas.
R.7-) Nem todos, tem uns que são bagunceiros e outros que são mais quietos.
R.8-) Quem se esforçar tem boa nota alta.
R.9-) Quase tem bastante quietos e tem bastante bagunceiros.
R.10-) Ele não dá atenção ao bom aluno , ele dá atenção a todos aqueles que se interessa.

T. – 6B2.
R.1-) Sim. "Nunca" tirei notas vermelhas graças a Deus.
R.2-) Nunca ter notas vermelhas e não conversar durante as aulas.
R.3-) Eu e a N.
R.4-) Sim. Meu pai sempre me ensinou a estudar e sempre olha meu caderno.
R.5-) Sim, pelo menos é isso que eu acho.
R.6-) Faço todas as lições e sempre respeito os professores.
R.7-) Não. É bom aluno porque não tira nota vermelha, mas nem todos são comportados.
R.8-) Sim, se é bom aluno tem que ter boas notas.
R.9-) Não e Sim.
R.10-) Não tudo igual, ele tem que ensinar a todos iguais.

K. – 6B1 (segunda aluna mais citada como boa aluna)
R.1-) Sim, porque faço o melhor que posso.
R.2-) Responsabilidade.
R.3-) 6B2 – N. , 6B1- L. , Ar. e Eu.
R.4-) Mais ou menos, sou um pouco desligada.
R.5-) O de historia sim, os outros não sei.
R.6-) Ter responsabilidade, se integrar as aulas e tirar suas duvidas sem vergonha.
R.7-) Nem sempre, porque eu sou boa aluna mas não sou tão comportada.
R.8-) Não porque para ser bom apenas precisa ter uma nota média.

R.9-) Sim, são poucos mas temos.
R.10-) Não, o professor Leandro não.

A. -6B1.
R.1-) Mais ou menos, pois as vezes sou boa aluna e as vezes sou má.
R.2-) Desempenho.
R.3-) K. , L. e Eu – 6B1, N. e S. 6B2.
R.4-) Sim, pois eles acham que sou muito dedicada.
R.5-) Mais ou menos, pois não sou boa em todas as matérias.
R.6-) A dedicação e o desempenho.
R.7-) Não, porque a L. é boa aluna... mas também bagunça.
R.8-) Não, porque ele nem sempre se dedica a todas as matérias.
R.9-) Sim.
R.10-) Não, ele trata todos com igualdade.

L. – 6B1.
R.1-) Uma boa aluna, não, mas sim uma semi-boa estou quase lá, eu acho que o que me atrapalha é a conversa, mas estou disposta a ser uma boa aluna.
R.2-) deve ter 3 coisas mais importantes, 1 – responsabilidade, 2-compromisso, 3-caráter.
R.3-) Da 6B1 tem a An. , a A.C. e a K. . Da 6B2- a N.
R.4-) Minha mãe me considera uma semi-boa, porque ela fala: - L. eu nunca ví você pegando no caderno, ou em um livro para ler, eu não sei como você passa.
R.5-) sim, Eu não sei porque mais + sim. Alguns me acham bom.
R.6-) Caráter, Compromisso, Responsabilidade.
R.7-) Na minha opinião ele é responsável , e não comportado.
R.8-) Acho que sim, porque se é bom, tem compromisso, responsabilidade etc e tira notas altas.
R.9-) Sim.
R.10-) Depende, tem uns que sim e outros que não.